

"Leia a primeira página e dê adeus às próximas 24 horas. Sensacional!"

Jeffery Deaver, autor de *O colecionador de ossos*

A GAROTA SEM

Sua família e sua liberdade foram roubadas. Mas ela não deixará que ninguém leve seu futuro.

PARADO

MICHAEL
KARDOS



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A GAROTA SEM
PASSADO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

A GAROTA SEM

PASSADO

**MICHAEL
KARDOS**



Título original: Before He Finds Her

Copyright © 2015 por Michael Kardos
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Gabriel Machado e Cristhiane Ruiz
diagramação: DTPPhoenix Editorial
capa: Rafael Nobre e Paula Cruz/Babilonia Cultura Editorial
imagem de capa: Hara Taketo/Eye Em/Getty Images
adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K27g

Kardos, Michael

A garota sem passado [recurso eletrônico] / Michael Kardos [tradução de Marcelo Mendes].

recurso digital

Tradução de: Before he finds her

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-492-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II.

Título.

16-29497

CDD: 813
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Katie

Eram as verdades que transformavam as pessoas em aberrações. (...) Ele tinha plena convicção de que, a partir do momento em que uma pessoa tomava para si uma verdade qualquer, passava a chamá-la de sua e tentava viver a partir dela, essa pessoa se tornava uma aberração, e a verdade, uma inverdade.

– SHERWOOD ANDERSON, *Winesburg, Ohio*

É o fim do mundo tal como o conhecemos (e, por mim, tudo bem).

– R.E.M

PARTE I

Minha baleia branca posta em liberdade

22 de setembro de 2006 ♦ por Arthur Goodale ♦ em Não categorizado

Três semanas desde meu último post e depois de hoje não sei quando voltarei a escrever aqui, de forma que não serei breve. Peço desculpas por isso.

Todos os seguidores deste blog sabem quanto valorizo a honestidade e a franqueza. Então aqui vai minha revelação: estou escrevendo de uma cama da UTI do Hospital Regional Monmouth. No último domingo (aparentemente o dia inteiro) tive uma crise de insuficiência cardíaca congestiva. Quem diria? Vejam, eu sou e sempre fui fumante. (Meus leitores sabem das minhas várias tentativas frustradas de parar de fumar.) Durante anos, décadas, fiquei esperando o tal formigamento no braço esquerdo, as dores no peito, todos aqueles sinais inequívocos de que o fim está próximo, ou no mínimo uma disparada cambaleante rumo ao telefone antes de desabar no chão, quem sabe

até com direito a um puxão na cortina da sala, fazendo-a despencar junto comigo. Alguma coisa bem dramática. Mas uma simples dorzinha nas costas?

Eu tinha passado boa parte do dia agachado na horta, arrancando ervas daninhas e amarrando alguns pés de tomate meio frouxos na esperança de manter a produtividade até a primeira grande geada. *Claro* que as costas estariam doendo depois. No passado, minha cura para dor nas costas consistia invariavelmente em tomar três comprimidos de analgésico, depois me refestelar na poltrona e assistir a um bom filme de James Bond na TV. Pois foi exatamente assim que tratei os meus sintomas dessa última vez: com uma complicada intriga internacional amenizada pelo delicioso sotaque britânico. E algumas doses de martíni de vodca.

Na terça-feira, a dor ainda não tinha passado, então liguei pro meu médico. Ele me falou pra ir vê-lo. Eu fui. E agora estou no hospital, de onde talvez nem saia, segundo me disseram.

Quem sabe se eu tivesse tomado duas aspirinas em vez do Advil, disse o cardiologista de plantão. Se eu tivesse vindo direto pro hospital ou ligado pra emergência em vez de ter esperado dois dias. Mas por que diabo eu teria feito isso? Não é assim que você age quando é um velho idiota feito eu, acometido de uma dor nas costas depois de ter passado várias horas agachado cuidando da horta. Você não liga pra emergência. Você vai ver televisão. Vai tirar uma soneca.

Quem irá colher meus últimos tomates?

Bom, chega desse papo macabro. Vocês merecem coisa melhor. Aliás, realmente existem vários “vocês” por aí, tanto aqui em Nova Jersey quanto em outros lugares. No último mês este blog teve 2.300 visualizações, ou

seja, quase 75 por dia. Mal consigo imaginar 75 pessoas interessadas nas minhas reflexões e, pelo que sei, há leitores em todos os cantos do país e do planeta, em locais muito distantes, como o Vietnã e a Austrália. Sempre fico maravilhado com isso. É bem diferente da minha época de jornalista, quando a gente arrancava os cabelos tentando aumentar a circulação paga do jornal – isto é, antes de virarmos um folhetim gratuito pra podermos nos concentrar unicamente na receita de publicidade e antes de vendermos a alma e o negócio em si para a Kingswood Holdings, Inc.

Portanto, meus leais 75 leitores, saibam que sou profundamente grato por estes três anos em que vocês leram meus posts aqui, aguentando firme cada uma das minhas frequentes digressões e tergiversações. Apesar do sincero respeito que tenho pelas rígidas convenções da escrita jornalística, aos poucos fui adquirindo uma grande satisfação com este blog, onde não há nenhuma limitação na contagem de palavras, onde a imparcialidade não é uma prerrogativa, onde posso me entregar sem nenhuma culpa às conjeturas, às divagações e à compulsão por vírgulas.

Por motivos óbvios, espero que este não seja meu último post. Mas, se for, paciência. Estou com 81 anos, uma idade avançada sob qualquer aspecto. Imagino que ninguém ache que já viveu o suficiente em idade nenhuma, mas com minha dose diária de cigarros (vício adquirido há quase *setenta* anos) e os maus hábitos de uma vida inteira como solteiro (os tomates sempre foram da minha própria horta, mas quase todas as refeições eram pedidas por telefone), posso afirmar que foi uma sorte ter chegado tão longe. Não me arrependo de nunca ter me casado e tido filhos. Se houvesse encontrado a

mulher certa e deixado passar a oportunidade de dividir com ela meu destino, aí, sim, a coisa mudaria de figura. Talvez a culpa tenha sido das minhas intermináveis jornadas de trabalho ou, quem sabe, do meu nariz ridiculamente comprido. Seja como for, o lado bom deste meu celibato vitalício é que, quando chegar minha hora, a notícia será recebida com tristeza por muitos, mas ninguém entrará em luto de verdade.

Será que me casei com o trabalho? Talvez esse clichê seja verdadeiro. Mas não precisam ter pena de mim. Foi um casamento ótimo. Sempre adorei pertencer ao mundo da imprensa como editor, redator e, acima de tudo, repórter. Não me lembro de felicidade maior que a de ver, após meses de sofrimento e perguntas sem resposta, todas as peças de uma história finalmente se encaixarem – não só os fatos, mas também meu jeito pessoal de relatá-los. Muito melhor do que encontrar petróleo, podem acreditar.

É uma lástima a rapidez com que esta atividade milenar vem desaparecendo sob as mãos de ideólogos e ignorantes. Nossa democracia precisa de algo melhor. Mas esse é um problema que caberá a mentes mais jovens solucionar.

O título do post de hoje faz alusão, é claro, ao inatingível objeto da obsessão do capitão Ahab, de *Moby Dick*. Hoje de manhã, um jovem enfermeiro entrou no meu quarto aqui no hospital pra checar meus indicadores vitais e a cicatrização no meu peito e minha perna (fiz uma cirurgia de ponte de safena na segunda-feira). Perguntei a ele que dia era e ele disse: sexta-feira, 22 de setembro. Comentei que o caso Miller estava fazendo quinze anos.

“Caso o quê?”, perguntou ele.

Fiquei surpreso, mas já devia ter imaginado. O rapaz ainda era uma criança à época dos assassinatos. Mesmo assim, Silver Bay era – ainda é – uma cidadezinha pacata, e o crime esteve nas principais manchetes locais por muitas semanas. Conteí a ele toda a história.

“É, acho que ouvi alguma coisa a respeito”, disse o enfermeiro, preocupado em ser gentil com seus internos mais birutas e moribundos.

Os leitores mais fiéis saberão que o caso Miller é minha Moby Dick. Durante todos os anos que vivi nesta cidade, houve apenas cinco homicídios. Em um deles, o próprio criminoso ligou para a polícia e se entregou. Em outros três, os assassinos (todos homens) foram capturados depois de algumas semanas e confessaram seus respectivos crimes em troca de uma redução de pena. Ramsey Miller foi o único que conseguiu fugir.

Na época eu já morava onde moro até hoje, a poucos quarteirões de onde vivia a família Miller, portanto consegui chegar à cena do crime apenas alguns minutos após ter ouvido as sirenes escandalosas das primeiras viaturas de polícia. De carro, entrei na Blossom Drive a tempo de testemunhar todo o rebuliço que se seguiu ao terrível acontecimento, uma tragédia da qual nunca consegui me recuperar por completo.

A cidade inteira ficou abalada. Ainda lembro quando, alguns dias depois, fui tomar meu café com ovos na lanchonete Good Times, como fazia todas as manhãs, e a garçonete (Tracy Strickland, que sempre usava um button com a frase “Garçonete do ovo virado”) sentou-se à minha frente, plantou os cotovelos na mesa, enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar. Tracy tinha mais ou menos a idade de Allison. Não fiz nenhuma pergunta. E nem precisava, porque Silver Bay é uma comunidade

pequena e Allison Miller era o tipo de mulher que não havia como não admirar. E Meg era uma menininha tímida de 3 anos que tinha o direito de crescer.

Alguns meses antes, fazendo compras à tarde no supermercado Pathmark, de repente me vi no mesmo corredor de Allison e Meg. A mãe empurrava o carrinho lotado enquanto seguia no encalço da menina, que vinha correndo na minha direção cantando as cores de cada azulejo do piso. Ao chegar ao meu lado, Meg puxou a perna da minha calça e ordenou: “Me pega no colo!”

Fazia anos, talvez décadas, que eu não carregava uma criancinha no colo (a última vez havia sido quando meus dois sobrinhos eram pequenos).

– Colo! – insistiu a menina.

– Acho melhor você obedecer – disse a mãe.

Então peguei a garotinha (muito mais leve do que eu tinha imaginado) e por trinta segundos, no máximo um minuto, fiquei com ela nos braços, inalando aquele cheirinho gostoso de xampu infantil enquanto Allison colocava apressadamente mais produtos no carrinho. Meg a observava do alto, com um ar de satisfação.

– Obrigada, Arthur – disse Allison, abrindo um sorriso antes de pegar a filha de volta.

Não fazia muito tempo que havíamos nos conhecido, na sala de espera de um consultório de dentista. Era uma grande surpresa que Allison se lembrasse do meu nome, e naquele momento eu não soube o que dizer. Apesar da infinidade de entrevistas no currículo, nunca tive muita competência para conversa fiada, sobretudo com uma mulher tão linda, mesmo que tivesse apenas esbarrado com ela rapidinho no supermercado. Então só balancei a cabeça e talvez tenha resmungado uma bobagem qualquer. Ela convenceu a filha a se sentar de novo no

carrinho, depois seguiu até sumir no labirinto de corredores. Terminei minhas compras e passei pelo caixa. Chegando ao estacionamento, avistei Allison mais à frente, guardando suas sacolas no automóvel. Meg continuava no carrinho, balançando as pernas. Cogitei me aproximar para dizer algo amigável, mas a luz do sol poente emoldurava mãe e filha de um modo tão especial que acabei me decidindo por não arruinar a beleza da cena.

Não voltaria a ver nenhuma das duas.

De tempos em tempos, sempre que julguei apropriado, postei documentos públicos relativos ao caso, as reportagens mais importantes e minhas próprias considerações ([aqui](#), [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e, talvez de forma menos articulada, em mais uma dezena de outros posts). Caso seja sua primeira vez aqui no blog (que timing infeliz), segue um breve resumo:

Em 22 de setembro de 1991, um domingo, o casal Miller recebeu os vizinhos, à tarde, para uma festinha ao ar livre. Umas cinquenta pessoas passaram por lá ao longo de várias horas e já eram nove da noite quando a festa terminou. Mais tarde, completamente alcoolizado, Ramsey Miller matou brutalmente sua mulher, Allison (não vou desenterrar os detalhes; os curiosos podem ler a respeito [aqui](#).) Na manhã seguinte, após encontrar o corpo no quintal da casa, a polícia saiu à procura de Ramsey e da filhinha. Duas testemunhas afirmaram tê-lo visto na marina de Silver Bay na noite anterior, por volta das dez horas, e uma delas o viu embarcar numa lancha pequena com algo entre os braços, um embrulho que, pelo tamanho e pela forma, poderia muito bem esconder uma criança. Nem Ramsey nem Meg jamais foram vistos outra vez. A lancha nunca foi encontrada. A teoria

prevalecente (e correta, na minha opinião) é a de que Ramsey navegou até alto-mar e lá se livrou da filha, ainda viva ou já morta.

Por conta do estado em que foi encontrado o corpo de Allison Miller, é possível fazer apenas uma estimativa do horário do crime, e alguns peritos discordam quanto ao que aconteceu primeiro: o assassinato ou a viagem de lancha. A ordem dos fatos é relevante para a construção de uma cadeia de causalidade. Teria Ramsey premeditado ambas as mortes? Ou teria sido a segunda apenas uma consequência inevitável da primeira?

(Ao escrever isto, fico completamente nauseado outra vez. Parece que não há limites para o desconforto de um paciente de UTI.)

Não tenho a menor esperança de que esse caso seja solucionado um dia. Ou melhor: na minha opinião, o caso já foi solucionado há muito tempo. Ramsey matou a mulher e a filha, depois fugiu. Na realidade, o que estou querendo dizer é que nunca haverá respostas suficientes capazes de explicar o que de fato aconteceu. Acho difícil, para não dizer impossível, que Ramsey seja encontrado algum dia, considerando que ainda esteja vivo. Sobretudo depois da aposentadoria de Danny Esposito, o detetive à frente das investigações na época, um cara que sempre teve a educação de retornar minhas ligações. Hoje ele mora na Carolina do Sul, onde o clima é bem melhor e há um monte de campos de golfe. Fez por merecer seu descanso, e suponho que esteja tirando o máximo proveito dele. Ao contrário dos protagonistas de muitos romances policiais, quase sempre homens solitários e amargos, Danny planejava passar a terceira idade na vida mansa e na excelente companhia de Susan, sua adorável esposa. Não seria burro de insistir

num caso triste e frustrante como esse, irremediavelmente sem solução.

Um caso muito, muito estranho.

Se existia motivo para o crime, ninguém foi capaz de descobri-lo. Na família não havia nenhum antecedente de violência. Até onde todos sabiam, Ramsey era totalmente dedicado a seu papel de marido e pai. Seus problemas com a lei eram águas passadas. Não existia uma explicação plausível sequer para a realização da tal festa na véspera dos crimes. Segundo a maioria das reportagens, tratava-se de uma comemoração pelo aniversário de 35 anos de Ramsey, que na verdade seria dali a uma semana. Outros diziam ter sido apenas uma festa de confraternização entre vizinhos, mas até então não havia registro de nenhum evento semelhante entre eles, e as despesas ficaram por conta exclusivamente dos Millers. Seria possível que a tal festa já fizesse parte das maquinações criminosas de Ramsey? E o mais estranho de tudo era o fato de ele ter vendido seu caminhão justo na sexta-feira anterior aos assassinatos. O automóvel era seu ganha-pão. Que motivo teria para vendê-lo?

Há aqueles que ainda se agarram à esperança de que, após ter matado a mulher, Ramsey tenha poupado a filha para fugir com ela. De que eles ainda estejam vivos em algum lugar. Até acho compreensível que certas pessoas prefiram se iludir com isso a apostar no impensável. Eu, porém, nunca acreditei em ilusões, e não há de ser agora que vou começar a fazer isso. Um homem que acabou de matar a própria mulher não sairia de lancha mar afora apenas para admirar as estrelas com a filhinha antes de sumir do mapa com ela. Não, não foi isso que aconteceu.

O que aconteceu foi justamente o impensável.

Se eu posso provar? Não enquanto o corpo da menina Meg não for encontrado, o que jamais acontecerá. Não há como dragar um oceano. Por mais violentos que tenham sido, os homicídios cometidos por Ramsey Miller ocorreram em uma cidade provinciana. O sujeito não era nenhum gênio do crime. Por que diabo ele fez o que fez? Como conseguiu evaporar? Essa ausência de respostas me rouba o sono há mais tempo do que consigo lembrar. Apenas recentemente comecei a admitir que, neste caso, a ausência de provas é uma condição permanente – ou, no mínimo, uma condição que durará mais que eu.

Fico mais aliviado ao lembrar que não cabe a mim encontrar provas de nada. Isso é tarefa de um promotor público ou um repórter investigativo. Faz anos que não sou mais repórter. Hoje não passo de um blogueiro, um velho que, às vésperas do sono eterno, não vê mais nenhuma necessidade de recorrer a ressalvas e evasivas antes de dizer aquilo que julga ser a verdade.

Então aqui está: há quinze anos, neste mesmo dia, houve uma festa, dois assassinatos e uma fuga de lancha. Fora isso, não sei de absolutamente mais nada, e jamais saberei.

Os médicos estão dizendo que preciso parar de digitar para descansar. Falam que preciso focar na minha saúde, mas, levando-se em conta o tipo de pergunta que andam fazendo, não há como não achar que “minha saúde” não passa de um eufemismo para “minha morte”. Isso significa que chegou a hora de fechar meu notebook e delegar minha Moby Dick a algum capitão mais jovem e mais esperto do que eu.

Bon voyage,
Arthur Goodale

P.S.: Peço desculpas por ter desabilitado os comentários para este post específico. Se forem estas minhas últimas palavras por escrito, prefiro que não sejam seguidas da habitual tempestade de agressões políticas que quase sempre não têm nada a ver com o assunto.

*Postado por Velho da Máquina de Escrever
em 22/9/2006 às 14h23 | Comentários desabilitados.*

2

22 de setembro de 2006

Melanie Denison – agora era esse o seu nome – havia arruinado o café da manhã.

Não fosse isso, seria uma manhã de outono perfeita. Não havia estação melhor em Fredonia, Virgínia Ocidental, as plantas ainda crescendo e exalando seu delicioso perfume num último arroubo de fertilidade antes que o frio chegasse para valer.

Wayne, tio dela, espiava pela janela o quintal dos fundos, onde tomates e pimentões vergavam seus caules cansados.

– Você sabe que eu te amo – disse ele, virando-se para encará-la –, mas isso que você está fazendo...

Na maioria das manhãs, um dos três se encarregava de fazer a oração antes de comerem em família. Em seguida, Melanie lavava a louça, Kendra tomava banho e se aprontava para o trabalho e Wayne saía para capinar o quintal ou limpar a lateral de vinil do trailer com sua lavadora de alta pressão – qualquer coisa que o mantivesse no ar fresco por alguns minutos antes que ele precisasse ir para a Lube & More, em Monroeville, para a jornada de oito horas sob chassis de carro.

– Você está se preocupando à toa – falou Melanie. – Estou tomando todos os cuidados.

– Tenho certeza disso, meu amor, mas você precisa admitir que ainda assim é perigoso.

Talvez. Mas a verdade era que faltava pouco para que ela completasse 18 anos. E era cada vez mais difícil obedecer às normas familiares, em vigor havia tanto tempo.

Vá direto para a escola. Depois da aula, volte direto para casa.

Quando ela ainda estava no ensino médio, tudo bem. Mas na última terça-feira Melanie havia ficado no campus da faculdade comunitária para almoçar com alguns colegas do primeiro ano. Alguns dias depois, fora sozinha até a loja da JC Penney, em Reynoldsville, para comprar uma calça jeans que vestisse melhor. Precisara convencer a si mesma de que não estava cometendo nenhum pecado mortal.

– O problema é que... logo isso? Logo um *jornal*? – disse a tia.

Melanie não gostava de esconder nada deles. Falara em trabalhar no jornal da faculdade como uma espécie de teste: queria ver a reação dos dois para depois decidir o que mais poderia contar.

Ao que tudo indicava, o teste estava fracassando de forma fenomenal. Ela arrumou os copos de suco sobre a mesa, depois perguntou à tia:

– Como assim, “logo um jornal”?

Mas já sabia a resposta. Tinha se transformado numa profissional na arte de imaginar como o pai poderia encontrá-la mesmo depois de todos aqueles anos.

Os tios também.

– Por acaso esse jornal tem um site? – quis saber Wayne.

– Acho que não – respondeu Melanie.

Mas era óbvio que tinha.

– Mesmo assim – prosseguiu o tio. – Sua foto pode acabar parando na internet.

Tudo aquilo lhe parecia uma grande paranoia. Era fácil esquecer que os tios não haviam escolhido viver daquele jeito, escondidos num buraco em na Virgínia Ocidental. Mas a Polícia Federal havia

determinado que esse era o melhor “deslocamento” para eles, isto é, o melhor esconderijo. Por isso, aos 17 anos Melanie ainda não tinha colocado os pés numa cidade de verdade, nunca se hospedara num hotel e sua viagem mais distante havia sido para um festival de música e balonismo em Glendale. Ela nunca andara de avião, nunca vira o mar, nunca esbarrara numa pessoa famosa. Já havia feito um passeio nas montanhas Allegheny, mas nunca comera sushi ou um *bagel* fresco. Por duas vezes tinha visto tornados rodopiando no horizonte, mas jamais fora a um baile de colégio ou a um jogo de futebol.

Sempre que se irritava com os tios, esperava até estar sozinha em casa, abria a gaveta da mesa de Wayne e lia as cartas horríveis que chegavam dos policiais federais e que ele escondia ali, cartas que ela havia descoberto sem querer anos antes, quando estava procurando um lápis. Elas eram horríveis por serem invariavelmente breves – apenas um ou dois parágrafos – e dizerem sempre a mesma coisa, o que era o mesmo que não dizer nada. Ramsey Miller continuava à solta e os agentes federais ainda se preocupavam com a segurança dela. Eram horríveis também porque vinham escritas no mais absoluto capricho, num papel timbrado de ótima qualidade (ela imaginava um gabinete agitado mas meticulosamente organizado em que agentes ficavam fazendo piadinhas, falando de futebol, contando os planos para o fim de semana), e porque tinham sempre um tom otimista, embora não houvesse motivo para isso.

Terminada a leitura, ela recolocava as correspondências no envelope pardo no fundo da gaveta e sempre dizia a si mesma para não esperar que um herói fardado viesse salvá-la. Afinal, quinze anos já haviam se passado. Os únicos heróis daquela história eram seus tios Wayne e Kendra, que tanto haviam se sacrificado para protegê-la. Mas isso não facilitava as coisas.

Pelo menos eles eram pessoas legais. No inverno, gostavam de se divertir com jogos de tabuleiro ou baralho. Na primavera, Melanie ajudava Wayne a preparar o solo e plantar as sementes. Kendra

comprava romances baratos em bancas de jornal e, de manhãzinha, ela e Melanie saíam com um copo de suco ou xícara de café, deitavam-se em espreguiçadeiras uma ao lado da outra e ali ficavam, cada uma lendo seu livro, a privacidade garantida pelas cercas vivas altas e pelos bosques próximos. Mais ou menos uma vez por mês faziam um programa especial: iam comer no Lucky Grill, sempre num finalzinho de tarde no meio da semana, quando encontravam o lugar quase vazio.

A própria tia de Melanie havia sido tutora particular até o penúltimo ano do ensino médio. Depois disso, Kendra admitiu que tinha alcançado o limite dos seus conhecimentos. Assim, no outono seguinte, ao mesmo tempo assustada e empolgada com a ideia de se ausentar da Notres Pass, número 9, durante sete horas diárias, Melanie começou a embarcar toda manhã e toda tarde no ônibus escolar amarelo. Sentava-se sozinha ou ao lado de Rudy, um garoto autista que colava o nariz no vidro da janela durante a viagem inteira e nunca dizia nada. Melanie não participava de nenhuma atividade extracurricular. Não ia aos jogos. Ia à aula, comia sozinha no refeitório e voltava para casa.

Ainda assim, aquele ano sem grandes acontecimentos lhe dera um gostinho de liberdade, e agora, claro, ela queria mais. Afinal, não poderia continuar trancada dentro de casa até o fim dos seus dias, certo? Mesmo que só morresse aos 95 anos, de causas naturais, que espécie de vitória seria se ela não tivesse visto nem feito nada?

Muitos dos seus colegas de turma queriam ir para a Universidade West Virginia depois do ensino médio. Havia comprado camisetas com o emblema da universidade e se incluíam na frase sempre que se referiam a ela, dizendo coisas como: "Estamos indo bem à beça no futebol este ano." Era como se já estivessem lá. Melanie fizera uma única e fracassada tentativa de convencer os tios de que poderia passar despercebida entre 25 mil alunos. Permitira-se sonhar por um instante com a vida no alojamento da faculdade, os jogos de futebol, os rapazes. Fazer amigos.

A série de televisão *Friends* era exibida desde que ela nascera, ou pelo menos era essa a sua impressão, e sempre que via um episódio, Melanie se espantava com a presunção com que aqueles seis nova-iorquinos passavam o tempo numa cafeteria batendo papo sem se dar conta da liberdade que tinham. Cogitava se a vida na universidade também seria assim.

Para os tios, no entanto, universidade era sinônimo de grêmios estudantis, carteirinhas de estudante e um campus enorme e aberto onde qualquer um poderia encontrá-la, segui-la e fazer as coisas mais terríveis. Se quisesse, ela poderia frequentar, em regime parcial, a Mountain Community, uma faculdade comunitária a cerca de 30 quilômetros pela rodovia. Wayne lhe daria um carro de segunda mão e lhe ensinaria a dirigir. Para ajudar nas despesas, ela poderia arranjar um emprego de meio expediente ali mesmo, em Fredonia.

Melanie havia aceitado a oferta, a melhor e única que os tios fizeram.

– De qualquer modo, ainda não entendi direito esse seu súbito interesse pelo jornalismo – disse Wayne, afastando-se da janela.

Abriu uma lata de café e despejou algumas colheradas do pó no filtro. Acrescentou a água e ligou a cafeteira.

– Não é um interesse *súbito* – retrucou ela. – Acho bacana, só isso.

– Que é *bacana*, eu sei. Mas não deixa de ser um risco.

– Ah, mas tudo é um risco, tio Wayne.

De repente ela ficou enjoada com o cheiro do café.

– Exatamente – disse Kendra. – Tudo é um risco. – Aproximando-se da sobrinha, pegou a mão dela e perguntou: – Meu bebezinho, o que está havendo?

– Estão vendo? É justamente isto que está acontecendo: não sou mais um bebezinho. Ao contrário do que vocês pensam.

– Você nunca vai poder se tornar uma jornalista de verdade – observou Wayne. – Você sabe disso, não sabe? Pelo menos até que

o peguem.

– Nunca vão pegá-lo, e você sabe disso.

As palavras escaparam da boca de Melanie antes que ela pudesse contê-las.

– *Melanie*. – Kendra sempre tivera esse talento, o de expressar consolo e censura numa única palavra.

– Desculpe, tio Wayne – disse Melanie, suspirando. – É só que... não sou mais criança. Cabe a mim decidir se quero ou não correr um risco. – Isso soou como ingratidão, então ela emendou: – Poxa, gente, o risco nem é tão grande assim. Além do mais, nada impede que Ramsey Miller esteja na Antártica a uma hora dessas. Ou morto.

– Ele não está morto, Mel.

– Sim, mas poderia estar.

Wayne balançou a cabeça, dizendo:

– Creio que não.

Ela estava prestes a continuar a discussão sobre o hipotético falecimento de seu pai quando subitamente sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Lá estava sua resposta. Melanie tinha certeza.

Eles haviam recebido outra carta. Uma que de fato dizia alguma coisa.

Mas não podia perguntar nada, já que nem deveria saber da existência de tais cartas. E o pior de tudo: fazia mais ou menos um ano que Wayne não as mantinha mais em sua escrivaninha.

O café que gotejava na máquina exalava um cheiro tão forte que a certa altura Melanie quase saiu correndo para fora em busca de ar fresco. O problema era que, nos últimos tempos, até o aroma das árvores a incomodava. Sentindo-se menos confiante, ela disse:

– É só um jornaleco universitário que provavelmente ninguém lê. Não vejo motivo pra tanto pavor.

Sabia, no entanto, que era muito fácil falar grosso e assumir riscos quando outras pessoas dedicavam a própria vida à sobrevivência dela.

Wayne e Kendra se entreolharam.

– Meu anjo – falou Wayne com carinho –, eu te amo muito, mas se acha mesmo que estamos fazendo tempestade em copo d’água, você precisa refletir melhor.

Sob a mesa havia um tapete cor de ferrugem. Melanie ainda podia ver nele a mancha descolorida onde ela havia vomitado na infância, ao ter uma virose. Lembrava-se dessa doença mais que de qualquer outra, pois havia passado uma semana inteira no sofá à base de chá e biscoitos de água e sal, vendo TV e vomitando na lata de lixo. Volta e meia sua tia Kendra se aproximava para colocar um pano molhado na sua testa, medir sua temperatura, abraçá-la. Sempre ali, a seu lado. Sempre.

Lá fora, a mudança de estação possibilitava que os pássaros migratórios se escondessem na copa verdejante das árvores e cacarejassem num nível absurdo de decibéis. Logo as folhas mudariam de cor e começariam a cair. Mas nada mudaria entre aquelas paredes. Seus tios haviam levado em conta apenas dois critérios ao mobiliar o trailer alugado às pressas: rapidez e economia. Por isso os móveis de doação, as prateleiras de loja de departamentos, os trapos que faziam as vezes de tapete. À época eles haviam calculado que tudo aquilo seria apenas temporário. Mais tarde, no entanto, quando o pânico inicial já tinha sido substituído por uma apreensão serena, não havia mais motivo (tampouco dinheiro) para mudar tudo e comprar novos móveis.

Mas o problema não era só a mobília. Os três estavam sempre juntos, e as inúmeras formas que tinham arranjado para não sucumbir a seus medos mais profundos... Uma vida inteira poderia ser consumida dessa maneira.

– Vai ser sempre assim, não vai? – disse Melanie, já sem muito ânimo para a discussão e discernindo, talvez pela primeira vez, seu futuro. – Vocês já vão estar velhinhos, eu já vou estar velha... e nada vai ter mudado.

– Quando ele for preso... – começou Wayne.

Noutros tempos ele teria dito essas mesmas palavras com convicção, mas agora elas saíram fracas. Aquela vida em Fredonia era tudo o que Melanie conhecia e, cada vez mais, o que ele e Kendra conheciam também. Os tios quase nunca se referiam ao passado, e menos ainda ao “ele” que figurava no centro desse passado.

– Quando ele for preso... – repetiu Wayne.

Mas não foi capaz de terminar a frase, pois, não importava o que dissesse, nada passaria de especulação.

Ele franziu a testa e se serviu de uma xícara de café. Pousou-a sobre a mesa e o vapor se espalhou ao redor. Melanie precisou fazer um esforço para não vomitar.

– Em outras palavras, nunca – disse ela, e instintivamente levou a mão à barriga.

Queria acariciá-la, acalmá-la. Nas últimas semanas ela vinha fazendo isso na sala de aula, na cama, no carro. Mas ainda não havia chegado a hora de revelar seu segredo, então pousou a mão sobre a mesa de novo.

– Quando ele for preso – falou Wayne mais uma vez.



No meio da tarde, Melanie ainda estava chateada com a discussão que tivera pela manhã com os tios quando, durante a aula de matemática, o professor começou a falar de fractais, padrões matemáticos que iam se repetindo em diferentes escalas.

– Feito uma cabeça de brócolis, por exemplo. – Ela tem aquelas subdivisões que podemos chamar de florículos, e cada florículo possui suas próprias subdivisões, que por sua vez possuem seus próprios florículos. – Enquanto falava ele ia projetando numa tela branca as imagens arquivadas no laptop. – Outro exemplo pode ser encontrado nas orlas marítimas, cujo desenho, esculpido pelo vento,

é sempre o mesmo independentemente do ponto do qual você as observa: seja de uma praia, com um horizonte de 20 ou 30 metros, ou do alto de um satélite. – Falava devagar, com ares de mistério, como se fosse um feiticeiro, e não um professor universitário que usava todos os dias o mesmo blazer azul.

Os fractais eram imagens lindas, equações matemáticas traduzidas em formas e cores. Observando-as, Melanie de repente se deu conta de algo, e com tamanha intensidade que suas mãos começaram a suar.

– Sou eu – murmurou ela, encarando a imagem projetada. – Eu sou um fractal.

– Como? – O professor agora olhava diretamente para ela. Melanie jamais se pronunciava em sala, e o zumbido do projetor abafara sua voz. – Melanie, você disse alguma coisa?

Ela ainda admirava a figura geométrica na tela branca, espantada com a obviedade da sua constatação. Melanie se escondia num trailer minúsculo, que se escondia numa rua deserta, que se escondia numa cidadezinha nos cafundós da Virgínia Ocidental. O esconderijo dela era a mesma coisa em todas as escalas, e tão perfeito que parecia regido por uma certeza matemática.

– Desculpe – disse ela ao professor. Estava chamando atenção para si, e da pior maneira possível, de um jeito que dificilmente seria esquecido: a esquisitona da turma, que nunca dava um pio, enfim estava abrindo a boca para falar algo. Alguns dos colegas davam risadas nervosas. – Preciso... – Correndo os olhos pelas vinte pessoas à sua volta, ela pensou no bebê que trazia no ventre, na possibilidade de que ele, uma miniaturinha sua, viesse ao mundo para ter que se esconder também, camada sobre camada sobre camada. Não. Ela não permitiria isso. – Preciso...

Fechou com força as mãos pegajosas. Não seria capaz de terminar a frase nem mesmo se soubesse o que dizer. Levantou-se bruscamente, saiu correndo da sala em direção ao banheiro e, já no último segundo, vomitou no vaso. Ajoelhada no chão, deixou

passar o mal-estar, depois foi para a pia e lavou o rosto com água gelada. Ficou ali por um tempo, passando a mão na barriga e respirando pausadamente até se sentir bem o bastante para pegar o carro, voltar para Fredonia e esperar Phillip.



Melanie se sentou em um dos degraus de cimento da frente da casa que o namorado alugava e ficou sentindo a brisa no rosto.

Ao longo dos últimos anos ela havia adquirido o hábito de ler, antes de dormir, os antigos livros de mistérios de Nancy Drew ou dos Hardy Boys. Volta e meia os protagonistas eram amarrados a uma cadeira e amordaçados, mas saíam ilesos de todas as situações e os bandidos eram sempre capturados.

Num dos livros dos Hardy Boys, uma casa de penhores aceitava dinheiro roubado e mais tarde superfaturava suas vendas. Chamavam isso de lavagem de dinheiro. Era o que Melanie também fazia, mas no seu caso a lavagem era de tempo. O dever de casa que ela dizia aos tios que passava duas horas fazendo, trancada no quarto, raramente levava mais do que uma hora. Durante a outra hora, Melanie ficava folheando a revista de fofocas de TV e cinema que havia escondido debaixo do colchão. E, mais recentemente, o emprego que havia arrumado na cidade, numa loja de suprimentos de escritório, jamais lhe exigia as horas extras que Wayne e Kendra acreditavam que ela precisava fazer.

As viagens de ida e volta da faculdade eram o modo mais fácil de “lavar tempo”. Desde o início Melanie havia mentido quanto a seus horários, de modo que tivesse uma hora inteira para si antes e depois da aula, logo tinha duas horas diárias de total privacidade.

Ela não gostava de enganar os tios, mas sem dúvida eles veriam o maior risco do mundo até mesmo na rua em que ela estava agora, uma viela quase sem pedestres, por ser íngreme demais, sem

calçadas e praticamente desprovida de carros (os poucos motoristas que passavam com certeza tinham mais o que fazer do que espí-la).

De qualquer maneira, ela não era o tipo de pessoa que os outros costumavam notar. Uma das suas colegas na aula de redação, uma tal Raquel, era uma loura alta de olhos enormes e azuis que parecia uma artista de cinema. Além disso, era totalmente desinibida. “Com todo o prazer”, dizia sempre que o professor lhe pedia para distribuir algo entre os colegas. “Como foi o seu fim de semana?”, perguntava a quem quer que se sentasse do seu lado. Raquel puxava conversa com as pessoas como se de algum modo isso tornasse seu dia especial.

Melanie era bem diferente e não sabia agir como Raquel.

Ainda assim, era ela que estava naquela escada, não Raquel.

Eram 15h15. Ela não se incomodava em esperar, vendo os carros passarem. Sua casa ficava no fim de uma longa estradinha de terra batida que cruzava os bosques da região. Bem antes mesmo da mudança deles, essa estradinha passara anos sem sequer ter nome. A certa altura alguém havia fincado no início dela uma placa grande com o seguinte aviso pintado à mão: NO TRESPASSING (“acesso proibido”). Com o tempo, chuva e vento haviam se incumbido de apagar as últimas letras da placa. Depois disso, não demoraria para que a trilha passasse a ser chamada de Notres Pass, primeiro pelos moradores locais, depois pelo resto da cidade e, por fim, até pelos Correios.

A não ser por essa história curiosa, não havia nada de excepcional na tal estrada, e essa era justamente a ideia. Ao longo dela havia umas dez casas, metade das quais eram trailers. Não mais que alguns carros passavam por ali todos os dias. Portanto, ainda sentada à porta de Phillip, sempre que via um automóvel passar à sua frente, Melanie se imaginava ao volante dele, a caminho de algum lugar. Qualquer lugar. Não precisava ser nenhum destino maravilhoso. Lembrou-se de Dorothy, de *O mágico de Oz*, e

da musiquinha que ela cantava no filme, falando de algum paraíso do outro lado do arco-íris. Não fazia muito tempo que o filme havia passado pela milésima vez na TV. Por que diabo a garota quis voltar para casa no final? Dorothy tinha amigos, uma vida ótima, era uma heroína. Voltar para o Kansas? Tolinha.

As aulas no colégio terminavam às duas e meia. A menos que tivesse alguma reunião com os outros professores, Phillip chegava em casa por volta das três. Mas ele não sabia que estava sendo esperado naquele dia em particular, e já eram 15h40 quando enfim despontou na ladeira, carregando uma sacola de supermercado cheia de compras. Possuía um Mazda de quatro portas que parecia ter mil anos, mas o carro havia quebrado duas vezes durante a vinda dele para a Virgínia Ocidental, no ano anterior, e os freios faziam um terrível barulho metálico sempre que acionados, portanto ele preferia deixá-lo na garagem, resignando-se a percorrer a pé a distância de quase um quilômetro que o separava do mercado mais próximo.

Assim que viu Melanie, deixou a sacola no chão e disse:

– Um colírio para os meus olhos. Simplesmente uma miragem.

A temperatura havia subido bastante desde a manhã, trazendo consigo a umidade. Phillip ainda vestia paletó e gravata, o rosto suado como se estivesse febril.

Melanie se levantou e foi ao encontro dele.

– Nem chegue perto – Phillip foi logo dizendo. – Estou todo melado de suor.

Mesmo assim ela o puxou para um abraço e preferiu pensar que era a presença dela, e não o esforço, que fazia o coração dele bater tão rápido. Quando eles se afastaram, Melanie pegou a sacola do chão e esperou até que Phillip destrancasse a porta da casa.

Ao entrarem, não foram recepcionados pela atmosfera gelada de um ar-condicionado, mas pela barulheira de um rele ventilador de teto que não fazia mais do que espalhar vento quente pela sala.

– O que você veio fazer aqui? – perguntou Phillip. – Seu rosto está vermelho. Espere aí, vou buscar um copo d'água.

Melanie subitamente sentiu o rosto queimar e ficou um pouco tonta. Na janela do quarto de Phillip havia um ar-condicionado, mas não funcionava muito bem e servia apenas para bloquear boa parte da luz natural que vinha de fora. Então ela se sentou no sofá. A casa não passava de um espaço estreito de apenas um quarto, talvez menor que um trailer, sem nenhuma bagunça aparente, também mobiliada com coisas baratas ou de segunda mão.

Phillip deixou as compras na mesa da cozinha, encheu um copo com água e o entregou a Melanie. Ela deu um gole demorado, apesar do gosto, e devolveu o copo a Phillip, que bebeu todo o resto.

– Sua água tem gosto de ferrugem – disse ela.

– Jura? – retrucou ele, e olhou para o copo vazio.

Seria ótimo se ela tivesse o talento daquela menina Raquel para deixar as pessoas à vontade. O problema era que nunca tivera ninguém com quem praticar. Não devia ser fácil para Phillip tentar desenvolver uma relação com alguém como ela.

– É, tenho mesmo pensado em comprar um filtro – comentou ele.

– Sente aqui – disse ela, e deu um tapinha a seu lado no sofá. Vendo que ele olhava para a sacola de compras, perguntou: – Algum problema?

– Não, problema nenhum – retrucou ele. – É só que... não quero que as coisas estraguem.

Melanie sabia muito bem como era a vida de quem precisava contar cada moeda, cada ovo, cada gota de leite. Sua família tivera algum alívio apenas quando Kendra começara a trabalhar na loja de conveniência após parar de dar aula para a sobrinha. Mas eles nunca seriam ricos.

– Desculpe. Guarde as coisas primeiro.

– Tudo bem. Espere aí só um segundinho. Você quer mais alguma coisa? Um suco? Uma taça de vinho?

– Não, não, obrigada.

Ele guardou a carne moída, o iogurte e o leite na geladeira – o resto ficou na sacola – e se sentou ao lado dela no sofá.

– Nunca vi você fazer nada tão rápido assim – observou ela.

– Não gosto de deixar minhas mulheres esperando.

– Quantas você tem?

Ele riu.

– Um monte.

– Tenho uma coisa séria para te dizer.

– Ah. – Ele se empertigou. – Está bem.

Melanie não poderia simplesmente dar a notícia assim, sem nenhum preâmbulo. Colocando a mão no joelho do namorado e se esforçando para fitá-lo nos olhos, ela balbuciou:

– Phillip, você é um cara... – Para seu horror, a palavra que lhe ocorreu parecia saída de um dos livros dos Hardy Boys: “joia”. Um cara *joia*? Não. Ela não poderia dizer uma coisa dessas. Então, procurando concentrar-se, fez uma nova tentativa: – Você é um cara... bacana. O que estou querendo dizer é que... bem, eu gosto muito de você.

Phillip desviou o olhar, mordeu o lábio inferior. Parecia arrasado.

– Você está terminando comigo.

– O quê?

– É isso que você está fazendo.

– É mesmo?

Ele voltou a encará-la.

– Não é?

Em algum lugar, Raquel balançava a cabeça, horrorizada.

– Por que eu terminaria com você?

– Não faço a menor ideia. Diga logo de uma vez: você está ou não está terminando comigo, Melanie?

– Não, não estou, Phillip.

Visivelmente mais relaxado, ele disse:

– Ótimo. Ainda bem.

Para “lavar tempo” sem levantar suspeitas era preciso optar por pequenos intervalos de cada vez. Mas aquela conversa não estava indo a lugar nenhum, e logo sua tia voltaria do trabalho. Se Kendra não a encontrasse em casa quando chegasse, com certeza daria um ataque. Portanto, não havia outra coisa a fazer. Que se danassem Raquel e seu papinho açucarado.

– Quando eu tinha dois anos e meio – disparou ela –, meu pai matou minha mãe. Teria me matado também, mas eu escapei, e ele também.

Por vários segundos, só o que se ouviu na sala foi o trepidar do ventilador de teto. Phillip esquadrihava o rosto de Melanie como se pudesse encontrar nele alguma indicação de como reagir.

– Você está brincando comigo, não está? – disse ele finalmente, com delicadeza.

Phillip sabia que não era brincadeira. Desde o início ela era evasiva com ele, chegando quase ao ponto da estranheza. Difícil dizer como aquela relação havia sobrevivido por tanto tempo.

– Nunca contei isso pra ninguém – revelou Melanie, os olhos voltados para baixo.

Phillip pegou a mão dela e falou:

– Puxa, Melanie... Caramba.

Aquele não era o segredo que ela estava ali para contar. Mas Phillip precisava saber que a mulher que tinha o filho dele no ventre estava colocando todos eles em risco. Quando ele sugeriu que os dois fossem se deitar um pouquinho no quarto, ela não se opôs. Já havia lavado uma quantidade suficiente de tempo naquela tarde e sabia que precisava voltar para casa, sobretudo após a discussão que tivera com os tios pela manhã, mas ao ver o carinho com que Phillip a encarava, deu-se conta de que já não aguentava mais lavar tempo. Em vez disso, estava desesperada para gastá-lo.

Já no quarto, Phillip pediu:

– Acha que pode me contar mais um pouco? Pode me contar a história toda?

Ela assentiu.

– Sabe que pode confiar em mim, não sabe? – disse Phillip.

Dessa vez ela hesitou por um instante antes de assentir de novo. Não porque tivesse alguma reserva com relação a Phillip, mas porque mal podia acreditar no que estava prestes a fazer.

Não estou sonhando, disse a si mesma. Isto está realmente acontecendo. Agora não tem mais volta. Estou aqui, e não estou sozinha.

3

19 de setembro de 1991

Ramsey Miller já estava acordado havia 32 horas quando parou seu caminhão ao sinal de um caroneiro.

De modo geral ele preferia a solidão. Às vezes ouvia uma estação local de rádio (sempre de música, nunca aquele falatório dos programas, que era justamente o que ele tentava evitar), às vezes apenas o ronco do motor e os próprios pensamentos, enquanto bosques, campos e montanhas iam ficando para trás. Não tinha nada contra ajudar um desconhecido a se deslocar. O problema era que os caroneiros sempre queriam conversar. Falar sobre o nada ou, pior, falar sobre *alguma coisa*. Lições de vida, pérolas de sabedoria, uma ou outra bobagem que se sentiam impelidos a dizer, como se estivessem fazendo um favor a você. E quando não tentavam causar uma boa impressão, simplesmente empestavam o estofamento com seus cigarros ou algo pior. Após seu primeiro ano ao volante da carreta, Ramsey jurou nunca mais parar para dar carona a ninguém.

Ao longo dos seis anos seguintes, abriu apenas duas exceções. A primeira quase nem contava: uma garota de não mais do que 13 ou 14 anos, caminhando no acostamento estreito da I-80 ao amanhecer, polegar em riste sob uma chuva forte nos confins da Pensilvânia. A 100 metros de distância, parecia ainda não ter saído

da infância. Só quando ela já estava dentro da cabine, tremendo, foi que ele viu que era só *um pouco* mais velha que uma criança.

– Estou indo pra Nova York – disse ela, batendo queixo e abraçando o próprio corpo. Nenhuma bagagem, nenhum guarda-chuva. Cabelos e roupas encharcados.

Depois que ela já estava acomodada, Ramsey aumentou o aquecimento do automóvel, avisou algo pelo rádio e deixou-a na saída mais próxima, onde dois policiais já esperavam para investigar a natureza daquela tragédia específica.

A segunda caroneira também tinha sido do sexo feminino, porém mais velha – provavelmente mais até que Ramsey. Tinha cabelos grisalhos bem curtos, mas não era feia. Se você a encontrasse num bar já no fim da noite, talvez pensasse: “Bem, por que não?” Isso havia sido anos atrás, quando Allie ainda estava no início da gravidez e qualquer bobagem era motivo para uma briga entre eles. A última discussão havia ocorrido justamente na véspera de sua partida para onze dias na estrada.

Uma hora e meia de viagem depois – ainda cedo para que os encantos da estrada melhorassem seu ânimo –, ele avistou a mulher sinalizando no acostamento da New Jersey Turnpike, alguns quilômetros ao norte da Delaware Memorial Bridge.

Ele foi reduzindo a velocidade aos poucos, parou no acostamento, esperou que a mulher se aproximasse e falou para ela subir. Dali a algumas horas, pouco depois da I-495, ela saltou. Era um sábado e eles não haviam feito mais do que ouvir no rádio alguns dos quarenta maiores sucessos das paradas musicais. Ela tinha sido a passageira ideal: não falava nem fumava. Ele pegou uma saída para reabastecer e deixar a mulher, parando o caminhão em um posto de gasolina, longe das bombas e dos demais caminhões. Ela pegou a mochila do chão da cabine.

– Obrigada mesmo pela carona.

– De nada. Que tal um beijo de agradecimento?

– Não, não – retrucou ela, e levou a mão à porta.

Estava trancada.

Ramsey não fazia nenhuma questão de beijá-la, mas a irritação por sua briga com Allie ainda não tinha passado e por algum motivo ele achava que o mundo lhe devia algo.

– Você é o quê? Uma sapatona, é isso?

– Eu quero descer – disse a mulher, alternando o olhar entre Ramsey e a janela a seu lado, a mão ainda na maçaneta.

Ele ainda esperou seis ou sete segundos antes de destravar a porta.

– Tá, tudo bem – falou, e ficou observando enquanto ela corria em direção à segurança do posto.

O autodesprezo já começava a crescer em seu peito feito uma onda do mar.

Você não é mais aquela pessoa, repetiu para si mesmo mais tarde naquele dia, sentado ao balcão de um bar, uma espelunca que fedia a mijo e serragem com placas de neon por toda parte. Estava pensando, entre uma dose e outra de uísque vagabundo, em algumas das inúmeras maldades que já havia cometido na vida. Já havia sido capaz de atos bem terríveis e possuía plena consciência da sorte que tivera por conseguir sobreviver à adolescência – e, para ser sincero, à faixa dos 20 anos – sem cruzar aquela fronteira invisível a partir da qual não poderia mais voltar atrás. Mas tudo isso era passado. Ele dera duro para se transformar em outro homem. Um homem de família, prestes a ser pai.

Você não é mais aquela pessoa.

A tarde se transformou em noite. Ramsey encheu a cara e acordou no caminhão, colocando os bofes para fora no estacionamento do Walmart, sem fazer ideia de como tinha ido do bar até ali. Passou metade do dia lavando a roupa de cama em uma lavanderia qualquer e esfregando a cabine até que sumissem todas as manchas. A cada movimento, jurava nunca mais dar carona a ninguém na estrada.

Agora, na terceira e última vez, estava apenas pensando na própria segurança. As normas da empresa, bem como a legislação federal, já estavam sendo violadas – ele falsificava o livro de registro e havia ultrapassado muito o limite de 82 horas por viagem –, mas essa nem era sua preocupação maior. O que realmente importava agora era chegar em casa até sexta-feira à tarde.

Durante toda a semana ele mal havia piscado; sempre com o pé no acelerador, completara em sete dias uma quilometragem que qualquer outro teria feito em dez ou onze. Nova Jersey, Memphis, Kansas City, Phoenix... Embora tivesse apenas três dias para percorrer os 4 mil quilômetros até em casa, sempre tivera vontade de conferir se o Grand Canyon fazia jus às fotos que já vira ao longo da vida. Assim, permitira-se um dia adicional e seguira para o norte, torcendo para que a mente continuasse tão alerta quanto antes e lhe permitisse chegar em casa a salvo.

Um erro de cálculo.

Agora era quinta à noite. Uma hora antes o sol havia sumido atrás das árvores às suas costas, e com mais de 1.700 quilômetros pela frente, ele começava a sofrer os efeitos do cansaço. Deu-se conta de que precisava dormir.

Alguns anos antes ele teria apelado para remédios. Agora não. Agora ele se limitava aos truques permitidos por lei: ar-condicionado no máximo, heavy metal no rádio, tapas no próprio rosto, garrafas e mais garrafas de Coca-Cola Diet, batatas fritas de fast-food. Pois foi uma combinação de tudo isso que o permitiu atravessar o Missouri até a fronteira com Illinois. O problema era que ele ainda tinha umas catorze horas de viagem pela frente. O tanque do caminhão estava cheio, mas faltava pouco para que o combustível do motorista acabasse de vez. Além disso, o passeio pelo Grand Canyon o havia deixado de ótimo humor. Então, quando os faróis iluminaram um caroneiro no acostamento da I-70, Ramsey parou.

– Você é uma alma generosa – disse o sujeito por sobre o trepidar do motor em ponto morto.

Parecia um caroneiro profissional: casaco impermeável, mochila enorme, uma cabeleira grisalha de hippie presa num rabo de cavalo.

Ramsey esperou até que o homem subisse à cabine, acomodasse sua mochila no chão e colocasse o cinto de segurança. Só então falou:

– Suponho que não seja sua primeira carona num caminhão.

– Acertou em cheio, cara. – O homem se remexeu no banco, procurando uma posição mais confortável. – A única coisa que peço é que você me deixe pelo menos um pouquinho à frente do que eu estava quando você parou.

– Tudo bem. Mas preciso pedir um favor.

– Manda bala.

– Vou ser honesto com você. Faz tempo que resolvi não dar carona pra ninguém. Acontece que estou cansado pra cacete e preciso de alguma ajuda pra ficar acordado e conseguir chegar em casa.

– Sinto muito, cara, mas... faz dez anos que estou limpo.

Ramsey balançou a cabeça.

– Não estou falando de drogas. Só preciso que converse comigo. Pra me manter acordado.

– Bem, isso eu posso fazer. – Ele ajustou o cinto. – Você é de onde?

– Nova Jersey. Pertinho de Asbury Park.

– Terra do Bruce Springsteen.

– Exatamente.

O homem assentiu.

– É cansaço normal ou é efeito de anfetamina passando?

– Não é efeito de nada passando. Mas também não diria que é um cansaço normal.

Àquela altura, a cidade de St. Louis já havia ficado para trás muito tempo antes e o céu já não tinha mais o tom alaranjado das luzes urbanas. O movimento na estrada diminuía bastante e a silhueta dos bosques aos poucos ia se misturando às sombras do

anoitecer. Logo Ramsey poderia parar de se preocupar com os animais na estrada. Sabia por experiência própria que atropelar um animal não causava muito danos ao caminhão, mas o problema eram os imbecis que enfiavam o pé no freio ou davam uma guinada brusca para desviar de um coelho, um veado ou até mesmo de algo imaginário sem sequer olhar para os lados. Portanto, foi um alívio quando a noite caiu de vez e o risco de algum bicho aparecer na estrada também ficou para trás.

– Há quanto tempo você está dirigindo? – perguntou o homem.

– Seis dias. Quase 7 mil quilômetros.

O caroneiro assobiou baixinho, impressionado ou cético.

– *Sem anfetamina?* – provocou.

– Mais sóbrio que um padre.

– Não é à toa que está cansado.

Ramsey suspirou.

– Pois é. Não é à toa.

– Por que não parou pra descansar um pouco?

– Como eu disse, preciso chegar em casa.

Ambos se calaram por um tempo, até que o caroneiro riu.

– Talvez eu possa ser sua fada madrinha.

– Como assim?

O homem se remexeu no banco até tirar a carteira do bolso de trás da calça jeans.

– Você não tem o hábito de dar caronas e eu não tenho o hábito de oferecer este tipo de ajuda – falou, e em seguida sacou algo da carteira.

Uma habilitação de motorista.

– Não dá pra ler no escuro.

– É uma Classe A.

– Caralho – disse Ramsey.

– Larguei a estrada em 1986. Caminhão de plataforma por cinco anos e de carga seca por dez. Ed Hewitt, prazer.

– Muito prazer, Ed.

Quase um quilômetro à frente, Ed perguntou:

– Será que fui sutil demais?

– Hein?

– Você está quase apagando, cara. Estou me oferecendo pra dirigir um pouco enquanto você recarrega as baterias.

Ramsey o examinou com atenção.

– Você só pode estar brincando.

– Não estou, não.

– Nunca ouvi falar de um caroneiro dirigindo um caminhão – disse Ramsey. – Essa seria a primeira vez.

– Talvez. Mas tenho bastante experiência ao volante e você está aí com essa cara de morto... Tem certeza que não tomou nenhuma...?

– Já disse que não uso drogas. Parei quando minha filha nasceu.

Ed assentiu.

– Bem, minha opinião é a seguinte: se a gente se ajudar nas próximas horas, as chances de chegarmos vivos ao dia de amanhã serão bem maiores.

A ideia era absurda. Mas nos últimos meses Ramsey havia aprendido a confiar no Universo muito mais do que no pouco que sabia sobre ele. E se o destino havia colocado no seu caminho um hippie habilitado para conduzir veículos de grande porte, talvez o mais aconselhável fosse mesmo trocar de lugar com o sujeito e botar em dia pelo menos parte do sono atrasado – principalmente se levasse em conta a trabalhadeira que o aguardava nos dias seguintes.

Assim, Ramsey parou no acostamento, entregou o volante a Ed e lhe deu algumas instruções básicas. Mas o homem não precisava de orientação nenhuma. De fato ele não estava brincando. Manejou os pedais sem nenhuma hesitação, como se nunca tivesse se aposentado.

Talvez você seja mesmo minha fada madrinha, Ramsey pensou enquanto Ed manobrava para voltar à pista.

– Ele vai tremer um pouco – advertiu. – A carga é leve demais.

- Certo.
- E o vento está forte lá fora.
- Eu sei – disse Ed. – Fiquei horas sofrendo com ele.
- E não se esqueça: se pararem a gente por algum motivo, vai ser uma dor de cabeça que nenhum de nós quer ter.
- Mas não vai ser pior do que morrer – atalhou Ed –, o que seria inevitável se você continuasse mais um minuto atrás deste volante.
- Tem razão – concordou Ramsey, e reclinou o banco o máximo que pôde.



Mais uma vez ele sonhou que estava voando. Uma brisa suave o levava sobre o mar, atravessando nuvens, feito uma gaivota. Desde a infância não tinha um sonho assim, tão vívido, tão maravilhoso. Do alto se viam os peixinhos miúdos nadando juntos de um lado para outro, reluzindo sob os raios de sol. Anchovas e atuns seguiam com outros peixes de cores mais exuberantes que o sonho havia transplantado do Caribe. Ele podia sentir o cheiro forte da maresia. Próximo à costa, arrecifes multiformes tingiam as águas de vermelho e laranja. Ele podia jurar que, se mergulhasse, conseguiria respirar debaixo d'água. Mesmo assim, preferiu continuar voando, aquecendo-se ao sol.

Quando abriu os olhos de novo, não soube onde estava. Seu caminhão, a estrada. Por uma fração de segundo entrou em pânico, achando que tivesse adormecido ao volante. Acalmou-se apenas quando olhou para a esquerda e se lembrou de tudo.

Os faróis iluminavam pistas desertas na rodovia à sua frente. No alto, a infinidade de estrelas indicava que a manhã ainda tardaria a chegar. O relógio do painel marcava 5h12.

– Você podia ter me acordado a qualquer momento – disse Ramsey, esfregando os olhos.

- Não foi preciso.
- Onde a gente está?
- Faz uns quarenta minutos que passamos por Columbus.
- O que você fez nos postos de pesagem?
- Fingi que não existiam.

Ramsey massageou o pescoço para alongá-lo.

- Estamos indo bem.
- Sim. Mas podíamos dar uma paradinha daqui a pouco.
- No próximo posto. Eu pago o café. Você fez por merecer.
- Beleza.

Ramsey bocejou, fechou os olhos novamente e ficou apenas sentindo o ronco do motor, o asfalto abaixo dele, a leve pressão do vento nas janelas. Quando enfim eles deixaram a rodovia, traços cinzentos e azulados já começavam a aparecer no céu. O contorno das árvores ia aos poucos ficando visível no horizonte.

É hoje, pensou Ramsey, o coração batendo mais forte. *Hoje começa.*



Depois de tantas horas de sono, dirigir pelo resto da viagem não foi nada. Eram nove e meia quando Ramsey chegou ao centro de distribuição da rede de brinquedos Toys "R" Us, em Wayne, Nova Jersey. Era uma parada frequente, ele conhecia o supervisor de descarga, sabia que seria liberado o mais rápido possível. De fato, antes de meio-dia ele já havia se livrado de todo o trabalho e de toda a papelada, e dali foi direto para o estacionamento de caminhões de Monmouth.

O escritório do lugar era um trailer estreito apoiado em blocos de cimento. Dentro, as paredes eram revestidas de madeira e o chão era de linóleo. Nada havia mudado desde que ele comprara seu caminhão, cinco anos antes. O mais provável era que nada tivesse

mudado nos últimos vinte anos. No terreno, inúmeros caminhões encontravam-se parados como se fossem grandes túmulos cercados por ervas daninhas. Nada na paisagem indicava que o lugar fosse um negócio bem-sucedido, mas Bob Parkins, o proprietário, entendia mais sobre caminhões do que qualquer pessoa que Ramsey conhecesse. Aliás, Ramsey comprara seu veículo com ele, seguindo a dica de seu gerente de frota depois de dois anos dirigindo um automóvel da empresa. Era difícil dizer se realmente valera a pena passar de empregado a proprietário prestador de serviços, mas a sugestão sobre onde comprar não havia sido nenhuma furada. Ramsey conseguira um caminhão ótimo a um preço bem razoável. Desde então, voltava ali sempre que precisava de algum reparo ou ajuste que ele próprio não conseguia executar.

Um balcão dividia o trailer ao meio. Atrás dele ficavam algumas mesas com papéis empilhados por toda parte: o sistema de arquivamento de Bob. Do lado de cá, na área reservada aos clientes, um engradado de cabeça para baixo servia de suporte para uma máquina de café, uma torre de copinhos de isopor e uma caixinha com sachês de leite em pó.

– Em que posso ajudar?

O atendente era um rapaz vestindo uma camisa jeans desbotada com um cabelo espetado que lhe dava um ar de idiota.

– Cadê o Bob? – perguntou Ramsey.

– Tirou a tarde de folga.

– Putz... – Ramsey respirou fundo antes de perder o controle. – Ele disse que estaria aqui até as três. Falei com ele da estrada há uns dois dias. Justamente pra não aparecer à toa.

O rapaz deu de ombros.

– O tempo deu uma melhorada. Ele não tirava uma folga desde... nunca. Foi pescar.

– Como assim, “o tempo deu uma melhorada”?

O rapaz apontou com o queixo para a janela.

– Ah, você sabe... Sol, calor, essas coisas.

Antes de virar caminhoneiro, Ramsey havia cogitado comprar um barco de pesca para alugar. Acabara chegando à conclusão de que os riscos eram altos demais – mau tempo, marés vermelhas, águas poluídas, seguro muito caro –, mas ninguém precisava ser um lobo do mar para saber que o dia não estava bom para pescar.

– Tem um vento forte soprando do nordeste. Com certeza o mar está bem agitado.

– Vai saber... – disse o rapaz, dando de ombros.

– Você não pesca?

– Não. Nunca pesquei.

– Seu pai nunca levou você?

– Meu pai era um merda.

Ramsey avaliou o rapaz mais uma vez. A camisa era grande demais nos ombros e no colarinho – provavelmente uma herança do pai merda.

– Quer dizer então que o Bob não volta hoje? – falou, mais para si mesmo do que para o jovem.

Estava contando com a presença de Bob para que a situação fluísse sem maiores complicações.

– É o que tirar a tarde de folga significa, não é?

– Vai querer dar uma de espertinho pro meu lado, garoto?

Quando o rapaz estreitou os olhos, Ramsey recuou. Só então notou o crachá espetado no peito dele: Frank. Não devia ter mais que 20 ou 21 anos, tinha um pai que era um merda, um corte de cabelo horroroso e só Deus sabia o que mais.

– Deixa pra lá. Escute, Frank. Foi o Bob que me vendeu meu caminhão há cinco anos. Estou precisando revendê-lo.

Frank olhou pela janela mais uma vez.

– Aquele Kenworth ali?

– Ele mesmo.

– De que ano?

– Setenta e quatro.

– Quantos quilômetros?

- Quase dois milhões.
- Tinha quantos quando você comprou?
- Oitocentos mil.
- Está rodando bem?
- Muito bem.
- Vai trocar por um mais novo?
- Não.
- Então vai vender por quê?
- Não é da sua conta.

Ao que parecia, Frank não sabia se devia ser um atendente cordial ou seco. Não era feio se você ignorasse a camisa grande demais e o cabelo espetado que as meninas da idade dele deviam adorar. Além disso, tinha um emprego razoável, o que era mais do que Ramsey tinha naquela idade.

– Bob estará aqui amanhã às sete – disse Frank. – Ele vai poder...

- Não. Preciso vender agora.
- Não posso simplesmente comprar seu caminhão, cara.
- Meu nome é Ramsey.
- Bob vai querer avaliar o caminhão, fazer um test-drive...
- Quero 15 mil pelo pacote completo.

Frank ficou com um ar confuso.

– Se ele está rodando tão bem quanto você diz, vale pelo menos três vezes mais.

- Não quero três vezes mais.
- Bem, como eu disse, o Bob só chega amanhã cedo.
- Amanhã não serve.

O rapaz agora olhava para Ramsey com uma expressão de desespero. Ainda não havia aprendido que às vezes temos simplesmente que tomar decisões, assim como ele, Ramsey, fizera ao abandonar Ed no posto de gasolina mais cedo naquele dia. Agradecia ao sujeito pela ajuda que lhe dera, mas era importante estar sozinho no último trecho da viagem. Era assim que Ramsey

havia imaginado desde o início. Então, quando os dois chegaram à lanchonete do posto, ele entregara a Ed uma nota de 20 e dissera para ele ir pedindo o café. *Esqueci uma coisa no caminhão*, falara, e depois se mandara de volta para a estrada.

– Então me diga uma coisa – falou agora ao rapaz. – O Ralph está na oficina?

– Sim. Com o Andy.

– Então liga pra ele. Ele me conhece. Sabe que sou um cara de confiança.

– Ele não é do departamento de vendas.

– Eu *sei* que ele não é do departamento de vendas. Mas liga pra ele.

Frank aparentemente ficou aliviado por ter algo a fazer. Pegou o telefone e pressionou algumas teclas.

– ... e ele está falando que precisa vender *hoje* – disse após alguns segundos, e esperou a resposta do outro. – Tá bom, beleza.

Então entregou o aparelho a Ramsey.

– O que você acha que está fazendo? – disparou Ralph do outro lado da linha.

– Vendendo meu caminhão pra você – retrucou Ramsey.

– Preciso dar uma olhada nele antes. Deixe o caminhão aqui e volte amanhã. Não vai ser difícil arrumar um comprador. Bob vai oferecer um preço justo.

– Tem que ser agora, Ralph. Quinze mil em dinheiro. Você sabe que cuido muito bem do meu caminhão. Sabe que 15 mil é uma merreca por ele.

– Não posso fazer nada, meu amigo. O chefe está *pescando*, cara.

– E não está pegando nada. Faça isso como um favor a ele. Você sabe que comigo não tem erro.

Ralph bufou ao telefone.

– Chama o Frankie de novo aí.

Ramsey devolveu o aparelho ao rapaz.

– Tem certeza? Mas você não... – Fez uma careta. – Tá bom, cara, só estou falando. Tudo bem. – Desligou o telefone e se voltou novamente para Ramsey. – Bem, parece que você acabou de fechar um negócio.

– Ótimo – disse Ramsey. – Obrigado por ter ligado pro Ralph. – Apontando com o queixo na direção da oficina, perguntou: – Ele acabou de dar um esporro em você, não foi?

– Se der alguma merda, o problema é dele, não meu.

– Pode confiar. O caminhão está em ótimas condições. – Ramsey olhou pela janela. – Lá pelo fim de semana esse vento já foi embora. Aí, sim, vai dar pra pescar em alto-mar. Não hoje. No sábado vai estar ideal. No domingo também.

– Como eu disse, não pesco.

– É, você falou. Bem, arranje alguma coisa para se divertir no fim de semana. Você tem namorada?

Frank sorriu. Os dentes eram horrorosos.

– Tenho.

– Então seja legal com ela. Faça com que ela se divirta.

– Sempre faço – retrucou Frank, com um olhar lascivo.

– Não é disso que estou falando. Estou falando pra você comprar alguma coisa bacana pra ela, levar pra jantar fora... Porque a gente nunca sabe.

– Nunca sabe o quê?

Ramsey não queria apavorar o garoto. Precisava finalizar aquela venda.

– Deixa pra lá. Os documentos estão lá na cabine. Vou buscar.

– Tudo bem. – Frank ainda parecia confuso. – Vou adiantando a papelada, que não é pouca.

Ramsey conferiu as horas no relógio da parede.

– Acha que daqui a meia hora já estou livre pra ir embora?

– Você está vendendo seu caminhão, cara – devolveu Frank. – Por acaso tem alguma coisa mais importante que isso pra fazer?

– Tenho: ensaio com a banda.



Voltando ao caminhão, Ramsey deu uma última olhada nele. Já o limpava, apagando todos os traços de que alguma vez estivera ali. Sempre mantinha a cabine limpa, mas havia o saco de dormir, os travesseiros, as toalhas, a coleção de fitas cassete, os casacos, o kit de primeiros socorros, o mapa rodoviário, o extintor de incêndio, o despertador, as embalagens de sabão em pó, os rolos de papel higiênico e papel-toalha. Aquela cabine fora o menor apartamento em que ele já tinha vivido e, de longe, o mais confortável. Já passara mais de mil noites ali. Portanto, não era um caminhão que ele estava vendendo, mas uma segunda casa. Talvez até uma casa principal.

Muitos caminhoneiros eram porcalhões que atulhavam o veículo com todo tipo de imundície: roupas sujas, restos de fast-food, batatas fritas murchas, latas de refrigerante, guimbas de cigarro, pacotes vazios de tabaco, escarradeiras, garrafas cheias de mijo, revistas pornográficas, papel-toalha usado e amassado (geralmente com melega ou porra), o que você conseguir imaginar. *Esta é a sua casa, rapaz*, foi o que Ramsey disse muitos anos antes a um motorista em início de carreira, bastante generoso com seu estoque de comprimidos. *É esse cheiro que você vai sentir o tempo todo, até quando estiver dormindo*. Ramsey não era nenhum caga-regras, mas quando via alguém mais jovem que ele sem saber que rumo seguir na vida, julgava ser sua obrigação dar um empurrãozinho na direção certa, mas só quando intuía que isso podia fazer alguma diferença.

E a verdade era que a cabine de um caminhão era um lugar bastante decente para quem sabia cuidar dela. Aliás, mais do que decente. Ramsey havia descoberto isso logo no início da profissão, mas deixara de lhe dar o devido valor até pouco tempo antes, nos últimos meses. No pico de um verão escaldante, em uma estrada no

meio do nada, quem tinha uma cabine própria, bem refrigerada e com a música certa tocando no rádio era o rei do pedaço.

Mas agora seu reinado havia chegado ao fim. Ele abriu o compartimento entre os bancos, onde guardava alguns itens importantes: fotos de Allie e Meg, um caderno no qual às vezes anotava uma ideia surgida no meio da estrada, uma letra de música, coisas assim. Alguns suvenires colecionados ao longo dos anos: uma caveira de vaca em miniatura, esculpida em osso por um sujeito de Amarillo; um colar de miçangas; uma pedrinha azul de face lisa que ele havia encontrado em meio ao nevoeiro do amanhecer numa praia em Trinidad, na Califórnia; pinhas do Colorado que ele havia colhido numa tarde ventosa de verão, após parar o caminhão na parte mais larga de um desfiladeiro que cortava as Montanhas Rochosas e comer seu almoço numa mesa de piquenique. Ele foi jogando todas essas coisas dentro de um saco de lixo preto.

Recolheu seu exemplar de *O eixo orbital*, a capa já amarfanhada, a lombada gasta, e por muito pouco não cedeu à tentação de poupá-lo. Após anos mudando de um apartamento para outro, adquirira o hábito de levar apenas aquilo que considerava realmente útil. O livro o havia levado a vender o caminhão. Pois bem, lá estava ele fazendo isso. Jogou o livro dentro do saco preto e deu um nó na ponta.

A cabine parecia limpa e cheirava a limpeza, porém não era mais seu castelo. Antes de se envolver com Allie, ele vivia mudando de endereço, as ordens de despejo sempre frequentes. Já havia esquecido como era triste precisar abandonar um lugar – mesmo quando não gostava dele –, ao constatar que jamais voltaria a sentir aquele cheiro em particular. Mesmo quando eram lugares em que vivera apenas três ou quatro meses antes de ser enxotado pelo filho da puta do proprietário. Aquilo tinha a ver com a noção de mortalidade. Abandonar um lugar era o mesmo que encerrar um capítulo da vida e começar outro mais próximo do final.

Agora, com as chaves no bolso, documentos numa mão, saco de lixo na outra, ele olhou mais uma vez para o caminhão e fechou a porta.

Não teria precisado vendê-lo para embolsar 15 mil. Não era exatamente pobre. Tinha suas economias, que, se não bastavam, chegavam perto disso. Mas os atos simbólicos também eram importantes. Preencher um pedido de saque no banco não significava nada, mas vender um caminhão significava comprometimento. Finalidade. Em junho ele havia prometido a Allie que não venderia nada, e mantivera sua palavra, trabalhando até aquele dia. Como de costume, Allie estava coberta de razão: trabalhar era a melhor coisa do mundo. Ele ergueu o saco de lixo e o arremessou sobre os demais empilhados na caçamba verde atrás do escritório.

Mas trabalho era coisa do passado. Dinheiro vivo, era isso que importava agora. E essa era a maneira correta de obtê-lo, constatou, já entrando no trailer.



O rapaz se atrapalhava até mesmo nos cálculos mais básicos e toda hora apertava o botão errado na calculadora. Quase uma hora se passou antes que Ramsey conseguisse concluir o negócio com Frank. Mas tudo bem. A transferência de título já havia sido feita e as chaves estavam sobre o balcão. Frank ganhou duas notas de 100 dólares, cortesia de Ramsey.

- Duzentas pratas? Pelo quê?
- Pela ajuda que você me deu hoje, Frank.
- Caramba.
- Como eu disse, faça alguma coisa bacana com sua garota.

Nos bolsos da frente da calça de Ramsey estavam as outras 147 notas de 100 dólares, mais outras cinco de 20. Uma dessas últimas

se destinaria ao táxi que o levaria até o estacionamento da Boater's World, onde havia deixado seu carro. Fazia anos que o gerente da loja permitia que ele estacionasse o caminhão ali quando não estava na estrada, e o carro quando estava. Depois de dirigir um caminhão, conduzir um Volkswagen parecia brincadeira de criança.

Eram 13h45 quando ele chegou à igreja metodista e passou pela porta da creche. Se dependesse dele, a creche da menina não seria numa igreja, mas Allie havia pesquisado bastante e concluía que aquela era realmente a melhor.

– Vim buscar Meg Miller – disse à mulher sentada na cadeira de rodinhas. – Não vi ninguém na Sala da Joanelinha.

Conhecia-a de vista e não ia nem um pouco com a cara dela. Por isso sua expressão de desagrado. A mesa dela estava atulhada de pilhas de papel, uma máquina de escrever e uma caneca branca enorme com marcas de batom na borda. Ela gesticulou para que ele esperasse, como se o formulário que estava lendo fosse a coisa mais importante do mundo. Dali a pouco ergueu o rosto e disse:

– A Sra. Miller falou que o senhor viria às três.

– Pois é. Mas vim às duas.

A mulher suspirou.

– As crianças estão na Salinha de Ginástica. Sabe onde fica?

Ramsey não sabia, e a mulher apoiou as mãos na mesa para se levantar.

– Posso perguntar uma coisa? – disse ele, seguindo-a pelo corredor. – A Meg é a criança mais bacana que já passou por esta creche, não é?

Nas paredes se enfileiravam ganchos com casacos e mochilas pendurados e, acima de cada um, havia o nome de uma criança.

– Meg é muito bem-comportada.

– E meiga também – completou Ramsey.

– Sim – concedeu a mulher.

– Até o diabo sabe disso – comentou Ramsey, apenas para deixar a mulher horrorizada.

Riu internamente quando a viu revirar os olhos.



Em três meses, Meg completaria 3 anos. Preferia correr a andar. Tinha cabelos cacheados que formavam tufos engraçadíssimos quando ela acordava de manhã, a risada mais gostosa do planeta e uma facilidade impressionante com números e letras, exceto pela parte mais difícil entre o U e o Z. Adorava a cor laranja.

Assim que avistou o pai à porta da sala, a menina veio correndo com um sorriso enorme e os braços rodopiando no ar.

– Papai! Papai! Papai!

Nunca ficava tímida na presença de Ramsey, nem mesmo quando ele voltava de uma viagem mais longa. Ele era grato a Allie por espalhar fotos deles – dele – por toda a casa, como faziam as esposas de militares, para que a menina nunca se esquecesse do rosto do pai. Nada mais triste do que sua própria filha não reconhecer você.

Ramsey entrou na sala.

– Oi, meu amor!

Já havia reparado que outros pais ficavam olhando constrangidos à sua volta sempre que os filhos demonstravam afeto publicamente. Era este o problema com os homens: viviam preocupados com o que as pessoas pensavam.

Quando Meg o alcançou, Ramsey a ergueu bem alto e rodopiou com ela algumas vezes, beijando-a no rosto enquanto ela apertava seu nariz. Em seguida foi com ela para o carro.

Teria partido em um segundo se não fosse a dificuldade em prender a filha na cadeirinha no carro. Depois de um instante, a menina começou a se irritar com a demora. Ramsey tentou se lembrar de alguma canção infantil, qualquer uma.

– “Eu adoro lixo...” – cantarolou a música dos Muppets.

– Não quero essa! Quero a do Barney! – berrou Meg, ainda agitada na cadeirinha, soltando o ombro que à custa de muito esforço ele acabara de prender.

As lágrimas eram reais.

Ramsey não gostava do Barney – na verdade não fazia ideia do que o dinossauro costumava cantar –, então ignorou o pedido.

– Vamos, Meg. Deixe o papai terminar...

Mas a menina continuou se debatendo.

Ramsey já estava ensopado de suor quando enfim conseguiu amarrar a filha, ainda aos prantos, à cadeirinha. Deu partida no carro e ligou o rádio, o que a acalmou. Nesse momento, contou à menina que eles estavam indo ao parque e o rostinho dela se iluminou imediatamente. Que burrice não ter dito isso *antes* da luta com a cadeirinha...

A programação da tarde era simples: parque, casa, ensaio com a banda. Durante toda a semana ele havia ansiado por aquela hora que passaria sozinho com a filha. Quando Meg ainda era um bebê e não sabia sentar, não dava bola para os brinquedinhos e mal fazia alguma coisa, as horas com ela demoravam uma eternidade para passar. Agora não. Agora ela fazia tudo: corria, jogava bola (em geral para dentro de algum matagal) e subia no colo com a agilidade de um macaquinho. Quando ele passava muito tempo longe, na volta ela o recebia com um repertório inteiro de palavras recém-aprendidas e técnicas novas para que o pai lhe obedecesse.

No parque havia um lago raso com tartarugas que as crianças podiam alimentar com pedaços de pão. Ramsey tinha se esquecido de trazer as migalhas, mas Meg se contentou em jogar pedrinhas na água. Depois que se cansou, foi brincar nos escorregadores. Ramsey se sentou no banco de metal verde de uma das mesas de piquenique e ficou vendo a filha se divertir. Naquela tarde ensolarada, sua vontade era que o tempo parasse por completo ou pelo menos passasse mais devagar, mas os segundos pareciam voar.

Meg era fruto de sua relação com Allie, mas não era igual a nenhum dos dois. Aos poucos ia se transformando numa pessoa única.

Quando olhou para o relógio, viu que mais de meia hora já havia se passado.

– Muito bem, Meg. Hora de ir.

– Não, papai! – gritou ela, e saiu correndo para a gangorra amarela.

Àquela altura, um homem vinha na direção deles com os dois filhos, um menino e uma menina, ambos um pouco mais velhos que Meg. De paletó com a gravata afrouxada e as mãos enterradas nos bolsos da calça de sarja bege, cumprimentou-o com a cabeça assim que viu Ramsey. Não havia nada mais deprimente do que dois homens num parquinho: os acenos tristes, a conversa tediosa sobre a necessidade de serem pai e mãe, o semblante de quem saiu de casa para jogar futebol com os amigos mas de algum modo foi parar ali.

– Já estamos indo – disse Ramsey a ele. – Um bom fim de semana pra você.

O homem fez um gesto de disparar com uma pistola imaginária na direção dele e depois gritou para que o filho, Tino, NÃO tirasse o boné da cabeça, como já havia feito um milhão de vezes.

– São todos surdos nessa idade – comentou ele com Ramsey, e se adiantou para recolher o boné que o menino havia jogado no chão.

Ramsey vinha pensando como faria para sair daquele parque sem a filha cair no choro quando ela correu a seu encontro, pegou sua mão e disse:

– Quero ir embora.

Era uma criança muito imprevisível.

Já estavam a meio caminho do carro quando, do nada, ela olhou para ele e falou:

– Dar comida pras tartarugas.

– A gente já fez isso, meu amor. A gente já deu...

– Tartaruga! Tartaruga! Tartaruga! – começou a berrar a menina, já se desvencilhando da mão de Ramsey.

Então eles voltaram à ponte e jogaram mais algumas pedrinhas na água, até que Meg pediu:

– Quero a mamãe.

Em seguida saiu caminhando para o carro e, para grande surpresa de Ramsey, sentou-se na cadeirinha sem oferecer nenhuma resistência.

Chegando em casa, Ramsey avistou a picape de Eric e o Chevrolet El Camino de Paul, parados na contramão da rua. O chassi do primeiro estava imundo de lama seca. O segundo era uma banheira enferrujada e amassada, com um saco preto de lixo colado com fita adesiva no lugar do vidro de uma das janelas traseiras. Ramsey podia muito bem imaginar o horror dos vizinhos ao ver aquilo.

Ele e Allie tinham se mudado do outro lado da cidade para o bairro de Sandy Oaks assim que decidiram que ela pararia de tomar pílula. Ali moravam pessoas que tinham os próprios escritórios e as próprias secretárias. Quando indagadas, diziam-se “numa posição confortável”, o que não passava de papo furado. Todas eram ricas, isso sim. *Ele* era rico. Assim como qualquer um que podia se dar ao luxo de não pensar em quanto custavam as coisas, fazer contas antes de dormir e ao sair da cama no dia seguinte. E que maravilha era morar num lugar em que ninguém acordava de madrugada pelos gritos obscenos de algum bêbado, pelo barulho de garrafas estilhaçadas na rua, pelas sirenes de um carro de polícia.

Mesmo depois de três anos naquele bairro, toda vez que chegava em casa Ramsey tinha a impressão de que estava ali para visitar alguém mais rico, mais educado e mais respeitável do que ele. Precisava lembrar a si mesmo que agora, de certa forma, também tinha todas essas qualidades e que havia suado muito para chegar lá.

– Chão, papai!

Meg sempre gostava de descer do colo para entrar em casa com os próprios pés. A caminho da porta, ficou de quatro para examinar as formigas, perguntando repetidas vezes onde ficava o “bucaro” (buraco?) delas. Dentro da casa já era possível ouvir as notas graves de um baixo. Ramsey as sentia no peito do mesmo modo que percebia as vibrações do caminhão antes de engatar a primeira marcha e seguir viagem para algum lugar. Mas agora não havia caminhão nem viagem.

– Está sentindo isso? – perguntou ele.

Meg bateu na porta vermelha, dizendo:

– Casa...

– Isso mesmo, meu anjo – falou Ramsey, acariciando a cabeça da menina. – A gente chegou em casa.

4

22 de setembro de 2006

Wayne e Kendra nunca tinham escondido de Melanie que a criavam porque seus pais não podiam fazê-lo. Quando ela tinha 5 anos, disseram-lhe que a mãe havia morrido e o pai viajara para muito longe, mas que os tios a amavam muito e a consideravam sua filha legítima. Essa era uma das lembranças mais remotas de Melanie. O que ela recordava com mais clareza eram os dois se aninhando com ela na cama para fazê-la parar de chorar, junto com uma tigela enorme de pipoca com manteiga, para ver seu filme predileto: *A pequena sereia*.

Aos 10 anos, eles lhe contaram que um homem muito perigoso havia tirado a vida da sua mãe e, infelizmente, ainda não tinha sido preso. Continuava tão perigoso quanto antes, e era por isso que precisavam viver escondidos. Dois anos depois, explicaram-lhe que esse homem era seu pai, algo de que ela já desconfiava havia algum tempo.

Agora, sentada ao lado de Phillip na cama que ele arrumava sempre com tanto capricho, o ar-condicionado fazendo o possível para manter o cômodo fresco, Melanie resumiu para o namorado o que havia descoberto ao longo dos anos: seu nome real era Meg Miller, tinha cerca de 3 anos quando seu pai deu uma festa e, mais

tarde na mesma noite, estrangulou sua mãe e jogou o corpo dela na fogueira de pedras que eles tinham no quintal de casa; Melanie fora dada como morta também, mas Wayne e Kendra haviam conseguido levá-la para bem longe; a certa altura o FBI, trabalhando em conjunto com a polícia de dois estados, colocou em prática um bem-sucedido esquema de proteção, mas até aquele momento não haviam conseguido capturar seu pai assassino.

– Mas ele sabe que você está viva – disse Phillip, finalmente, após um longo silêncio.

– Claro que sabe.

– Então por que o segredo?

– Pra manter os repórteres e os curiosos longe da gente. Enquanto continuarem achando que estou morta, não virão atrás de mim e não poderão ajudar meu pai, mesmo que de forma involuntária, a me encontrar. Seja como for, a decisão precisou ser tomada muito rápido. E também ninguém imaginava que iam demorar tanto pra encontrá-lo.

– Você ainda tem medo do seu pai? – perguntou Phillip, acariciando a mão dela com o polegar.

– Tenho pavor. Ele é um psicopata.

– Posso fazer uma pergunta? Por que só agora você resolveu me contar tudo isso?

Melanie achou melhor não falar sobre a aula dos fractais. Mas... poxa, será que o cara não havia notado os seios inchados, as manchas na pele? Não achava estranho que de uma hora para outra ela tivesse passado a recusar todas as taças de vinho que ele oferecia?

Por que ela havia resolvido contar tudo agora? Porque agora não era mais apenas ela. Antes de contar sobre sua atual condição, porém, Meg precisava saber qual seria a reação de Phillip ao ouvir sobre seu estranho passado.

– Já fazia um tempo que eu queria contar, mas tinha medo de assustá-lo, de afugentá-lo. Você não vai se afastar de mim, vai?

Ele passou o braço pelos ombros dela.

– Claro que não, mas... – Ele franziu a testa.

– Mas o quê?

– É que essas coisas todas aconteceram há muito tempo. Você agora tem uma identidade nova e, claro, não é mais uma menina de 3 anos. Por que...? O que a faz pensar que seu pai ainda está atrás de você?

Ela podia contar sobre as cartas, provas concretas de que Ramsey Miller ainda andava por aí causando problemas. Podia falar das inúmeras vezes em que tinha a impressão de que alguém a espiava de longe; ela percebia algo de relance, virava a cabeça para ver o que era e não encontrava nada. Mas os calafrios não iam embora. Mesmo quando estava no quintal de casa, em plena luz do dia, havia ocasiões em que podia jurar ter visto algo se mexer do outro lado das cercas vivas. Mas tudo isso não passava de impressões, alucinações, então decidiu responder à pergunta de Phillip de outra forma.

– Os peritos acham que minha mãe ainda estava viva quando meu pai a arrastou para a fogueira de pedras. Primeiro ele a estrangulou, depois a deixou ali para ser queimada. – Ela examinou os olhos do namorado, esperando ver neles algum sinal de compreensão. – O que estou querendo dizer é o seguinte: não posso me dar ao luxo de ser otimista.

Phillip permaneceu calado por um tempo. Talvez estivesse imaginando a situação toda, os detalhes mais horrorosos do crime. Por fim, disse:

– Seus tios não podem passar o resto da vida cuidando de você. Acho que posso muito bem tomar o lugar deles. Não tenho medo.

– Não?

– Não, não tenho – retrucou ele, e arriscou um sorriso. – O que é estranho, porque na realidade tenho medo de um monte de coisas.

– Ah, é? Tipo o quê?

– Ah, de quase tudo. De voar, por exemplo. E de altura.

– Medo de voar e medo de altura são a mesma coisa.
– Não pra mim. E tenho medo de tornados também.
– Você não mora num trailer – observou ela. – Eu e meus tios já passamos por alguns apertos quando eu era pequena.
– E morro de medo de precisar fazer uma ressuscitação cardiopulmonar em algum aluno lá na escola e não conseguir. E de ser soterrado por uma avalanche.
– Só isso?
Ela achou que ele fosse dizer que sim, mas não.
– E de pegar raiva também.
– Tipo depois de ser mordido por um morcego?
– Um morcego, um guaxinim...
– Mas você não tem medo de um assassino?
– Não. Só disso que eu falei. Talvez porque você seja mais importante pra mim do que morcegos, aviões, etc. – Com um sorriso mais confiante, ele acrescentou: – Você está tão linda...
Começou a beijar a boca de Melanie, depois desceu para o pescoço. Ela pousou a mão no braço dele.
– Sério, Phillip. Preciso saber se essa história é pesada demais pra você.
– Sério, Melanie. Não é.
– Não responda assim tão rápido. Quero que você reflita bastante sobre tudo isso.
– *Não é* – insistiu ele, olhando-a direto nos olhos. – Estou preparado pro que der e vier.
Melanie hesitou um instante.
– Que tal mais uma surpresa? – disse afinal. – Acha que seu coração aguenta?

◆◆◆

Na caixa de camisinhas dizia: "96% de segurança". No entanto, como ficou provado, a diferença entre 96% e 100% era grande o bastante para que hoje ela estivesse na décima semana de gravidez. Além de Phillip, a única pessoa que sabia da gestação era o médico do posto de saúde da faculdade, que havia confirmado o resultado de todos os testes de farmácia que ela fizera e lhe dera aquele monte de panfletos para ler em casa ("Seu guia para uma gestação saudável", "Aleitamento materno, tudo o que você precisa saber", "Parto: antes, durante e depois"). Foi o que ela fez naquele dia mesmo, à noite, na privacidade do seu quarto, antes de escondê-los atrás de uma caixa de roupas velhas no armário.

Ela havia tomado todas as precauções, mas o resultado não tinha sido muito diferente do que acontecera no ano anterior com uma menina do colégio que ela ouvira dizer: "A gente achou que Deus não ia deixar que eu engravidasse." E suas opções agora (abortar ou trazer uma vida nova para as agruras da clandestinidade) eram igualmente terríveis para que ela as aventasse. Então, em vez de pensar nisso mais a fundo, nas primeiras semanas seguira em frente como se nada tivesse acontecido, trabalhando, indo à faculdade, lendo seus romances policiais. E os panfletos lá, abandonados no armário.

Por isso ela era grata ao professor que havia resolvido falar de fractais naquela tarde. Ao pensar neles, conseguira enxergar que não queria mais continuar escondida de tudo e de todos, tampouco queria que o bebê que carregava no ventre levasse uma vida semelhante. Esses dois desejos estavam intimamente relacionados: não fosse pela gravidez, ela não teria motivo para deixar de ser a garota medrosa de sempre.

Logo que contou a Phillip que estava grávida, viu-o empalidecer da mesma forma que ela em seus enjoos matinais.

– Não vou tirar essa criança – ela foi logo dizendo. – Só pra você saber.

Phillip falou todas as coisas certas: prometeu que ficaria do lado dela, que daria todo o seu apoio. Chegou ao ponto de afirmar que estava “animado com a ideia”, o que Melanie adorou ouvir, mesmo sabendo que se tratava de uma mentira. Depois de alguns instantes, ele se recompôs e a cor voltou a seu rosto. Aos poucos, os dois tópicos do dia – o passado dela e o presente deles – se misturaram num só.

Melanie sabia que Phillip achava o namoro deles estranho. Como poderia ser de outra forma? Os dois quase não saíam juntos, a não ser para tomar um café ou um refrigerante na loja de conveniência do posto de gasolina. Às vezes, iam jantar no McDonald’s que ficava na beira da estrada. Melanie o deixara achar que a reclusão se devia à diferença de idade, ao fato de ele ser professor no colégio do qual ela acabara de sair.

À medida que fora adquirindo segurança na relação, ela começara a insinuar que o problema era maior que isso. Tinha vontade de contar tudo, de se abrir por completo, mas acabava recuando toda vez que Phillip perguntava mais, não porque tivesse alguma reserva quanto ao caráter dele, mas porque não tinha a inocência dele em relação à vida. A reticência dela não era em relação a Phillip, mas ao otimismo dele.

Agora, porém, as coisas haviam mudado, e ele tinha o direito de saber de tudo. A cada segredo revelado, foi se sentindo mais leve e menos sozinha, algo até então inédito em sua existência. Depois que ela terminou de falar, Phillip ainda manteve o braço em seu ombro por um longo tempo.

Já era quase noite. Melanie sabia que devia ligar para os tios. Não queria que ficassem preocupados. Mas também não adiantaria argumentar com eles. Imaginou-se falando a verdade: “Estou na casa do meu namorado. Ele tem 23 anos.” Eles exigiriam que ela voltasse imediatamente para casa. E ela obedeceria, deixando-se ser sugada de volta para o trailer de Notres Pass.

Então, talvez ela quisesse, sim, que eles ficassem um pouquinho preocupados. Talvez só precisassem disso para entender de uma vez por todas que ela não era mais nenhuma criança. A única certeza de Melanie era que precisava prolongar aquele momento com Phillip até o jantar, ou mesmo depois dele, independentemente das repercussões que isso pudesse ter com os tios, ou justamente por causa delas.

Então ela ficou. E não ligou para ninguém. Dormiu na cama aconchegante de Phillip e, no sábado de manhã, acordou ao lado dele com o quarto ainda escuro, ao som da algazarra dos pássaros. Ficou um tanto surpresa por ele ainda não ter fugido para o mais longe possível em seu Mazda ou em algum automóvel que tivesse parado para ele na estrada. Satisfeita, voltou a dormir. Acordou de novo com a voz desafinada de Phillip, cantarolando na cozinha enquanto arrumava a bagunça da véspera. O caráter de intimidade da situação fez com que se sentisse ao mesmo tempo grata e perplexa. Teve a sensação de que aquele momento era um divisor de águas, um corte entre todos os dias do seu passado e todos os dias do seu futuro.

O ar-condicionado bloqueava a vista da janela, mas não havia barulho de chuva. Isso significava que ainda estava de pé o plano que eles haviam feito às pressas antes de dormir, um plano inconsequente na opinião de Melanie, mas com o qual havia concordado.

A feira da igreja batista começaria às onze. Haveria barraquinhas de jogos e comida, brinquedos de parque. Eles iriam juntos e passariam a tarde lá, como pessoas normais.



Tanta gente lá, e ela agora andava na direção deles. A empolgação da noite anterior já havia diminuído consideravelmente

durante o café da manhã, e mais ainda no caminho até a feira. Até aquele momento ela havia conseguido comprimir o medo até a menor partícula possível, mas assim que pisou no terreno da igreja, sentiu o corpo inteiro se retesar. Seria fácil largar a mão de Phillip, correr de volta para casa e pedir desculpas aos tios por tamanha ingratidão.

Obrigou-se a seguir em frente.

Enquanto rumava para o centro da feira, contornando as poças de lama, Melanie ficava atenta à aparição de algum conhecido, torcendo para que ninguém fosse falar com ela. Andava com a cabeça baixa, evitando fazer contato visual com quem quer que fosse, falando em monossílabos que se perdiam facilmente em meio à algazarra da feira. Volta e meia Phillip perguntava o que ela tinha dito. A certa altura ele parou e colocou as mãos nos ombros dela.

– Melanie... As pessoas não estão nem aí pra gente.

Ela optou por acreditar nele e tentou relaxar. Correndo os olhos à sua volta, viu crianças berrando a plenos pulmões nos brinquedos, grupinhos se formando diante das barracas de jogos, as colunas de fumaça que se projetavam das barracas de comida, os casais passeando de braços ou mãos dadas. Enchendo-se de coragem, ela deu a mão a Phillip e deixou que ele a conduzisse.

Assim que sentiu o cheiro de carne defumada, cachorro-quente e pipoca, achou que fosse enjoar, mas aconteceu o contrário: de repente se viu com uma fome quase incontrolável, querendo devorar todas as comidas de uma vez. E o barulho metálico dos brinquedos, a gritaria nas barracas de jogos, o zumbido dos geradores, a música dos realejos, tudo isso a tomou de assalto num único golpe, produzindo outro tipo de ânsia que chegava a doer. *Quanta coisa eu perdi até agora*, pensou. Mas logo se corrigiu. Não havia perdido nada: estava ali, naquele momento, vivendo tudo aquilo.

De repente ela parou na grama rala do caminho, olhou ao redor e foi batendo os dedos contra a palma da mão: um, dois, três...

– O que você está contando?

– Estou criando uma lista mental de todas as coisas que nunca fiz.

– E o que já tem nessa lista?

– Comer churros.

– Uau. E o que mais?

– Andar na roda-gigante.

– Acha que é uma boa ideia?

– Como assim? – disse ela, e entendeu quando ele passou a mão carinhosamente na sua barriga. – Não tem problema nenhum. É bem devagar, olha lá.

Eles ficaram observando até que a roda parou e duas crianças aparentando 7, 8 anos saltaram para fora. As demais gôndolas esperavam no alto, balançando lentamente com a brisa.

– Então, vamos?

– Nem pensar.

– Mas por quê? Achei que a gente podia... – Só então ela lembrou. – Ah, claro. Esqueci. Medo de altura.

– É um medo muito comum.

– Você é uma flor delicada – devolveu ela, dando um tapinha carinhoso na mão dele. – Ah, outra coisa inédita: nunca fui nessas barraquinhas de prêmios.

Então lá foram os dois tentar ganhar algo, primeiro nas argolas, depois na corrida de cavalinhos, na qual Phillip conquistou um honroso segundo lugar, perdendo por pouco para um garoto de cerca de 12 anos que, coincidentemente, parecia um cavalo. O menino comemorou a vitória com um soquinho no ar e foi todo orgulhoso receber o prêmio das mãos do barraqueiro. Quando viu que tinha ganhado um cavalo de pelúcia, vexame imperdoável para um garoto da sua idade, logo tratou de entregá-lo à menininha a seu lado, que apertou o bicho contra o peito com carinho.

Melanie ainda observava a felicidade da garota quando ouviu:

– Sr. Connor! Srta. Denison!

Melanie largou a mão de Phillip no mesmo instante e se virou para trás. Era a Sra. Henderson, sua ex-professora de inglês, aproximando-se com um sorriso estampado no rosto. Estava com as duas filhas.

– Ora, ora, veja quem está aqui! – exclamou a mulher.

– Olá, Sra. Henderson.

– Vejam só, a Bethany acabou de me perguntar se havia algum aluno meu por aqui e eu falei que tínhamos que esperar pra saber. Não foi, filha?

– Foi – respondeu a mais velha da dupla, que tinha 6 anos.

– Não, fui *eu* que falei – disse a outra, de 3.

– Não foi, *não!* – atalhou Bethany.

– E então, aí está você, linda como sempre – prosseguiu a professora. – O que tem feito da vida?

– Estou fazendo algumas matérias na Mountain Community – contou Melanie.

Só então se deu conta do orgulho que tinha daquela pequena conquista.

– Que bom! – exclamou a Sra. Henderson. – Pensei que você tivesse decidido não seguir com os estudos...

– Meus pais e eu conversamos sobre o assunto.

Ela sempre se referia a Kendra e Wayne como pais. Despertaria muita curiosidade se os chamasse de tios.

– Pois é. Os pais realmente sabem o que é melhor para os filhos – retrucou a professora. – Mas então vamos falar do que interessa: Phillip, por que não me contou que estava namorando esta lindeza aqui, hein?

– Queríamos ser discretos, só isso.

O namoro deles não tinha nada de mais, não chegava a ser escandaloso. Phillip nunca havia sido professor de Melanie, e a diferença de idade entre eles era de apenas seis anos (cinco a partir de dezembro). Ele se formara na Universidade de Connecticut e estava ali como parte do programa da Teach for America, uma

organização não governamental que recruta recém-formados para dar aulas em comunidades carentes ou remotas. Já havia cruzado com ela inúmeras vezes nos corredores da escola, claro, mas Melanie já tinha terminado o ensino médio quando enfim eles se conheceram oficialmente, na loja de artigos de escritório em que ela trabalhava, quando ele aparecera lá como cliente.

– Ah, mas que bobagem... – disse a sra. Henderson. – Os segredos têm vida curta aqui em Fredonia. Seja como for, você fez uma ótima escolha. Melanie quase não abria a boca em sala de aula, mas é tão inteligente quanto... Caitlin, não faça isso, por favor. *Caitlin*. Você vai ficar imunda de lama! – Ela puxou a caçula pela mão, ajudou-a a ficar de pé, depois voltou à conversa: – O amor dos jovens é uma coisa maravilhosa! – Então sussurrou para Melanie: – Mas tome muito cuidado com esses rapazes da cidade grande, ouviu bem? São impossíveis!

Melanie forçou um sorriso.

– Estávamos a caminho da roda-gigante – comentou Phillip.

– Claro. Divirtam-se! – exclamou a mulher. Então deu uma piscadinha para Phillip e acrescentou: – Quanto a você, rapazinho, a gente se vê bem cedo na segunda-feira!

Phillip retribuiu o sorriso, esperou que ela se afastasse com as filhas e disse:

– Essa mulher é uma idiota.

– Ela sempre foi legal comigo.

– Tudo bem, mas me responda uma coisa: você aprendeu algo com ela?

Boa pergunta. Melanie tinha mais informações sobre os progressos de Caitlin no vaso sanitário do que sobre *Hamlet* ou qualquer outro clássico da literatura de língua inglesa.

– Bem...

– Além disso, ela me trata como se eu fosse uma criança. Sabia que ela só tem 26 anos?

Isso parecia impossível.

– Me diga uma coisa: quando ela falou que eu precisava tomar cuidado com os rapazes da cidade grande... sobre o que exatamente ela estava me alertando?

Phillip se deteve.

– Dorme lá em casa de novo hoje que eu te mostro – falou.

Melanie corou.

– Vou para a fila da roda-gigante agora.

Era quase uma da tarde e o clima estava bem mais fresco do que no dia anterior, perfeito para um passeio ao ar livre. Enquanto aguardava sua vez, Melanie pegou uma florzinha da grama e a colocou atrás da orelha. Dali a pouco o funcionário a conduziu a uma gôndola verde-clara, baixou a trava e lhe desejou uma boa viagem. Segundos depois ela já balançava devagar lá no alto. A roda não era exatamente gigante, mas oferecia uma vista das ruas da cidade com suas casas, jardins e carros. Na feira, grupinhos se formavam diante dos diversos brinquedos e barracas. A roda completou uma volta e iniciou a seguinte. Movimentava-se lentamente e causava um friozinho gostoso na barriga. Logo ela perdeu Phillip de vista. Esquadrinhando o terreno à procura dele, Melanie viu um grupo de meninos e meninas acenando para todas as gôndolas assim que elas chegavam ao ponto mais alto do giro. Acenou de volta para eles, ainda procurando Phillip. Quando começou a descer, Melanie notou lá embaixo um homem que parecia encará-la. Ao subir mais uma vez, viu-o levantar uma câmera fotográfica.

– Ei, você aí! – gritou ela, mas ele já estava se afastando, misturando-se à multidão.

Assim que passou pelo funcionário da roda-gigante – quantas voltas o brinquedo já tinha dado? –, ela berrou:

– Preciso descer!

Mas ou o rapaz não ouviu ou não deu atenção, e a gôndola subiu de novo. Quando desceu novamente, Melanie, já com lágrimas nos olhos, gritou:

– Por favor!

Chegou a pensar na possibilidade de pular do brinquedo, mas logo se deu conta da própria estupidez. Além do mais, estava presa à gôndola por uma trava de ferro. Aliás, ao descer a barra, o funcionário havia roçado os dedos nas coxas dela. Teria sido sem querer ou ele teria se aproveitado dela? De repente aquela feira havia se transformado num inferno.

Na volta seguinte ela enfim avistou Phillip junto à rampa de embarque e desembarque.

– Quero descer! – gritou para ele, mas àquela altura a roda já começava a parar.

O funcionário foi abrindo as gôndolas abaixo dela para as pessoas desembarcarem, mas fazia isso com uma lentidão enlouquecedora. Primeiro uma, depois outra, depois outra. Quando enfim chegou sua vez, Melanie irrompeu na direção de Phillip, quase trombando com ele.

– Você viu aquele homem?

– Que homem?

Puxando-o pelo braço, ela saiu correndo na direção que o sujeito havia tomado.

– Ele estava me seguindo. Tirou uma foto minha. A gente precisa encontrar esse cara.

Sem parar de correr, ela o descreveu para Phillip: magro, mais velho, barba grisalha, calça jeans desbotada. Eles iam abrindo caminho na multidão, que agora parecia mais densa. Era gente de mais. Eles nunca encontrariam o sujeito. Ele se fora.

Mas de repente, para surpresa de ambos, lá estava o homem numa das barraquinhas de jogos, uma espécie de minibasquete com bolas de pingue-pongue e copinhos coloridos.

– Por que você tirou uma foto de mim? – perguntou Melanie, sem fôlego, assim que se aproximaram dele.

O homem se virou para trás.

– Tirei, é? – disse, e avaliou o rosto dela por alguns segundos. – Ah, sim, na roda-gigante. – Estendeu a mão e se apresentou: –

Manny Simpson, do *Mason City Democrat*.

– Você trabalha pro jornal?

– Claro. – Fez um gesto em direção à câmera: – Estou tirando fotos pra edição de amanhã.

Melanie respirou aliviada. Quem ela achava que o homem era? Pelo jeito, vinha exagerando na dose de livros de detetive. Mas seu alívio logo terminou.

– Você não pode publicar minha foto.

– Por que não? Você estava tão linda naquela roda-gigante, tão feliz... E com aquela flor no cabelo...

Ela levou a mão à orelha, mas a flor não estava mais lá. Devia ter caído enquanto ela corria pela feira.

– Você não pode publicá-la – repetiu.

– Ela não gosta de ser fotografada – interveio Phillip.

– Estou tirando milhares de fotos, e o jornal não vai usar mais do que duas ou três. Portanto, é pouco provável que...

– Mas você não pode publicar a minha. Prometa que não vai publicar.

– Tudo bem. Prometo. Nada de moça linda e feliz na edição de amanhã – disse o fotógrafo, sorrindo, e em seguida se afastou.

Ainda aflita, e já sem fome nenhuma, Melanie falou a Phillip:

– Quero ir embora.

– Tem certeza?

Ela não queria desapontá-lo. A ideia era que eles, pela primeira vez, passassem o dia inteiro juntos. E em público.

– Tenho.

Eles deixaram a feira e foram caminhando na direção da casa de Phillip em silêncio. Depois de algum tempo, ele perguntou:

– E se fosse eu com uma câmera? Só por curiosidade. Você me deixaria fotografá-la?

Melanie refletiu por um segundo.

– Não.

– Você não confia em mim?

– Não é uma questão de confiança.
– Então é o quê?
– Se eu não quisesse que você me fotografasse nua, você compreenderia? Mesmo que você não tivesse a menor a intenção de mostrar essa foto a ninguém?
– Claro que compreenderia.
– Então pense assim: é como se eu estivesse nua o tempo todo.
– Melanie não gostou da própria resposta, achou ríspida demais. Então emendou: – Olha, eu preferiria não ter que dizer isso, mas vou dizer. Preciso que você me proteja. Não como um policial ou como um pai. Não sou nenhuma criança indefesa. Mas também não sou uma universitária como as outras. Estou sempre olhando para os lados, desconfiada. Não estou brincando.

– Entendo perfeitamente – retrucou Phillip, acariciando o braço dela. – É só que já faz tanto tempo...

O toque dele era maravilhoso, mas Melanie precisava que ele compreendesse.

– Faz só um dia que você está lidando com essa situação. Pra mim já são quinze anos.

O sol havia saído de trás das nuvens e começava a esquentar o chão. Em pouco tempo o calor estaria opressivo como no dia anterior. Eles recomeçaram a caminhar.

– Deixa pra lá – acrescentou Melanie. – Outro dia a gente conversa.

– Tudo bem. – Phillip a envolveu com o braço. – Mas acredite em mim: vou conseguir lidar com isso.

Ao ouvi-lo, Melanie ficou mais animada. Mas, três segundos depois, um esquilo despencou da árvore sob a qual estavam passando, ou por ter escorregado ou por um salto mal calculado. O pobrezinho foi atropelando os galhos até se esborrachar no chão, poucos metros à frente deles.

Melanie ouviu um barulho: *flap, flap, flap, flap, flap.*

O animalzinho ficou imóvel por alguns segundos até que voltou a si e partiu em disparada na direção da árvore seguinte.

Melanie olhou para a esquerda e não viu Phillip. Ao se virar para trás, localizou-o a uns 20 metros de distância, visivelmente envergonhado, arrastando os chinelos que denunciaram sua fuga.

– Que diabo foi isso? – perguntou ela.

– Levei um susto, só isso.

– Você fugiu de um esquilo?

Ele voltou a se aproximar.

– Podia ser um esquilo raivoso.

Melanie saiu caminhando depressa à frente de Phillip, o homem cujos medos, antes tão engraçadinhos, começavam a ganhar outro peso. Talvez tivesse gostado dele por causa das enormes diferenças que o separavam de Wayne e Kendra. Mas se os tios a estavam sufocando, um namorado medroso não era muito melhor. A covardia dele poderia colocá-la em risco.

– Preciso voltar pra casa – disse ela. – Neste momento preciso ficar longe de você.

– Melanie...

– Vamos só sair daqui.

Pouco a pouco o barulho da feira foi se dissipando. Logo ouviam-se apenas os passos dos dois, os carros passando, a cantoria dos pássaros e, no alto das árvores, a agitação dos esquilos que pareciam zombar do casal. Quando enfim chegaram à casa de Phillip, os dois ainda não haviam trocado uma única palavra. Melanie pegou sua mochila e voltou para a porta da frente.

– Me desculpe – lamentou-se Phillip.

Ela nem conseguiu olhar para ele, falar o que quer que fosse. Não porque quisesse castigá-lo com seu silêncio, mas porque estava enjoada, suada e exausta. Então apenas desceu os degraus da soleira e seguiu para o carro.

Havia apenas uma maneira de lidar com o estresse que certamente enfrentaria ao chegar em casa. Mal havia acabado de

entrar em Notres Pass e transpor o caminho de cascalho quando os tios irromperam do trailer a seu encontro.

– Estou bem – foi logo dizendo, e bateu a porta do carro às suas costas. – Passei a noite com um cara que estava namorando. Mas as coisas não deram certo entre nós. Estou um caco, preciso descansar. Podemos conversar sobre o assunto na hora em que vocês quiserem, prometo, mas não agora. Sinto muito, muito mesmo, por ter causado toda essa preocupação, mas amo muito vocês.

Passando entre os tios com o rosto vermelho de humilhação, ela seguiu para o trailer e se trancou no quarto.

Wayne e Kendra não foram atrás dela – mais um grande mérito dos tios.



Fazia uma hora que ela havia saído do quarto. Estava deitada no sofá da sala com os pés cruzados no colo da tia. Wayne ocupava a poltrona à frente delas.

– Pensei que esse namoro tivesse um futuro – disse Melanie. – Mas estava errada. Simples assim. Mais uma vez, me desculpem por ter causado tanta preocupação. Sei que agi muito mal.

Ela havia esperado um escândalo ao chegar em casa. Wayne e Kendra não tinham o hábito de gritar, mas ela também nunca passara a noite fora. Sequer havia uma proibição nesse sentido, pois algo do tipo chegava a ser impensável.

No entanto, não houve nenhum sermão quando ela enfim saiu do quarto, apenas muitos abraços dos tios preocupados mas infinitamente pacientes. Aqueles dois eram mesmo maravilhosos, ela tinha que admitir.

– Quem é esse homem? – quis saber Wayne.

Melanie balançou a cabeça.

– Não importa. Já acabou.

- Quando vocês se conheceram? – perguntou Kendra.
- Ele machucou você? – indagou Wayne.
- Não, nada disso. É um cara legal. Não deu certo, só isso.

Wayne e Kendra se entreolharam.

- Você contou a ele, não contou? – disse Wayne.

Melanie cogitou mentir, mas sua hesitação denunciou a verdade.

– Então, o que aconteceu? – falou Kendra. – Ele não segurou a onda?

- Mais ou menos isso – retrucou Melanie.

Com os olhos marejados, Kendra pegou a mão da sobrinha.

– É pra isso que estamos aqui. Pra proteger você. Sempre, sempre, sempre...

5

20 de setembro de 1991

Até o fim daquela manhã, sete anos antes, aquele momento extraordinário e absolutamente imprevisto em que Allison Anne Pembroke saiu do elevador no terceiro andar do Hospital Regional Monmouth, a vida de Ramsey não havia chegado a lugar nenhum. Um zero à esquerda, era isso que ele era. Um fracassado cuja existência não tinha nenhum propósito, nenhum sentido. Depois de um ano, os dois ainda estavam juntos e o zero à esquerda passou a ter perspectivas muito melhores do que jamais tinha imaginado. Nos momentos de silêncio ele se fazia a pergunta óbvia: *E se a gente não tivesse se conhecido? O que seria de mim?*

Ramsey costumava pensar nas alternativas enquanto adormecia à noite, ou na estrada, ao abastecer o caminhão. Os cenários que imaginava levavam sempre ao mesmo final: ele morto. Garrafada na cabeça, facada nas entranhas, talvez até um pega fatal movido a anfetaminas. Ou então ele acordava numa manhã cinzenta e, cansado daquela vida, improvisava uma forca com o próprio cinto. Ou algo menos dramático, doença, já que só Deus sabia dos seus descuidos por aí. O mais provável era que morresse do mesmo jeito que tinha vivido: atormentado e sozinho, alheio a tudo e a todos, ignorado por todas as pessoas, incapaz de se doar e de ver beleza

no que quer que fosse. Teria piorado o estado do mundo. Na sua lápide estaria escrito: *Aqui jaz mais um imbecil.*

Antes de conhecer Allie, nunca havia chegado nem perto de se apaixonar por alguém. Na adolescência e na juventude, sofria muito quando parava para pensar nesse deserto amoroso, então procurava convencer a si mesmo de que não estava nem aí. Aperfeiçoara o talento de não dar a mínima para as coisas ao longo de muitos anos, o que vinha a calhar na maioria das circunstâncias, mas também o induzia a correr riscos que ele sabia que não devia. Os carros que roubava, por exemplo. Era de se esperar um arrepio de excitação ao acelerar o motor alheio pelas ruas, ao vasculhar os pertences do proprietário dentro do porta-luvas. Mas para ele não havia arrepio nenhum. O que ele roubava se destinava a pagar o aluguel e comprar comida. As brigas em que se metia também não lhe davam nenhuma satisfação, sobretudo quando terminavam numa cela de delegacia que fedia a quase todos os excrementos possíveis. Além disso, os conflitos não tinham nenhuma causa nobre. Ninguém estava defendendo a honra de ninguém. De modo geral, eram por uma bobagem qualquer. As pessoas bebiam, se irritavam com alguma coisa e dava merda.

Era muito triste essa vida que ele levava, tão aleatória e malévola quanto um cogumelo venenoso que brota na terra após uma chuva forte. Sete anos antes ele havia usado essa mesma metáfora com seu amigo Eric enquanto jazia numa cama de hospital, dopado de analgésicos. Eric tentava animá-lo com suas piadas grosseiras, mas era religioso demais para que as piadas fossem grosseiras de verdade, e de qualquer modo Ramsey não ficaria de bom humor naquele dia. Por conta da própria estupidez, havia sofrido um corte profundo na perna, fora despedido do único emprego bacana que tivera na vida e ainda por cima fora indiciado por agredir um policial num surto de embriaguez.

“Um cogumelo?”, dissera Eric. “Que cogumelo que nada, você é uma mula mesmo.”

Ele tinha toda a razão. No entanto, mula ou cogumelo, um dia depois disso Allie havia saído de um elevador para entrar definitivamente na sua vida.

Ramsey não a merecia, sobretudo naquele momento em que todas as qualidades que podiam redimir seus defeitos se achavam escondidas sob uma espessa camada de autodefesa, negação e agressividade pura e simples, forjada ao longo de muitos anos. Mas eles acabaram se conhecendo e ficando juntos. Allie lhe ensinara o significado do amor, lhe fizera ver que o amor era a verdade que tornava possível todas as demais. Ela aparecera no momento certo, salvando-o de todas as formas possíveis. Então, por ela, Ramsey havia feito aquilo que os seres humanos quase nunca faziam, por mais que quisessem, e menos ainda por outra pessoa.

Por Allie, ele havia mudado.



Ele nem havia encaixado a chave na fechadura quando a porta se abriu. As surpresas foram se revelando aos poucos. A luz do entardecer sempre produzia um efeito bonito no rosto de Allie, mas hoje ela estava simplesmente linda.

Assim que pisou no saguão, Ramsey se assustou com a arrumação da casa. A faxineira vinha às quartas-feiras, entrava e saía com a própria chave, mas já na sexta, sobretudo quando Allie ficava sozinha com a menina a semana inteira, a bagunça era a mesma de antes. Hoje, não.

Ele seguiu a filha para dentro.

– A casa está linda – falou para a mulher. – E você também.

Imediatamente se deu conta de que deveria ter invertido a ordem dos elogios.

– Você não avisou que o pessoal estava vindo – disse Allie.

– Não avisei? Claro que avisei.

– Não avisou, não.

Claro que eles precisavam ensaiar, com o show de domingo se aproximando. Mas talvez ele não tivesse avisado mesmo. Quando viu a mulher se inclinar para dar um beijinho na filha, notou que por baixo do moletom do Monmouth College ela estava usando um sutiã vermelho de renda. A calcinha certamente seria do mesmo conjunto, pensou. Ramsey sabia muito bem que Allie possuía duas coleções de lingerie: uma para quando ele estava viajando e outro para quando estava em casa. As peças mais velhas, já esgarçadas e desbotadas, ele só costumava ver quando estavam no cesto de roupa suja, mas com o nascimento de Meg as coisas tinham mudado bastante. Agora não havia mais tempo nem energia para separar as roupas na hora de lavá-las; a única pergunta que importava era se uma peça específica estava limpa o suficiente para ser usada.

As pequenas surpresas – como a arrumação da casa, a lingerie sexy – eram como ovos de Páscoa a serem encontrados. Por perto, em algum lugar, uma vela acesa dava ao ambiente um perfume outonal. Um CD de Sam Cooke tocava no aparelho de som, mas era quase totalmente suplantado pela barulheira que vinha da garagem.

Meg correu sala adentro e foi para a cozinha. Observar a filha juntos de alguma forma renovou sua união.

– É tão bom ver você em casa... – Pousando a mão no braço do marido, Allison lhe deu um beijo rápido, depois disse: – Obrigada por ter ido buscar a Meg hoje.

– Foi um prazer.

Allie poderia ter ido pegar a menina na creche (em geral voltava mais cedo do trabalho nas sextas-feiras), mas, antes de viajar, na semana anterior, Ramsey avisara que faria isso. Ao longo dos anos ele havia adquirido o hábito de fazer pequenas promessas que era capaz de cumprir para provar a si mesmo que era um homem decente. Dessa vez a promessa tinha nascido da necessidade básica de passar um tempo a sós com Meg antes da infinidade de coisas que ele tinha para fazer naquele fim de semana.

Seis, sete anos antes, ao voltar para casa após uma semana fora, depois de apenas alguns minutos Ramsey já teria se jogado na cama com a mulher. Ela ainda tentava manter a chama acesa – lá estavam a lingerie e a vela perfumada para prová-lo –, e ele tinha plena consciência de que deveria se esforçar mais. Precisava se barbear e dar um bom corte no cabelo. Não gostava de usar óculos escuros e, com o tempo, depois de tanto estreitar os olhos para se proteger da claridade, havia adquirido rugas razoavelmente profundas em torno deles. Tinha que se exercitar mais. Era magro, sempre fora, mas isso não significava que estava em forma. Ao menos não a forma que ele tinha na juventude, quando era capaz de beber duas caixas de cerveja e passar o dia seguinte inteiro sob o sol, limpando o quintal de algum ricoço.

Na cozinha, Meg despregava da geladeira e jogava no chão os diversos ímãs com letras do alfabeto.

– Pensei que a gente podia pedir uma pizza pro pessoal da banda – disse Ramsey. – Naquele lugar bacana.

– Até que horas você acha que vai o ensaio?

– Não sei. Mas fique tranquila, vamos baixar o volume depois das oito. – Essa era a hora de dormir de Meg.

– É que eu achava que a gente ia ter um tempinho a sós hoje.

Àquela altura as letrinhas já estavam por toda parte e Meg focava sua atenção nos animais do celeiro. Assim que a viu arremessar um porquinho de plástico, Allie disse:

– Filha, não faz isso com os bichinhos.

A menina fez um beicinho, pegou uma vaquinha e a atirou do mesmo jeito.

– Minha filhinha está com raivinha, é? – perguntou Ramsey a ela, e reprovou a si mesmo por não ter se lembrado desse truque infalível durante a birra no parque.

– Com raivona! – respondeu ela, já rindo de sua piada particular com o pai.

Ramsey piscou para filha, depois se virou para Allie.

– O negócio é que esse ensaio de hoje não é um ensaio qualquer. O showzinho que a gente vai fazer está chegando.

– Jura? – ironizou Allie, fingindo surpresa. – Puxa, eu não fazia nem ideia.

Tudo bem, ele tinha merecido o sarcasmo. Fazia semanas que não falava de outra coisa. Mas Allie sabia apenas metade da história. Naqueles últimos dias de muito trabalho e muita reflexão, ele não tivera tempo de contar a ela o plano que havia se formado em sua mente. E o ensaio teria que acabar no máximo às dez por conta da lei do silêncio. Pouco depois da mudança deles para Sandy Oaks, um policial havia aparecido às oito e meia num dia de semana para interromper um ensaio. Alguém na vizinhança havia chamado a polícia em vez de bater à porta feito uma pessoa normal e pedir educadamente para que baixassem o volume. Bem-vindos ao bairro.

– Quero que a gente faça uma boa apresentação, só isso – disse ele.

Tirou da geladeira uma caixa de cerveja e a deixou sobre a bancada.

Na mesa da cozinha se espalhavam inúmeros cartões pautados, e havia outros tantos dentro de um ficheiro de plástico. Allie tinha um computador em seu escritório, mas preferia aqueles cartões, que levava consigo a cada um dos consultórios médicos que visitava, sempre vestida com uma saia justa formal, distribuindo simpatia enquanto apresentava qualquer um dos medicamentos recém-lançados sem os quais seus patrões haviam decidido que os ossos, o sangue ou os órgãos dos pacientes não poderiam funcionar. Nas sextas-feiras ela costumava confirmar as visitas previstas para a semana seguinte. Ramsey não deixava de enxergar a ironia de que, em diferentes momentos de suas vidas, os dois haviam trabalhado no tráfico de drogas: ele como repassador de maconha aos 16 anos e Allie, já adulta, como representante de vendas de um megalaboratório farmacêutico. Mas era uma constatação que ele preferia guardar para si.

Allie encheu de água uma caneca da Pequena Sereia e a entregou à filha. Depois disse ao marido:

– Vocês vão tocar pra uma plateia só de parentes e amigos. Todo mundo vai gostar, eu garanto.

– Espero que sim. Falando nisso...

Antes que ele pudesse concluir a frase, porém, o som do amplificador do baixo aumentou muito do nada. A última coisa que ele queria era que o ensaio daquela noite fosse interrompido pela polícia antes mesmo de começar.

– Falando nisso o quê? – perguntou Allie.

Mas Ramsey já subia para buscar sua guitarra no quarto de hóspedes.

– Falando nisso *o quê?* – repetiu Allie, agora berrando.

Segundos depois, Ramsey voltou à cozinha, deu um beijinho no pescoço da mulher e se inclinou para beijar a cabeça da filha.

– Mais tarde eu conto. – Ao ver a centelha de preocupação nos olhos de Allie, acrescentou: – Fique tranquila. A notícia é boa. Uma surpresa. Ah, antes que eu me esqueça: adorei o sutiã.

Em seguida pegou a caixa de cerveja com a mão livre e foi em direção à garagem. Assim que passou pela porta, viu que o papelão da embalagem começava a rasgar e largou-a no piso antes que as latinhas comesçassem a despencar. Então pegou uma delas do chão, abriu-a, deu um gole e olhou à sua volta.

– Ontem à noite tive um sonho – falou, fechando a porta às suas costas. – Sonhei que podia voar e respirar debaixo d'água. – Colocou o estojo da guitarra no chão e o abriu. – Podia fazer qualquer coisa. Acho que era um sonho sobre esse nosso show. – Erguendo os olhos para os companheiros, concluiu: – Vai ser assim no domingo, podem apostar. Como se a gente estivesse voando. E respirando debaixo d'água.

– Deus te ouça – disse Eric.

– Amém, reverendo Ramsey! – gritou Paul, de trás da bateria.

Interpretando isso como um sacrilégio, Eric torceu o nariz para o irmão caçula. Ramsey limpou a escala da guitarra com uma flanela e só então tirou o instrumento do estojo, comentando:

– Vocês nem imaginam como é bom rever vocês, seus bostas.

Ele havia deixado o carro do lado de fora, na entrada da garagem, de modo que houvesse espaço suficiente lá dentro para a bateria, os microfones, os suportes com as caixas de som e a infinidade de cabos e fios. O amplificador de quatro canais estava em cima da mesinha decrépita que Ramsey havia resgatado do lixo de alguém num momento da vida em que precisara mobiliar um apartamento gastando o mínimo possível. Nas paredes de gesso, pregados com tachinhas, cinco ou seis pôsteres de astros do rock se misturavam a um monte de capas de discos, apenas clássicos do gênero. Num canto ficava o freezer reserva que o ex-proprietário do imóvel havia deixado ao se mudar.

Ramsey, Paul, Eric e Wayne chamavam a si mesmos de Rusted Wheels, mas não chegavam a constituir uma banda de verdade. Bandas de verdade tocavam em público. Eles não. Os quatro se contentavam com os encontros na garagem de Ramsey, a cada duas semanas, dependendo da agenda de viagens dele. E durante todo aquele tempo, desde antes da gravidez de Allie, nunca tinham considerado a possibilidade de fazer um show. Simplesmente não achavam necessário. Sabiam, ou pelo menos suspeitavam, que tocar em público implicava transportar equipamento, negociar cachê com o babaca dono do bar, fazer chantagem emocional com os amigos para que aparecessem, e tudo isso era muito parecido com trabalho, ou seja, o oposto daquilo que os levava a formar o grupo, para início de conversa.

Quantos adolescentes deviam fazer aquilo em garagens semelhantes? Muitos, mas adolescentes não sabiam dar valor às coisas. Para isso era preciso ter mais de 30 anos e estar sobrecarregado pela vida. Você precisava mostrar suas cicatrizes de guerra para ter o direito de passar algumas horas tocando com

emoção, fazendo caras e bocas diante de um microfone, reverberando agudos por toda parte.

– Wayne ligou mais cedo – disse Paul. – Avisou que não poderia vir.

Wayne era um ótimo exemplo: tinha menos de 30. Aparentemente, para os caras que ainda tinham todos os cabelos na cabeça, o compromisso de um ensaio não valia nada.

– Ele não vem *hora nenhuma*? – esbravejou Eric.

Paul deu de ombros como se dissesse “*Ei, a culpa não é minha*”.

– Mas o que ele tem pra fazer que é tão importante assim? – perguntou Ramsey.

– Vai saber – falou Paul, e deu um gole na cerveja. – Ele não falou, e eu não perguntei. Provavelmente tem alguma garota na parada. – Deu um arrote. – Você ainda lembra como é isso, não é? Sair com uma garota?

– Só quero que a gente toque direito no domingo – retrucou Ramsey.

– Se liga, cara – atalhou Eric, rindo. – A gente *não* toca direito.

– Bem, e ainda não é domingo também – falou Ramsey.

Eric tinha toda a razão. Apenas Wayne possuía algum talento. Paul era especialmente fraco na bateria. Seus andamentos desafiavam qualquer lógica. Mas o cara tinha um monte de problemas pessoais: filho deficiente, mulher que de vez em quando estava internada por conta da depressão. Era paramédico – um trabalho nada relaxante –, um homem bom que precisava dos Rusted Wheels tanto ou mais do que qualquer um dos outros integrantes.

Ramsey tirou diversas folhas de papel do bolso traseiro da calça. Havia composto mentalmente quatro *set lists* diferentes enquanto atravessava o Novo México, e anotou as ordens das músicas depois, ao parar num posto de abastecimento em Amarillo, no Texas.

– É muita música – comentou Paul, examinando a lista.

Eram dezoito canções, muitas já presentes no repertório dos Rusted Wheels, mais três ou quatro que eles tinham testado antes e desistido por serem difíceis demais.

– Talvez alguns vizinhos compareçam – disse Ramsey. – Quero que seja um show de verdade.

Eles já haviam repassado mais ou menos um terço das canções quando, lá pelas sete e meia, Allie surgiu na garagem com as caixas de pizza. Às oito Ramsey pediu que baixassem o volume, mas às nove já estavam tocando de novo a todo vapor. Faltava pouco para as dez quando enfim chegaram a um acordo sobre o final de “Magic Carpet Ride”, encerraram o ensaio e combinaram de se encontrar na tarde seguinte.

Àquela altura a garagem era praticamente uma estufa superaquecida pela agitação dos três. Eric estava ensopado de suor. Paul já havia tirado a camisa e deixado apenas a camiseta de baixo. Ramsey sentiu necessidade de dizer algumas palavras antes que eles se despedissem.

– Poxa, nem sei como agradecer a vocês. Este ensaio, a dedicação, a amizade... – Com algum esforço ele conseguiu encarar os companheiros em vez de baixar o olhar ou desviá-lo para o outro lado da garagem. – Tudo isso é muito mais importante pra mim do que vocês imaginam. – E sem saber mais o que dizer, falou simplesmente: – Muito bem, cambada, a gente se vê de novo amanhã.



Eric abriu uma latinha de Coca Diet.

– Vai, desembucha. O que está acontecendo?

– Como assim?

– Sei não. Essa maratona de ensaio, esse discurso no final...

Paul já havia ido embora. Ramsey estava trocando as cordas de sua guitarra. O instrumento era maravilhoso, muito melhor do que ele merecia: uma Telecaster em tons de laranja que ele havia ganhado de Allie no seu aniversário de 30 anos. O presente substituíra a guitarra vagabunda que o acompanhara de espelunca em espelunca ao longo de seus anos de solteiro.

Cordas novas traziam à tona todo o potencial sonoro da Telecaster, mas Ramsey tinha experiência suficiente para saber que não podia esperar até o último minuto para trocá-las. Elas ficavam frouxas rapidamente, e ele não era um músico bom o suficiente para reafiná-las no palco nem enquanto conversava com alguém, então colocou a guitarra de volta no estojo e disse:

– Vou lhe contar uma história verdadeira. Uma coisa que fiz há três dias.

Eric arregalou os olhos. Mesmo depois de todos aqueles anos, ainda se sentia na obrigação de proteger o amigo. Sentia-se responsável por Ramsey.

– Espero que não tenha sido nenhuma bobagem.

– Claro que não, seu imbecil. Fui ver o Grand Canyon. – Ramsey recolheu algumas latinhas vazias e as jogou no lixo. Na realidade a cerveja era mais para Paul e Wayne. Eric estava nos Alcoólicos Anônimos e Ramsey bebia apenas uma lata a cada ensaio para provar a si mesmo que tinha controle sobre a bebida. – Você conhece?

– O Grand Canyon? Claro.

– Não estou falando de fotos.

– Então não conheço. Ainda não tive tempo, sabe como é.

– Pois é. Eu também nunca tinha tido tempo. Mas na última terça eu estava em Phoenix, aí terminei mais cedo o que eu precisava fazer e falei pra mim mesmo: é agora ou nunca. Sempre tive vontade de conhecer. Sempre ouvi dizer que as fotos não faziam justiça à realidade, então peguei o caminho do deserto, estacionei o caminhão lá e fui ver com meus próprios olhos.

Ramsey já havia contado a Eric sobre algo que tinha feito ou sobre algum lugar a que tinha ido muitas vezes na vida, mas dessa vez havia uma grande diferença. No início da amizade, as histórias de Ramsey eram quase sempre confidências, como na vez em que ele bebera demais e espancara um infeliz no estacionamento do Pink Pony, ou como naquela outra em que fora colocado no olho da rua por insubordinação. Ele confessava suas cagadas, Eric ouvia e depois dizia algo para lembrar ao amigo que ele não era apenas o somatório dos seus maus passos.

– E então, o que achou? – perguntou Eric.

Nos últimos dias, enquanto voltava para casa, Ramsey frequentemente havia parado para pensar em como poderia descrever o indescritível.

– É grande. Muito grande. E silencioso. – Ele franziu a testa. – Caramba, é impossível dar a ideia exata. Não tem palavra que descreva o que é aquilo lá.

Havia apenas o sentimento que nascia diante de uma paisagem de tal modo ampla que era como pisar na superfície de um planeta deserto. Ao mesmo tempo, gostava de saber que não se tratava de nenhum outro planeta, que era apenas seu bom e velho país. A sensação que havia experimentado naquele momento, aquele espanto, aquele silêncio, era exatamente a mesma do primeiro ser humano que colocara os pés ali, assim como de todos os que vieram depois. Não, ele não seria capaz de descrever para Eric o que mal havia conseguido descrever para si mesmo. O Grand Canyon fazia as pessoas se sentirem pequenas e desimportantes, mas no melhor sentido possível. Era como se aqueles paredões imensos ecoassem: *Você não é tão importante quanto pensa, cara, então relaxa.* Mas essa epifania só surgia quando você ia pessoalmente ao Grand Canyon. Falar daquele santuário sem nunca tê-lo visto com os próprios olhos era agir como os caroneiros que Ramsey detestava, aqueles que falavam pelos cotovelos sem dizer nada que prestasse.

– Nesse dia até fiquei doidão – acrescentou Ramsey.

Então talvez aquilo fosse uma confissão, afinal, ele se deu conta.

– Fumou unzinho? – perguntou Eric.

– Da melhor qualidade.

– Uma ideia meio idiota, eu diria.

– Talvez. Ou talvez não – disse Ramsey. – O que aconteceu foi o seguinte: de repente eu cismeiei de descer por uma trilha que tinha num barranco à minha frente. Era um paredão meio íngreme, mas pensei: foda-se.

– Claro. O pior que podia acontecer era você ir rolando paredão abaixo em direção à própria morte.

– Exatamente. Eu já devia ter caminhado uma meia hora pela trilha quando senti o cheiro. Um minuto depois vi um casal de jovens, sentados na ponta de uma pedra plana, curtindo o sol.

– Fazendo saliência?

Eric tinha 39 anos, apenas cinco a mais do que Ramsey, mas às vezes falava como se fosse um velho de 80 anos.

– Não. Não estavam trepando nem nada do tipo. Só fumando, conversando, curtindo a paisagem. Lá embaixo estava muito mais quente do que no alto. Parecia que de repente estávamos em julho. Eles tinham uma garrafa d'água, me ofereceram um gole, depois perguntaram se eu queria dar um tapa no baseado que estavam fumando. Fiquei surpreso quando me vi aceitando as duas coisas. Esses dois eram inteligentes, sabe? Universitários. A gente ficou lá conversando. – Ramsey tentou se lembrar da conversa. No entanto, quando o papo é bom e você cria uma conexão real com seus interlocutores, é difícil identificar *como*, e em que ponto exatamente, a conversa ficou boa. – Você precisa entender o nível de beleza daquele lugar. A tarde já estava chegando ao fim, e a cor do céu era um azul-escuro que a gente nunca vê aqui em Nova Jersey. A luz mudava toda hora. De minuto em minuto a paisagem era outra totalmente diferente. Uma vista dessas faz a gente se abrir. Acabei contando aos dois coisas que nunca contei nem pra *você*, que é meu melhor amigo.

– Para com isso – disse Eric, e desviou o olhar.

– Mas você é meu melhor amigo. Não precisa ficar envergonhado.

– Não estou envergonhado.

Mas Eric ainda olhava para o pôster de Jimmy Hendrix.

– Está, sim. Viu? Esse é o seu problema. Você é um cara superbacana, mas nunca vai admitir isso.

Eric enfim voltou os olhos para Ramsey.

– Mas e aí? O que foi que você contou aos dois garotos no Grand Canyon?

Ramsey sorriu.

– Conteí a eles a verdade.

– Dá pra ser mais claro?

Ramsey se deu conta de que talvez Allie tivesse dado com a língua nos dentes. Ela era a única pessoa para quem ele já havia falado sobre o eixo orbital. Se realmente houvesse contado a Eric, teria sido uma traição, mas uma traição sem grande importância, motivada pelo amor. Allie sabia que Eric tinha certo poder sobre Ramsey, e por um bom motivo. Não fosse por ele, Ramsey ainda seria aquele mesmo merda da juventude, o mesmo boçal que vivia pulando de emprego em emprego, alguns legais, outros não, só que agora seria um boçal de 35 anos, o que é bem mais difícil de engolir do que um de 20 e poucos.

– Falei pra eles a seguinte verdade: aconselhei que aproveitassem aquela beleza toda enquanto podiam, pois ela não estaria lá pra sempre.

– Falou que o Grand Canyon não estaria lá pra sempre?

– Nada estará. Nem eu, nem você, nem esta garagem, nem o Grand Canyon.

– Ramsey Miller, filósofo.

– Pode me sacanear à vontade, mas aqueles garotos me ensinaram algo. Ofereci a eles uns trocados pelo baseado que eu tinha fumado, mas não aceitaram. O garoto pretende se alistar no

Corpo da Paz depois da faculdade. Falou que o segredo da vida está na magnanimidade. Tá bom ou quer mais? Foi essa a palavra que ele usou. Quer dizer generosidade.

– Eu sei o que é magnanimidade.

Ramsey duvidou do amigo, mas deixou para lá.

– Falou que, se você age com magnanimidade, depois ela volta em dobro pra você. E realmente, quando a gente pegou a trilha de volta... uma subida íngreme, difícil... Você sabe que não tenho frescura com essas coisas, mas a garota de repente pisou em falso e machucou o tornozelo. Uma torção braba. Vou lhe dizer uma coisa: no deserto, depois que o sol se põe, pode ficar frio pra cacete. Nessa época do ano, a temperatura vai abaixo de zero. Então, eles estariam em maus lençóis. Não tinham comida nem nada. Só a garrafa d'água, que já estava quase no fim.

– Mas tinham você.

Ramsey sorriu, lembrando.

– Eu e o garoto fomos amparando a menina, subindo sem pressa nenhuma, olhando pro chão pra ver onde a gente estava pisando. E assim nós levamos a garota até o alto, sã e a salvo.

– O Senhor tinha um plano pra você nesse dia.

Não era bem isso que Ramsey estava querendo dizer, mas ele se conteve para não corrigir o amigo.

– Mais tarde, já na estrada, fiquei pensando naqueles dois. Eu nem devia me referir a eles como garotos, porque na verdade eram dois adultos. Mas fiquei pensando neles, e nessa história da magnanimidade. Foi aí que percebi: a gente está fazendo tudo errado neste show de domingo. Não devia ser só pra gente. Pras nossas famílias e tal. A gente precisa convidar todo mundo.

– Todo mundo quem?

– Todo mundo aqui da vizinhança.

– Mas você odeia os seus vizinhos – argumentou Eric.

– Exatamente por isso. Nós precisamos nos aproximar uns dos outros. Olha, sei muito bem que alguns deles se acham melhores

que eu, e por um bom tempo eu não dei a mínima pra isso. Ou talvez tenha fingido pra mim mesmo que não dava a mínima, porque era mais fácil. Mas de agora em diante não é isso que eu quero.

– E você acha que uma festa pode consertar tudo?

– Não é questão de consertar nada, mas de fazer a coisa certa. Quero que as pessoas venham à minha casa, comam a minha comida, bebam a minha cerveja, conheçam os Rusted Wheels. Quero a criançada correndo no meu gramado.

Eric olhou para a porta que separava a garagem do resto da casa.

– Desculpe, Ramsey, mas tenho que perguntar: até que ponto Allie está por dentro desse seu plano?

– Ainda não tive tempo de contar os detalhes para ela.

– Sugiro que você encontre tempo. Duvido muito que o domingo ideal dela inclua receber todos esses vizinhos metidos a besta.

– Quem vai receber sou *eu*. Ela pode ficar sentadinha na cadeira se quiser, bebendo margaritas. O importante é que não há mais tempo pra egoísmo, pra ressentimento, pra nenhuma dessas bobagens.

– Como assim, não há mais tempo? – perguntou Eric.

Ramsey não tinha mais nenhuma dúvida: Allie dera mesmo com a língua nos dentes.

Numa tarde gelada de janeiro, ele havia sentado com a mulher e lhe explicado o que era o eixo orbital, e ela o fizera jurar que não falaria disso para mais ninguém. Sinceramente, para Ramsey tanto fazia que as pessoas soubessem ou não, mas ainda assim deu sua palavra e a cumpriu, pois amava e honrava Allie, tal como havia jurado no altar seis anos antes. De qualquer modo, ela tinha alguma razão. Talvez fosse melhor que certas coisas permanecessem fora do conhecimento dos outros.

Aquele jovem casal no Grand Canyon, por exemplo. Durante a troca de confissões entre eles, antes que escurecesse e eles precisassem pegar a trilha de volta, Ramsey havia apontado para a

vista maravilhosa à sua frente e dissera: *Sabem de uma coisa? A liquidação de queima de estoque de Deus acontecerá mais cedo do que vocês imaginam.* Pelo bem deles, escolhera essa analogia bem-humorada para amenizar o impacto da revelação, mas assim que viu que os dois começaram a trocar olhares, voltou atrás e riu de si mesmo, botando a culpa na maconha. Depois contou sobre a vez em que, muito bêbado, resolvera escalar um poste perto de casa; quando começou a relampejar e chover, ele sentiu tanto pavor que ficou paralisado como um gato numa árvore, e só conseguiu descer com a ajuda do pessoal da companhia de eletricidade, que apareceu com uma escada. Na ocasião ele não havia achado graça nenhuma, mas dera esse novo colorido à história porque admirava e respeitava os dois jovens e queria que os dois sentissem o mesmo por ele. Isso ocorrera antes de a menina torcer o pé na trilha, ou seja, antes que ele tivesse a oportunidade de mostrar a eles o tipo de homem que podia ser, o tipo de homem que realmente era.

– Não há mais tempo pra bobagens, meu amigo – dizia ele agora a Eric. – Porque não é assim que uma pessoa magnânima age.



Allie via alguma coisa na TV da sala, um drama, a julgar pelas vozes sérias e incisivas que vinham do aparelho.

– O Eric já está indo – avisou Ramsey, enquanto acompanhava o amigo até a porta.

– Boa noite, Allie – falou Eric às costas de Allie.

– Ahã – resmungou ela, sem se virar para eles.

– Acho que ela consegue sentir que estou julgando – sussurrou Eric assim que os dois já estavam fora da casa. – Eu devia parar com isso, com essa mania de julgar os outros. Julgar é tarefa do Senhor, não minha.

Ramsey se sentia desconfortável sempre que Eric falava dessa maneira, como se estivesse na igreja ou numa reunião dos Alcoólicos Anônimos.

– Que nada. Ela estava concentrada na televisão, só isso.

Depois que o amigo foi embora, Ramsey foi até a cozinha, serviu-se de uma fatia da pizza que havia sobrado e começou a fazer sua lista de tarefas. A pizza estava dura e fria, mas ele a achou uma delícia. Agora tudo era assim: céus e terra banhados de cor, um interminável festival de sensações. A música da banda ainda reverberava em todos os seus poros, talvez até mais do que antes. A ponta de feltro da caneta passeava pelo papel ao mesmo tempo que um carro passava na frente da casa, na rua. Na sala, a música na TV progredia num dramático crescendo. Na área de serviço, a secadora sacolejava ritmadamente. Como se obedecessem a um código secreto transmitido pela máquina, as lâmpadas da cozinha tremeluziam exatamente no mesmo compasso. Ramsey tinha a sensação de que estava a um passo de decifrar esse código. Agora prestava atenção a tudo, notava todos os detalhes, por menores que fossem. Certas pessoas – cientistas, talvez, ou detetives – com certeza também viviam dessa maneira, sempre atentos a cada milésimo de dado sensorial. Antes Ramsey teria achado a experiência cansativa, mas agora era o contrário. O mundo parecia ter aberto seu baú de tesouros, e o mínimo que Ramsey podia fazer era recebê-los.

Ele precisava falar com Allie. Mais tarde. Primeiro, a lista. Trinta e quatro anos de idade e ele nunca tinha dado uma festa. Quanto de comida deveria comprar? Quantas caixas de cerveja? Onde poderia arrumar um pônei para a criançada montar?

De repente, Allie estava atrás dele, com as mãos em seus ombros, fazendo pressão com os polegares. Havia sete anos que ela o massageava assim, desde a primeira vez que ele retornara de uma viagem de uma semana. “Meus ombros estão me matando, Allie”, ele dizia, e ela vinha na mesma hora, sabendo exatamente o que

fazer. Ela aplicou um pouco mais de força e ele deixou escapar um suspiro.

– Você chega em casa e vai direto pro ensaio – disse ela. – E agora está escondido aqui.

– Estou fazendo uma lista de tarefas.

– A menos que eu esteja nesta lista, não me interessa – falou ela, ainda apertando os ombros dele.

Lá fora estava escuro. As cortinas estavam abertas e Ramsey podia vê-los refletidos nas vidraças da janela. Uma cena tipicamente familiar, mas os detalhes estavam nas sombras.

– Estou brincando, Ramsey – acrescentou Allie logo depois. – A gente ainda pode brincar um com o outro, não pode?

– Como assim?

– Você sabe muito bem.

– O quê?

Allie deixou escapar um som que podia ser uma risada.

– Você esteve ausente em 26 dos últimos 30 dias.

– Preciso trabalhar.

Allie interrompeu a massagem, mas deixou as mãos pousadas nos ombros dele.

– Há anos que você não faz uma viagem tão longa. Só posso concluir que não quer estar aqui com a gente...

– Não, Al... Você sabe que isso não é verdade.

– E o Eric, qual é o problema dele?

– Do que você está falando?

– Ultimamente ele tem andado muito estranho, me olhando de um jeito tão esquisito... – Ela suspirou. – Aliás, você também está meio estranho. Mesmo quando está aqui, é como se não estivesse.

– Estou aqui agora. Pode acreditar.

– Então vamos pra cama.

– Daqui a pouco – disse Ramsey. – É que resolvi chamar mais algumas pessoas pro show de domingo. Não quero que falem coisas pra fazer, nem comida...

– Que pessoas? Quem mais você convidou?
Ele deu de ombros.
– Os vizinhos.
– *Quais* vizinhos?
– Hum... todos eles.
Ela cerrou os punhos.
– Por causa desse seu eixo orbital, não é?
– Ele não é meu, Allie.
– Posso fazer uma pergunta? – disse Allie, e suspirou mais uma vez. – Por que diabo você resolveu chamar os vizinhos?
– Quero que as pessoas se aproximem umas das outras.
– Ah, é isso que você quer? Então venha comigo pra cama.
– Daqui a pouco.
– Você vai pra *nossa* cama... *daqui a pouco*? É isso que você está me dizendo?

Quando ele não respondeu, ela se afastou na direção da pia e exclamou:

– Puta que pariu!

Ramsey se virou para ela. Allie estava vestindo seu pijama xadrez. Assim de costas, poderia ter qualquer idade, poderia ser qualquer pessoa. Uma desconhecida. Ela encheu um copo de água e o tomou de uma vez.



Ramsey escovava os dentes no banheiro do corredor quando lhe veio à cabeça uma das canções que eles haviam ensaiado pouco antes. Não tinha como não concordar com Mick Jagger: a satisfação realmente era uma coisa arredia à beça.

A casa estava em total silêncio. Imaginou Allie no quarto, do outro lado da porta, esperando por ele, lendo à luz do abajur da mesinha de cabeceira.

A menos que tivesse desistido dele – também era uma possibilidade.

Ele lavou o rosto, secou-o e se olhou no espelho. No caminhão não havia nenhum espelho que prestasse, e depois de uma longa viagem ele sempre se espantava com a própria imagem. Seu cabelo começava a ficar grisalho. As rugas tornavam-se cada vez mais profundas. Ele aparentava cada um de seus 34 anos, nem um dia a menos. Sua vontade agora era procurar Allie. Ansiava por isso. Não é que ele *preferisse* a bicama do quarto de hóspedes. A questão era que o colchão da bicama era tão duro quanto o do caminhão, que era o único lugar onde ele conseguia dormir de verdade nos últimos tempos. Na verdade, Ramsey dormia melhor estacionado num posto de gasolina – mesmo com toda a gritaria dos motoristas bêbados, com os sustos que o ar comprimido dos freios lhe dava, com as lagartixas que apareciam do nada – do que no conforto do quarto que dividia com Allie.

Mas ele não era nenhum tolo. Naquela noite precisaria mostrar serviço. Mais cedo, quando ele chegara, ela estava linda para recebê-lo à porta da casa, banhada pela luz do sol poente. As pequenas surpresas reveladas pouco a pouco eram iscas para convencê-lo de que deveriam passar aquela noite juntos. Como marido e mulher. Como amantes. Já fazia muito tempo. Ele tinha consciência disso.

Ramsey chegou até a porta do quarto e hesitou.

David Magruder.

Tentou afastar esse nome da cabeça. Não ajudaria em nada ficar pensando num homem quando estivesse na cama com Allie. Melhor seria afugentá-lo logo de uma vez. *Sua mulher está aí dentro, esperando você*, ele pensou. *Vá para os braços dela*. Se ele podia ser magnânimo com os vizinhos, com pessoas que nem conhecia, certamente também poderia ser magnânimo, ou até mais que isso, com sua Allie.

Marido e mulher. Amantes. Ele inspirou fundo, prendeu a respiração, expirou.

Eu te amo, Allie. Me casei com você e me casaria de novo, outras mil vezes se preciso fosse, até o fim dos nossos dias.

Abriu a porta à sua frente com delicadeza. O quarto encontrava-se à meia-luz, uma vela acesa numa das mesinhas de cabeceira.

– Ora, ora. Olá – disse Allison, fechando o livro que estava lendo.

6

24 de setembro de 2006

As regras na Notres Pass número 9 iam sendo criadas à medida que a necessidade surgia. Uma das mais antigas: jamais revelar a localização da casa a quem quer que fosse. Mais tarde, com o advento da internet, eles sequer cogitaram se conectar a ela. Wayne e Kendra não sabiam nada sobre endereços IP. Simplesmente não queriam que seu nome e suas coordenadas constassem de uma base de dados. A menos que não houvesse escolha. Às vezes, como no caso da companhia de eletricidade, não havia. Mas sempre que podiam escolher, optavam pelo anonimato. Nada de TV a cabo, internet, assinaturas de jornais que eram entregues em casa.

Nada de cartões de biblioteca.

Até onde Melanie se lembrava, essa havia sido sua primeira infração. Às vezes ela ia com a tia à biblioteca da cidade e as duas ficavam ali por mais ou menos uma hora, em silêncio, lendo algo antes de irem ao McDonald's para almoçar. Em algumas ocasiões, em vez de pegar um livro, Melanie escolhia uma revista de celebridades para folhear. Outras vezes, apenas fingia ler enquanto observava as pessoas ao redor: mães lendo para os filhos pequenos, bibliotecárias fofocando do outro lado do balcão. O McDonald's era um lugar ainda melhor para essa atividade. Caminhoneiros a

caminho de Charleston (Columbus? Chicago?) devoravam seus sanduíches cheios de ketchup e mostarda; crianças faziam birra, querendo mais refrigerante; adolescentes não muito mais velhos do que ela pilotavam as caixas registradoras enquanto berravam os pedidos na direção da cozinha.

Uma vez, quando tinha 15 anos, Melanie convencera a tia a deixá-la de novo na biblioteca em vez de levá-la para casa ou para acompanhá-la nos afazeres na cidade.

Ao chegar lá, Melanie tinha ido direto para a prateleira de novidades e, depois de correr os olhos pelas lombadas, encontrara um título que chamara sua atenção. Na capa do livro havia a imagem de uma menina mais ou menos da sua idade, admirando do alto de uma varanda a cidade lá embaixo. Aparentemente o lugar não ficava nos Estados Unidos: os prédios eram muito velhos, bem coloridos, e ocupavam a encosta de uma colina. O título era *A irmã do sapateiro*. No texto da orelha era informado o nome da tal cidade: Salamanca, na Espanha.

Sentada junto à janela, ela ainda estava nas primeiras páginas do livro, saboreando cada uma das frases longas e descritivas, tão cheias de curvas quanto as ruelas da própria Salamanca, quando um grupo de garotos mais novos irrompeu na biblioteca. Deviam ter vindo direto da escola, liberados todos de uma vez depois de horas de aula. Cheios de energia, tornavam impossível que Melanie continuasse lendo, então ela deixou o livro de lado e começou a folhear uma revista, quase inteiramente dedicada ao casamento de Jessica Simpson com Nick Lachey. Noutro dia qualquer ela teria ficado encantada, sobretudo com a tiara de diamantes de 11 quilates que prendia a grinalda da noiva, mas, naquela tarde em particular, o que ela queria mesmo era seguir com a leitura do livro, já que sua tia não demoraria a chegar. Então Melanie foi ao balcão, determinada a solicitar seu próprio cartão de usuária.

Colado com fita adesiva ao balcão, um bilhete informava:

Para obter seu cartão é preciso que você apresente algum documento de identidade ou comprovante de residência em Fredonia. Não abrimos exceções. Obrigado.

A única correspondência que ela se lembrava de ter recebido em casa, e não na caixa postal, era a conta de telefone. Talvez pudesse roubar o envelope do lixo da cozinha quando viesse a do mês seguinte. No entanto, quando teria outra oportunidade de ficar sozinha ali na biblioteca? Provavelmente só dali a algumas semanas, talvez mais.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou uma das bibliotecárias.

Se houvesse casas por perto, ela não pensaria duas vezes antes de vasculhar o lixo de desconhecidos até encontrar alguma conta que pudesse apresentar como comprovante de residência. *Sim, sou eu*, diria sem nenhum pudor. Mas não havia casas por ali, apenas uma barbearia, uma loja de conveniência e uma igreja batista.

– Não, senhora – respondeu, e voltou furiosa para sua mesa junto à janela.

Tentou não pensar em Salamanca e em suas catedrais centenárias, suas oliveiras. Em vez disso, se concentrou no coral gospel de 25 vozes que havia cantado na cerimônia de casamento de Jessica e Nick e no salão de recepção, que fora decorado com 30 mil rosas.

Assim que sua tia chegou para buscá-la, Melanie prometeu a si mesma que, na próxima vez em que ficasse sozinha naquela biblioteca, sairia dela com seu cartão no bolso e com todos os livros que conseguisse esconder na mochila.

Oito meses depois, foi exatamente isso que ela fez.



Ela lia os livros que pegava emprestados à noite, depois os escondia no armário ou debaixo da cama. Ir àquela biblioteca era como fugir de Notres Pass, e ler aqueles livros era fugir para ainda mais longe.

Naquela noite, no entanto, ela não tinha ido à biblioteca para pegar nenhum título, mas para usar o wi-fi do lugar. Atrás do prédio, sob a luz amarelada que vinha de um poste a uns 100 metros de distância, ela se agachou contra a fachada de tijolos e abriu o laptop que pegara emprestado com Phillip dois meses antes. Uma etiqueta colada na lateral do computador dizia: PROPRIEDADE DA ESCOLA FREDONIA.

Quanta coisa havia para ver e descobrir na internet, e não só sobre a vida das celebridades! Se os livros da biblioteca lhe davam um lampejo do que era o mundo para além dos limites de Fredonia, a internet lhe concedia uma liberdade praticamente sem limites. Sempre que podia, pulava a janela do trailer à noitinha, caminhava até aquele mesmo lugar, sentava-se no chão e ficava lendo o mais rápido possível, sem nenhum plano preconcebido, apenas clicando nos links ou digitando palavras nos campos de busca, explorando o universo inteiro na tela daquele pequeno computador. Depois de saciar a sede inicial, ela gostava de pesquisar as edições on-line de alguns jornais, sobretudo o *Silver Bay News*, o *Star-Ledger* e o *Asbury Park Press*. Havia outros, mas esses tinham dado uma cobertura mais completa à morte de sua mãe e à malfadada procura pelo pai. Seus tios haviam lhe contado apenas os fatos mais básicos do crime. Fora isso, jamais falavam do lugar onde Melanie tinha passado seus primeiros 33 meses de vida. Investigando os arquivos dos jornais, pouco a pouco ela conseguia preencher certas lacunas.

Como era estranho ver aquele nome, Meg Miller, estampado nas notícias. Mais estranho ainda era ler sobre o próprio sumiço. "Morte por afogamento", sugeriam as matérias. Sempre que lia algo assim ela sentia um bolo na garganta e um aperto no peito, como se realmente estivesse se afogando. Por outro lado, tudo naquelas

reportagens a deixava meio zozna e enjoada, e não por causa da gravidez.

Um repórter em particular acompanhara as investigações durante muitos anos para o *Silver Bay News*, assinando matérias especiais no primeiro, no quinto, no décimo aniversário do crime. Certa noite, Melanie pesquisou na internet o nome dele: Arthur Goodale. Descobriu que ele já havia se aposentado muito tempo antes, mas mantinha um blog de notícias. Às vezes escrevia sobre o “caso Miller”, e Melanie ficava ao mesmo tempo surpresa e feliz sempre que encontrava uma dessas postagens. Sentia-se menos solitária ao saber que de tempos em tempos alguém ainda pensava na mãe dela, e nela também. Melanie esperava que naquela semana ele fosse escrever mais uma vez sobre o assunto, já que em breve seria o 15º aniversário do crime.

O que ela certamente não esperava encontrar era a notícia de que Arthur Goodale estava morrendo.

Ele havia sofrido um problema muito grave de coração e agora corria o risco de nem sair do hospital em que estava internado e nunca mais escrever uma palavra. Essa conexão de Melanie com seu passado, por mais tênue que fosse, poderia ser encerrada de vez. Ela mesma não tinha nenhuma lembrança de Silver Bay. Fazia anos que tentava imaginar o rosto da mãe, as paredes de seu quarto quando criança, a cozinha onde sem dúvida havia uma cadeira em que ela fazia suas refeições. Qualquer coisa. Mas nada lhe vinha à cabeça.

Ela fechou o laptop, ficou de pé, limpou a sujeira da calça e foi na direção dos bosques, na direção da sua casa. Por que não contara aos tios naquela tarde que estava grávida? Por vergonha? Por achar que ela e Phillip teriam que... casar e viver felizes para sempre? E morar onde? Em Fredonia? Em Connecticut, perto da família dele? Melanie se permitira acreditar que Phillip Connor talvez fosse a chave para um novo começo, mas deveria ter enxergado

desde o início que isso não passava de uma fantasia. Não poderia ter se deixado levar. Era deprimente e perigoso.

De qualquer forma, nada disso importava. Àquela altura o mais provável era que Phillip a visse como uma maluca. Quanto aos tios, cedo ou tarde acabariam descobrindo sobre o bebê.

O céu noturno estava mais claro que de costume, a lua quase cheia. Depois de algumas ruas, Melanie chegou à parte mais ampla do bosque, que levaria à sua casa em quinze minutos. Se tivesse ido de carro à biblioteca, com certeza teria acordado a tia com o barulho do motor, pois ela tinha o sono bem leve, e aquelas incursões na cidade eram importantes demais para serem colocadas em risco. Além disso, Melanie gostava de caminhar pelo bosque à noite. Nunca tivera medo de andar entre as árvores, por isso conhecia o lugar muito bem. Ou talvez fosse o contrário: não tinha medo do bosque por conhecê-lo tão bem.

Mas naquela noite ela não estava gostando da caminhada. Por mais que tentasse evitar, não conseguia deixar de pensar em Phillip, na expressão de mágoa e perplexidade que vira em seu rosto ao deixá-lo na porta de casa. O que ela havia feito? Terminara o namoro com ele? Nem Melanie sabia direito. O cara havia fugido de um esquilo, mas qual era o problema? E também ela não parava de pensar no pobre jornalista que estava morrendo sozinho em Nova Jersey, aos 81 anos, ainda sem saber nada sobre o crime que o assombrara por tanto tempo.

– Surpresa! – exclamou ela em voz alta. – Meg Miller está viva!

Ouviu um graveto se partir.

Havia mais alguém naquele bosque.

Olhando ao redor, não viu ninguém. Estaria imaginando coisas? A não ser pelos veados que apareciam de vez em quando, os únicos animais que frequentavam aquela área eram pequenos – esquilos, gambás – e costumavam ficar escondidos.

Melanie lembrou a si mesma que aquele bosque era uma fonte de paz para ela, não de medo. Os hormônios que ultimamente

transformavam seus cheiros prediletos em fedores insuportáveis sem dúvida eram os mesmos que agora se divertiam ao instilar nela aquela sensação de pânico. Ela apertou o passo, procurou fazer menos barulho, mas em seguida começou a imaginar assassinos e estupradores à solta, escondidos atrás de cada árvore.

Sua respiração tornou-se ofegante. *Estou perdendo estes bosques, pensou. Eram meus, e agora vão deixar de ser.*

Antes do começo das aulas do semestre, seus tios haviam lhe dado um celular pré-pago, mas os créditos já tinham acabado muito tempo antes, em suas conversas com Phillip. De qualquer forma, o que ela faria se ainda tivesse alguns minutos disponíveis? Ligaria para ele? Esperava que não. Aquele bosque lhe pertencia, não havia nada a temer.

Ela se esforçou para andar mais devagar, para relaxar. *Não tem ninguém aqui, não tem ninguém aqui.* No entanto, quando enfim avistou o trator abandonado que sinalizava que faltavam apenas 100 metros para Notres Pass, estava suando frio e seu coração disparava. O ar à sua volta estava parado. Os únicos sons eram os de seus passos e sua respiração pesada.

Ao passar pelo trator, poderia jurar ter visto uma sombra deslizar por ele, então deixou escapar um arquejo e começou a correr. Se espremeu pelo espaço estreito na cerca viva em torno do trailer, que descobrira anos antes, e entrou na propriedade dos tios. Não podia deixar que os dois a vissem, ou teria que dar adeus à sua liberdade. Ao mesmo tempo, no entanto, meio que esperava que eles a avistassem correndo pelo gramado, a colocassem em segurança e lhe tirassem a liberdade. O fato de o bosque já ter pertencido a ela não tinha mais importância. Agora ele não era mais seu.

Ela pulou a janela do quarto, trancou-a rapidamente e se meteu debaixo das cobertas em silêncio, sem nem tirar os sapatos.

Adormeceu, mas foi despertada pouco depois pela imagem de centenas de tartarugas monstruosas rastejando umas por cima das outras em sua direção – um pesadelo recorrente desde a infância.

Depois disso acordou de novo várias vezes, ora suando, ora tremendo de frio. Num dos acessos de suor, tirou as roupas e os sapatos. Durante o acesso de frio, encontrou os pijamas no escuro e os vestiu.

Só acordou de novo com alguém batendo forte à porta do quarto.

– Sim...? – resmungou ela, sonolenta.

– Hora de levantar. – Era a voz do tio, inusitadamente séria.

O quarto começava a clarear. Ela conferiu as horas no relógio: sete da manhã. O despertador soaria dali a quinze minutos. Por que tanta urgência? Sentando-se na cama, procurou afastar o sono, depois calçou os chinelos e saiu do quarto. Kendra estava à mesa da cozinha com Wayne a seu lado, debruçado sobre o jornal da manhã.

– Venha cá – disse ele, sem erguer os olhos.

Melanie não precisava nem ver para saber qual era o problema. Mas olhou de qualquer maneira.

– Ele prometeu que não ia usar – apressou-se em se defender. – Eu o fiz prometer.

Pelo jeito o fotógrafo tinha uma lente com um zoom poderoso. Na foto se viam até as sardas no rosto, assim como cada uma das pétalas da flor em sua orelha.

– Não dá pra confiar nas pessoas, Melanie – disse Kendra.

Eram três imagens, uma ao lado da outra. A sua era a do meio. À esquerda, duas criancinhas sorridentes comiam algodão-doce. À direita, um homem mais velho, vestindo uma camiseta da Universidade West Virginia, fazia um sinal de positivo; atrás dele, apenas o borrão indistinto dos passageiros que giravam em outro brinquedo.

Uma única legenda acompanhava as três fotos: “Habitantes de Fredonia se divertem na feira patrocinada pela Primeira Igreja Batista.”

Wayne dobrou o jornal, levantou-se da mesa e começou a andar de um lado para outro na minúscula cozinha.

– Eu nem falei meu nome para ele – argumentou Melanie.

Mesmo assim, lá estava a foto dela, grande e nítida, identificando-a como habitante de Fredonia. Além disso, o *Mason City Democrat* tinha uma versão on-line. Wayne e Kendra provavelmente não sabiam disso, mas *ela* sabia. Sua imagem agora estava na internet. Para sempre.

– Então pra você é isso que significa ser cuidadosa? – Wayne massageou as têmporas, depois suspirou. – Quero que você venha trabalhar comigo. Que aprenda o ofício.

– Ofício? Consertando carros?

– Um trabalho que até agora tem sido bastante conveniente para esta família: discreto, ninguém bisbilhotando a gente...

– Mas, tio Wayne... Eu estou na faculdade!

– Bem, sua tia e eu chegamos à conclusão de que é melhor você esquecer essa faculdade. Ela vem causando muitos problemas.

– A faculdade não tem nada ver com isso.

Wayne olhou para a mulher.

– Nós conversamos sobre o assunto mais cedo, Mel. Hoje você tem aula, não tem?

– Tenho.

– Então vá. Mas quero que pense numa coisa: você está com 17 anos e ainda está viva. Não foi questão de sorte.

– Eu sei, tio Wayne.

Wayne fez o café. Tentando ignorar o cheiro forte, ela se serviu de suco. Eles se acomodaram à mesa, e foi Kendra que fez a oração.

– Obrigada, Senhor, por prover esta comida que nos sustenta e nutre.

– Amém – disseram os três.

Assim que Wayne foi para o trabalho, Kendra saiu da cozinha e voltou logo em seguida com uma pasta de arquivo nas mãos.

– Você tem toda a razão – falou à sobrinha ainda à mesa, e deixou a pasta diante dela. – Você não é mais nenhuma criança.

Acho que devia dar uma olhada nisto. Vou tomar banho. – Apertou o ombro de Melanie e foi para o quarto.

Assim que ouviu o barulho do chuveiro, Melanie abriu a pasta. A carta mais recente era a primeira de um pequeno bolo e tinha chegado havia pouco mais de um mês.

A situação era pior do que ela imaginava.



Departamento de Justiça dos Estados
Unidos
Polícia Federal
Divisão de Operações Investigativas

VIA SERVIÇO EXPRESSO DE ENTREGAS POSTAIS

18 de agosto de 2006

Wayne Denison
Caixa Postal 31
Fredonia, WV 26844

Sr. Denison,

A respeito de nossa conversa telefônica na tarde de hoje: confirmamos que Ramsey Miller foi visto em Morganstow, Virgínia Ocidental, na tarde do último 14 de agosto.

Suas impressões digitais foram encontradas no cabo de um canivete após um incidente nas imediações do campus da Universidade West Virginia. Assim que viu a polícia chegar, o Sr. Miller escapou do local e, a esta altura, seu paradeiro é novamente desconhecido. O

resultado do teste de datilograma, recebido na manhã de hoje, foi conclusivo.

Fique tranquilo, pois não temos nenhum motivo para acreditar que o Sr. Miller saiba onde vocês estão. Mesmo assim, é claro que a proximidade entre Morganstown e Fredonia é preocupante. As delegacias locais de Fredonia e Charleston, bem como a Polícia Rodoviária do estado, já foram devidamente alertadas, mas recomendamos que o senhor e os demais da família redobrem a atenção e os cuidados no dia a dia. Tentem variar as atividades de rotina, inclusive os itinerários ao saírem de casa e voltarem. Procurem a polícia local se qualquer coisa estranha ocorrer e não hesitem em contatar meu gabinete diretamente, à hora que for.

Voltaremos a escrever assim que tivermos mais notícias.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Avery Lewis'. The signature is fluid and cursive, with a prominent initial 'A' and a long horizontal stroke extending to the right.

Avery Lewis
Polícia Federal
Tribunal de Justiça dos Estados Unidos
Walnut Street, 50
Newark, NJ, 07102
201-555-1108

Melanie releu a carta, que com certeza chegara na mesma semana em que suas aulas na Mountain Community tinham começado. Mesmo assim seus tios não haviam dito nada, e também

não fizeram nenhuma objeção a que ela continuasse estudando – prova definitiva de que não eram tão intransigentes assim.

Ela correu os olhos rapidamente pelas outras cartas, organizadas em ordem decrescente por data. Eram oito ao todo, e a maioria já havia lido.

... à recente indagação sobre o andamento do caso relativo à sua tutelada: continuamos a receber pistas sobre o paradeiro de Ramsey Miller. Estamos investigando todas essas denúncias e enviaremos notícias imediatas caso...

... irá se aposentar no fim deste ano. Em seu lugar ficará o agente Avery Lewis, que encabeçará as investigações com a mesma...

... porém escapou mais uma vez da polícia local. Impressões digitais corroboram o relato da testemunha ocular, que afirma ter visto o Sr. Miller nas primeiras horas da manhã nas imediações da sua antiga residência. Infelizmente a testemunha não procurou a polícia imediatamente porque...

... esperamos ter notícias melhores em breve. Esperamos também que vocês estejam se adaptando sem maiores dificuldades a seu novo endereço e modo de vida. Se porventura precisarem de...

Oito cartas em quinze anos. Juntas, contavam uma triste história de oportunidades mal aproveitadas e indiferença administrativa. Estava bem claro que, dentro das paredes do tribunal de justiça de

Newark, em Nova Jersey, a captura de Ramsey Miller jamais havia sido uma prioridade.

– A gente faz o que pode, Mel – disse Kendra ao voltar para a cozinha, pronta para sair, os cabelos já secos pelo secador elétrico. Melanie já tinha devolvido as cartas à pasta e agora olhava para o relógio acima da pia. – Espero que você saiba disso.

Kendra recolheu a pasta e deixou a cozinha.

– Desculpe – falou Melanie assim que a tia voltou à cozinha para sair para o trabalho.

– Não precisa se desculpar, meu amor – afirmou Kendra. – Você só precisa tomar mais cuidado.

Melanie só se levantou depois que a tia saiu de casa, então começou a arrumar a cozinha. Já ia jogando fora o jornal, mas em vez disso o pegou e o dobrou em quatro, de modo que sua foto permanecesse visível. Levou-o para o quarto e o examinou por mais algum tempo. Sua mãe havia morrido aos 28 anos. Na foto publicada por diversos periódicos à época do crime, ela provavelmente era apenas um pouco mais velha do que Melanie hoje. Estava parada à brisa em uma praia, vestindo uma blusa cinza de moletom e estreitando os olhos para protegê-los da luz do sol. Atrás dela estava o mar. Uma de suas mãos estava na cabeça, tentando evitar que o cabelo esvoaçasse para todos os lados. Poucas mulheres ficavam tão lindas fazendo aquele simples gesto.

A partir dessa e de outras fotografias da mãe que encontrara na internet, Melanie chegara à conclusão de que, embora elas se parecessem fisicamente, a semelhança se limitava a traços isolados – o queixo anguloso, os olhos castanhos, o nariz pequeno. Melanie, infelizmente, não havia herdado a beleza da mãe, ainda que em seus melhores dias, com a umidade baixa e as espinhas sob controle, se sentisse um pouquinho bonita.

Ela se vestiu, depois tirou livros e cadernos da mochila para guardá-los no armário. Então, reconsiderando, colocou um dos cadernos de novo lá dentro – uma jornalista devia sempre ter papel

à mão –, junto com o jornal dobrado e algumas peças de roupa: um sutiã, uma calcinha, duas camisetas, duas saias, uma calça jeans. No banheiro, pegou escova de dentes, pasta, gilete e uma escova de cabelo. Colocou-os na mochila e a levou para a cozinha, assim como a bolsa de mão e o laptop. Pouco depois, voltou ao quarto para pegar outro par de sapatos.

Depois de tirar a habilitação, ela havia dirigido um carro emprestado da oficina mecânica de Wayne, um Chevrolet Caprice do tamanho de uma banheira, até que ganhou do tio um Ford Escort com 320 mil quilômetros rodados. Mas o rádio funcionava, e Wayne mantinha o motor e os pneus sempre na mais perfeita ordem. Antes de deixar a cidade, pararia num posto de gasolina para encher o tanque, comprar um mapa rodoviário e tomar uma boa xícara de chá antes de sua longa viagem para o norte, exatamente para o lugar onde jamais poderia colocar os pés.

Estou infringindo todas as normas.

Ela pensou que não deveria ficar feliz ao fazer uma coisa dessas. Mas o fato era que estava feliz. Embora nunca tivesse ido mais longe que o campus da faculdade com seu Escort, sempre gostara de estar atrás do volante, acomodada no banco, com a cabeça livre, a imaginação à solta.

Mas o que tinha pela frente não era um passeio ou uma aventura. Volta e meia ela precisava lembrar a si mesma que seu destino era o mesmo lugar em que seu pai havia matado sua mãe e a jogara numa fogueira.

No entanto, o jornalista Arthur Goodale estava vivo, pelo menos por ora, e ela precisava vê-lo o quanto antes para descobrir tudo o que ele sabia a respeito do assassinato. Depois faria aquilo que até então ninguém conseguira fazer: encontraria seu pai antes que ele a encontrasse. Só assim ela e seu bebê poderiam viver sem medo.

Antes de ir para o carro, arrancou uma página do caderno, tirou uma caneta da bolsa e escreveu um bilhete:

*Queridos tios,
Volto daqui a alguns dias. Por favor não se preocupem.
Prometo que vou ficar bem.*

Um beijo,

Então ela ficou sem saber o que escrever: Melanie ou Meg? Decidiu-se por um simples "M." Deixou o bilhete em cima da mesa da cozinha, ao lado do saleiro e do pimenteiro, e partiu.

7

21 de setembro de 1991

Em um dia, o mundo terminaria dramaticamente. Mas agora era apenas outra manhã de sábado sombria em Nova Jersey, com uma neblina cinza monocromática. Ramsey saiu do carro e foi caminhando rumo à Kinko's.

Às seis e meia da manhã a loja de xerox estava deserta, a não ser pelo rapaz sentado de pernas cruzadas numa das mesas do outro lado do balcão comendo uma banana. Ele deu mais uma mordida antes de ir ao encontro de Ramsey, que largou seu copinho de café e tirou do bolso o convite rascunhado em casa.

– Preciso de 150 cópias disto aqui. – Ele desdobrou o papel e o empurrou na direção do rapaz. – Mas tudo digitadinho, bem bacana.

O jovem já tinha uma papada e suas costas começavam a vergar para a frente. Ele olhou para o rascunho e, sem nenhuma pressa, engoliu a banana.

– Posso ligar aquele computador ali pra você – disse afinal, apontando com o queixo para algum lugar nos fundos da loja.

– Não, não. Não me dou muito bem com esses troços.

– É fácil.

– Fácil o bastante pra que você faça pra mim? – perguntou Ramsey, colocando três notas de 20 sobre o balcão.

Sessenta pratas era um bom dinheiro para Danny Chester, o atendente, e vinte minutos depois Ramsey saía da copiadora com seus 150 convites impressos numa letra grande e bonita em um papel azul brilhante. Por iniciativa própria, o rapaz havia incluído a imagem de uma gangorra no canto direito superior de cada convite, talvez na esperança de uma gorjeta adicional.

A tarefa número um fora cumprida com noventa por cento do país ainda na cama.

A Main Street Music só abriria às dez, então havia tempo mais do que suficiente para uma visitinha à marina de Shark Fin, que não ficava longe. Depois de alguns instantes ele já a avistava à direita, e os pântanos à esquerda. Fazia quase vinte anos que não ia até ali, mas aparentemente nada havia mudado, e ele agora se perguntava por que até então nunca lhe ocorrera voltar a um dos raros lugares da sua juventude de que guardava boas lembranças.

Ele tomou a estradinha de cascalho, indo em direção ao estaleiro. Nessa época do ano, metade dos barcos encontrava-se na água e a outra metade, guardada nas docas. Ramsey se recordava daquele lugar toda vez que sentia o cheiro de diesel queimado, mas só naquele momento se deu conta da semelhança entre aqueles barcos enfileirados fora d'água com caminhões parados num pátio qualquer ou num deque de carregamento. Talvez o amor que ele sentia por aqueles barcos, alguns com mais de 10 metros, explicasse a paixão que mais tarde teria pelos caminhões, que eram como iates sobre rodas, com sua cabine muito bem planejada e seu gigantesco motor a diesel.

Ramsey estacionou numa das vagas para visitantes, próximo ao cais, e inalou o cheiro adocicado e pútrido da enseada. Àquela hora da manhã, ela parecia um espelho; apenas um pesqueiro alugado avançava lentamente na direção do alto-mar. Nessa época do ano a água ainda estava quente, mas os ventos podiam ser bem cortantes. Terminado o verão, apenas alguns barcos eram vistos navegando. Ramsey estava longe demais para ler o nome do pesqueiro. Uma

gaivota sobrevoou a proa, mas o deque ainda não tinha peixe nenhum, então a ave espiralou novamente para o alto e saiu guinchando para longe.

Ramsey tentava identificar qualquer um dos poucos homens que ia encontrando pelo caminho, alguns bem mais jovens do que ele. Quando viu um sujeito mais velho saindo do escritório com uma prancheta na mão, correu a seu encontro e perguntou se Bruno, o ex-patrão do seu pai, ainda trabalhava ali.

– Bruno Crawford? – O homem deu uma fungada e fez uma careta. – Acho que morreu há oito ou dez anos.

Ramsey assentiu.

– Eu costumava frequentar este lugar quando criança. Meu pai trabalhava aqui, e esse Bruno sempre foi muito legal com ele.

– Ele não é do meu tempo, mas costumo ouvir só coisas boas a respeito dele. – Estendendo a mão, apresentou-se: – Donny Mazza. Eu sou o administrador-geral.

– Ramsey Miller.

– Muito prazer, Ramsey. Você navega?

– Mais ou menos. Tenho uma lancha, uma Boston Whaler de 4 metros, abandonada na marina de Silver Bay.

– Você não precisa mais do que isso pra passear por aí.

– Pois é. Seria ótimo se eu tivesse mais tempo pra sair com ela.

– Esse não é o problema de todos nós? – Donny correu os olhos pelos barcos à sua volta. – A maldita falta de tempo. – Sorrindo para Ramsey, perguntou: – Então, posso ajudar em alguma coisa?

– Não, eu só estava passando, aí resolvi entrar pra matar um pouco da saudade.

– Faz muito tempo que não vem?

Ramsey pensou por um momento.

– Vinte e quatro anos.

– Bem, é bom tê-lo de volta, então. – Pode ficar à vontade por aí, curtindo as suas lembranças. Se precisar de alguma coisa, é só me procurar. Tem café lá no escritório.

– Obrigado, mas não vou demorar – retrucou Ramsey. – Pensei que o Bruno ainda pudesse estar aqui. Vou dar uma festa amanhã e queria convidá-lo.

– Me desculpe por arruinar suas esperanças, mas o Dino ainda está na ativa.

– Quem?

– Dino, um baixinho caolho. É o mais antigo por aqui. Só não sei se tem mais de 24 anos de casa.

Alguns nomes vieram à cabeça de Ramsey: Bert, Chuck... Tentou se lembrar de algum Dino e lhe veio à mente um sujeito miúdo, baixinho e magrinho, vestido com o mesmo macacão de todos os outros, imundo de graxa. Mas talvez fosse apenas fruto de sua imaginação.

– Donny, se houver alguma chance de você aparecer amanhã lá em casa... Fica em Silver Bay. É uma festa pra toda a vizinhança. Vai ter comida à beça, e eu e minha banda vamos levar um som. Você vai gostar.

– É uma pena, mas não vai dar. Amanhã trabalho o dia todo.

– Então aparece lá depois.

– Não vai dar – repetiu Donny. A mudança no seu sorriso foi quase imperceptível. – De qualquer modo, obrigado – acrescentou, em uma voz mais baixa.

Doido de pedra, era isso que Donny Mazza estava pensando.

– Não sou nenhum maluco – falou Ramsey.

– Nunca disse que você era, cara. – O sorriso agora era visivelmente falso, rígido.

– Mas pensou. – Ramsey sentiu o coração bater mais forte, o sangue correr para as extremidades de seu corpo. Precisou emitir uma ordem ao próprio cérebro para que aquilo parasse. Não tinha mais 20 anos. Não estava num pé-sujo de beira de estrada. Então respirou fundo e, procurando relaxar os músculos do rosto, disse: – Estou brincando, cara. – Achou melhor não pousar uma mão

amigavelmente no ombro do outro. Não queria ser mal interpretado. Em vez disso, forçou um sorriso. – Você é um cara legal.

Ele não deveria ter ido até ali. O passado era como um peixe tirado do mar: escorregadio e nunca tão bonito quando você imaginava.

Sem dizer mais nada, voltou para o carro, sentindo a cada passo a vergonha causada pelo olhar de Donny Mazza.

Retornou pelo mesmo caminho, fugindo do passado o mais rápido possível, preferindo mil vezes a segurança da sua lista de tarefas.



Ramsey percorreu a pé todas as ruas do bairro de Sandy Oaks, colocando pacientemente um convite em cada uma das caixas de correspondência. Ainda tentava entender por que chegara tão perto de meter a porrada num merdinha de administrador de estaleiro que não tinha feito nada para merecer isso. Como podia esse tipo de loucura ainda assombrá-lo assim de forma tão perigosa? Depois de tantos anos, seria possível que ele tivesse mudado tão pouco?

Por outro lado, conseguira se controlar. Não havia espancado ninguém. Isso sem dúvida tinha alguma importância. Mas não muita. Então ele se perguntou o que teria sido preciso – uma palavra mal escolhida, uma entonação esquisita – para que o episódio tivesse outro final. Certa vez, quando criança, ouvira uma conversa do pai com um amigo no estaleiro, sobre como havia faltado pouco para que os Estados Unidos e a União Soviética incendiassem o planeta por conta de alguns mísseis em Cuba. A guerra não chegara a eclodir, mas poderia muito bem ter acontecido. Isto ficaria por muitos anos na sua cabeça: o fato de o mundo ter sobrevivido não significava que as partes envolvidas tivessem se comportado direito e não pudessem colocar tudo a perder numa outra oportunidade.

Mesmo sabendo que economizaria um bom tempo se entregasse os convites de carro, Ramsey queria pisar com os próprios pés no asfalto daquela comunidade. Allie já conhecia muitas daquelas pessoas que, como eles, eram proprietárias de um terreno de 2 mil metros quadrados, com um jardim enorme, e que haviam escolhido aquele bairro por sua proximidade das melhores escolas da região. Para Ramsey, todos eram basicamente iguais: com certeza nenhum deles ia nem um pouco com a cara dele. Mas, como dissera a Eric, o motivo daquela festa era tratar a todos como se fossem amigos desde sempre.

Inclusive David Magruder, cuja caixa de correspondência estava bamba, prestes a despencar da estaca. Embora nunca tivesse trocado uma palavra com o sujeito, Ramsey já o vira muitas vezes na televisão – rosto comprido, dentes grandes, princípio de calvície. Nada que lhe tirasse a confiança exacerbada na hora de dizer aos telespectadores o que “os céus reservavam para o fim de semana”. Ser informante da previsão do tempo em um telejornal talvez fosse o único emprego do mundo em que a pessoa não sofria nenhuma punição por estar errada em metade das vezes.

Ramsey chegou a pensar em passar direto pela casa dele. Mas não. Se quisesse mesmo ser magnânimo, *tinha* que convidá-lo. Resignado, enfiou o convite na caixa de correspondência.

Faltavam três ruas. Depois disso ele retornaria às suas tarefas: buscar a aparelhagem de som, alugar a piscina de bolinhas, comprar itens para o palco, reservar os barris de chope, cavar um buraco no quintal para a fogueira, preparar as comidas... A lista era longa, e ele estava ansioso para terminar tudo.



Dezessete horas depois e ele ainda estava riscando itens na lista, embora tivesse feito em um dia muito mais do que imaginara. Tinha

até conseguido resolver a questão do pônei com uma simples consulta à lista telefônica. A mulher que o atendera lhe prometera um animal bem mansinho, além de um dogue alemão devidamente adestrado para puxá-lo.

O ensaio da tarde correu bem melhor com a presença de Wayne. A desculpa que ele deu para seu sumiço na véspera não poderia ter sido mais esfarrapada: “encrenca com mulher”. Fazia três anos que o cara se mudara para Nova Jersey, mas volta e meia ainda tinha algum arranca-rabo com a tal Kendra, a namoradinha que deixara na Virgínia Ocidental e da qual não conseguia se livrar. *Larga logo esse osso e arranja outra mina aqui mesmo em Silver Bay!*, era o que tantas vezes Ramsey pensava em dizer ao amigo. Mas sabia que o amor era uma coisa confusa mesmo e não ia pegar no pé do cara justo agora que ele conseguira convencer o gerente da loja em que trabalhava não só a emprestar um amplificador como também a operar o aparelho durante o show.

Wayne era um sujeito decente que ainda tentava encontrar seu caminho, assim como muitos caras da sua idade. Não fora preciso muito para, uns dois anos antes, contar toda a história de sua vida a Ramsey num dia em que passara na loja para comprar cordas novas. Criado na Virgínia Ocidental por uma família adotiva, ele havia terminado – ou pelo menos tentado – o tempestuoso namoro que tinha com uma garota local e fugira de casa aos 17 anos. Tomara o primeiro ônibus que vira, levando apenas as 200 pratas que com muito custo conseguira juntar, uma mochila de roupas, um violão e a vaga noção de que ver o mar poderia ser uma boa ideia.

– Na verdade, o violão era do meu pai adotivo – contara Wayne na ocasião. – Achei que ele me devia isso.

– Imagino que sua família não fosse nenhum exemplo de união – dissera Ramsey.

Wayne simplesmente balançara a cabeça e falara:

– Cara, nem te conto.

Pouco inclinado a iniciar uma disputa sobre qual dos dois havia tido a infância mais sofrida, Ramsey dera a conversa por encerrada.

Ao longo dos dois anos seguintes, vez ou outra Ramsey tentara aconselhar o rapaz, dizendo que ele precisava aprender uma profissão de verdade para se sustentar. O garoto sempre desconversava, o que não era nenhum problema – ele era jovem e não tinha obrigações –, mas Ramsey não conseguia evitar orientá-lo para o bom caminho, assim como Eric fizera com ele anos antes. Esta era uma das grandes convicções que Ramsey havia adquirido na vida: era preciso passar a sabedoria à frente, caso contrário o mundo estaria fodido. Claro, um rapaz sozinho no mundo jamais procuraria conselhos de ninguém. Não o tipo certo de conselhos, pelo menos. Por isso era preciso tomar a iniciativa, mostrar interesse por jovens assim, pagar uma quantia bacana para que lavassem seu carro, trocassem o óleo e os filtros e, uma vez que o capô já estaria aberto mesmo, ensinar-lhes uma coisinha ou outra sobre o funcionamento de um motor.

No entanto, o convite para que Wayne se juntasse à banda não havia sido nenhum ato de generosidade. Qualquer banda de garagem receberia de braços abertos uma pessoa que conhecesse tantos acordes sofisticados, que tocasse solos tão limpos. Na verdade, Wayne era bom demais para os Rusted Wheels. Mas o papo era agradável, a cerveja era de graça, e aparentemente isso bastava para que o garoto comparecesse aos ensaios com alguma regularidade.

O ensaio terminou por volta das cinco. Apesar de tudo o que ainda tinha para fazer, Ramsey levou Allie e Meg para jantar no restaurante predileto delas, um lugar com vista para a baía. Meg se comportou direitinho, passou quase o tempo todo desenhando com os lápis de cera e o papel que a garçonete lhe dera, tagarelando consigo mesma. Ele e Allie ficaram olhando para a filha, ora admirando a paisagem da baía e mal falaram um com o outro, mas o

ambiente no restaurante estava tão animado que o silêncio entre eles não sobressaiu.

À uma e meia da madrugada, Ramsey levou as bandejas com hambúrgueres para a geladeira da garagem. Em seguida pegou o carro e passou na loja 24 horas do posto de gasolina para comprar mais um saco de 10 quilos de gelo.

Nem tentaria dormir à noite.

Na noite anterior, as coisas com Allie não tinham ido muito bem. Ela havia desligado a luz do abajur, os dois começaram a se beijar e ele procurou imaginar o início da relação, quando ainda tinha a cicatriz do corte recém-sofrido na perna. Allie acabara de se mudar para o apartamento que ele alugava acima da lavanderia e os dois costumavam morrer de rir da cama que rangia. No entanto, nenhuma dessas lembranças se fixava na mente de Ramsey.

Eles ficaram se beijando e acariciando durante algum tempo no escuro, até que ele afastou a mão dela e pediu desculpas, dizendo que suas costas estavam doendo depois de tantas horas na estrada. Foi à cozinha buscar uma bolsa de água quente e, quando voltou ao quarto, falou que dormiria na bicama, que talvez o colchão mais rígido fosse melhor para ele.

Agora, ao chegar do posto de gasolina com o saco de gelo, em vez de subir, ele foi para a cozinha e passou um pano nas bancadas, depois limpou o banheiro do andar de baixo, que seria usado pelos convidados. Eram quatro da madrugada quando se acomodou no sofá da sala com sua guitarra e um par de fones de ouvido, fechou os olhos e começou a repassar algumas das canções do *set list*. Pouco depois, seguiu para outras músicas, composições das suas bandas prediletas: Led Zeppelin, Rolling Stones, Allman Brothers, Lynyrd Skynyrd, Jimi Hendrix, The Who, The Doors, Grateful Dead. Praticamente a trilha sonora da sua vida, obras-primas da guitarra, todas com uma pontinha de tristeza.

Pouco a pouco ele foi sentindo a respiração acalmar, os músculos relaxarem, tal como vinha acontecendo naqueles últimos meses

sempre que estava na estrada. Quando se encontrava ao volante, todos os problemas do mundo deixavam de existir, e em seu lugar restava apenas o som de um motor bem regulado e o chiado reconfortante dos pneus sobre o asfalto quente.

Ramsey sempre gostara de dirigir, mas, ao descobrir o eixo orbital, sua vida naquele caminhão havia adquirido uma importância que até então não enxergava, como se ele e o automóvel fossem uma gotícula do sangue do mundo transportando nutrientes vitais por uma veia colossal. Pouco importava se na caçamba iam caixas de sopa em lata, de bicicletas ou de calças jeans. Ramsey e o caminhão eram parte de um sistema muito maior do que ele mesmo, muito maior do que a empresa para a qual ele trabalhava. Ou costumava trabalhar. Nos últimos meses, passara a solicitar viagens cada vez mais longas ao gerente de frota. Desde que comprara seu próprio veículo, deixara de fazer viagens interurbanas e interestaduais. Era muito bem tratado pela empresa, e durante anos tivera uma vida fácil, com paradas regulamentares para descanso, transporte de cargas sem obrigação de carregar e descarregar, itinerários curtos. Quase sempre estava em casa para a folga compulsória de 34 horas.

Mas quando passou a requisitar fretes mais longos, o gerente de frota ficou mais do que feliz em atendê-lo – não era todo dia que um motorista experiente solicitava rotas *menos* previsíveis. Além disso, já fazia algum tempo que Ramsey vinha sendo criativo ao preencher o livro de registro: dirigia por dezesseis, dezessete horas seguidas, observando a estrada com a atenção de uma águia e prevendo todos os movimentos dos outros motoristas. Nada fazia seus batimentos cardíacos aumentarem: nem o asfalto molhado, nem as rajadas de vento, nem as faixas estreitas demais, nem a imprudência alheia, nem os animais perdidos na pista. Tampouco precisava da ajuda de substâncias ilegais. Os cochilos que tirava na cabine eram tão revigorantes quanto a mais demorada e profunda noite de sono.

Não havia dúvida: o eixo orbital vinha mudando sua vida. Com o passar dos dias e das semanas, enquanto julho virava agosto, que virava setembro, ele começara a sentir, com frequência, uma certa carga elétrica no ar, como se uma tempestade fosse iminente, mesmo nos dias de céu azul. No entanto, sabia muito bem que não se tratava de eletricidade nenhuma, mas das forças galácticas que começavam a empurrar todas as coisas para seu devido lugar, inclusive ele.

Ainda bem que ele não tinha vendido o caminhão antes, em junho, quando tivera sua primeira intuição.

– Você pretende trabalhar com o quê, se não for com isso? – perguntara Allie ao saber que ele estava pensando em vendê-lo.

– Por que eu precisaria fazer alguma coisa? – respondera ele.

Sem mais nenhuma razão para ter que ganhar dinheiro, poderia simplesmente ficar em casa, brincando com a filha, tocando com a banda. E sua presença na cidade manteria David Magruder a distância sem que ninguém precisasse trazer o assunto à tona ou fazer uma confissão. Ele poderia fingir que não sabia de nada – daria a ela esse presente – e eles enfrentariam juntos o fim que estava por vir, como marido e mulher.

Mas Allie queria que ele continuasse trabalhando. E não havia como negar: a estrada era mesmo um vício.

Agora, enquanto dedilhava a guitarra com os fones nos ouvidos, sem perturbar o silêncio da casa, ele se permitiu pensar na própria infância, em todos os arrependimentos. Podia ver exatamente como aquele começo difícil o havia conduzido para os braços de Allie, e como o amor entre eles o levava a um bom emprego, a uma boa casa, num bairro bacana, e, claro, a Meg. Imaginou-a já adulta, na pele de uma severa diretora de escola, distribuindo castigos para moleques irresponsáveis que nem ele. Não pôde evitar um sorriso.

Era triste, claro, que esse futuro imaginado jamais viesse a se concretizar, mas não era nenhuma tragédia. O eixo orbital lhe dava a perspectiva correta de tudo. Fazia-o enxergar que éramos todos

animaizinhos na superfície de um planetinha perdido num universo imenso, não exatamente frio, mas impessoal, indiferente. Os planetas se formavam, depois morriam, ponto final. E quanto mais próximo o fim, mais resignado ele se sentia, como se fosse um filme que se aproximasse cada vez mais do epílogo e não tivesse nada a ver com suas expectativas.

Às 6h15, hora em que pescadores e caminhoneiros costumam preparar seus respectivos veículos, Ramsey tirou os fones do ouvido, deixou a guitarra no sofá e subiu. Primeiro passou no quarto de Meg, uma decisão arriscada, pois se ela acordasse agora, sobretudo com a barulheira dos passarinhos, não voltaria mais a dormir. Ele se aproximou do berço. Recentemente ela começara a dormir com um travesseiro fino. Mas nunca quisera bichinhos de pelúcia à sua volta, nem mesmo um cobertor, preferindo encarar as noites sozinha. Estava de bruços, o rosto virado para a parede, o corpo inflando e desinflando com a respiração. Ramsey poderia ficar o dia inteiro ali admirando-a, mas voltou ao corredor e seguiu para a suíte.

Dissera a Allie que ficaria acordado até mais tarde, que ela não precisava esperar, mas ao que tudo indicava a esposa havia esperado, pelo menos por algum tempo. A vela na mesinha de cabeceira tinha queimado até a base. O controle remoto da televisão jazia na cama, ainda ao alcance da mão. Allie já tinha 28 anos, mas ainda dormia de bruços, assim como a filha, um punho aninhado sob o queixo.

Como ela era linda. Ramsey queria acordá-la apenas para ficar deitado em silêncio a seu lado naquele último dia dos dois juntos. Mas as cortinas estavam abertas e a luz do sol a despertaria dali a pouco tempo. Ramsey foi até a janela e olhou para os telhados que se enfileiravam lá fora, pensando ser inacreditável que aquela manhã fosse exatamente igual a qualquer outra. Não havia como ver aqueles oito outros planetas se posicionando aos poucos. Mas era isso que eles estavam fazendo. Ele já conseguia sentir a inevitabilidade dos fatos.

Ramsey pensou em preparar ovos fritos e servir o café de Allie na cama. Costumava fazer isso no aniversário dela e na comemoração de casamento deles. Ela morreria naquela noite. Todos morreriam. Um dado infeliz, uma certeza científica, mas, até lá, ele poderia levar ovos para a mulher. Então mudou de ideia. Melhor deixá-la dormindo. De qualquer forma, ele ainda tinha um monte de coisas para fazer: comprar um botijão de gás, comprar as ferraduras, buscar os barris de chope reservados na véspera. E Eric não demoraria a chegar para ajudá-lo na montagem do palco no quintal.

A lista parecia não terminar, mas nada ficaria por fazer. A festa seria um sucesso, a banda tocaria melhor do que nunca e, graças a Ramsey Miller, o nível geral de boa vontade no planeta aumentaria num grau ínfimo, porém mensurável. Assim que o show terminasse e ele tivesse tocado seu último acorde, e desligado os amplificadores, abraçaria sua família bem forte e, ciente de ter levado uma vida muito mais plena do que jamais poderia ter imaginado, esperaria o término de outro show ainda mais maravilhoso: o do planeta Terra.

8

25 de setembro de 2006

Nos pouco mais de 15 quilômetros iniciais de viagem, tudo fora exatamente como Melanie tinha imaginado: janelas abertas, adrenalina correndo solta, sinal de rádio sem estática, o ar fresco matinal se misturando ao odor do chá de menta no porta-copos do console. Se havia prazer maior do que estar atrás de um volante numa manhã ensolarada em uma estrada vazia, Melanie não conhecia. Por 15 quilômetros ela havia esquecido todos os seus problemas, ainda que estivesse indo na direção deles.

No entanto, ao dobrar uma curva já nas imediações da cidade, ela se viu em uma interminável fila de carros com a luz de freio acesa. Depois de um minuto inteiro parada no mesmo lugar, começou a avançar novamente, mas tão devagar que talvez chegasse mais rápido se fosse a pé. Quando o rádio começou a chiar, ela desligou o aparelho e, no silêncio do veículo, passou a refletir melhor sobre o que estava fazendo e por quê, e sobre como seria fácil dar meia-volta, ir atrás de Phillip e dizer-lhe que os esquilos eram, sim, criaturas aterrorizantes, depois sugerir que eles se trancassem num quarto e nunca mais saíssem de lá.

Mas o que isso resolveria? Ela continuaria vivendo às escondidas, na mesma tensão de antes.

Sim, mas continuaria *vivendo*, pensou.

Lembrou-se da letra de uma das músicas que seu tio Wayne costumava tocar no violão, que dizia que não adiantava temer os problemas, porque eles encontrariam você em qualquer parte. Uma ou duas vezes por ano, Wayne tirava o instrumento do fundo do armário, limpava as cordas com uma flanela e dedilhava algumas canções, quase todas muito antigas, de bandas que ela conhecia apenas de nome. Eram antigas até para os próprios tios, mas Wayne gostava de dizer que tinha “uma alma velha”. Melanie achava que também tinha, pois gostava de tudo o que o tio tocava, sobretudo do modo como ele tocava, como se mergulhasse nas profundezas da música e convidasse quem o ouvia a acompanhá-lo.

Para uma pessoa que tocava tão raramente, era um músico muito bom – qualquer um podia ver isso. Na faculdade havia um cara que às vezes tocava no gramado do campus, mas sempre com uma tensão na mão ao dedilhar os acordes e na voz ao cantar. Com Wayne era o contrário. Suas mãos estavam sempre relaxadas, e a voz encontrava a melodia do mesmo modo que as águas de um rio encontravam seu curso. Embora cantasse músicas compostas por outras pessoas, as palavras importavam menos do que o sentimento que ele transmitia através de sua voz. Mas Wayne precisava estar no clima. E, mesmo nas raras vezes em que isso acontecia, depois de vinte ou trinta minutos ele guardava o violão de novo para outra longa hibernação.

Após quase uma hora na estrada, Melanie viu que uma das duas pistas que seguiam para leste havia sido bloqueada por um enorme pinheiro que desabara, levando junto boa parte dos cabos de uma linha de transmissão. Um a um, os carros nos dois sentidos iam passando por cima do mato ao longo do acostamento para contornar o obstáculo.

Dali a mais ou menos três horas, Melanie se aproximava de Baltimore. A essa altura já comera todos os lanches que levara, o chá tinha acabado havia muito tempo, ela estava apertada para

fazer xixi e suas pernas começavam a formigar. Sua recompensa, após uma parada rápida para ir ao banheiro, abastecer o carro e renovar o estoque de comida, foram mais várias horas de viagem na I-95. Ficou perplexa com a largura da estrada, com o número de automóveis que transitavam por ela e com a rapidez e a imprudência com que cada um seguia. Eram carros trocando de faixa numa velocidade absurda, caminhões enormes cortando-a, motoqueiros quase voando, como se não dessem valor nenhum à vida.

Havia um milhão de estações de rádio entre as quais escolher, mas Melanie não conseguia se imaginar ouvindo música naquele tipo de estrada. Ela agarrava o volante, não tirava o pé do acelerador e mantinha os olhos colados à sua frente, tentando não se distrair com a infinidade de outdoors, com os carros que entravam e saíam das pistas, com o horizonte cada vez mais próximo da Filadélfia, com as refinarias e usinas que começavam a surgir na paisagem, imundas de fuligem e fumaça, parecendo saídas de um filme apocalíptico.

Consultando o mapa rodoviário, ela enfim chegou ao condado de Monmouth, em Nova Jersey, pegou a saída 105 e seguiu pela autoestrada Garden State. Só foi se dar conta de como estava cansada quando parou no pedágio. Depois de mais alguns quilômetros de muitas concessionárias, centros comerciais e motoristas impacientes, o limite de velocidade foi baixando de 100 para 60, de 60 para 40, e o movimento já era bem menor quando a estrada deu lugar a uma ampla avenida ladeada de calçadas e árvores.

Ao passar por uma placa que dizia BEM-VINDO A SILVER BAY, Melanie de certa forma esperou reconhecer a cidade, mas é claro que isso não aconteceu. Viu à sua esquerda uma lavanderia chamada Shore Dry Cleaning e à direita uma pizzaria chamada Luigi's. Será que já tinha comido ali? Será que o lugar já existia quando ela era criança? Em seguida, passou por alguns prédios comerciais com fachada de tijolos aparentes, algumas casas, dois quarteirões inteiros de lojas e restaurantes e, mais à frente, à esquerda, avistou um hotel amarelo

chamado Sandpiper. Hotéis eram todos mais ou menos iguais, pensou, então pegou o primeiro retorno, deixou o carro no estacionamento e foi até a recepção.

– Gostaria de um quarto, por favor – disse ao homem do outro lado do balcão, um senhor de uns 60 anos.

– Duplo ou simples?

– Simples. Estou sozinha.

Imediatamente se arrependeu da resposta. As aparências enganavam. Nada impedia que aquele homem de aspecto tão pacato fosse capaz de atos terríveis. Ocorreu-lhe falar que outra pessoa viria mais tarde.

– Preciso de um cartão de crédito para o registro – disse ele.

Melanie havia planejado se registrar com um nome falso, como sempre faziam os personagens nos livros de mistério que ela costumava ler. Dificilmente alguém já teria ouvido falar de Melanie Denison em Silver Bay, mas ela não queria deixar nenhum vestígio de sua passagem pela cidade.

– Não, não é necessário – retrucou. – Vou pagar em dinheiro.

– Compreendo, mas são normas do estabelecimento.

Ela mordeu o lábio inferior, tirou o cartão da carteira e entregou ao recepcionista. Ele concluiu a operação, disse que o quarto ficava no primeiro andar, entregou a chave magnética e finalmente devolveu a Melanie seu cartão, não sem antes dar uma boa olhada nele.

– Tenha uma boa estadia, Srta. Denison. Temos uma piscina lá atrás. Está meio sujinha, mas... – O homem deu de ombros. Depois, mais animado, acrescentou: – Se precisar de alguma coisa, é só avisar.

Ela pediu um mapa da cidade. O recepcionista se agachou e ressurgiu segundos depois com a cópia de um mapa desenhado à mão. Apontando para uma estrela no meio do papel, informou:

– O hotel está aqui. – Em seguida, apontou para uma mancha escura que percorria todo o lado direito do mapa, sobre a qual se lia

“oceano Atlântico”. – Se ficar perdida, basta seguir na direção leste.

Depois de se acomodar, Melanie pediu um cheeseburger com fritas de uma lanchonete a dois quarteirões dali, em seguida comeu no quarto enquanto passava os canais da televisão. Os Yankees e os Devil Rays ainda não haviam marcado nenhum ponto na primeira parte do jogo. *Casablanca* tinha acabado de começar. Em *A Ilha dos Birutas*, Skipper batia em Gilligan com seu chapéu de marinheiro. Em outro canal, um apresentador ensinava a maneira correta de fritar costelas de porco. Ela trocou de novo de canal e agora um homem de terno dizia a outros três também de terno que as manifestações antiguerra da quarta-feira levariam a mudanças concretas. Em mais outro, carros de corrida zumbiam percorrendo uma pista. O número de canais parecia não ter fim.

O azul do céu lá fora começava a desbotar. Não tardaria a anoitecer, e Melanie sentiu-se tentada a ficar no quarto para ver quantos canais havia exatamente, quem sabe até assistir a um filme na HBO. Mas havia algo que ela precisava fazer antes que o sol se pusesse. Segundo estava vendo no mapa, não teria dificuldade em chegar lá: não havia nenhuma curva.

Após passar por alguns bairros do subúrbio, Melanie atravessou inúmeras pontes pequenas sobre pântanos, depois voltou à terra firme e seguiu por mais uns dois quilômetros, até a paisagem começar a ser dominada por casas maiores e mais antigas, e a rua terminar de repente. À sua frente, um calçadão de ripas de madeira corria de norte a sul.

Ela saltou do carro, foi até lá e se viu imediatamente surpreendida pela enormidade do mar, pela beleza da luz do sol refletida nas ondas enormes, da espuma branca misturando-se à água ao longo de toda a costa. Nenhuma fotografia ou programa de televisão fazia jus ao que ela contemplava naquele momento. Dizer que o mar era apenas “azul” ou “verde” era o mesmo que descrever qualquer ser humano com apenas um adjetivo. Chamar o ar de “salgado” era ignorar todos os outros cheiros, inclusive os mais

fortes e marcantes que, para sua surpresa, não a incomodavam de forma nenhuma, fossem de peixe, de alga ou dos moluscos que apodreciam sob a capa dura de suas conchas.

Algumas pessoas caminhavam pelo calçadão olhando direto para a frente, e Melanie se perguntava como conseguiam ignorar tamanha beleza.

Mais ao norte, encontrou uma escadinha para a praia e desceu os degraus. Obedecendo a algum instinto primitivo, tirou os sapatos e as meias, dobrou a barra da calça e se dirigiu à água, caminhando pela areia fria. No hotel o ar estava parado, mas ali um vento forte vinha de longe para emaranhar seus cabelos, obrigando-a a tirá-los do rosto a todo momento. Por um momento, Melanie imaginou se a fotografia da mãe que vira teria sido tirada ali.

Além dela, não havia mais ninguém na praia. Os únicos ruídos à sua volta eram os sons do vento, das ondas e das gaivotas.

Enquanto ela se aproximava da água, a areia ia se tornando pedregosa e cheia de conchas escuras e algas. Movendo-se com cuidado, inclinou-se à frente e encheu de água as mãos em concha. Então bebeu, sentindo o sal e bochechando por alguns segundos antes de cuspi-la. Quando uma onda bateu em suas pernas, firmou os pés no chão e eles afundaram na areia, uma sensação absolutamente inédita e um pouquinho assustadora. Por mais parecidas que todas as praias do mundo fossem, ela agora não se sentia mais como um fractal, pois conseguira escapar de seus antigos padrões. Aquelas ondas, as gaivotas, a maresia, tudo isso se juntava para apagar de uma vez por todas qualquer dúvida que ela ainda pudesse ter quanto à sua decisão de ir até ali.

Às suas costas, o sol se punha atrás de algumas nuvens, tingindo o céu de cores maravilhosas que iam do laranja ao rosa e ao vermelho. Isso para ela não era novidade. Crepúsculos eram iguais em qualquer lugar. Já o mar, ela nunca tinha visto: as ondas morrendo na praia, o mar se renovando a cada uma que quebrava e,

mais além, aquela vastidão que se estendia até a linha do horizonte, no lugar onde o céu beijava a terra.



A falta de planejamento era a estratégia de Melanie. Planejar com antecedência teria implicado imaginar todos os obstáculos possíveis, exatamente o tipo de coisa capaz de lhe tirar todo o ânimo e fazê-la voltar direto para Fredonia. Portanto, no dia seguinte, em vez de telefonar para o hospital para saber se Arthur Goodale poderia receber visitas (ou, por mais que ela preferisse não pensar nessa possibilidade, se ainda estava vivo), simplesmente apareceu no Hospital Regional Monmouth torcendo para tudo dar certo.

Estava vestida como imaginava que uma jornalista se vestia: saia, blusa, cabelos presos no alto, mais maquiagem do que estava acostumada a usar. Deixara a mochila no hotel e levara apenas o caderno em espiral no qual, na noite anterior e naquela manhã, havia preenchido três páginas inteiras com as perguntas que pretendia fazer. Tinha um lápis preso atrás da orelha.

Embora suasse nas mãos, sentia-se renovada por uma surpreendentemente boa noite de sono e energizada por ter feito tudo aquilo sozinha: a viagem para Nova Jersey, a visita ao hospital. O lugar era gigantesco, muito maior do que a clínica de Fredonia. E, em algum lugar naquela imensidão, Arthur Goodale esperava para falar com ela. Apenas não sabia disso ainda.

Melanie estacionou o carro e foi seguindo as placas até a entrada principal. Na recepção, informou-se onde ficava a UTI e pegou o elevador para o segundo andar. Havia duas enfermeiras de jaleco branco atrás de um balcão com a placa POSTO DE ENFERMAGEM. Ao ver Melanie, uma delas sorriu. A garota se aproximou e disse:

– Estou procurando Arthur Goodale. Ele ainda está aqui?

– Você é da família? – perguntou a enfermeira.

– Eu? Não.

– Posso perguntar qual é a natureza da sua relação com o paciente?

– Na verdade, ele nem me conhece – disse Melanie. Ao ver o ar de dúvida no rosto da mulher, explicou: – Sou jornalista.

– Jornalista do...?

– *Star-Ledger*. – Era o principal jornal da região.

– Procuramos limitar as visitas aos parentes e amigos mais próximos. – A enfermeira olhou de relance para a colega a seu lado.

– Preciso perguntar ao paciente se ele está disposto a recebê-la. Seu nome?

– Alice Adams – respondeu Melanie. – Por favor, diga a ele que eu gostaria de falar sobre o caso Ramsey Miller.

Durante toda a sua vida ela só havia dito o nome do pai em voz alta algumas vezes.

– Só um momento. – A enfermeira foi para o corredor e passou por uma porta à esquerda. Saiu pouco depois e, surpreendentemente, acenou para Melanie, dizendo: – Ele é todo seu.

A porta já estava aberta, então Melanie entrou. Ficou espantada com o estado lamentável de Arthur Goodale: torso nu, uma manta fina cobrindo-lhe até a metade do peito, diversos fios conectados a aparelhos de monitoramento, uma cânula de soro espetada na mão esquerda. Havia uma barba branca por fazer e os cabelos se resumiam a fios ralos e também alvos. Os olhos azul-claros eram cercados de rugas e, sob eles, viam-se duas bolsas escuras. Fosse ela naquele estado, pensou Melanie, nunca permitiria visitas.

– Devo confessar que você despertou minha curiosidade – disse Arthur Goodale. Sua voz forte pegou Melanie de surpresa. – Qual é mesmo o seu nome?

– Alice Adams.

– Eu apertaria sua mão se não estivesse preso a tantas máquinas. Um show de horrores, a velhice. Mas dizem que a alternativa é ainda pior. Pegue meus óculos para mim, por favor. – Eles estavam na mesinha de cabeceira. Quando Melanie os entregou, o homem ajeitou-os com alguma dificuldade ao rosto e, sorrindo, falou: – Agora, sim. Por favor, sente-se.

Melanie puxou para perto da cama a única cadeira do quarto e se acomodou nela.

– Então, em que posso ser útil? – perguntou Arthur.

– Conheço o blog do senhor.

Aparentemente isso era a coisa certa a dizer, pois os olhos dele se iluminaram um pouco.

– É mesmo?

– Faz pouco tempo que o descobri, mas já li tudo o que o senhor escreveu sobre o caso Ramsey Miller. Também li todos os artigos que escreveu pro *Silver Bay News*.

– A partir de que data?

– Li tudo.

Arthur tentou dar um assovio, mas o sopro saiu sem qualquer som.

– É um caso fascinante – comentou.

“Fascinante” não era bem a palavra que Melanie teria escolhido.

– Um horror, tudo o que aconteceu.

– Sim. Mas acho que ninguém se lembra de mais nada. Outro dia entrou aqui um enfermeiro que nunca tinha ouvido falar do caso. – Ele pigarreou, depois disse: – Mas e você? Qual é seu interesse no assunto?

Ela imaginou como ele tinha conseguido começar a entrevistá-la em vez do contrário.

– Trabalho pro *Star-Ledger*.

– Último caderno?

– Hein?

Arthur piscou várias vezes, desconfiado.

– Há quanto tempo você está no jornal? – perguntou.

– Mais ou menos um ano.

Ele coçou os pelos no queixo.

– Você não é de Nova Jersey.

– Não, senhor. Cresci numa cidadezinha pequena da Carolina do Norte. – Melanie abriu seu caderno. – Sr. Goodale...

– Pode me chamar de Arthur.

De jeito nenhum, ela pensou. Não havia sido criada assim. Agora não sabia mais como chamá-lo.

– Pelo que vi, ninguém sabe mais sobre este caso do que o senhor.

– Bem... a polícia sabe mais do que eu, claro.

– Acha mesmo?

– A polícia? Espero que sim.

– Mesmo agora que o investigador principal se aposentou?

– Bem, o arquivo continua lá.

Melanie assentiu. Se pudesse, não passaria nem perto da polícia, mas sabia que isso seria inevitável, caso quisesse mesmo chegar ao fundo daquela história.

– Pretendo dar uma olhada nele assim que possível.

– No arquivo? – Arthur estreitou os olhos. – Tecnicamente o caso ainda está aberto.

Melanie não entendeu.

– E daí?

– Se o caso está aberto, a polícia não vai permitir que você dê uma olhada em nada. – Arthur olhou pela janela, que dava para uma parede de tijolos de outra ala do hospital. Voltando a fitar Melanie, disse: – Você deve imaginar como a vida em um hospital pode ser triste e maçante. Sobretudo para mim, que nunca fui muito fã de televisão. – Ele suspirou. – Então eu detesto dizer isto, porque é ótimo receber visitas, ainda mais de uma moça tão bonita como você, mas ou você é a pior jornalista do mundo ou não é jornalista nenhuma e está mentindo pra mim.

– Como assim?

– Você é muito educada. De verdade. Teve uma boa educação. Seus pais fizeram um ótimo trabalho, e não digo isso com condescendência. – Ele umedeceu os lábios. – Mas o que você está fazendo aqui? Se estiver simplesmente interessada no caso Miller, veio ao lugar certo. Adoro falar do assunto, e hoje em dia quase não tenho a oportunidade. Mas para isso você não precisa fingir que é jornalista.

– Não estou fingindo, senhor.

Arthur sorriu.

– Ronny Andrews é um velho amigo meu. Conheço o tipo de repórter que ele costuma contratar, o tipo de matéria que... Você nem sabe quem ele é, sabe? – Outro sorriso. Melanie começou a antipatizar seriamente com esse sorriso. – Ronny Andrews é o editor-chefe do *Ledger*. Seria seu patrão se você trabalhasse mesmo lá.

Aquilo era um jogo para ele.

– Posso perguntar por que o senhor acha que...

– Lápis atrás da orelha? Por favor... E, pelo que pude ver até agora, você não faz a menor ideia de como os jornalistas obtêm suas informações. – Depois de uma pausa, ele acrescentou: – Além disso, você não aparenta mais do que 15 anos.

– Sou muito mais velha que isso.

– Qualquer um que diz “muito mais velho que isso” está mentindo.

– Bem, eu sou.

O que estou fazendo? Obrigou-se a parar de discutir com a única pessoa capaz de ajudá-la, e que ainda por cima estava num leito de UTI.

– E tem mais – prosseguiu Arthur. – Você nem perguntou como estou me sentindo.

– Como, senhor?

– Até a jornalista mais workaholic me perguntaria isso. E já determinamos que você é muito bem-educada. Então só posso concluir que, seja lá por que motivo, você está se fazendo passar por uma repórter quando na verdade é outra coisa.

O plano A era interpretar o papel de uma repórter do *Star-Ledger*. O plano B não existia.

– Como está se sentindo hoje? – perguntou ela.

– Cansado e com mal-estar. Mas obrigado por perguntar.

Dessa vez o sorriso saiu mais gentil, ou talvez fosse isso que Melanie queria enxergar.

– De nada, Sr. Goodale.

– Me chame de Arthur.

Ela precisou fazer um esforço sobre-humano para chamar aquele homem tão mais velho pelo primeiro nome.

– *Arthur...* Eu gostaria de saber tudo o que há pra saber sobre o caso Miller.

– *Nisto*, sim, eu acredito. Pois eu também quero saber de tudo. Faz quinze anos que quero. Mas sou um jornalista que passou boa parte da vida aqui nesta cidade. E você? Qual é sua explicação?

Aquela voz, aqueles olhos... eles não combinavam com o resto do corpo, muito menos com aquela cama de hospital. Arthur Goodale não era um homem frágil. *Ele sabe quem eu sou*, receou Melanie por um instante. Mas, claro, não tinha como saber.

– Você é um ótimo entrevistador – observou ela.

– Muito obrigado, Alice. Fico lisonjeado. E fico feliz em saber que você é uma leitora do meu blog. De verdade. Mas não gosto nem um pouco que mintam pra mim. Então... que tal recomeçarmos do zero? Quem é você? E qual é seu interesse real neste caso?

Melanie respeitava os instintos investigativos de Arthur, mas estava começando a se irritar. Para ela, era um caso de vida e morte. Para ele, uma alternativa às novelas ou à vista de sua janela.

Ela se encheu de coragem.

– Sr. Goodale... quer mesmo saber quem eu sou? – disse, baixando o tom para adicionar um elemento dramático à pergunta.

– Quero muito.

Agora sua voz não tinha nenhum indício de superioridade. Era a voz de um jornalista procurando ganhar a confiança da sua fonte.

– É capaz de guardar um segredo? – indagou Melanie.

– Sim, Alice, sou. De verdade.

Melanie o encarou pelo máximo de tempo que conseguiu.

– Bem, eu também sou.

Então ela se levantou, se dirigiu à porta e já ia saindo quando ouviu Arthur dizer um nome que não significava nada para ela.

Deu meia-volta e perguntou:

– O que o senhor disse?

– Magruder – repetiu Arthur. – David Magruder.

Melanie franziu a testa.

– O cara da TV?

Veio-lhe à cabeça a imagem do homem: rosto quadrado, furo no queixo, cabelos grossos e grisalhos. Sua especialidade eram as entrevistas dramáticas com criminosos, ativistas antiguerra, sobreviventes de enchentes e, cada vez mais nos últimos tempos, mulheres e filhos de soldados em missão no exterior.

– Há quinze anos ele era apenas o homem do tempo do noticiário – prosseguiu Arthur. – Veja bem, é possível que isso não seja nada, mas você estava sendo sincera quando disse que era capaz de guardar segredos? Ou foi só uma frase de efeito?

Ainda perto da porta, ela respondeu:

– As duas coisas, eu acho.

– Certo. Feche a porta, então. Não vá embora. Não quero que você vá embora.

Melanie obedeceu.

– Agora sente-se de novo. Por favor – pediu ele. Esperou que ela se acomodasse e finalmente disse: – Vou lhe contar uma coisa sobre a qual não escrevi uma linha sequer.

– Achei que o senhor tivesse um blog justamente para isso. Pra escrever tudo o que quisesse.

– Não é bem assim. Não posso caluniar um homem como David Magruder, nem mesmo num blog. Eu estaria implorando por um processo judicial.

– O senhor tem razão, não sou uma jornalista de verdade – admitiu ela, pensando que um pouco de sinceridade lhe abriria algumas portas.

– Se não for enfiar uma agulha em mim, está tudo certo – brincou Arthur.

– E se eu espalhar seu segredo?

– Você não vai fazer isso. – Dando de ombros, ele completou: – E, se fizer, por que eu deveria ligar? Provavelmente estarei morto em uma semana.

Melanie riu do humor negro. Depois, abriu seu caderno e tirou o lápis de trás da orelha.

O que ele lhe contou não foi grande coisa. Antes de tomar o caminho da fama e da fortuna (um caminho que incluía implantes de cabelo e algumas cirurgias plásticas, como Arthur fez questão de apontar), David Magruder havia sido o homem do tempo num telejornal local. Coincidentemente, morava na mesma rua que a família Miller e tinha sido um dos convidados da festa oferecida pelo casal à vizinhança.

– Parece que ele estava só fazendo a política da boa vizinhança – sugeriu Melanie.

Achava difícil imaginar um homem como David Magruder na vida real, interagindo com os vizinhos ou em qualquer outro lugar que não fosse a TV, todo arrumado, fotogênico, em ternos de corte impecável.

– Exatamente – disse Arthur. – Mas isso é que é estranho. Magruder estava longe de ser um vizinho exemplar. Cheguei a conhecê-lo naquela época, não muito, mas o bastante pra perceber que ele já era, ou pensava ser, brilhante demais para esta cidade.

Estava escrito nos olhos dele. Portanto, nunca entendi direito por que resolveu ir à festa de um caminhoneiro que não devia nem conhecer.

O que Arthur tinha dito fazia sentido, pensou Melanie, ou talvez Magruder apenas estivesse com tempo livre naquele dia. Talvez gostasse de hambúrgueres.

– É só isso? – perguntou.

Arthur balançou a cabeça.

– Nos dias seguintes ao crime, a polícia interrogou todos os que estiveram na festa. O que é perfeitamente natural. Mas Magruder foi interrogado mais de uma vez.

– Como sabe disso?

– Alice, morei aqui a vida inteira. Tenho amigos na polícia.

Melanie não podia imaginar ninguém com amigos policiais, mas nem por isso duvidou dele.

– O que a polícia tanto queria saber dele?

– Não sei – respondeu Arthur. – Mas sem dúvida pensaram, pelo menos por um tempo, que ele sabia de alguma coisa, ou que tinha visto algo, ou que tivesse alguma informação que pudesse ajudar na localização de Ramsey. – Um ruído agudo começou a soar e Arthur ficou inquieto até perceber que vinha de fora, não de um dos aparelhos à sua volta. – Realmente não sei. Nossa relação acabou no dia em que tentei conversar com ele sobre o crime. Depois disso, Magruder nunca mais quis falar comigo.

– O que você acha que ele podia saber?

Arthur ainda estava um tanto agitado, olhando de um lado para outro, para cima e para baixo. Só relaxou de novo quando o som agudo parou.

– Se você veio aqui em busca de respostas, sinto muito, mas não tenho nenhuma. Tudo o que eu sei é aquilo que você já leu no meu blog e nos artigos que escrevi pro jornal. Nem uma vírgula a mais. Quer dizer, exceto pelo que acabei de contar sobre Magruder. Sei que não é muito. Mas se você está mesmo disposta a investigar o

que aconteceu na noite de 22 de setembro de 1991, David Magruder talvez seja o melhor ponto de partida.

– Só que ele se recusa a falar do assunto com jornalistas.

– Então é uma grande sorte que você não seja uma.

Sim, o sorriso era mesmo irritante, concluiu Melanie. Mas ela tentaria acostumar-se com ele.

– Acho que posso ajudar você, Alice – prosseguiu Arthur. – Mas se você descobrir alguma coisa, vai ter que me contar, está bem? Este lugar é realmente muito monótono. – Ele franziu a testa. – E este caso... Ele é muito importante pra mim.

Ela assentiu.

– Pra mim também.

9

Melanie inspirou fundo, depois soltou o ar e só então passou ao saguão de mármore escuro, vazio àquela hora a não ser pelo segurança atrás de uma mesa nos fundos. Ela se aproximou dele e disse que tinha uma entrevista marcada com David Magruder para as três horas.

– Identidade, por favor – falou o homem, mal erguendo os olhos do jornal à sua frente. Quando ela não respondeu, ele continuou: – Carteira de motorista, passaporte...

Na véspera, Melanie tinha dado um nome falso ao assistente de Magruder.

– Minha carteira de motorista não está comigo. Vim de trem de Nova Jersey.

Ele enfim a encarou.

– Qual é seu nome?

– Alice Adams. – Quanto mais ela pronunciava esse nome, mais falso ele soava. – O Sr. Magruder está me esperando. Mas a secretária dele não disse nada sobre...

– Só um momento. – Ele tirou o interfone do gancho e apertou alguns botões. – Tem uma Srta. Adams aqui embaixo dizendo que tem hora marcada com o Sr. Magruder. – Ficou em silêncio por um longo momento antes de dizer: – Tudo bem, vou falar para ela subir.

– Desligou o aparelho e se dirigiu a Melanie: – Assine aqui. Décimo oitavo andar. Preciso revistar sua bolsa.

Lá em cima, as portas do elevador davam direto na recepção, de onde partiam corredores carpetados para a direita e a esquerda. Atrás do balcão, na parede, diversas fotos ampliadas de David Magruder cercavam uma placa com o nome do programa de televisão que ele agora comandava, *Magruder Revela*. Melanie já tinha visto a atração algumas vezes: muita gente brigando, chorando e fazendo as pazes, a música de fundo dizendo aos telespectadores o que sentir.

Uma recepcionista deslumbrante, de cabelos compridos escuros e vestido preto, estava sentada atrás de uma pequena escrivaninha de madeira, falando baixinho ao telefone:

– Certas pessoas simplesmente não prestam, e você não pode deixar que elas atrapalhem a sua vida. Você precisa... Só um minuto. – Ela baixou o fone. – Pois não?

– Meu nome é Alice Adams – disse Melanie. – Tenho hora marcada com o Sr. Magruder.

A mulher a avaliou de cima a baixo, depois voltou à linha:

– Te ligo depois. – Desligou e teclou um número de ramal. – Sr. Magruder – falou numa voz sensual, cheia de segundas intenções. – Há uma moça aqui chamada Alice Adams esperando para ver o senhor. – Limpou do ombro do vestido um fiapo que só ela enxergava. – Pois não. Vou dizer a ela. Obrigada.

Desligou e ficou em silêncio por cinco segundos, depois dez. Estava encarando as próprias unhas.

– O Sr. Magruder não vai me...

– Já está vindo – disse ela, e ergueu os olhos. – De onde você é, afinal?

– Carolina do Norte.

– É, seu sotaque é bem forte – comentou a recepcionista com seu sotaque nova-iorquino *bem forte* também.

Então, felizmente, o homem que Melanie reconheceu da TV e das revistas veio apressado de um dos corredores.

Arthur Goodale a havia aconselhado a não se fazer passar por jornalista. “Você é uma universitária fazendo um trabalho para a faculdade, fã número um de Magruder e da sua extraordinária carreira. É completamente louca por ele.” Melanie receara ter exagerado um pouco ao falar com a secretária de Magruder, mas ao que parecia a abordagem funcionara.

– Alice? – Magruder se aproximou com a mão estendida e um sorriso radiante, como se fosse ela a celebridade. – David. Muito prazer. – Tal como Melanie havia imaginado, sua mão era firme e seca, sem qualquer traço de suor. – Venha comigo. Poderemos conversar melhor na minha sala. – Conduziu-a, então, pelo mesmo corredor de onde tinha vindo. – E aí, fez uma boa viagem?

Melanie achou melhor não mencionar sua luta com a máquina de passagens na estação de trem em Nova Jersey, seu espanto com a enormidade da Penn Station, em Nova York, a multidão de passageiros que passou por ela com suas malas e o rosto sério, o sol ofuscante com que deparara ao sair na Rua 34, os arranha-céus e as calçadas largas que nunca tinha visto, o vaivém apressado dos pedestres.

– Sim, senhor – limitou-se a dizer.

– Ótimo. Segundo me informaram, você está estudando Rádio e TV na faculdade de jornalismo. Um caminho difícil, de panorama instável, mas se mantiver os olhos e os ouvidos bem abertos e o nariz longe do pó, você...

Eles passaram por algumas salas de vidro dentro das quais dezenas de pessoas trabalhavam em estações individuais, todas com um telefone na mão, encarando a tela do computador à sua frente.

David Magruder vestia um terno azul-marinho com listras discretas e um par de sapatos pretos recém-engraxados. Na TV era um cinquentão boa-pinta com uma cabeleira maravilhosa e uma voz agradável. Já em carne e osso não era exatamente bonito. Todos os

elementos estavam lá: o furinho no queixo, os olhos azuis, o cabelo perfeito, mas por algum motivo eles não combinavam entre si. Era como se tivessem sido escolhidos de um cardápio.

Ele parou diante de uma porta dupla com uma placa escrito GRAVAÇÃO EM ANDAMENTO.

– Estão gravando algumas vinhetas promocionais – explicou. – Não fosse isso, faria um tour completo com você. Venha, minha sala é logo ali.

No fim do corredor, ele abriu uma porta e sinalizou para que Melanie entrasse. O lugar era mais ou menos do mesmo tamanho, senão maior, do que o trailer em que ela morava com os tios. As janelas iam do chão até o teto e tinham uma ampla vista para Manhattan. Magruder se aproximou delas e admirou a paisagem como se a tivessem erguido exclusivamente para ele naquela manhã.

– Sou um homem bem-sucedido, mas nada me veio de mão beijada.

Depois de um instante ele se virou para Melanie, sorriu e a convidou a se sentar. O sofá era de couro macio e com certeza havia custado mais do que todos os móveis da casa dela. Acima dele havia fotos de Magruder apertando a mão de George Bush e a de Bill Clinton. Ambas pareciam ter sido tiradas no Salão Oval. Este, aliás, era o tema recorrente nas imagens: Magruder ao lado de pessoas absurdamente famosas, a maioria das quais até mesmo Melanie era capaz de reconhecer – Madonna, Tom Cruise, Michael Jordan, Angelina Jolie, Hillary Clinton. Em todas ele estampava o mesmo sorriso afável e meio falso. Um sorriso protocolar, desprovido de qualquer emoção.

Ele se sentou na poltrona de couro do outro lado da mesinha de centro, que parecia feita de madeira fossilizada. Cruzou as pernas. O vinco na calça era tão bem marcado que parecia fazer parte dela.

– Produzimos um programa por semana, que vai ao ar na quarta-feira à noite. Folgamos na quinta e na sexta começamos tudo de

novo.

– Parece bem puxado – comentou Melanie.

– Talvez. Mas vou lhe dizer uma coisa, Alice: depois de tantos anos de trabalho diário na TV, correndo atrás de não sei quantas histórias, precisando estar em diferentes lugares ao mesmo tempo, isto aqui não é nada. Posso elaborar as pautas com antecedência, convidar quem eu quiser.

Agora que podia ver melhor, Melanie notou que a pele de Magruder tinha o mesmo tom alaranjado que a de algumas colegas de faculdade que exageravam no bronzeamento artificial. Sem saber ao certo o que dizer, ela seguiu o conselho de Arthur e fez um elogio:

– Seu escritório é maravilhoso.

– Muito obrigado. O andar inteiro é meu. Os chefões da emissora queriam que eu alugasse um espaço no prédio deles, mas eu disse: “De jeito nenhum!” Desculpe a arrogância, mas é verdade. Não queria que ninguém ficasse me vigiando pelos cantos. – Dando de ombros, continuou: – O que eles podem fazer, Alice? Na semana passada tivemos doze pontos de audiência com aqueles fuzileiros, um rapaz e uma moça que foram atingidos por uma bomba caseira e acabaram se apaixonando na enfermaria do hospital. Transmitimos parte do casamento deles, a primeira valsa... Por acaso você viu?

– Infelizmente, não – respondeu Melanie.

– Pois, se tivesse visto, com certeza não teria conseguido conter as lágrimas. Foi muito bonito, pode acreditar. – Abriu um sorriso de novo, que logo foi substituído por uma expressão de legítima preocupação. – Caramba, eu não tenho um pinga de educação.

– O que disse?

– Não lhe ofereci nada até agora. Aceita um café? Um chá?

– Não, obrigada.

– Poderia oferecer algo mais forte, mas provavelmente não deveria, rá rá. Bom, se quiser, é só falar. Mas não, acho que não é uma boa ideia.

– Só água, por favor.

– Claro, claro, vou providenciar. – No telefone sobre a mesinha à sua frente ele discou um número de ramal e disse: – Por favor, um copo d’água para a Srta. Adams. Não, nada para mim. – Desligou e falou: – Você é do Sul, não é?

– Da Carolina do Norte.

Magruder assentiu.

– Um sotaque sensual. Combina com você, que é muito bonita. Mas sugiro que dê um jeito de neutralizá-lo, do contrário será relegada aos mercados secundários. Aliás, que fique bem claro: isso não foi uma cantada. No início da carreira, quando fazia a previsão do tempo, eu falava assim, que nem um caipira. A questão é que eliminei o sotaque e na semana passada bati o *Sessenta Minutos* na audiência. A única coisa que importa é a audiência, o resto é poesia. Ele bateu as mãos nas pernas como se estivesse chamando para perto um cãozinho de estimação. – Então... Esta sua matéria na faculdade. Quero saber de tudo.

– O nome da matéria é “Introdução às mídias de massa” – disse Melanie.

– Onde você estuda?

Antevendo a pergunta, na noite anterior ela havia pesquisado na internet para inventar uma resposta.

– No Gaston College.

– Nunca ouvi falar. – Exatamente o que ela queria. – Continue.

– Bem, um dos trabalhos que preciso fazer é entrevistar alguém da TV ou de rádio. Primeiro pensei em procurar alguém na minha cidade mesmo, mas depois precisei ir a Nova Jersey para o casamento de uma prima, e era tão perto de Nova York... Enfim, sou fã número um do seu trabalho.

Arthur havia insistido que ela dissesse isso.

– Quer dizer então que, em vez de entrevistar algum caipira da sua cidade, você veio me procurar. Uma decisão ambiciosa. Gosto disso. E sempre procuro arrumar um tempinho para a próxima

geração de magnatas da mídia – falou, sorrindo. – Então, o que você quer saber?

Melanie tirou o caderno e uma caneta da mochila e deu uma olhada rápida nas perguntas que havia anotado na véspera. Decidiu começar com uma sobre os programas pelos quais ele já havia passado, mas foi interrompida quase de imediato:

– Tudo isso você pode pesquisar na Wikipédia. Lição número um: não desperdice o tempo que você tem para uma entrevista. O que você *realmente* quer saber?

Melanie consultou seu caderno outra vez. Com o comentário que acabara de fazer, Magruder havia eliminado onze das quinze perguntas listadas. Dificilmente haveria em sua vida outra ocasião em que ela desejaria tanto ser uma pessoa esperta, sutil e habilidosa com as palavras. Restava-lhe apenas uma coisa a fazer: pular para a décima segunda pergunta na lista.

– O senhor é solteiro e não tem filhos, correto?

– Correto – respondeu ele, meio constrangido. – Mas como eu disse, isso você pode pesq...

– Por que ainda mora em Silver Bay?

Magruder franziu a testa.

– Não falo sobre minha vida pessoal. – Sem dúvida achou que havia sido ríspido demais, pois logo emendou: – Não é difícil entender por que uma pessoa pública como eu prefira manter a discricção em relação à sua vida particular.

Tratava-se de um golpe sério: o plano dela, se é que ainda poderia ser chamado assim, era fazê-lo falar sobre Silver Bay e depois, dando uma de inocente, mencionar o crime. O que poderia fazer agora para estabelecer uma relação com ele?

– Um dos objetivos do meu trabalho é procurar conhecer melhor o entrevistado. Não só o lado profissional, mas o pessoal também. Por isso perguntei sobre Silver Bay.

– Pode acreditar em mim – disse Magruder. – Minha vida profissional é muito mais interessante que a pessoal. – Ele se

remexeu na poltrona.

Seguiram-se cinco ou seis segundos de silêncio. Melanie já sentia o suor brotar nas axilas. Na ausência de mais opções, ela fechou o caderno, encheu-se de coragem e disparou:

– Quando o senhor morava no bairro de Sandy Oaks, que tipo de relacionamento tinha com Allison e Ramsey Miller?

– Como é que é? – Recostando-se na poltrona, Magruder encarou-a com intensidade e falou: – Você não ouviu o que acabei de dizer?

– Em 1991...

– Que espécie de pergunta é essa? Não vou falar nada sobre esse assunto.

– Só queria saber se o senhor conhecia o casal. Porque também morava no...

– Sei muito bem onde eu morava, querida. – Nenhum sorriso agora. – Não falo desse assunto. Você não pergunta sobre este assunto. Será que fui claro desta vez?

– Sim, senhor – respondeu Melanie, o coração retumbando no peito.

– Eu não conhecia nenhum dos dois, entendeu? Nem superficialmente.

– Entendi.

Mas era claro que ele estava mentindo. Por quê?

– Acho bom que tenha entendido.

Nesse momento, uma moça entrou na sala com uma bandeja nas mãos.

– Prontinho – cantarolou. Pegou um copo de água com gelo da bandeja e o deixou sobre um descanso de cerâmica diante de Melanie, enquanto Magruder observava. Sorrindo, perguntou: – Mais alguma coisa?

– Não – disse Magruder.

– Não sabia se ela queria uma rodela de limão ou não, então...

– Não precisamos de mais nada.

– Sim, senhor – retrucou a moça, agora menos sorridente, e saiu.

– Mil desculpas – falou Melanie, fazendo o possível para parecer sincera. Realmente lamentava ter fechado aquela porta tão cedo, sobretudo sem outro caminho claro a seguir. – Juro que não queria aborrecer o senhor.

– Me aborrecer? Você não é capaz de me aborrecer, garota – devolveu Magruder.

Melanie baixou os olhos para a mesinha de centro, resignada com a condescendência dele. Magruder respirou fundo e pousou as mãos no colo, sobre os vincos perfeito da calça.

– Por que você não me diz logo a verdade? Quem é você realmente? O que veio fazer aqui? – Quando ela não respondeu, ele disse: – Qual é mesmo o nome da sua faculdade?

– Gaston College.

– Isso é o que nós vamos ver. Porque *isso aqui...* – falou, apontando para as roupas dela. – Qualquer outra universitária teria colocado uma roupa melhor pra fazer uma entrevista. – Também a conselho de Arthur, ela havia se vestido como uma “estudante típica”: uma blusa simples, calça jeans rasgada, tênis, cabelos presos num rabo de cavalo, um batom clarinho e um pouquinho de rímel. – Se eu descobrir que você trabalha pra um desses tabloides da vida...

– Juro que sou mesmo uma universitária – afirmou ela.

– Você jura – repetiu Magruder, rindo. – É uma grande mentirosa, isso sim. Sinto cheiro de mentira a quilômetros de distância. – Ele correu os olhos pelas fotografias na parede como se buscasse nelas algum tipo de combustível para se reabastecer. Em seguida massageou as têmporas. Quando voltou a falar, sua voz soou mais comedida: – Muito bem, Alice. Vou lhe contar o que sei. – Aproximou-se dela. – Sei de duas coisas: que você vai sair pela mesma porta que entrou e que vai fazer isso imediatamente.

– Como?

– Isso mesmo que você ouviu.

Sentindo-se meio desnorteada, Melanie precisou se esforçar para manter o controle.

– Sr. Magruder...

Ele se recostou na poltrona de novo e cruzou os braços.

– Estou esperando que as minhas duas ordens sejam obedecidas, garota.

– Posso fazer outras perguntas, se o senhor preferir – arriscou ela, e baixou os olhos para sua lista inútil de perguntas. – Como o senhor se sente ao saber que está informando milhões e milhões de...

– Deixe-me ser mais claro – interrompeu ele, e gritou: – Dá o fora da minha sala, porra!

Melanie se levantou e guardou o caderno na mochila. Podia sentir o olhar de Magruder às suas costas quando caminhou para a porta. Continuou a senti-lo até mesmo quando já estava fora da sala, esperando o elevador, que demorou uma eternidade para chegar.

– Não adianta ficar apertando o botão – disse a recepcionista. – Ele não vai subir mais rápido.

Após passar pela segurança no saguão e irromper na rua, Melanie caminhou uns dois quarteirões até perceber que estava indo na direção errada, então deu meia-volta e seguiu a pé os vinte quarteirões até a Penn Station. Os pés começaram a latejar e ela ainda se sentia meio tonta e enjoada, porque mal havia comido durante o dia, tamanha sua ansiedade. Só o que queria agora era se perder anonimamente na imensidão da estação, protegida pelo casulo dos passageiros na hora do rush.

Ao chegar lá, viu que ainda faltava meia hora para a próxima conexão. Fazendo o possível para ignorar o cheiro de café, Melanie entrou na fila da lanchonete mais próxima e comprou três rosquinhas e uma garrafa de suco de laranja. Em seguida se afastou o máximo possível do balcão, e sobretudo do cheiro de café, e foi se

sentar encostada na parede do terminal. Ao morder a primeira das três rosquinhas, deu-se conta de que era a coisa mais deliciosa que já tinha comido. As pessoas andavam por toda parte. Se a população inteira de Fredonia fosse colocada dentro daquela estação, o lugar provavelmente não estaria tão cheio, mas naquele momento ela se sentia segura no meio de tanta gente, apenas um rosto a mais entre tantos outros, um anônimo grãozinho de areia na praia.

Continuou comendo sem que ninguém se desse conta da sua presença. Sua entrevista havia sido um desastre, e era bem provável que ela tivesse vindo da Virgínia Ocidental à toa, mas pelo menos estava ali, na famosa Penn Station de Nova York, aquele buraco subterrâneo repleto de vozes, música e anúncios de chegadas e partidas. Uma maravilhosa rede de segurança. Um paraíso. Um útero materno. Ela poderia passar o resto da vida naquele lugar.

Melanie deu mais um gole no suco e secou a boca com o guardanapo. Ainda não havia decidido qual rosquinha atacar em seguida quando um homem alto, vestindo uma regata encardida e uma calça camuflada, passou correndo por ela. Não era exatamente jovem – os cabelos já começavam a branquear –, mas os braços, apesar de magros, pareciam fortes. Segundos depois um policial grandalhão o alcançou e o derrubou no chão. Quase de imediato, um segundo policial, mais parrudo que o outro, jogou-se em cima do homem caído e pressionou o rosto dele contra o chão enquanto o primeiro o algemava. Apesar dos berros para que ele se calasse, o sujeito agora resmungava, uivava e gemia feito um animal ferido, e os passantes paravam para ver o que estava acontecendo, alguns sacando o celular para fotografar. “Bem-vindo a Nova York”, disse um engravatado a outro. Foi então que Melanie viu a poça de sangue que começava a se formar em torno da cabeça do detido. O pedaço de rosquinha que acabara de engolir bateu feito uma pedra em seu estômago.

Receando ficar de pé e não conseguir se sustentar nas próprias pernas, ela simplesmente fechou os olhos o mais forte que pôde, tapou os ouvidos e começou a recitar baixinho, feito um rosário, o nome de todos os personagens de Nancy Drew: Carson, pai de Nancy; Eloise, tia de Nancy; George, a menina com jeito de menino; Bess, a prima gorducha de George; Ned Nickerson, o namorado de Nancy; Hannah, a empregada...

PARTE II

10

1965

Sua história era uma história de amor, mas o amor viria apenas mais tarde. Antes ele ainda teria longos anos pela frente.

Na infância, naquelas noites em que seus pais enchiam a cara de cerveja ou vodca e começavam a gritar e arremessar porta-retratos com fotos de tempos mais felizes, Ramsey corria para a árvore que havia nos fundos do prédio, subia nela e aninhava-se onde podia. A 20 metros de altura, ele conseguia respirar melhor. Às vezes passava duas ou três horas lá no alto, mas quando começava a sentir sono ou dor na bunda, não lhe restava outra coisa a fazer senão descer e encarar de novo aquele mundo tão barulhento e tão pouco gentil.

Mas nem sempre o mundo era assim. Havia aquelas tardes de sábado em que a mãe o levava para patinar. Ele ficava sempre na beira do rink, rente ao guarda-corpo, mas gostava de sentir e ouvir o atrito das lâminas contra o gelo. Adorava observar a mãe, uma exímia patinadora. Para ela bastava uma única volta de aquecimento antes de ir para o meio da pista, onde deslizava de costas, rodopiava e às vezes até saltava. Quando o tratorzinho esquisito aparecia para nivelar a superfície, ele e a mãe iam até as máquinas junto ao balcão de aluguel de patins, inseriam uma moeda e viam o copo de isopor cair do alto para ser lentamente preenchido.

Em seguida dividiam uma canja de galinha bem salgada, aquecendo-se o suficiente para mais uma hora de patinação.

Às vezes Ramsey ia com pai à marina de Shark Fin e o via subir à agitada casa de máquinas. De vez em quando ele lhe explicava uma coisa ou outra sobre o trabalho que estivesse fazendo. Em algumas ocasiões, aproveitava o tamanho pequeno do filho e lhe pedia para se espremer por entre alguma fresta. Na maioria das vezes, deixava o menino explorar as docas e subir nos iates parados, desde que tivesse cuidado para não quebrar nada. Os funcionários do estaleiro sempre vinham cumprimentar Ramsey, não porque tivessem algum carinho especial por ele, mas porque respeitavam seu pai. O menino gostava de observar o rosto daqueles homens, vermelhos e cheios de rugas, castigados pelo vento e pelo sol. Adorava suas gargalhadas, os copinhos de isopor em que tomavam café, as roupas sempre manchadas de graxa após um longo dia de trabalho. Gostava de saber que o pai era um deles.

Terminado o expediente, os dois iam para o fim das docas e ficavam à beira da água dividindo um refrigerante e olhando para a baía. Enquanto estavam parados ali, com o sol aquecendo sua nuca, o pai observava os pescueiros que voltavam ao cais com os peixes do dia, o deque cercado de gaivotas.

Ando pensando num Sea Ray de 38 pés, seu pai costumava dizer. Ou: *Ando pensando num Viking de 36 pés*. Sempre andava pensando num barco qualquer, como se fosse um milionário e tivesse todo o tempo do mundo para contemplar suas compras.

Muitos anos se passariam até que Ramsey fosse capaz de ver até que ponto os problemas entre seus pais se deviam às adversidades normais da vida – dificuldades financeiras, tédio, envelhecimento – e até que ponto se deviam à perigosa química entre duas pessoas de temperamento difícil. A cada dia as coisas mais simples eram capazes de desencadear um acesso de fúria: uma manchete de jornal, um carro estacionado na vaga errada, um comentário, um olhar, até mesmo nada. Ramsey permanecia sentado no sofá, rígido

que nem uma pedra, esperando a confusão começar. Podia farejá-la no ar do mesmo modo que certos animais sentiam a tempestade se aproximando. Assim, antes que começassem o bate-boca e os palavrões, antes que copos, revistas e controle remoto fossem atirados na mesa de centro e na parede, ele já estava a caminho do seu santuário no alto da árvore. Os pais nunca o impediam de sair nem o chamavam de volta. Mais tarde, quando finalmente o viam chegar, nunca perguntavam por onde havia andado. Talvez porque os fragmentos de casca de árvore nas roupas e nos cabelos do filho deixassem isso claro.

Certa vez, numa noite de outono, uma semana antes do seu aniversário de 9 anos, Ramsey estava lá em cima na árvore imaginando, como sempre fazia, como seria morar sozinho num chalé nas montanhas, na beira de um lago ou em qualquer outro lugar onde à noite se ouvissem apenas os grilos e os lobos, com um manto infinito de estrelas acima da cabeça. Estava estudando as constelações na escola e olhava para o céu dizendo o nome de cada uma quando uma viatura de polícia parou silenciosamente diante do prédio, seus faróis ofuscando as estrelas e as luzes da sirene pintando a copa das árvores a seu redor de cores estroboscópicas. Ramsey estava com frio, sentado sem se mexer lá em cima, mas ao ver o carro começou a suar frio. Pensou que um de seus pais havia finalmente matado o outro. Eles nunca tinham se agredido fisicamente, a menos que contasse aquela vez em que a mãe batera com uma caneca na mesa, quebrando-a, e acabara cortando o próprio polegar com um caco de vidro. Mas nos últimos meses o clima em casa vinha ficando cada vez mais tempestuoso, e agora tudo parecia possível.

Mas não: os dois ainda estavam berrando um com o outro. Naquela noite o vento soprava do oeste e levava os gritos do apartamento até a árvore em que ele estava.

O policial tocou a campainha e ambos se calaram no mesmo instante.

Um pouco depois, o homem voltou à rua e balançou a cabeça como se para tirar dela alguma sujeira, em seguida foi até o carro e ficou dentro dele com os faróis apagados por um bom tempo. Da mesma forma que o policial, Ramsey esperou na árvore para ver se a briga recomeçaria. Quando o homem finalmente foi embora, o garoto contou até quinhentos e desceu.

– Você deve ter visto o que aconteceu agora à noite – disse-lhe o pai uma hora depois, sentado ao pé da cama dele.

Era dia de semana. Ramsey já estava sofrendo com o fato de que teria que acordar dali a algumas horas. Virado para a parede, olhava para os decalques de peixe nas paredes. Durante o dia eles pareciam felizes, mas à noite, iluminados pela luz do abajur na cômoda, ficavam sinistros e assustadores. Como estavam ali desde sempre, nunca lhe havia ocorrido pedir aos pais para tirá-los.

– A polícia veio aqui – respondeu Ramsey.

– Veio porque algum vizinho quis se meter na nossa vida – esclareceu o pai, e enfiou a mão sob as cobertas para acariciar um dos pés do filho. – Mas é verdade: sua mãe e eu não sabemos manter a boca fechada. A gente vai tentar consertar isso.

Desde que conseguia se lembrar, Ramsey sempre se acalmava quando sentia no pé a aspereza dos dedos do pai. Nunca sentia cócegas.

– Não gosto quando vocês brigam – falou.

– Claro que não. A gente também não gosta. Por isso vamos corrigir isso.

– Promete? – Durante o dia, Ramsey jamais teria ousado pedir ao pai que promettesse qualquer coisa, mas no quarto quase escuro eles não viam o rosto um do outro e isso facilitava bastante as coisas.

– Escuta, filho – disse o pai, interrompendo a massagem. – Você ainda é novo demais pra saber o que é estar apaixonado por uma mulher. Tem vezes que o amor deixa a gente maluco.

– Você é apaixonado pela mamãe?

O pai riu.

– Claro que sim. Na maior parte do tempo, pelo menos.

Ramsey jamais confessaria uma coisa dessas ao pai, mas ele também estava apaixonado. Por Rachel Beaner. Só que não havia a menor chance de que o sentimento que ele experimentava ao vê-la na escola tivesse algo em comum com o de seu pai ao olhar para sua mãe. Além disso, Ramsey tinha certeza absoluta de que, se um dia viesse a se casar com Rachel, amaria sua esposa *o tempo todo*. E nunca ergueria a voz para ela. Nunca.

– Então por que você não promete?

– Poxa, Ram... – Da cozinha vinham os ruídos de louça sendo lavada na pia. Mais de uma vez os dois haviam brigado justamente por não terem uma lava-louça. Ramsey nem se lembrava mais de quem defendia o quê. O mais provável era que trocassem de lado a cada briga. – Está bem, então, filho – disse o pai afinal. – Eu prometo.

Eles trocaram um aperto de mão no escuro. Por seis dias o pai manteve sua promessa. A mãe também se comportou melhor, mesmo não tendo prometido nada. E no sétimo dia, um domingo, véspera do aniversário de Ramsey, os dois saíram para um passeio à noite e apenas o pai voltou para casa.



Naquele dia chovia sem parar – não uma chuva forte, mas pingos finos, agradáveis. Sentados no sofá, os pais de Ramsey liam juntos o jornal, falando algumas partes em voz alta, algo que não faziam havia muito tempo. Sua mãe estava com os pés no colo do marido. Deitado no tapete marrom, Ramsey lia gibi enquanto ouvia o barulhinho da chuva batendo nas janelas.

Depois do jantar, seus pais saíram para fazer algo na rua, provavelmente relacionado com presentes de aniversário, porque

Ramsey vira o pai dar uma piscadinha discreta para a mulher. Eles o deixaram sozinho em casa, diante da TV, com um copo de refrigerante e uma tigela de salgadinhos. A mãe disse alguma coisa como "Daqui a uma hora estamos de volta". Em uma hora ele já estava completamente absorto em um episódio de *Lassie*, levantando-se do sofá apenas para aumentar o volume da TV quando a chuva ficou mais forte e barulhenta.

As noites de domingo eram ótimas para ver TV. Ele assistiu a um filme da Disney, depois a um faroeste. Àquela altura já deveria estar na cama. *Bonanza*, uma série, veio depois, e como ninguém tinha voltado para casa ainda, ele engrenou um programa de pegadinhas na sequência, seguido de um game show de que os pais às vezes falavam mas nunca permitiam que ele ficasse acordado para assistir. Agora não havia mais dúvida: algo muito errado havia acontecido. Quando o síndico do prédio tocou a campainha com dois policiais e o pai de Ben Cramer entrou no apartamento para desligar a TV, Ramsey, trêmulo da cabeça aos pés e com a boca seca apesar de todo o refrigerante que tinha bebido, ergueu o rosto e, sem saber o que dizer, exclamou:

– Ei, eu tava assistindo isso!

◆ ◆ ◆

– Vai, fala – disse Ramsey.

No pátio. Hora do recreio. Dia seguinte ao enterro.

– Tem certeza que você quer saber?

O pai de Larry Ackerman era policial, logo as informações que Larry tinha para dar eram sempre confiáveis. Seus pais nem suspeitavam que ele podia ouvir todas as conversas entre os dois pela saída do ar-condicionado.

– Anda, *fala!*

Larry olhou de relance para Ben Cramer, como se ele fosse o guardião de Ramsey. E talvez naquele momento fosse mesmo. Ramsey havia dormido na casa do garoto até o dia do enterro e só no dia anterior tinha voltado para a própria casa. Aquele era seu primeiro dia na escola depois da tragédia, e sem dúvida os pais de Ben tinham pedido ao filho que ficasse por perto – ou isso ou Ben era o amigo mais leal que alguém de 9 anos poderia ter.

Ben assentiu.

– Tudo bem, então – falou Larry baixinho, e se sentou na grama recém-aparada.

Os outros dois fizeram o mesmo, formando um círculo. Estavam nos fundos da escola, a uns 50 metros do parquinho, dos outros garotos e dos inspetores. Mais cedo, logo ao chegar à escola, Larry encontrara Ramsey no corredor e a primeira coisa que dissera tinha sido: *Preciso contar uma coisa importante*. Mas, como os dois eram de turmas diferentes, Ramsey precisara esperar três longas horas para saber o que era.

Agora, sentado ali perto da cerca que separava a escola do riacho que cortava boa parte da cidade, Ramsey sabia que para Larry aquilo tudo não passava de uma grande brincadeira, como as histórias de fantasma que todo mundo gostava de contar. Mas, se Larry sabia da verdade, então Ramsey precisava saber também. A única informação que ele tinha até agora era que a mãe estava morta. No dia anterior, chegara perto do caixão para ver o rosto dela. Todos haviam tentado convencê-lo do contrário, mas ele precisava fazer aquilo. Nem seu pai nem ninguém havia dito uma só palavra para explicar o que acontecera, a não ser que fora um “acidente de carro”. Ramsey não tinha como perguntar detalhes ao pai, como de que forma era possível que a mãe estivesse morta e ele não tivesse sofrido sequer um arranhão.

– Seus pais estavam brigando no carro – contou Larry.

– Meu pai não matou minha mãe.

Ramsey já havia pensado nessa possibilidade e a descartara tantas vezes que as palavras saíram automaticamente. De qualquer modo, se fosse verdade, seu pai já estaria na cadeia, não em casa.

– Me deixa terminar – disse Larry. E sussurrando como se de fato estivesse contando uma história de fantasma, explicou: – Eles estavam brigando no carro, seu pai ficou muito nervoso e obrigou sua mãe a sair.

– Sair pra onde?

– Sair do carro. Expulsou ela do carro, na chuva, e se mandou. Depois...

Larry olhou rapidamente na direção da escola. Um grupinho jogava bola.

– Depois o quê? – perguntou Ramsey.

Talvez tenha sido aí que Larry enfim percebeu que não estava contando uma história de assombração. Ele acompanhou o jogo por mais alguns segundos, depois baixou os olhos para a grama e disse:

– Ela foi atropelada.

– Atropelada?

– Estava escuro e chovendo – explicou Larry. – O motorista da caminhonete não viu que ela estava na pista.

– Uma *caminhonete*?

Ramsey soube, naquele momento, que pelo resto da vida ficaria imaginando aquela cena, o baque do automóvel contra a mãe, o corpo dela voando para o alto, depois se esborrachando no asfalto. Sua *mãe*.

– Uma picape – continuou Larry. – O motorista saiu de uma curva, estava muito escuro e a chuva estava muito forte. – Sem dúvida ele repetia as palavras que ouvira do pai, pois engrossou a voz para acrescentar: – Uma grande tragédia, com certeza. – Depois, voltando à sua voz normal, disse: – Ela agora está no céu.

– É verdade – concordou Ben, calado até então.

O esforço de Ramsey para acreditar nos amigos foi tão grande que seus olhos ficaram marejados, mas ele sabia que Larry e Ben

eram dois bobões. Fazia tempo que observava os outros garotos falando dos avós ou bisavós mortos como se eles estivessem dançando com os anjos ou jantando com Deus. Mas a verdade era a seguinte: quem morria, morria. E pronto. Seu pai tinha dito isso muito tempo antes, depois que um vira-lata que eles haviam recolhido da rua e mantido em casa por duas semanas morrera de cinomose. Uma verdade difícil de engolir, mas que fazia todo o sentido. Quando um cachorro morria, ele morria e ponto final, e o mesmo se aplicava às pessoas.

– Por que você acha que seu pai fez uma coisa dessas? – perguntou Ben. – Por que será que ele expulsou sua mãe do carro?

– Não sei – disse Ramsey, olhando através da cerca para o bosque do outro lado do riacho. Como saber por que as pessoas faziam as coisas? Mas foi então que a resposta lhe veio à cabeça: – Acho que ele estava tentando honrar uma promessa.



Uma semana depois do enterro, o pai de Ramsey voltou para o trabalho e o menino foi junto. Teria sido um sábado como outro, mas quando o expediente terminou, ele e o pai foram para o final das docas, como sempre faziam, e Ramsey sentiu a necessidade de falar da mãe. Não sabia ao certo o que dizer, tampouco o que queria que o pai dissesse. Teria gostado de ouvir algumas palavras de consolo, qualquer coisa do tipo “sua mãe está no céu”, ainda que nenhum dos dois acreditasse nisso. Por várias vezes quase fez justamente essa pergunta, se a mãe estava no céu, mas não teve coragem. Quando enfim conseguiu balbuciar alguma coisa, o que saiu foi mais um grunhido do que palavras inteligíveis.

– Hein? – perguntou o pai.

– Perguntei se o senhor ainda está pensando num Sea Ray de 42 pés.

O pai dele balançou a cabeça;

– Não, filho. Não mesmo.

Ramsey sabia que tinha razão em não perguntar se a mãe estava no céu. Ficou olhando para os pesqueiros e gaivotas à sua frente. A certa altura sentiu na nuca um carinho do pai e disse a si mesmo que isso bastava.



Talvez seu pai estivesse pensando em iates, em redenção, ou talvez em nada. Mas no trabalho certamente não era, considerando os acidentes que tinha começado a colecionar. Primeiro foram os menos graves: dedos espremidos, uma concussão, um tornozelo torcido. Até que um dia a coisa foi feia: a retranca de um veleiro rebocado girou de repente, acertou-o nas costas e derrubou-o do deque para o chão.

Isso aconteceu menos de seis meses depois da morte da mãe de Ramsey e, ao que tudo indicava, era o que o pai dele andava mesmo querendo. Ele agora passava os dias vendo TV na poltrona reclinável, com o controle remoto em cima da barriga cada vez maior. Em dado momento da tarde, substituía o controle por um copo de vodca com gelo. E de repente uma mulher chamada Gina, caixa da loja de conveniência em que ele comprava cigarros, começou a aparecer no apartamento. Chegava com salgadinhos que trazia da loja e às vezes fazia compras no mercado para eles. Ramsey não entendia de onde vinha o dinheiro, já que o pai não trabalhava mais. Ainda não tinha ouvido falar de aposentadoria por invalidez. Sabia apenas que, quando trabalhava de manhã, Gina aparecia por volta das duas da tarde, começava a beber com o pai dele e dali a pouco os dois já estavam gritando um com o outro, trocando insultos não muito diferentes dos que ele costumava ouvir

quando a mãe era viva. Quando Gina trabalhava à noite, a gritaria começava mais cedo.



Ramsey tinha 12 anos quando um dia chegou em casa da escola e deparou com uma bagunça que só poderia ser resultado de um assalto ou de um furacão.

– Pai?

Gavetas jogadas e emborcadas no chão, armários esvaziados de cima a baixo, livros espalhados por toda parte, uma pilha de contas caída no chão da cozinha. Pelo visto todos os objetos da casa estavam fora de seus devidos lugares.

– Pai?

Ramsey pensou em ligar para a polícia ou bater à porta de um vizinho qualquer, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, o pai saiu do quarto, mancando como sempre em razão das costas machucadas, resmungando consigo mesmo com uma expressão de fúria. Estava totalmente bêbado.

– O que aconteceu? – perguntou Ramsey.

– Por acaso você viu minha aliança de casamento?

Ramsey não tinha visto.

– Tem que estar aqui – disse o pai, e se ajoelhou diante do sofá, grunhindo por conta de uma dor qualquer.

Em seguida vasculhou mais uma vez a primeira gaveta que encontrou por perto.

– Cadê a Gina? – perguntou Ramsey, porque sabia que a mulher tinha alguma coisa a ver com aquilo.

O pai ergueu os olhos do carpete.

– A Gina foi embora, filho! “Para uma vida melhor”, segundo ela mesma disse. – Correu a mão sob o sofá, revirou as almofadas. Não

encontrando mais do que migalhas, recostou-se no móvel, enterrou o rosto nas mãos e engrolou: – Filha da puta!

Ramsey não tinha a menor ideia do que fazer, então ficou onde estava, simplesmente vendo o pai desmoronar. Dali a pouco ele reergueu o rosto e, com os olhos mais vermelhos do que antes, choramingou:

– Eu amava sua mãe... Eu amava *muito* a sua mãe...

Ramsey assentiu.

– Tá bom.

– Você não tem como entender. É só uma criança. Não consigo nem explicar como é. Eu simplesmente amava aquela mulher.

– Como ela era? – perguntou Ramsey.

– O quê? Como assim?

– A mamãe. Como é que ela era?

– Não me faça uma pergunta dessas. Você sabe como ela era.

– Não consigo me lembrar. Eu tento, mas não consigo. Como ela era?

– Já falei para você não me perguntar isso.

– Desculpa.

O pai dele tentou respirar fundo, mas o ar saiu como um gemido. Correndo os olhos pela bagunça à sua volta, ele perguntou:

– E agora, o que é que eu vou fazer da minha vida? Você pode me dizer?

– Eu...

– Cale a boca, garoto. Antes que fale uma besteira.



Fazia meses que a árvore parecia morta. Em seus galhos só restavam poucas folhas marrons e ásperas. Até que numa manhã de outubro, quando as folhas de todas as outras árvores ainda estavam verdes, chegaram uns homens com um cesto elevatório e uma serra

elétrica e começaram a serrar os galhos mais baixos e grossos, depois os mais altos e finos, e pouco a pouco todos os esconderijos de Ramsey foram sendo arruinados, derrubados no chão.

Embora nem se lembrasse mais da última vez que tinha subido na árvore, ainda sentia que ela lhe pertencia. Pela janela da cozinha, observava o trabalho dos homens cada vez mais suados, berrando uns para os outros, movimentando o cesto de um lado para outro, cortando sem parar. A certa altura, a árvore não tinha mais galho nenhum, parecendo um longo pedaço de madeira que se esqueceram de esculpir. Em seguida derrubaram o tronco também. Até o meio-dia, todos os galhos mais finos já haviam sido triturados e os mais grossos, retalhados e alojados na carroceria do caminhão. Então os homens foram embora, deixando apenas um toco de árvore e muitas marcas de pneu sobre a grama enlameada.

Ramsey estava com 14 anos, tinha cabelos mais ou menos compridos e desgrenhados e havia adquirido o hábito de estreitar os olhos até mesmo na sombra. Era baixo e magro, com uma voz aguda demais para soar ameaçadora. Assim que os homens foram embora, deixou a janela e desceu para o local onde até pouco antes havia uma árvore. Varreu a poeira que cobria o toco restante e calculou a idade da árvore pelos vários anéis concêntricos, cada um representando um ano de vida. Olhou à sua volta, tentando encontrar outro lugar que pudesse lhe servir de esconderijo caso precisasse de um. O telhado? O depósito da garagem? Ou talvez a morte da árvore fosse um sinal. Pensou nessa possibilidade a tarde toda e à noite fez um teste. Quando viu o pai entrar na cozinha para pegar mais uma bebida, colocou-se no caminho dele, tirou da geladeira uma latinha de cerveja e começou a esvaziar o conteúdo na pia.

– Ei, pare com isso! – gritou o homem. – Que diabo você está fazendo?

Ramsey cogitou chamá-lo pelo primeiro nome – *Faço o que bem entender, Frank* ou *Não é da sua conta, Frank*. No entanto, decidiu

que seria melhor, e mais maduro, ignorá-lo por completo. Então deixou cair no ralo a última gota de cerveja, jogou a latinha no lixo e, com toda a calma, disse ao pai que dali em diante bebidas alcoólicas eram proibidas naquela casa.

– Você só pode estar brincando.

– Estou com cara de quem está brincando?

– Está com cara de um menino mimado que está puto porque derrubaram a árvore dele. Caramba. Parece um bebê.

– Ei!

– “Ei” o quê, garoto? Você devia agradecer por eu ter avisado a imobiliária antes que a merda dessa árvore despencasse na nossa cabeça.

Sob o olhar duro do pai, que o encarava com as mãos na cintura, Ramsey sentiu os olhos marejarem.

– Você devia ter falado comigo antes.

Fez o que pôde para parecer durão, mas não conseguiu evitar um ligeiro tremor na voz.

– Falar com você... E quem você pensa que é, moleque?

Frank era mestre em manipular uma discussão de modo que ela própria se tornasse o problema. Tivera muitos anos para aperfeiçoar essa arte, mas Ramsey não passava de um amador, por isso não soube o que dizer.

– Acho bom você me responder.

– Cale essa boca! – berrou Ramsey afinal, segundos antes de desferir um murro forte contra o rosto do pai.

Frank já tinha empurrado o filho contra uma parede ou contra a geladeira algumas vezes, mas nunca o havia esmurrado. E Ramsey jamais fizera nada parecido com aquilo. O soco foi ainda mais feio porque contou com o elemento surpresa: surpreendeu a ambos. Outra surpresa foi a quantidade de sangue, o que para Ramsey compensava em certa medida a idiotice que ele havia dito pouco antes. *Cale essa boca?* Ele sabia que precisaria alterar essa parte da

história quando fosse contá-la a Ben. Sim, era para a casa do amigo que ele tinha decidido ir até as coisas se acalmarem.

Não seria burro de buscar uma muda de roupa, um casaco ou uma escova de dente. Saiu de casa do jeito que estava, deixando o pai lá sangrando no piso da cozinha.

– Quem eu penso que sou? Quem eu penso que sou? – repetiu ele enquanto andava pela rua, passando pelas lojas já fechadas. – Sou seu filho, porra! É isso que eu sou!

No entanto, por mais que Ramsey quisesse odiar o pai, não conseguia. Era triste abandoná-lo daquele jeito na cozinha, ferido por dentro e por fora, sem ninguém para ajudar, nem mesmo Gina. Ainda assim, Ramsey se sentiu despertar enquanto cruzava a cidade, e ficou feliz por isso. Aquele murro abrira uma porta que ele achava que tão cedo não se fecharia. Não conseguia parar de pensar no que acabara de acontecer, na insolência do pai, no sangue. Estremeceu tanto de frio quanto de entusiasmo. Carros passavam em ambas as mãos da Segunda Avenida, mas fora isso era uma noite de outono tranquila e silenciosa, o ar recendendo a folhas queimadas. A mão esquerda, a que havia desferido o murro, formigava um pouco, mas não doía. Pelo contrário, parecia aquecida o suficiente para quantos socos se fizessem necessários. Praticamente reluzia no escuro. Fitando-a, Ramsey cerrou o punho e depois abriu-a e fechou-a várias vezes. Nem sonhava que aquela caminhada noturna, tão solitária e cheia de promessas, seria o auge dos dez anos seguintes da sua vida.

– *Quem decide o jogo sou eu* – falou para si mesmo, mas com uma voz de herói de cinema. – *Sou o seu pior pesadelo.*

FICHA DE ANTECEDENTES CRIMINAIS
RAMSEY JEFFREY MILLER

JURISDIÇÃO: CONDADO DE MONMOUTH

ID. DO INFRATOR: 33204

DATA DE NASCIMENTO: 29/9/1956

RAÇA: BRANCA

SEXO: MASCULINO

PESO: 67kg

ALTURA: 1,77m

CABELOS: CASTANHOS

OLHOS: CASTANHOS

APELIDOS: SEM REGISTRO

DELITO #1

Nº DO PROTOCOLO: 555009321

ESTATUTO: 2C:17-3; DESC. DO ESTATUTO: ATOS DE DELINQUÊNCIA

ACUSAÇÃO: ATO DE DELINQUÊNCIA, QUARTO GRAU – VANDALISMO E
PERTURBAÇÃO DA ORDEM

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 16/7/1975

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 19

JUÍZO: CULPADO.

SENTENÇA: MULTA, SERVIÇOS COMUNITÁRIOS

OBS.: INFRATOR ENCONTRADO VISIVELMENTE EMBRIAGADO NO ESTACIONAMENTO DA BIG AL LIQUORS. LÂMPADAS DOS POSTES DO ESTACIONAMENTO QUEBRADAS. INFRATOR ADMITIU TER "PERDIDO A CONTA" DO QUE HAVIA BEBIDO EM CASA. AO CHEGAR À LOJA PARA COMPRAR MAIS

BEBIDAS, REAGIU DE FORMA AGRESSIVA QUANDO O VENDEDOR SE RECUSOU A LHE VENDER MAIS, POR ELE ESTAR VISIVELMENTE EMBRIAGADO. INFRATOR CONFESSOU TER JOGADO PEDRAS NAS LÂMPADAS E TENTOU FAZER UMA DEMONSTRAÇÃO, MAS TODAS ELAS JÁ ESTAVAM QUEBRADAS. AO SER INTERROGADO, DISSE AO POLICIAL QUE SE CHAMAVA NEIL ARMSTRONG. DOCUMENTO DE IDENTIDADE APRESENTAVA OUTRO NOME.

DELITO #2

Nº DO PROTOCOLO: 555010301

ESTATUTO: 2C:17-3; DESC. DO ESTATUTO: ATOS DE DELINQUÊNCIA

ACUSAÇÃO: ATO DE DELINQUÊNCIA, QUARTO GRAU – VANDALISMO E PERTURBAÇÃO DA ORDEM

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 11/2/1976

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 20

JUÍZO: CULPADO

SENTENÇA: MULTA, LIBERDADE CONDICIONAL

OBS.: INFRATOR ENVOLVIDO EM ALTERCAÇÃO EM RESTAURANTE ONDE TRABALHAVA COMO AUXILIAR DE COZINHA. GERENTE CHAMOU A POLÍCIA E ACUSOU O INFRATOR DE JOGAR O CHAPÉU, AS LUVAS DE COURO E A PERUCA DO REFERIDO GERENTE EM UMA PAINELA DE ÓLEO QUENTE APÓS TER SIDO REPREENDIDO POR DISPLICÊNCIA NA LAVAGEM DOS PRATOS. AO SER INTERPELADO PELA POLÍCIA NAQUELA MESMA TARDE, JÁ EM CASA, O INFRATOR CONFIRMOU TODOS OS DADOS DA ACUSAÇÃO.

DELITO #3

Nº DO PROTOCOLO: 555019986

ESTATUTO: 2C:12-1; DESC. DO ESTATUTO: AGRESSÕES FÍSICAS

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 4/9/1976

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 20

JUÍZO: CULPADO

SENTENÇA: MULTA, LIBERDADE CONDICIONAL

OBS.: INFRATOR ENVOLVIDO EM ALTERCAÇÃO QUANDO SOLICITADO A BAIXAR O VOLUME DA MÚSICA POR UM VIZINHO. UM SEGUNDO VIZINHO CHAMOU A POLÍCIA AO OUVIR A DISCUSSÃO. AMBAS AS PARTES ADMITIRAM A INGESTÃO DE ÁLCOOL. COM FERIMENTOS LEVES, AMBOS FORAM ATENDIDOS NO LOCAL POR PARAMÉDICOS E SE RECUSARAM A SEGUIR COM ELES PARA UM HOSPITAL.

DELITO #4

Nº PROTOCOLO: 555018100

ESTATUTO: 2C:17-3; DESC. DO ESTATUTO: ATOS DE DELINQUÊNCIA

ACUSAÇÃO: ATO DE DELINQUÊNCIA, TERCEIRO GRAU – PERTURBAÇÃO DA ORDEM, POSSE DE DROGA (MACONHA, 50g OU MENOS) – RESISTÊNCIA À PRISÃO (DESARMADO)

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 4/6/1978

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 22

JUÍZO: CULPADO

SENTENÇA: MULTA, ENCARCERAMENTO, LIBERDADE CONDICIONAL

OBS.: INFRATOR SE RECUSOU A SE RETIRAR DA CASA EM QUE PRESTAVA SERVIÇOS COMO CORTADOR DE GRAMA. FOI AVISTADO PELO PROPRIETÁRIO NUM BOSQUE ATRÁS DA CASA. AO IR FALAR COM O INFRATOR, PROPRIETÁRIO CONSTATOU QUE ELE ESTAVA FUMANDO UM CIGARRO DE MACONHA. PEDIU AO INFRATOR QUE DEIXASSE A PROPRIEDADE, MAS O INFRATOR SE RECUSOU A SAIR. QUANDO A POLÍCIA CHEGOU, O INFRATOR ALEGOU QUE HAVIA TERMINADO O NAMORO NA NOITE ANTERIOR E PRECISAVA "ESFRIAR UM POUCO A CABEÇA". QUANDO O POLICIAL TENTOU DETÊ-LO, O INFRATOR SUBIU NUMA ÁRVORE PRÓXIMA. REFORÇOS FORAM CHAMADOS, INCLUSIVE UM CARRO DO CORPO DE BOMBEIROS, E O INFRATOR SE RENDEU APENAS QUANDO AMEAÇADO PELO JATO D'ÁGUA DE UMA MANGUEIRA DE ALTA PRESSÃO.

DELITO #5

Nº PROTOCOLO: 555019867

ESTATUTO: 2C:12-1; DESC. DO ESTATUTO: AGRESSÃO

ACUSAÇÃO: AGRESSÃO

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 2/10/1979

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 23

JUÍZO: CULPADO

SENTENÇA: MULTA, LIBERDADE CONDICIONAL

OBS.: POLÍCIA FOI CHAMADA PELO GERENTE DO BAR CORNER TAVERN POR CAUSA DE UMA ALTERCAÇÃO. AMBOS OS ENVOLVIDOS FORAM MEDICADOS NO LOCAL E DETIDOS SEM OFERECER RESISTÊNCIA.

DELITO #6

Nº PROTOCOLO: 555117394

ESTATUTOS: 2C:12-1; DESC. DO ESTATUTO: AGRESSÃO;

2C:17-3; DESC. DO ESTATUTO: ATOS DE DELINQUÊNCIA

ACUSAÇÕES: AGRESSÃO, ATO DE DELINQUÊNCIA 2º GRAU

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 15/8/1981

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 25

JUÍZO: CULPADO

SENTENÇA: MULTA, ENCARCERAMENTO, LIBERDADE CONDICIONAL

OBS.: INFRATOR RECEBEU EM CASA UM PACOTE DOS CORREIOS. EM SEGUIDA FOI ATRÁS DO ENTREGADOR E ARRANHOU O FURGÃO DELE COM UMA CHAVE, DEIXANDO UM RISCO DE 1,20 METRO NA LATARIA. AO SER REPREENDIDO PELO ENTREGADOR, AMEAÇOU RETALHAR O ROSTO DELE COM A MESMA CHAVE. PARA A POLÍCIA, ALEGOU QUE SE TRATAVA DE UMA RETALIAÇÃO PELOS GESTOS OBSCENOS QUE O ENTREGADOR HAVIA FEITO COM A LÍNGUA AO VER A NAMORADA DELE NA SALA DO APARTAMENTO, NO MOMENTO DA ENTREGA. AO SER INTERROGADO, O ENTREGADOR AFIRMOU NÃO TER FEITO GESTO OBSCENO NENHUM, MAS QUE HAVIA APENAS UMEDECIDO OS LÁBIOS MUITO RESSECADOS (CHEGOU A MOSTRAR O TUBO DE HIDRATANTE LABIAL QUE LEVAVA CONSIGO). AO SER INTERROGADA, A NAMORADA DISSE QUE O INFRATOR "SEMPRE AGIA COMO UM IDIOTA" E QUE ELA NEM HAVIA NOTADO A PRESENÇA DO ENTREGADOR.

DELITO #7

Nº PROTOCOLO: 555332344

ESTATUTO: 2C:12-1; DESC. DO ESTATUTO: AGRESSÃO

ACUSAÇÃO: AGRESSÃO

NÍVEL DA ACUSAÇÃO: CONTRAVENÇÃO NÍVEL 1

DATA DA ACUSAÇÃO: 8/8/1983

IDADE DO INFRATOR À ÉPOCA DA DETENÇÃO: 27

JUÍZO: CULPADO

SENTENÇA: MULTA, ENCARCERAMENTO, LIBERDADE CONDICIONAL

OBS.: APÓS SER DESPEJADO DE SEU APARTAMENTO POR ATRASO NO PAGAMENTO DO ALUGUEL, O INFRATOR AGREDIU O LOCADOR DO IMÓVEL NO ESTACIONAMENTO DO PRÉDIO, JOGANDO-O CONTRA A FACHADA E PROVOCANDO HEMATOMAS NO FLANCO E NO OMBRO DO AGREDIDO. O LOCADOR TELEFONOU PARA A POLÍCIA. MAIS TARDE NO MESMO DIA, O INFRATOR FOI LOCALIZADO NO BAR MUGSHOTS E DETIDO SEM MAIORES INCIDENTES.

◆ ◆ ◆

Uma das coisas que não constavam da folha corrida de Ramsey era o seu primeiro indiciamento por perturbação da ordem, mais tarde anulado. Por causa dele, Ramsey havia passado a noite do seu aniversário de 16 anos no "depósito de bêbados". Naturalmente também não constavam todas as ações que, embora não constituíssem nenhum crime, eram inconsequentes e abusivas: insultos a professores, brigas nos corredores da escola, mais

inúmeras ocorrências de descontrole que resultavam em castigo, suspensões e ameaças de expulsão.

Tampouco constava o episódio do Porsche que ele tinha pegado emprestado certa noite para dar uma voltinha, depois de encontrar as chaves no banco do carro, e que havia praticamente destruído e abandonado na rua. Ou seu hábito de vender maconha para alguns colegas discretos da escola, que perdurou por muito tempo após o fim do ensino médio. Ou a vez que assumira o volante de um caminhão de eletrônicos roubados, levando-os de um depósito para outro. Ou também a ocasião em que ficara de sentinela na rua enquanto outros caras entravam numa casa pela porta dos fundos para roubar tudo o que coubesse em sacos de lona.

E tinha havido ainda aquela única vez em que aceitara dinheiro de um sujeito para dar uma surra num cara. Não lhe fora dito, e tampouco ele queria saber, qual tinha sido o motivo da desavença entre os dois. Só o que ele sabia é que estava brincando com fogo, arriscando-se a ser preso por um delito bem mais grave que os anteriores, mas aqueles seriam os 300 dólares mais fáceis de sua vida, já que ele poderia simplesmente emboscar o sujeito, sem lhe dar a chance de se defender. Isso havia sido no outono de 1983, não muito tempo depois de ele ter passado três noites na cadeia só por ter dado uma lição no proprietário do seu apartamento. Se fosse detido outra vez, seriam bem mais do que três noites. Por isso havia tomado todos os cuidados. Depois de estudar a rotina do cara, ficara esperando por ele na rua, num dia de manhã bem cedo. O sujeito saiu de casa, deu um bocejo alto e seguiu para a travessa que levava ao estacionamento. Ramsey surpreendeu-o por trás, jogou-o contra a parede e desferiu-lhe vários socos. Depois que o cara já estava caído no chão, Ramsey deu-lhe alguns chutes e pronto, serviço executado.

No entanto, aquele último chute, no queixo... Ramsey havia adorado, e isso o assustou. Ao chegar em casa, repassou na mente todos os detalhes da emboscada. Tinha se mudado recentemente

para um prédio em frente ao posto de doação de sangue, para o pior apartamento que Deus havia colocado na face da Terra. Fechou as cortinas do quarto, apagou a luz, deitou-se na cama e ficou olhando para as rachaduras no teto.

Até aquele dia, a única vez que partira para cima de alguém sem estar bêbado havia sido uma década antes, na noite em que desferira um murro repentino e impensado contra o próprio pai. Não havia crescido muito desde então, mas ficara bem mais forte. E aquilo que sentira ao chutar o rosto do sujeito nem de longe se assemelhava ao sentimento que costumava experimentar nas brigas em que se envolvia em bares, alimentadas pela cerveja e pela raiva momentânea. A sensação que tivera com aquele chute havia sido algo bem mais sombrio, mais sedutor, uma emoção que ele poderia muito bem querer viver de novo. Teve nojo de si mesmo ao pensar isso, o que não era novidade nenhuma, mas pela primeira vez na vida também teve medo de si mesmo.

Sem nada para comer em casa, acabou tendo que sair. Mas quando passou pelo trailer de sanduíches na esquina, não parou, pois caminhar estava sendo melhor do que comer. Por um segundo cogitou ir até a delegacia e se entregar, mas os pés o levaram noutra direção, rumo ao mar. Era um dia seco de setembro em que apenas um vestígio da lua se insinuava no céu. Uma ou duas gerações antes, ainda havia quem chamasse aquela cidade de balneário, mas agora Silver Bay era apenas uma cidade que por acaso ficava à beira do mar.

A rua terminava onde começava a praia. A princípio, ainda a um quarteirão de distância, ele viu a água brilhando, iluminada pela luz do sol, o início dos 5 mil quilômetros de mar. Mas assim que atravessou a Ocean Avenue e pôde ver melhor, deparou com a triste realidade: embalagens de plástico, latinhas amassadas, carrinhos de supermercado, caixas de correio, todo tipo de lixo abandonado na areia pela maré alta. Estava pior aquele ano do que no ano anterior, pior do que sempre havia sido, e Ramsey não deixou de perceber

que tinha sido atraído justamente por aquele lugar onde se acumulava toda a escória do mundo. Cada ano que ele vivia era um a menos em direção a seu fim, e por enquanto sua vida não passava de um grande depósito de lixo. Não havia nada nela que se aproveitasse. Ele não tinha dinheiro, nem amigos, nem emprego fixo, nem mesmo podia dizer que tinha um pai, e só não ia embora daquele inferno porque, para sair dele, era necessário ter dinheiro. Além disso, os poucos clientes fiéis que compravam maconha com ele lhe permitiam alugar um cubículo qualquer de um proprietário preguiçoso o suficiente para não exigir avais e comprovantes de renda.

Um desses clientes tinha apenas um braço e um sorrisinho irônico permanente estampado no rosto. Tivera o azar de nascer um ano antes que Ramsey, e fora mandado para o Vietnã. Agora trabalhava para a prefeitura no controle de epidemias, borrifando veneno no quintal das pessoas. Até ele tinha uma vida melhor que a de Ramsey. Parado no calçadão, olhando para todo aquele lixo na praia, ele acrescentou a autocomiseração à sua lista de defeitos.

Virando-se, notou o sujeito que parecia observá-lo do alto de um poste telefônico do outro lado da avenida. Então atravessou a rua e parou diante do poste, obrigando o homem a esticar o pescoço para vê-lo.

– Que tal esse trabalho aí? – berrou, pensando que o cara era gordo demais para aquele tipo de ocupação.

– Que foi? Veio me zoar?

O homem parecia ser uns dez anos mais velho que Ramsey, talvez por conta de seu rosto castigado pelo sol, não muito diferente dos funcionários do estaleiro em que seu pai havia trabalhado um dia.

– Ah, vá se foder – respondeu Ramsey. – Só estou perguntando.

– Então aqui está a sua resposta: este trabalho é melhor do que qualquer um que você vai conseguir ter na vida.

– Isso eu já sei, meu amigo.

– Ah, agora está querendo que eu fique com peninha de você?
– Não quero nada de você, cara. E se quisesse alguma coisa, pode acreditar: eu tomaria e pronto.

O homem ficou olhando para Ramsey por alguns segundos.

– Não entendi o que você quer dizer com isso.

Ramsey também não havia entendido. Ambos riram. Ramsey não se lembrava da última vez que tinha rido de algo.

– Escute, amigo – falou, procurando eliminar qualquer traço de agressividade da voz. – Só quero saber se é um trabalho maneiro ficar subindo em postes o dia todo.

– Está procurando emprego, é isso?

– É. É isso.

– Então dá uma passada lá no escritório da GSE, na Rua 36. Fale com o Dennis. Diga que foi o Eric Pace quem mandou você.

– Por quê?

– Por que o quê? Você não acabou de falar que está precisando de emprego?

– Sim, mas... Por que você está fazendo isso por mim?

Eric balançou a cabeça.

– Achei que não quisesse que eu ficasse com pena de você. Decide aí, amigo.

– É, tudo bem – falou Ramsey. – Talvez eu dê uma passada lá amanhã de manhã.

– Ou não. Por mim tanto faz – retrucou o homem, e voltou ao trabalho, aparafusando ou desaparafusando uma caixa metálica no alto do poste.

– Ei! – berrou Ramsey. Eric parou o que estava fazendo e olhou para baixo. – Você ainda não disse se o trabalho é maneiro.

Eric refletiu por um instante.

– Depende – falou, finalmente.

– Depende do quê?

– Você gostava de subir em árvores quando era criança?



Quatro semanas depois e Ramsey já era um ansioso novato no programa de treinamento que em quatro anos faria dele um instalador de linhas elétricas e telefônicas. As despesas com material seriam deduzidas de seu contracheque, mas o salário era bom, e pela primeira vez na vida ele teria um plano de saúde. Sabia que tinha recebido um presente que não merecia e que, portanto, pelo menos dessa vez, não poderia fazer merda.

Na parte do curso que era ministrada em sala de aula – dias inteiros em que os professores falavam sobre teoria da eletricidade, normas de segurança e manejo de equipamentos –, se esforçava ao máximo para permanecer acordado. Iniciou as aulas de direção de veículos grandes e a empresa começou a treiná-lo na condução de caminhões. Ele estudava tanto à noite que passou na prova na primeira tentativa.

Eric Pace, o sujeito que ele havia conhecido no poste na Ocean Avenue, ofereceu-se para ser seu primeiro mentor. Apesar de ser um desses malucos de Jesus – os Alcoólicos Anônimos tinham feito isso com ele alguns anos antes –, era um cara normal, com uma generosidade acima da média. O que incomodava um pouco Ramsey era que o treinamento da empresa começava literalmente “de baixo”, portanto, sempre que o mandavam executar algum serviço externo, ele não subia em poste nenhum, só arrumava e recolhia material de trabalho, cuidava do carregamento e descarregamento de caminhões, abria valas para cabos telefônicos e buracos para postes de luz. Mas, pela primeira vez na vida, disse a si mesmo que precisava ser paciente.

Ramsey não era do tipo que desistia das coisas logo no início, sobretudo do que fazia bem, como encher a cara e ser um babaca, mas como prezava muito aquela oportunidade de trabalho, e também a amizade com Eric, não teve muito dificuldade para

reprimir seus instintos mais básicos. Na terceira sexta-feira de treinamento, houve dois ótimos acontecimentos: ele finalmente conseguiu sua carteira de motorista profissional e recebeu seu primeiro pagamento. Claro que aquilo exigia uma comemoração. Ele escolheu um bar próximo de casa, o Chuck's Main Street Tavern, pois não queria correr o risco de ser preso e perder a habilitação por dirigir embriagado justo naquele dia.

Às duas da manhã, o dono do bar começou a expulsar os últimos clientes e Ramsey foi embora feliz, algo que nunca acontecia quando ele saía de um bar, e invencível, o que sempre acontecia. À sua volta, apenas lojas fechadas e, acima delas, as janelas escuras dos apartamentos. Luzes de Natal piscavam num parapeito ou outro e algumas portas tinham guirlandas. A noite estava quente e úmida demais para o início de dezembro, mas isso não impediu que Ramsey entoasse músicas natalinas pontuadas por arrotos enquanto seguia devagar pela calçada.

Em frente a seu prédio, do outro lado da rua, notou um poste que nunca tinha visto, uma simples linha de subtransmissão trifásica com uma lâmpada no alto e uma transmissão elétrica clandestina para o prédio vizinho.

Pensou: *Sim. Sim, vou subir.*

Afinal, era um absurdo que depois de três semanas de aula não o tivessem deixado chegar nem perto dos postes de *treinamento* que ficavam atrás do escritório principal. Então tirou o casaco e o deixou dobrado junto à base do poste. Evidentemente não estava com suas esporas – que a empresa o fizera comprar pela pequena fortuna de 95 dólares –, mas conseguiria subir apenas com a força das pernas. De fato, escalar um poste de madeira nem era tão difícil, mesmo sem equipamento. Na metade da subida, no entanto, ele já estava suado e ofegante. O coração batia a mil. As mãos estavam raladas, cheias de farpas, mas ele continuou. Tinha uma missão a cumprir. Pertencia àquele tipo especial de escaladores que se sentiam mais

livres no alto do que no chão. Não fazia o menor sentido que só pudesse escavar valas e lavar os malditos caminhões da empresa.

Pelo que já havia aprendido no treinamento e também pelo bom senso, Ramsey sabia que poderia morrer esturricado se chegasse perto demais dos cabos de transmissão, mas eles ainda estavam uns 2 metros acima da sua cabeça, o que lhe parecia uma distância mais do que segura. Isso até o primeiro relâmpago, que fez os cabos chiarem. Segundos depois, houve outro mais próximo que o primeiro (desde quando relampejava em dezembro?). Com a surpresa, Ramsey escorregou alguns centímetros para baixo e sentiu uma dor terrível na palma da mão esquerda, onde uma farpa grande devia ter entrado. *Merda*, pensou. Olhou para os cabos no alto, depois para o chão, e sentiu a cabeça girar um pouco. Detestava quando isso acontecia.

Diminuiu a pressão das pernas para que o peso do corpo o fizesse descer alguns centímetros, mas sua mão esquerda tinha sido praticamente inutilizada e ele quase caiu. Pressionou as pernas no poste de novo. Mais relâmpagos, e os cabos voltaram a chiar. Trovões retumbavam no céu e as seguintes regras do curso vieram à cabeça de Ramsey: instaladores devem trabalhar sempre com luvas de borracha e equipamento isolante; principiantes são terminantemente proibidos de se aproximar de qualquer corrente elétrica antes de completarem *um ano* de treinamento.

Só então ficou clara a insanidade daquilo que ele estava fazendo.

– Socorro! Alguém me ajude!

Ele estava falando com Deus e com os gatos de rua, pois não havia ninguém por ali. O mais provável era que as pessoas estivessem acompanhando seu tormento das janelas escuras. Precisava descer de qualquer jeito. Mas agora o chão girava ainda mais rápido do que antes, e a mão... *Merda*. Ramsey não gostava nem um pouco do que os vizinhos deviam estar pensando a respeito dele naquele momento, mas perdoaria qualquer coisa se um deles pegasse o maldito telefone para pedir ajuda.

O vento uivava e a cada relâmpago ele se contorcia todo, antecipando a descarga de 765 mil volts que estava por vir. As pernas tremiam e ele suava frio. A chuva desabou de repente. Um temporal, é claro.

Quando os relâmpagos começaram a brilhar cada vez mais próximos dele, pela primeira vez na vida Ramsey ficou aliviado ao avistar uma viatura. Mas quando o policial se aproximou e gritou algo sobre o caminhão hidráulico que chegaria dali a pouco, *cortesia da companhia elétrica*, ele gritou "Porra, só faltava essa!", e mais uma vez tentou descer por conta própria. Por Deus, como sua mão doía! Mas uma dor era só isso, uma dor, e reunindo forças, ele mordeu o lábio inferior e conseguiu descer mais uns 30 centímetros, depois 40, 50. O chiado dos cabos era agora bem menor, e o mais importante de tudo era pisar no chão antes que chegasse o maldito caminhão da companhia elétrica.

Nesse momento, Ramsey notou que a perna esquerda estava sangrando. O que diabo tinha sido aquilo? Latejava um pouco. Será que ele havia se cortado? Provavelmente algum prego espetado no poste... A perna doía menos que a mão, mas, caramba, sangrava muito. A calça grudava na pele. E o pior de tudo: era impossível continuar descendo com a perna daquele jeito. Se ainda não estivesse tão no alto, ele correria o risco de saltar. Mas ainda se encontrava a uns 9 metros do chão.

– Cortei a perna! – gritou Ramsey para o policial. – Acho que foi feio.

Ele tremia da cabeça aos pés.

– Dá pra aguentar mais um pouquinho? O caminhão já deve estar chegando.

– Não tem a porra de uma escada?

– Aguenta firme aí – Enquanto eles esperavam, o policial tentava acalmá-lo. – Meu nome é Ogden. Fique tranquilo, daqui a pouco você já...

– *Bob* Ogden? – disse Ramsey.

– Isso mesmo – respondeu o policial.

Bob Ogden era um ano mais novo que Ramsey. Os dois tinham estudado na mesma escola, e agora ele era um policial de verdade, com farda e viatura, e Ramsey estava ali preso no alto de um poste feito um pateta, parecendo um gato molhado e trêmulo.

– Na escola você era um cagão – comentou Ramsey.

– Vamos esperar pelo caminhão, está bem? – respondeu Bob.

Essa seria a única vez que Ramsey poria os pés num caminhão da companhia elétrica.

Quando enfim se viu no chão outra vez, ele mal conseguiu ficar de pé, de tanto que suas pernas tremiam. Mas isso não o impediu de partir para cima de Bob assim que o viu se aproximar. Acabou se esborrachando de costas no asfalto, aos pés do policial, que o olhava do alto balançando a cabeça. Como estava sóbrio, Bob já sabia o que para Ramsey ainda era apenas uma vaga noção: dali a algumas horas ele estaria desempregado, com uma audiência marcada no tribunal e vários pontos na perna.



Na manhã seguinte o temporal deu lugar a um chuveiro constante. O cara que dividia a enfermaria com Ramsey estava dormindo. Na TV sem som, carros de corrida não paravam de dar voltas na mesma pista. Em meio ao cheiro forte de desinfetante do ambiente, Ramsey podia detectar resquícios de mil doenças. Odiava hospitais. No entanto, pelo que os médicos haviam dito, a situação poderia ter sido muito pior (eletrocussão, fratura na espinha), e ele sabia que era uma grande sorte estar ali, devidamente medicado, repousando na segurança e no conforto de um leito hospitalar. E os comprimidos – graças a Deus mil vezes pelos comprimidos – o protegiam de dores terríveis e de uma tristeza que, se não fosse por eles, seria insuportável. Noutros tempos Ramsey já estaria

arquitetando um modo de roubar alguns deles para uso próprio ou para vender depois. Mas nas condições atuais, sentia-se grato simplesmente por tê-los circulando na corrente sanguínea.

Subir em árvores era a única coisa que ele sabia fazer bem, e agora eles haviam lhe tirado isso. Eles quem? Cada hora era algo ou alguém, um grupo indistinto de coisas e pessoas que incluíam seu supervisor na companhia elétrica, seu ex-colega de escola Bob Ogden, seu pai, Frank, a ex-namorada dele, Gina, seus ex-professores, seu próprio carma, sua própria estupidez. Ele jamais voltaria a subir no que quer que fosse. A perna estava em frangalhos e, pelo visto, sua masculinidade também. Ficara apavorado no alto daquele poste. Nunca se preocupara com raios e trovões quando era apenas um garoto no alto de uma árvore. Se começava a trovejar, bastava descer e pronto, problema resolvido. Não era o caso de borrar as calças e dar um vexame de proporções épicas para a toda a cidade ver. Que merda.

Não havia ninguém para se solidarizar com ele. Eric tinha feito uma visitinha rápida, chamando-o de burro antes de se despedir e voltar ao trabalho. Com seu colega de enfermaria, um adolescente, não era possível nem conversar para passar o tempo: reduzido a uma polpa humana depois de uma surra, ele estava enfaixado da cabeça aos pés.

No fim da tarde, uma enfermeira parruda e com um corte de cabelo masculino o tirou da cama e o obrigou a fazer uma caminhada pelo corredor: primeiro até o bebedouro, depois até a placa de SAÍDA, depois até o elevador, depois até não sei onde e assim por diante. Quando voltavam para o quarto, passando novamente pelo elevador, a porta metálica se abriu para a única passageira sair. Era uma mulher com um buquê de flores na mão.

Sua futura esposa.

Ela era assustadoramente bonita, com o tipo de rosto que fazia você duvidar do que estava vendo. Ramsey lembrou-se das vezes em que, na penumbra de um bar, em meio à fumaça de cigarro, com

a música certa tocando no momento certo, depois de uma ou duas cervejas, ele se deixara encantar pela miragem mais próxima, mesmo sabendo que na manhã seguinte a realidade seria bem outra.

Naquele momento, no entanto, ele estava em um lugar iluminado e a única música por perto era a melodia assobiada por um médico idiota. Portanto não se tratava de uma miragem: os olhos dela eram mesmo verdes, a pele era mesmo linda, tudo era real.

Ao vê-la sorrir, Ramsey não teve mais dúvida. Rápido assim. Já havia se deixado levar por outros rostinhos bonitos antes – quem nunca? –, mas um dos efeitos daquele monte de comprimidos era filtrar todo o barulho e permitir que se visse apenas a essência das coisas. Ramsey praticamente podia enxergar a luz dentro dela: não uma luz de pureza ou inocência, mas de uma bondade essencial que as adversidades da vida ainda não tinham conseguido apagar.

– Por que você demorou tanto? – perguntou ele.

Aceitando a brincadeira, ela baixou os olhos para o relógio e disse:

– Só três minutinhos. Achei que você não fosse se importar.

Estava usando uma blusa branca e uma saia azul bem-cortada. Roupa de trabalho, pensou Ramsey. Profissional, mas com um toque de sensualidade. Por sorte ele estava usando o moletom trazido por Eric na véspera em vez da camisola hospitalar. Por sorte tinha escovado os dentes. Por sorte tinha no rosto aquela barba de dois dias que, segundo uma garota dissera certa vez, lhe dava um charme todo especial.

O que ele fez em seguida foi um absurdo completo, algo que dificilmente teria feito num bar às duas da madrugada, quanto mais num corredor de hospital, acompanhado por uma enfermeira mal-humorada.

– Que bom que você veio – falou, e tirou um chapéu imaginário. Um chapéu imaginário! Sabia muito bem que a moça estava ali para

visitar um parente ou um amigo, mas não pensou duas vezes antes de dizer: – Adorei as flores. Foi muito gentil da sua parte.

Ela olhou primeiro para o buquê, depois para Ramsey.

– Não se esqueça de trocar a água todo dia.

Retirou o cartãozinho espetado entre as flores e entregou-as a Ramsey.

– Espere... O quê?

– Não foram baratas, viu? – interrompeu ela. – São gardênias, lírios e... Ora, você é homem, não está nem um pouco interessado em saber. Mas pode acreditar, não foram baratas. – Para a enfermeira, falou: – Fique de olho nele, certo? Não o deixe esquecer de trocar a água todo dia.

Foi legal ver a enfermeira sem saber o que dizer. Ela assentiu.

– Ótimo – comentou a moça, e acrescentou para Ramsey: – Bem, se cuida.

Apertou o botão do mesmo elevador do qual havia saído e, quando ele chegou, ela foi embora.



No dia seguinte ela apareceu de novo.

Ramsey passara horas pensando nela. Os comprimidos que operavam milagres com as dores físicas eram inúteis para aplacar o sofrimento por não ter perguntado o nome dela na véspera, antes que fosse embora. Na escuridão da noite, seu equívoco havia adquirido proporções ainda maiores.

Mas lá estava ela outra vez, a única visita que ele recebia desde a tarde anterior, quando um policial aparecera para entregar sua intimação judicial. Três batidinhas de leve na porta, o mesmo gesto de falso respeito dos médicos quando surgiam com as notícias terríveis que mal podiam esperar para dar. Mas dessa vez quem entrou no quarto não foi nenhum médico ou policial. Nesse dia ela

vestia uma calça jeans e uma camiseta de mangas compridas, estava bem menos maquiada e ainda mais adorável do que antes. Ramsey jamais havia usado essa palavra na vida, “adorável”, mas não conhecia nenhuma outra que fosse mais adequada.

Ficou envergonhado. Na véspera, frente a frente com a moça no corredor, pudera fingir que não era um inválido, mas agora, de cama e ainda com o mesmo moletom de antes, não passava de um paciente tão frágil quanto o garoto todo enfaixado no leito vizinho. Nem havia tomado um banho antes de ser internado. Sentando-se na cama com uma careta de dor, ele examinou acintosamente o novo buquê trazido pela moça, bem maior que o primeiro.

– Muito bonitas. Gosto muito de...

– Você não faz nem ideia de que flores são estas.

Colado ao papel vinha um cartãozinho bege. Numa letra caprichada, estava escrito:

Para Ramsey Miller.

Fique bom logo!

Sua amiga, Allie

– Quer dizer então que somos amigos?

– Não acredite em tudo o que você lê por aí – disse ela, sorrindo. Ele assentiu.

– Aquela ali é uma rosa vermelha.

– Pelo menos a cor você acertou. Mas não é uma rosa. É um lírio.

– Hum. Parece uma rosa.

– Não, não parece.

– Como foi que você descobriu meu nome?

– No balcão das enfermeiras.

Ramsey a encarou.

– Você é rica, por acaso? Essas flores custam uma fortuna.

– Pelo que vi ontem, as flores deixaram você mais feliz. É pra isso que elas servem, então pensei: por que não? – Ela viu o buquê da véspera na mesinha lateral. – Ficaram ótimas aí.

– Pra quem eram?

Ela deu de ombros.

– Sei lá. Para uma pessoa qualquer. Mas não se preocupe: mais tarde ela recebeu sua entrega direitinho.

– Agora fiquei confuso.

– Eu voltei ontem mesmo com outro arranjo igual. – Ela estreitou os olhos, tentando entender por que ele não havia entendido, e sorriu. – Claro, você não tinha como saber: trabalho na loja de flores lá de baixo.

– Ah. Então não precisou pagar esses dois buquês do próprio bolso.

– Com o meu salário? Claro que não.

– Não vai ter problemas depois?

Ela sorriu.

– A loja é uma franquia de uma cadeia enorme. Acho que há umas mil. Ninguém vai se importar com a doação de algumas flores por uma boa causa.

Provavelmente Ramsey se encolheu, porque em seguida ela perguntou: – Que foi?

Ele não teve coragem de dizer que “uma boa causa” tinha sido o maior elogio que ele já recebera.

– É que... ainda vou ficar de molho por um tempo e acho que estou ficando mal-acostumado: vou precisar de flores todo dia.



A saia bem cortada e a blusa branca do dia anterior, como Ramsey ficara sabendo mais tarde, quando ela voltara para almoçar no quarto dele, tinham sido para uma entrevista de emprego. Ela

estava no último ano de administração e seu objetivo era entrar para a indústria farmacêutica, especificamente para um dos laboratórios de Princeton a New Brunswick: Merck, Johnson&Johnson, qualquer gigante do setor.

Sentada sobre uma das pernas na cadeira junto à cama, ela deu um gole na sua Coca Diet, depois disse:

– É ótimo. Eles contratam as pessoas logo depois de formadas, sem nenhuma experiência, e dá pra pagar rapidinho o financiamento estudantil.

Ao ouvir o valor do salário inicial, Ramsey teve certeza de que se tratava de um engano.

– Qual seria sua função? – perguntou ele.

– Vendedora.

– Sim, mas fazendo exatamente o quê?

– Sei lá. Acho que eu visitaria médicos e profissionais da área pra falar dos medicamentos novos do laboratório, pra deixar amostras grátis e outros breguetes.

Ramsey não quis admitir que não tinha a menor ideia do que fossem “breguetes”. Allie deve ter notado a interrogação no olhar dele, pois acrescentou:

– Coisas como agendas, canetas, canecas... essas porcarias todas.

– Entendi. Mas isso faz com que os caras comprem os remédios?

– Acho que sim.

– Hum. E a loja de flores?

– Só vou ficar lá enquanto não terminar a faculdade. O salário é uma porcaria, mas o trabalho é moleza. Quase não tenho nada pra fazer, então posso ficar estudando.

– Estudando e visitando esquisitões mais velhos.

– Você não é tão mais velho assim.

– Pensei que você fosse falar que não sou um esquisitão.

Erguendo apenas uma das sobrancelhas, ela devolveu:

– E é?

Ramsey precisou refletir por um instante.

– Não.

Por um momento eles ficaram apenas olhando para a TV, onde passava um programa esportivo sobre esqui. De repente Allie quis saber:

– E a sua perna? O que foi que aconteceu?

Para explicar o que havia acontecido, Ramsey precisou contar sobre o emprego na companhia de eletricidade, sobre como ficara orgulhoso ao passar de primeira na prova de habilitação, sobre como tinha ficado triste porque os melhores dias de sua vida haviam ficado para trás antes mesmo de ele ter conseguido sequer subir num poste de transmissão de verdade.

– Você vai conseguir outro emprego – garantiu Allie, como se acabar com toda aquela confusão na vida de Ramsey fosse tão fácil quanto tampar uma caneta. – Um ainda melhor.

– Vou, é?

– Claro. Você é igual a mim: quando quer alguma coisa, vai atrás dela até conseguir.

Ramsey riu.

– Você não ouviu o que acabei de contar?

– Ouvi, claro, mas essa é a história do seu passado. Um passado que acabou aqui neste hospital, enquanto você me contava sua história. Agora este é seu presente.

– Está dizendo que hoje é o primeiro dia do resto da minha vida?

Allie ficou vermelha.

– Sei que é meio cafona, mas é verdade.

Ramsey optou por acreditar que de fato era capaz de sair daquele hospital como se estivesse saindo de um casulo, um homem transformado, completamente diferente do que havia sido até então. E entre as muitas razões para ele estar se apaixonando tão depressa pela florista universitária, uma das principais era querer ficar à altura da avaliação mais do que generosa que ela fazia dele. Portanto,

nesse aspecto Allie já estava certa: ao se apaixonar por ela, ele estava correndo atrás do que queria.

– Vem cá, me faz um favor? – perguntou Ramsey, dando uma olhada rápida para seu companheiro de quarto. – Traga algumas flores pra esse menino amanhã. Eu pago. Até agora ninguém apareceu pra visitá-lo.

O rapaz virou-se para ele, acenou, depois voltou sua atenção para a TV.

– Tudo bem – disse ela, e sussurrou: – Ele realmente não pode falar?

– Não – respondeu Ramsey.

– Tadinho. Deixa comigo, amanhã trago alguma coisa. – Allie se levantou. – Bem, sei onde encontrar vocês.



Na manhã seguinte, o rapaz recebeu suas flores. As de Ramsey vieram acompanhadas de balões a gás.

Um dia depois, ambos receberam alta. Era o dia de folga de Allie, mas ela já havia deixado seu número de telefone com Ramsey.

O jovenzinho seria o primeiro a ir embora, então Ramsey se despediu dele com um simples “A gente se vê por aí”, depois saiu para uma caminhada de modo que o outro pudesse arrumar suas coisas em paz. De qualquer maneira, era isso mesmo que as enfermeiras queriam, que ele andasse, andasse, andasse... Então Ramsey atravessou todo o corredor da sua ala, depois fez o mesmo no andar de cima e no andar de baixo. A perna latejava um pouco quando ele enfim voltou ao quarto e viu o bilhete que o rapaz havia deixado sobre seu travesseiro.

Com uma letra bonita, ele havia anotado o nome de uma empresa, Topaz Trucking, e um número de telefone. Abaixo vinha:

Bobby Landry é meu tio. É o gerente de treinamento de lá. Reparei que você machucou a perna esquerda e ainda pode dirigir. Se sua habilitação for Classe A, melhor ainda.

Se cuida.

Vic

P.S. 1: Não conta pro Bobby que você me conheceu no hospital.

P.S. 2: Não vá fazer nenhuma merda com a garota da floricultura.

Para sua própria surpresa, Ramsey não fez merda nenhuma, nem com Allie nem com ninguém. A decisão de mudar de vida não havia sido um efeito passageiro dos comprimidos miraculosos que tinham lhe dado no hospital, mas uma resolução real e duradoura, tão solene quanto a promessa feita por Eric anos antes, de parar de beber e agradecer a Jesus por tudo o que havia no mundo. De fato, o primeiro item na sua lista de providências era dar um jeito na questão da bebida. Tinha certeza quase absoluta de que não era alcoólatra, mas sabia que precisava aprender a se controlar. Eric ainda depositava um dólar numa caixa de sapatos a cada dia que conseguia passar sem beber. Mas para ele, Ramsey, outro ritual parecia mais adequado: se fosse beber, que bebesse apenas uma dose e pronto. Se não conseguisse, tentaria outra coisa.

Ligou para a Topaz Trucking, marcou um encontro com o tio de Vic e dali a uma semana se matriculou no programa de treinamento da empresa.

Em casa, seguiu à risca as orientações dos médicos, alongando a perna e limpando a ferida regularmente. E, já que estava no espírito da limpeza, comprou um novo aspirador de pó, um esfregão e um frasco de limpa-vidros, assim como um porta-guardanapos para a mesa da cozinha e uma mesa de cozinha para o porta-guardanapos.

Agora preparava listas para tudo. Escrevia o que precisava fazer de manhã: quarenta abdominais e quinze supinos no chão, caminhar até a praia e voltar, depois mais quinze minutos de alongamento na perna; lavar toda a louça que houvesse na pia; ler a primeira página do jornal; abrir o dicionário e aprender uma palavra nova.

Também listava os talentos que tinha e os que precisava adquirir. Listava metas de curto prazo (pagar todas as contas em dia; permanecer sóbrio por três meses; aprender mais alguns acordes na guitarra que mofava no armário) e as coisas pelas quais deveria ser grato (estar vivo; ter um plano de saúde ao machucar a perna; ter conhecido Eric e Allie).

Allie. Não havia dúvida de que era ela quem estava por trás de tantas mudanças. Era por ela que ele agora acordava todos os dias com energia e otimismo em vez de passar o dia inteiro na cama e deixar a perna ferida atrofiar aos poucos até transformá-lo num aleijado. Agora, o nascer de um novo dia trazia a esperança de um novo encontro com Allie. Talvez ela aparecesse depois do trabalho com uma bolsa de comida que comprara na rua, ou talvez se espichasse no sofá para estudar alguma coisa para a faculdade. Ou talvez eles assistissem juntos a algum programa idiota na TV. Ou talvez fossem para o quarto, onde ela seria gentil com a perna machucada dele e nem um pouco gentil com todo o resto.

Como Ramsey, Allie era uma pessoa sozinha no mundo. Conseguira uma bolsa de estudos na Monmouth College jogando futebol e, ainda no primeiro ano, resolveu contar aos pais evangélicos que estava namorando uma companheira de equipe. Foi o que bastou. Um ano depois eles já tinham vendido sua casa em Freehold e se mudado para o norte da Flórida, onde o clima era mais ameno e as pessoas eram mais tementes a Deus. Quanto à filha, deixaram bem claro que ela não seria bem-vinda no novo endereço.

– O mais engraçado de tudo – disse ela, contando a história a Ramsey certa noite no apartamento dele – é que Amanda e eu

ficamos juntas só aquele semestre. Depois descobri que gosto mesmo é de homens.

– Bom saber – retrucou Ramsey. – Mas e seus pais? Vocês nunca mais se acertaram?

– Nós nos falamos algumas vezes pelo telefone. Papai falou que me receberia de volta se eu concordasse em ir ao culto pra falar na frente de todo mundo que tinha me arrependido dos meus pecados e promettesse continuar pura até o casamento.

Ramsey deu um sorriso travesso.

– Sinto muito informar, gata, mas de pura você não tem mais nada.

Allie o golpeou com uma das almofadas do sofá.

– Se estivesse precisando do dinheiro dos dois, eu teria falado qualquer coisa só pra fazer as pazes. Mas eles não tinham nada e eu pagava minhas contas. Então não vi nenhuma necessidade.

– As pessoas são mesmo muito diferentes...

– Pois é. Os dois sempre foram muito intensos, mas a coisa só foi piorando com o tempo.

– Não, o que eu quis dizer é que... – Ramsey havia se referido ao quanto *ele e Allie* eram diferentes um do outro. Sua resposta aos problemas de família havia sido se entregar à rebeldia e à delinquência; a dela, ganhar uma bolsa de estudos como atleta, tornar-se uma aluna exemplar e ainda por cima gerenciar uma floricultura. Balançando a cabeça, ele disse: – Deixa pra lá.

Allie começou a dormir na casa dele uma noite por semana, depois duas, depois vários dias. Os dois já tinham estabelecido uma rotina quando o treinamento de Ramsey terminou e ele se deu conta de algo terrível: teria de cair na estrada justo agora que possuía um ótimo motivo para ficar na cidade. Por outro lado, não era qualificado para nenhum outro emprego que pagasse um centavo a mais que o salário mínimo. Por isso o trabalho de caminhoneiro se revelara um ótimo negócio: não só o treinamento era custeado pela empresa, como a contratação depois era garantida, com uma

remuneração bem maior que a miséria que a companhia elétrica lhe pagava para *não* subir em postes.

Na qualidade de iniciante, Ramsey recebia os itinerários mais malucos para realizar nos quatro cantos do país. Mas, ao contrário de muitos motoristas que chegavam a ficar três ou quatro semanas inteiras longe de casa, ele cumpria uma carga horária bastante razoável: quatro dias de descanso a cada duas semanas.

Eram sempre quatro ótimos dias.

A formatura de Allie caiu numa dessas folgas, o último dia antes do seu retorno à estrada. Ele cozinhou para ela uma receita que encontrou no jornal de domingo, ajudou-a na limpeza da cozinha, depois levou-a para o sofá da sala e colocou um CD do Led Zeppelin. A música ainda estava tocando quando, displicentemente, mas com o coração a mil, ele pegou a mão dela e disse:

– O que você acha de a gente se casar?

Quinze dias depois eles pousaram no Aeroporto Internacional de Las Vegas e ficaram menos de seis horas na cidade antes que um padre de uma capela de casamentos em série chamada Xanadu os declarasse marido e mulher. Buquê de flores, lírio na lapela, fotografia 18x12, certidão de casamento: tudo por 87 dólares, mais impostos. De volta ao hotel três estrelas, Ramsey deixou a foto sobre a cômoda do quarto e depois não conseguia tirar os olhos dela. Até então nunca tinha visto no próprio rosto uma expressão semelhante. A única palavra para descrevê-la era “felicidade”.

12

Em 1991, seis anos depois, Allie já era uma representante de vendas sênior e estava sendo preparada por seu gerente para mais uma promoção, dessa vez para um cargo de chefia. Ramsey também vinha se saindo muito bem. Tinha caído nas graças de seus superiores na Topaz, que agora mantinham suas viagens no lado de cá do Mississippi e quase sempre com uma duração de sete dias ao invés dos catorze de praxe.

Ele e Allie continuavam apaixonados um pelo outro, mas de um jeito mais tranquilo, sem o desespero do início. Era um sentimento mais sólido, tão fundamental para os dois quanto o oxigênio, tão inseparável da vida cotidiana quanto a criança que eles haviam gerado.

E foi por isso que, naquela manhã de 10 de junho, ele mal acreditou no que Eric lhe falou pelo telefone.

A razão da briga que Ramsey e Allie haviam tido naquela manhã fora a creche de Meg. A menina estava com 2 anos e meio, mas como fazia aniversário em dezembro, era uma das mais velhas no grupo das Joaninhas. Allie queria que a filha fosse transferida para os Gafanhotos, no qual seria uma das mais novas. Dizia que ela aprenderia um monte de coisas com os mais velhos, que seria desafiada. Para Ramsey, no entanto, bastava ver como a filha

chegava em casa feliz todos os dias. Por que mexer em time que estava ganhando? Além disso, Meg já tinha desafios suficientes ao conviver com outras vinte crianças e duas professoras. Teria mais uma infinidade deles ao longo da vida, como todo mundo. Por que apressar tudo?

Ramsey e Allie não gritavam um com o outro. Nunca tinham gritado. E, no fim das contas, essa briga era uma grande bobagem. Meg ficaria bem em qualquer um dos grupos, Ramsey sabia disso. Mas também sabia que Allie não estava com muita paciência para ele ultimamente, discordando de tudo o que dizia. De tempos em tempos ela trazia para casa o estresse do trabalho, sobretudo no fim de cada trimestre, quando precisava fazer seus relatórios. Mas esse estresse em geral se traduzia num mau humor generalizado, uma nuvem escura que se instalava acima da casa e sumia poucos dias depois. Agora não. Agora era diferente. A impaciência dela parecia direcionada especificamente a ele.

Então, quando ela falou pela quinta vez, ou talvez pela milésima, que Meg precisava ser “desafiada”, que era muito importante que a menina fosse “desafiada”, Ramsey não se conteve:

– Pelo amor de Deus, Allie, é só uma creche, não é a escalação da seleção de futebol.

Não tivera a intenção de ser rude – bem, talvez houvesse tido –, mas as pessoas ouviam aquilo que pediam para ouvir.

A resposta de Allie doeu mais que um tapa:

– Ah, vá se foder, Ramsey.

Ao longo de tantos anos juntos, nenhum dos dois jamais dissera algo semelhante, nem de brincadeira. E como isso o havia assustado, e ferido, Ramsey nem se despediu da mulher quando saiu mais tarde para um carro de uma semana. Estava furioso. Da última vez que saíra assim para o trabalho, três anos antes, descontara a raiva num cara a quem dera carona, por pouco não matando o infeliz de susto. Depois quase matara a si mesmo ao encher a cara num bar qualquer.

Agora, dirigindo pelas ruas que iniciavam a maioria de suas viagens, ele se remoía pela briga e pelo modo como havia saído de casa. Allie estava especialmente bonita naquela manhã, talvez por causa da roupa, talvez por causa dos cabelos, que havia encaracolado. Fosse o que fosse, ele preferiria mil vezes ter se despedido dela como sempre fazia, na cama, em vez de tê-la confrontado na cozinha por conta de algo tão bobo. E agora ele estava ali, sozinho no caminhão, enquanto Allie se achava sozinha em casa, e embora eles fossem se falar por telefone ainda naquela noite, ou no dia seguinte, a ferida não cicatrizaria por completo até que ele voltasse para casa depois de sete longos dias.

Ramsey não gostava de dirigir nesse estado de espírito, nunca gostara, então ligou o rádio no volume máximo. Isso ajudou um pouco. A música sempre o acalmava, sempre o fazia parar de pensar nos problemas. Perto da fronteira de Nova Jersey com a Pensilvânia, algumas horas depois, uma canção de uma das bandas novas de Seattle começou a tocar. Até agora não tinha gostado muito de nada que havia escutado desses grupos cujo som parecia heavy metal para deprimidos. Por isso havia sintonizado na estação de clássicos do rock, que tocava os sucessos que ele adorava, mas por algum motivo aquela canção havia conseguido entrar na programação. Ainda não era nenhum clássico, mas algo nela mexeu com ele. Em alguns trechos a letra era ininteligível, em outros era indecifrável. Nirvana, era esse o nome da banda. A música não tinha nada a ver com sua ideia de nirvana, mas era bacana. A energia e a angústia eram reais.

Ramsey pegou a saída seguinte, parou num posto de gasolina e correu para o telefone público. Precisava falar com Eric, que estava usando sua merecida folga de fim de semana para reformar a cozinha, substituindo o linóleo do piso por cerâmica e instalando armários novos. Quando ele atendeu, Ramsey disse que acabara de ouvir uma música nova que eles precisavam aprender imediatamente, e que caso ele *ainda* não tivesse ouvido, que

parasse tudo o que estava fazendo e ligasse para a rádio para pedir...

– Espere um minuto – interrompeu Eric. – Preciso lhe contar uma coisa. – Mas depois se calou.

– Eric? Você ainda está aí?

– Sim, sim, ainda estou aqui. Olha, detesto ter que... – Mais um momento de silêncio. – Ai, que merda... Mas você tem o direito de saber.

Ramsey sentiu todos os músculos do corpo se retesarem, sem saber por quê. De repente se deu conta de que, até aquele momento, nunca tinha ouvido um único palavrão sair da boca de Eric.

– O que foi? – perguntou.

– Mais cedo fui buscar meu amplificador na sua casa. – Claro. Na sua pressa de sair de casa, Ramsey esquecera de dizer a Allie que Eric passaria por lá. – Quando entrei na sua rua, vi uma coisa.

– Não enrola, cara. O que você viu?

– Bem... – disse Eric, e respirou fundo antes de continuar: – Vi a Allie parada na calçada com um sujeito. Tenho quase certeza que era o David Magruder. Sabe quem é, não sabe?

– O cara da previsão do tempo? Sei, claro. Ele mora na nossa rua.

– Ah, é? Hum. Era ele, com certeza. Bem, o negócio é que eles estavam lá, na frente da sua casa, e... Ramsey, o cara estava abraçando a Allie.

– Não – falou Ramsey, categórico. – Você deve ter se enganado. Eles nem se conhecem.

Mas será que não se conheciam mesmo? Como Ramsey poderia ter certeza? Ele passava metade do tempo longe de casa. Mas Allie teria mencionado Magruder em algum momento. A menos, claro, que não quisesse que Ramsey soubesse.

– Era ele – afirmou Eric. – Sei quem ele é.

– Então deve ter alguma explicação – retrucou Ramsey, a cabeça fervilhando à procura de uma. De repente um deles teria torcido o tornozelo e estava se apoiando no outro... – Acredite em mim, cara, só pode ser...

– E eles estavam se beijando – interrompeu Eric.

O telefone subitamente se transformou numa barra de chumbo na mão de Ramsey.

– Tipo... um beijo de verdade? – perguntou, a voz mais baixa.

O silêncio de Eric piorou tudo. Ramsey sabia que ele estava procurando as palavras certas para dizer, algo que dois amigos não precisavam fazer.

– Você não vai querer ouvir – respondeu Eric, por fim.

– Pode apostar que vou.

Eric pigarreou.

– O que eu posso dizer, cara? Eles estavam se beijando. Ele estava com a mão...

– Com a mão onde?

– Não interessa. Na bunda dela, está bem? – Eric pigarreou outra vez. – Eu não queria ter que contar nada. Era pra isso que eu estava rezando quando você ligou.

– Eles viram você?

– Não, duvido muito. Eu estava chegando à sua casa e, quando vi os dois da caminhonete, continuei reto. Foi tudo muito rápido, só alguns segundos. De qualquer modo, ainda estavam se beijando quando passei por eles. Não estavam olhando pra lugar nenhum.

– Cara...

– Olha, eu sinto muito mesmo. Não queria contar nada, mas acho que foi Deus que me fez passar por ali e testemunhar aquilo, para que fosse eu o portador da má notícia. Então tive que contar, entende?

Carros abasteciam à volta de Ramsey. Um homem de macacão saiu da lanchonete com um copo de café e voltou a seu caminhão. A uns 100 metros, automóveis de todos os tipos passavam zunindo

pelo viaduto da autoestrada. Uma segunda-feira absolutamente normal numa estrada qualquer do país.

– Entendo, claro – balbuciou Ramsey, agora mal ouvindo as palavras de Eric, ou as próprias. – Claro que você tinha que contar.



Sem dúvida ele havia desligado o telefone, voltado para o caminhão, fechado a porta e ligado o motor, mas não se lembrava de nada. Também não se recordava de ter saído do posto, retornado à estrada e desligado o rádio, embora houvesse feito tudo isso.

Continuou seu caminho rumo a Pittsburgh. Na ausência da música, seus pensamentos ora se perdiam, indo para longe, ora retomavam o foco. Ele tentou reconstruir os acontecimentos daquela manhã. Lembrou que Allie havia se arrumado mais que de costume e mal conseguira encará-lo. Lembrou que nos últimos tempos ela andava impaciente, irritando-se por qualquer bobagem, quase como se quisesse ficar com raiva dele. Seus pensamentos voltaram mais no tempo, para as vezes em que eles estavam passeando com Meg no carrinho e ela havia acenado ou sorrido para os vizinhos que passavam por eles a pé ou de carro, quase sempre homens. Ramsey visualizou a casa de Magruder: dois andares, fachada cinzenta, não muito longe da deles. Em nenhum momento Allie havia comentado que o conhecia, o que era o fator mais condenatório de todos, porque ela já tinha mencionado todos os outros vizinhos: o casal de aposentados que morava do outro lado da rua, o garoto da esquina que estava perdendo os cabelos por causa da quimioterapia, a veterinária que a deixava brincar com os filhotinhos de uma dogue alemã. Mas de Magruder? Nem uma palavra.

Uma verdade foi emergindo diante de Ramsey como uma pessoa saindo da neblina e depois andando em direção a ele.

Allie já tinha feito isso – traído –, embora se recusasse a admitir. Quando os dois começaram a se ver, ela ainda estava saindo com um cara da faculdade. Nunca falou nada sobre ele até o dia em que disse a Ramsey que tinha terminado com o sujeito.

– Qual é o nome dele? – perguntara Ramsey.

– Não importa. O que importa é que eu terminei com ele. Escolhi ficar com você.

Ele acreditara nela. No entanto, fora doloroso para Ramsey saber que ela tinha continuado a ver o cara (“ver o cara”, não; ela estava “trepando com o cara”, isso sim) enquanto as coisas com ele ficavam mais sérias. Na época Ramsey tinha ficado assustado com a capacidade dela de ter duas vidas separadas sem que ele sequer desconfiasse. Mas aí ele já estava apaixonado. E, como ela falara, o que realmente importava era que ela havia terminado com o cara. Enfim, eles tiveram essa conversa no restaurante caro que escolheram para comemorar seus três meses juntos. E o fato era que ela havia mesmo escolhido ficar com Ramsey. Isso era o que importava, ele disse a si mesmo na época.

Agora, Ramsey perguntava-se havia quanto tempo aquela história com Magruder estava rolando, havia quanto tempo a vida dele se transformara numa grande ilusão. Semanas? Meses? Ou muito mais? Imaginou se ao longo dos anos tinha havido outros. Tentou se lembrar de todos os homens do quarteirão deles, de cada dentista ou contador, de cada babaca engravatado com seu jardim perfeito. Mas a certa altura todos eles foram se misturando num único borrão, idênticos e intercambiáveis na insignificância que tinham no quadro geral das coisas. Ramsey agora via a mulher com a mais perfeita clareza.

Tinha a vaga consciência de que estava dirigindo um caminhão, mas o universo ruía sobre sua cabeça, eliminando o tempo e o espaço, e agora ele era um garoto no alto de uma árvore, e agora sua mãe estava morta, e agora seu pai sangrava na cozinha, e agora ele estava numa cela de delegacia fedendo a mijó, e agora ele

dormia na escuridão de um apartamento, depois de outro, e agora, e agora, e agora, e em meio a esse turbilhão de lembranças ele viu ressurgir à sua frente, com a força de uma comporta aberta, toda a raiva que durante anos ele havia se esforçado tanto para reprimir.

Estava indo na direção de Pittsburgh, passando por fazendas, colinas e vales, mas só o que via à sua frente era a imagem de Allie naquele primeiro dia no hospital, saindo do elevador com uma saia azul e um buquê de flores na mão. Depois a viu com David Magruder, primeiro aos beijos na rua, depois na cama, roupas espalhadas por toda parte, ele dando estocadas com uma violência animalesca, ela olhando fundo nos olhos dele.

Ramsey não ligou mais o rádio. Queria ficar em silêncio. Queria que os pensamentos continuassem fluindo. Queria vivenciar inteiramente o fato de que aquela verdade que ele havia vivido desde que conhecera Allie no corredor do hospital, a verdade que tornara todas as verdades possíveis, não passava de uma mentira. E o pior era que ele já devia ter descoberto isso antes. Sua vida naqueles últimos sete anos tinha sido boa demais para ser verdade: mulher, filha, casa com duas vagas na garagem, emprego, banda... Mas agora, sozinho no caminhão, sem nada para distrair sua atenção, ele podia ver esses mesmos sete anos como eles realmente haviam sido: uma grande farsa. *Essa* era a única verdade. Ele deveria ter sabido.

A estrada se elevou enquanto ele passava por Wheeling e atravessava o rio Ohio. Ramsey passou direto por um posto de pesagem, então a estrada se tornou plana de novo ao longo de 5 milhões de hectares de campos de cultivo de milho e soja. Mas ele não via nada. Sem passar dos 120 quilômetros por hora, e cada vez mais perto de Columbus, ele sentia a raiva tomar conta de seu corpo com uma força descomunal, um ódio tão puro e devastador que às vezes era quase como um êxtase.



Eram cinco e meia da tarde quando ele parou num posto em Buckeye para abastecer e ir ao banheiro. Ao descer do caminhão, piscou várias vezes até despertar do transe anterior, e só então teve certeza de onde estava. Depois de encher o tanque, tomou o caminho da lanchonete. Pediu um sanduíche e procurou uma mesa. Metade do lugar estava em obras, isolada por cordas. Mas ele ainda não queria voltar para o caminhão. A mudança de ares começava a lhe fazer bem, obrigando-o a retornar ao mundo dos vivos. Ele sabia que poderia facilmente ter dirigido para fora da estrada mais cedo – por desatenção ou deliberadamente, depois de um tranco decisivo no volante. Despencaria de um viaduto e o caminhão viraria uma bola de fogo igual à dos videogames.

Assim que um homem desocupou uma das mesas junto à janela, Ramsey foi para lá. Na mesa vizinha, um sujeito com um boné da Pennzoil, uma marca de óleo de motor, se debruçava sobre o livro aberto à sua frente. Várias páginas estavam marcadas com uma dobra na ponta. Uma Bíblia, pensou Ramsey. Muitos caminhoneiros passavam o tempo lendo-a. Isso não constituía problema nenhum até eles se encontrarem e começarem a citar, em grupo, capítulos e versículos de forma inflamada, e provavelmente errada, desfiando suas verdades e revelações como se o posto de gasolina fosse sua igreja particular.

Quando o homem virou a página, Ramsey viu que não se tratava de uma Bíblia, a menos que houvesse uma versão com tabelas e gráficos. O jovem vestia uma calça marrom e uma camisa social. Era meio baixo e magro, como Ramsey, mas sem os músculos. A barba estava bem-feita, só que a pele era cheia de espinhas. Os óculos redondos de aro metálico davam-lhe um aspecto professoral. O boné da Pennzoil talvez fosse um falso indicador: o mais provável era que ele fosse um estudante, não um caminhoneiro. Ramsey

desembrulhou seu sanduíche e, enquanto mastigava, observava o jovem. A certa altura, deu um gole no refrigerante e disse:

– E aí? Está na faculdade ou algo do tipo?

O sujeito ergueu os olhos do livro.

– Eu? Não. Sou motorista da Safari.

– Eles têm uma ótima reputação.

– Não posso reclamar.

– Com esse seu livro cheio de marcações, pensei que você fosse um desses carolas que não largam a Bíblia. Mas depois vi esses troços aí, os gráficos e tal.

– Achar que eu estava na faculdade até que foi um bom chute. – O homem umedeceu os lábios. – Fiz dois semestres na Humboldt County College. Oceanografia. Sempre levei jeito pras ciências de modo geral. – Embora fosse mais jovem que Ramsey, seu sorriso já era cheio de nostalgia. – Mas às vezes a vida dá umas rasteiras na gente.

– Nem me fale.

O rapaz deu de ombros.

– O que sei é o seguinte: você não precisa estar na faculdade pra ser um estudante – falou, batendo duas vezes no livro para ilustrar sua tese.

– E o que é isso aí? Um livro de oceanografia? – perguntou Ramsey, surpreendendo a si mesmo ao engrenar uma conversa com o homem logo naquele dia.

Mas ele havia ficado tão imerso nos próprios pensamentos que agora era um alívio poder bater um papo com alguém que ele nunca tinha visto mais gordo.

– Não deixa de ser – respondeu o homem, puxando a cadeira para perto de Ramsey. – Mas não é só isso. – Mais uma vez ele umedeceu os lábios. – Tem esses dois cientistas aí, um astrônomo e um geólogo, que são os melhores na área deles, e o que eles dizem é que... Bem, sabe quando a lua está cheia e as marés ficam bem mais cheias que o normal?

– Claro – respondeu Ramsey, e falou que havia crescido na beira do mar, que os barcos sempre encalhavam nos bancos de areia da enseada de Shark Fin quando a maré estava baixa.

– Então você sabe como a lua afeta o repuxo gravitacional da Terra, não sabe? Ela literalmente suga a água pra depois cuspi-la de volta. – Ele ajustou os óculos no rosto. – E quando um planeta... Júpiter, ou Marte, ou qualquer outro... quando um planeta se alinha com a Terra e com a lua, as marés ficam mais violentas ainda. É o que os cientistas chamam de conjunção planetária. Não acontece com muita frequência. E não é nada comparado com o que vai acontecer no dia 22 de setembro deste ano, quando *todos* vão se alinhar.

– Todos os planetas?

– Mais a lua. – O sujeito arregalou os olhos. – É o que eles chamam de superconjunção. Nunca aconteceu antes. Pelo menos não desse jeito.

– Quer dizer então que as marés vão ficar bem violentas? – perguntou Ramsey.

– As marés? – De novo, o mesmo sorriso nostálgico. – Meu amigo, você não vai ter tempo nem de lembrar que existe maré. – Mais uma umedecida nos lábios.

Ramsey baixou os olhos para o livro.

– E tudo isso está escrito aí?

– Tudo o que você sempre quis saber. Ou *nunca* quis saber. Eu, por exemplo, sempre preferi o conhecimento à ignorância.

– Se importa se eu der uma olhada?

O homem avaliou Ramsey de cima a baixo.

– Vamos fazer o seguinte. Eu já tinha planejado tomar um banho antes de cair na estrada de novo. Se quiser, pode ficar com o livro até eu voltar.

– Pra falar a verdade, já estou meio de saco cheio da estrada hoje. Não me importo de ficar aqui mais um pouquinho.

O homem fechou o livro e o entregou a Ramsey. A capa era toda preta, a não ser pelo título, impresso em enormes letras maiúsculas amarelas: O EIXO ORBITAL. O nome dos dois autores vinha seguido de um "ph.D."

– Fique à vontade – disse o sujeito, e foi em direção ao banheiro.

Pelo jeito, aquele era o dia das verdades cruéis. O caminhoneiro/estudante, quem quer que ele fosse, estava certo: as marés não eram nem metade da história. O livro não era grosso, tinha menos de duzentas páginas, mas cada parágrafo trazia uma infinidade de ideias em frases compridas e letras miúdas. Pela introdução, Ramsey viu que não seria capaz de entender boa parte dos conceitos científicos, sem falar nos gráficos, quase sempre impenetráveis, mas aos poucos a essência da ideia ia ficando clara: jamais havia ocorrido uma superconjunção tão perfeita quanto essa que estava por vir em setembro, e os efeitos não se limitariam aos oceanos. As placas tectônicas, as lajes de concreto que a Mãe Natureza havia colocado nos alicerces de cada continente, iriam se empenar até rachar, provocando terremotos e tsunamis. Mas o mais importante era que o efeito gravitacional de todos aqueles planetas alinhados seria cataclísmico. Isso queria dizer que por algumas horas, talvez metade do dia, a força da gravidade seria anulada quase por completo. Ou seja: adeus, vida na Terra.

No livro havia muito mais do que Ramsey conseguiria absorver em meia hora. Então, depois que esse tempo se passou, transformando-se em seguida em quarenta minutos, e o homem ainda não havia voltado do banho, Ramsey interpretou isso como um sinal. Levantou-se com *O eixo orbital* debaixo do braço e voltou para o caminhão. Não estava com a menor vontade de dirigir, portanto estacionou de novo na primeira parada que encontrou, foi ao banheiro, escovou os dentes e voltou para a cabine. Embora ainda não fossem nem oito da noite, ele tirou as roupas, ficando só de cueca, e foi se deitar. Examinou o livro como se fosse uma pedra ou uma concha exótica, virando-o de todos os lados, apalpando as

superfícies. Então abriu-o e começou a folheá-lo. Havia diversas páginas marcadas, um monte de frases sublinhadas e inúmeras observações nas margens. Ele voltou à introdução e começou a ler, dessa vez sem nenhuma pressa, esforçando-se ao máximo para entender o que estava escrito ali, procurando não pensar em nada que não fossem aquelas palavras e frases, fazendo o possível para ser o melhor dos alunos.

Toda vez que a cabeça ameaçava voltar à situação com Allie, ao caso que ela estava mantendo, que poderia facilmente acabar com ele, Ramsey fazia um esforço e voltava a atenção para o livro, só para o livro. E quanto mais lia (de repente eram onze horas, depois meia-noite), mais aliviado ficava ao entender que não precisaria mover um dedo para consertar toda aquela confusão. Em pouco menos de três meses, na noite de 22 de setembro, Deus pegaria as suas ferramentas e se encarregaria de fazer todo o trabalho.

Deus, não. O cosmos. O próprio Universo.



As desculpas vieram um dia depois. Allie se lamentou pelo que tinha dito, e Ramsey por ter saído daquele jeito. Eles se falaram rapidamente por telefone mais duas vezes naquela semana, e depois de alguns dias a raiva de Ramsey já tinha evaporado, da mesma forma que dali a três meses árvores, rios e bichos também evaporariam. Após a última entrega da viagem, ele voltou com o caminhão para o estacionamento da Boaters World sentindo-se purificado, pegou seu carro e foi para casa. Beijou a mulher, beijou a filha.

- Como foi sua semana? – perguntou a Allie durante o jantar.
- Normal.
- Muito trabalho?
- Não, nada de mais. E a sua, como foi?

– Excelente – disse ele. Mais uma mordida no frango, mais um gole na cerveja. – Depois que Meg for dormir eu te conto tudo.

E foi o que ele fez. Levou-a para o sofá e falou sobre o caminhoneiro que conhecera, sobre o livro, sobre como as coisas que estavam escritas nele faziam sentido. Não disse que o livro ainda estava no caminhão, pois não queria que ela o lesse e achasse ridículo. Não estava a fim de debates e discussões. Contou sobre ele apenas porque Allie era sua mulher. E apesar do que fizera, ela tinha todo o direito de saber que seu futuro no planeta era bem mais curto do que imaginava. Ela poderia fazer o que bem entendesse com essa informação. Quanto a ele, estava pensando em vender o caminhão. Que serventia teria um caminhão àquela altura do campeonato? Trabalhar para quê? Dinheiro para quê? Além do mais, e isso ele guardou para si, sua presença em casa o dia todo manteria as mãos de Magruder bem longe de sua esposa.

Talvez pelo mesmo motivo, Allie insistiu que ele deveria continuar trabalhando. Depois sugeriu que ele procurasse um psiquiatra.

– Não estou maluco, meu amor – devolveu Ramsey, e bocejou. – Estou é exausto, isso sim.

Ele havia rodado mais de 1.200 quilômetros no último trecho da viagem.

Então eles foram para a cama com o assunto em aberto, e para surpresa de Ramsey, a decisão brotou por iniciativa própria. Horas de insônia, apesar do cansaço, levaram a lampejos de sonhos muito intensos e suarentos em que carros, casas, árvores e florestas inteiras eram sugados para o alto. Quando o dia clareou, a estrada já o chamava de volta, com uma força que chegou a assustá-lo. Desde que Meg nascesse, ele geralmente passava sessenta horas em casa entre um carreto e outro, mas de repente se pegou inventando uma história sobre uma entrega de urgência, um cliente importante, e arrumando suas coisas às pressas, se despedindo da mulher e da filha e correndo de volta para o caminhão. Engatar a primeira

marcha naquele motor a diesel foi como emergir do fundo de uma piscina depois de ter ficado submerso até perder todo o fôlego.

Quanto mais ele avançava na estrada, maior era a falta que sentia de Allie e Meg, mas depois de tantos anos de profissão, sabia perfeitamente como transformar aquela dor em uma saudade branda, em uma expectativa suave. De qualquer modo, era bom sentir saudade das duas, pois onde havia saudade não havia raiva.

Nas viagens seguintes, poucas seriam as vezes em que ele dirigiria por menos de dezessete horas a cada período de vinte e quatro. Aos olhos da lei, tratava-se de uma "infração grave", mas nada daquilo lhe parecia tão grave assim. Ele agora quase não tomava mais café. Sempre tinha dormido melhor no caminhão, mas as últimas noites de sono, não mais do que sonecas prolongadas, haviam sido as mais revigorantes de toda a sua vida, sem sonhos e sem sobressaltos.

Raramente passava mais do que um dia, um dia e meio, em Nova Jersey, antes de voltar à estrada. Sempre gostara de dirigir, mas pela primeira vez na vida se sentia em perfeita sintonia com o caminhão e a estrada, como se ele e o automóvel fossem uma coisa só, uma gota do sangue do mundo transportando nutrientes vitais por uma veia gigantesca, partes de um sistema muito maior do que ele e do que a empresa para a qual trabalhava.

Quase nunca deixava sua cópia surrada de *O eixo orbital* fora de alcance. O livro era sua garantia de que não teria de lidar pessoalmente com a traição de Allie. Ele sabia que acabaria fazendo alguma bobagem se precisasse cuidar daquilo com as próprias mãos.

Leu e releu o livro inúmeras vezes, acrescentando as próprias anotações às margens, sublinhando os próprios trechos. Sem fazer nenhum esforço, acabou memorizando certas passagens e aos poucos adquiriu o hábito de olhar para o céu, sobretudo quando estava num fim de mundo qualquer, na escuridão de uma noite estrelada. Com o passar dos dias e das semanas, que se

transformavam em meses, ele começou a sentir constantemente uma carga elétrica no ar, como se uma tempestade estivesse sempre na iminência de desabar, mesmo nos dias de céu azul. No entanto, sabia que não se tratava de carga elétrica nenhuma, mas das forças galácticas que começavam a se realinhar em seu devido lugar, inclusive ele.

Em Phoenix, na manhã do dia 17 de setembro, ele estava prestes a iniciar sua viagem de volta com uma carga de bicicletas para a Toys "R" Us quando viu, pendurada no banheiro do depósito, uma foto emoldurada do Grand Canyon. Como em todas as imagens que ele já tinha visto do lugar desde a infância, aquela paisagem nem parecia pertencer à Terra.

– O Grand Canyon fica a quanto tempo daqui? – perguntou à supervisora de carregamento quando ela lhe entregou a papelada para assinar.

A mulher o encarou de um modo estranho, como se não visse motivo para que alguém quisesse visitar aquele amontoado de pedras.

– Umas três horas – falou.

O desvio resultaria num atraso de pelo menos meio dia, e seu prazo já estava apertado. Mas era agora ou nunca, e três horas não pareciam tanto tempo assim dirigindo. Nova Jersey estava logo ali, do outro lado do país.

Além do mais, com a energia que ultimamente vinha circulando nas suas veias, nada o impediria de ir até Marte e voltar.

PARTE III

13

28 de setembro de 2006

Melanie se sentou ao lado de Arthur Goodale em sua cama na UTI do Hospital Regional Monmouth e esperou até que sua risada terminasse. Era uma risada profunda que revelava dentes amarelados de fumante e terminara com um acesso de tosse que só cedera depois de um gole d'água.

Ela acabara de contar a ele, com relutância, sobre o desastroso encontro que tivera com David Magruder na tarde anterior.

– Minha amiga, vou lhe falar uma coisa – disse Arthur assim que a tosse passou. – Você é a pior repórter que eu já vi em toda a minha vida.

– É, não foi legal – retrucou Melanie.

Não estava gostando nem um pouco de servir de divertimento para ele.

– Não foi *legal*? – Mais uma risada. – Você falou sobre Ramsey Miller na *segunda* pergunta!

– Ele mesmo falou que preferia pular as perguntas de rotina.

– Claro, mas... – Arthur balançou a cabeça. – Uma coisa é iniciativa, e outra bem diferente é... Caramba, essa sua abordagem foi...

– Já sei, já sei – interrompeu ela. – Não tenho nenhuma vocação pra jornalista e estraguei nossa única oportunidade.

– Ei, espere um instante. Quem disse que era nossa única oportunidade? – Arthur olhou pela janela. Viu a parede da outra ala, como sempre. – É, você tem razão. Provavelmente era. – Ele suspirou. – Bem, suas opções eram bastante limitadas desde o começo. Talvez agora você deva tentar localizar Eric Pace.

– Acho que me lembro desse nome – disse Melanie. Provavelmente de um dos artigos que lera na internet.

– Ele era um dos melhores amigos de Ramsey – falou Arthur. Melanie deve ter feito uma careta de medo, porque ele sorriu. – Fica tranquila... Entrevistei o sujeito há alguns anos. É completamente inofensivo. Nunca me deu nenhuma informação importante, mas... sei lá. A gente nunca sabe.

– Como posso encontrá-lo?

– Ele trabalhava no depósito da Garden State Electric. Não deve ser muito difícil descobrir se ainda está lá.

Ela assentiu. Faria isso. Reuniria a coragem necessária e iria atrás do inofensivo Eric Pace, que calhava de ser amigo de um assassino.

– Quem devo ser dessa vez? – perguntou.

Não estava disposta a se passar novamente pela universitariazinha atrapalhada.

Arthur sorriu.

– Eu continuaria como repórter do *Star-Ledger*.

– Achei que eu não fosse uma jornalista verossímil.

– Ah, e não é mesmo. Pelo menos não para mim, que sou jornalista. Mas Eric não vai notar nada. É só você lembrar de *preparar o terreno* antes de falar sobre Ramsey.

Melanie agradeceu Arthur pela ajuda e já ia se levantando para ir embora quando ele a segurou pelo braço.

– Vamos lá, Alice. Qual é o seu real interesse nisso tudo?

Por que não contar logo tudo para Arthur? Engraçado, ela havia achado que seria terrível estar na cidade em que ocorrera o crime.

Mas Ramsey Miller havia sido visto em Morgantown, não em Silver Bay. Além disso, estar longe da Virgínia Ocidental e dos lembretes diários de que sua vida girava em torno de um único segredo era bem mais fácil imaginar que esse segredo não tinha mais nenhuma importância, ou que nem existia. Ela estava hospedada num hotel. Tinha visto o mar. Havia ido sozinha a Nova York, apenas mais um rosto desconhecido entre milhões de pessoas. Que mal faria alguém saber de sua existência? Mas Melanie tinha consciência de que as coisas não eram bem assim.

– Desculpe, mas não posso contar – respondeu.

– Ah, não pode, né? Então você quer minha ajuda, mas não pode ser honesta comigo – disse Arthur. Sua expressão era paterna. Queria que ela se sentisse culpada. – Sabe o que eu acho, Alice? Que você é uma grande egoísta.

– Não, não sou egoísta – devolveu Melanie, já indo em direção à porta. – Nem é por mim que estou fazendo isso.



Às vezes a sorte vem para o seu lado. Bastou que a mulher da loja fizesse uma ligação para descobrir que Eric Pace supervisionava um depósito de equipamentos no outro lado da cidade. Com o número de telefone e endereço anotados num pedaço de papel, Melanie foi até o orelhão do posto de gasolina mais próximo e marcou um encontro com ele para as quatro horas.

Ainda era uma da tarde. Então voltou para o carro e tomou a direção da estrela que havia desenhado no mapa, em cima do lugar que, desde sua chegada a Silver Bay, vinha exercendo sobre ela o mesmo nível de atração e repulsa.

O número 232 da Blossom Drive era uma construção de madeira de dois andares, com telhado de duas águas e colunas na frente.

Vasinhos de flores enfeitavam os degraus que levavam à porta vermelha.

A casa parecia normal, como outra qualquer, mas ainda assim as mãos de Melanie tremiam no volante do carro estacionado do outro lado da rua. Por vários minutos não teve coragem de descer. Ficou ali dando asas à imaginação e por muito pouco não foi embora. Mas a certa altura obrigou-se a abrir a porta do carro e enfim pisar naquela rua de árvores muito antigas e gramados bem cuidados. Depois, não podia simplesmente permanecer parada onde estava, olhando, então começou a andar até chegar ao fim da rua.

Uma daquelas casas havia pertencido a David Magruder, mas ela não sabia qual. Eram todas construções muito bonitas, bem maiores do que o trailer em que ela morava. Algumas tinham cestas de basquete do lado de fora da garagem. Outras tinham bicicletas ou triciclos. Melanie fez o caminho de volta pela Blossom Drive, dessa vez pelo lado par, e ao chegar à frente do número 232, parou novamente. Era uma das poucas casas na rua com uma cerca privativa no quintal. Era impossível ver do outro lado.

Ela entrou no gramado e se aproximou do portão que havia na lateral da casa. Empurrando-o de leve, pôde ver alguma coisa através da fresta que se abriu entre as dobradiças. Outro gramado. Canteiros e arbustos. Alguns carvalhos altos junto da parte traseira da cerca. Um aglomerado de árvores menores e menos frondosas. Perto delas, uma espreguiçadeira e uma bola de futebol. Nada daquilo fazia sentido. Como era possível que uma casa assim...

– Posso ajudar em alguma coisa?

Uma mulher de calça jeans desbotada e bandana, com uma criança no colo, olhava para ela nas imediações da casa.

– Desculpe – disse Melanie, imediatamente se afastando da cerca. – Minha intenção não era bisbilhotar.

A mulher continuou olhando, não de um modo hostil, mas com certa curiosidade, talvez com uma ponta de preocupação.

– Desculpe – repetiu Melanie, e correu de volta para o carro.

Manobrou-o no fim da rua, voltou pela outra mão e se afastou dali o mais rápido possível.

◆◆◆

– Já faz bastante tempo que ninguém me pergunta qualquer coisa sobre meu amigo Ramsey – comentou Eric Pace, depois que Melanie se identificou como Alice Adams, repórter policial do *Star-Ledger*.

Era um homem obeso sentado do outro lado de uma mesa metálica, numa cadeira de madeira sem braços. Sobre a mesa, diversas bandejas transbordavam de formulários.

– O senhor ainda pensa nele como um amigo?

Depois de sua incursão à Blossom Drive, Alice se presenteara com um cheeseburger com bacon na lanchonete vizinha ao hotel, mais um pouquinho de TV a cabo no quarto e uma soneca de uma hora. Ao chegar à empresa de eletricidade, sentia-se recomposta, ansiosa para falar com Eric, mas também um tanto aflita por saber que estaria com alguém que havia conhecido seu pai não apenas como o protagonista de um crime hediondo.

– Ainda penso nele – respondeu Eric –, e isso já é alguma coisa. – O homem tinha cerca de 50 anos e vestia uma camisa social com o logotipo da empresa costurado ao peito. Olhos cansados. A não ser por uma faixa de pele mais áspera numa das faces, o rosto era quase transparente de tão branco, bem diferente do que se poderia esperar de alguém que havia trabalhado a vida inteira ao ar livre. – Quer dizer então que surgiu um fato novo no caso?

– Fomos informados de que a polícia retomou a busca.

Melanie preferiria não ter mentido para o homem, mas precisava de um bom motivo para que ele se dispusesse a recebê-la.

– Bem, até agora não apareceu ninguém da polícia pra falar comigo. Você é a primeira pessoa em muitos anos. Então, o que

– você acha? Alguma prova nova surgiu?

– Acho que alguém reconheceu Ramsey Miller na rua e avisou à polícia.

Eric coçou o rosto na faixa de pele mais áspera.

– Onde?

Melanie lembrou que Arthur a aconselhara a preparar o terreno.

– Só estou especulando. Realmente não sei. – Ela respirou fundo.

– E como vão as coisas com o senhor?

Eric a avaliou por alguns segundos.

– Como vão as coisas? Dê uma olhada à sua volta. – Galpão enorme, lâmpadas fluorescentes, torres e mais torres de equipamentos, nenhuma janela à vista, apenas o ruído distante de uma empilhadeira. – Minha ex-mulher morreu há cinco anos. Meu irmão, um ano depois. Meus filhos cresceram e foram embora o mais rápido possível... – Ele tossiu. – Eles têm a vida deles, prefiro deixá-los em paz. Venho trabalhar e passo o tempo todo pensando em beber, então daqui eu vou direto pra reunião dos Alcoólicos Anônimos, e aos domingos vou à igreja. Essa é a minha vida.

Pelo menos o homem estava falando da própria vida, pensou Melanie, aliviada. Ao contrário de David Magruder, ele não dava nenhum sinal de que, a qualquer momento, poderia botá-la para correr.

– O senhor e Ramsey Miller trabalharam juntos.

– Pena que ele não durou muito – disse Eric. – Antes de meus joelhos não prestarem mais pra nada, eu adorava trabalhar como instalador. Era um trabalho interessante. Desafiador. Era bom pra mim, e teria sido bom pro Ramsey também, se ele tivesse continuado.

– O que havia de tão bom assim? – perguntou Melanie.

Eric estreitou os olhos como se tentasse enxergar a resposta que se escondia em algum lugar do galpão.

– Eu gostava de saber que estava levando luz pra dentro da casa das pessoas. Também gostava de treinar os novatos. – Ele correu os

olhos ao redor. – Agora fico aqui com a bunda pregada na cadeira, conferindo caixas e formulários, pegando assinaturas na entrada e na saída de alguma coisa. Assine aqui e aqui, rubrique aqui. – Ele suspirou. – É uma vida horrível, Alice. Mas na minha idade é assim mesmo. A gente acaba ficando doente, e o plano de saúde do sindicato vira a coisa mais importante do mundo. – Embora não houvesse mais ninguém por perto, ele baixou a voz ao acrescentar: – Quando minha ex ficou doente, me casei com ela outra vez só pra que ela pudesse usar meu plano também.

– Você e sua ex-mulher continuaram em contato?

Eric sorriu.

– Ela me odiava. E com toda a razão. Quando a gente se casou, eu era um beberrão. E quando nos separamos, eu era ainda pior. Mas continuamos próximos por causa dos meninos.

Melanie não sabia dizer como a conversa havia resvalado para a mulher de Eric. Mas era isso que acontecia quando se “preparava o terreno”.

– Por quanto tempo Ramsey Miller trabalhou aqui?

– Para a companhia elétrica? Só por algumas semanas.

– Por que saiu?

Eric refletiu por um instante, sem dúvida escolhendo as palavras certas antes de responder:

– Ele machucou a perna no alto de um poste.

Aparentemente ele não tinha mais nada a falar sobre o assunto, então Melanie perguntou:

– O senhor faz alguma ideia do que levou Ramsey a dar aquela festa na noite do crime?

– Você não desiste, não é mesmo? – O sorriso dele era amigável, mas também cansado, o que era natural. Aquele lugar era capaz de minar a energia de qualquer um. – Não é difícil supor. Mas não vou dizer nada a você.

– Por que não?

– Não quero fazer o cara parecer ainda mais maluco do que a imprensa o pintou.

– Mas, Sr. Pace... ele *era* maluco.

Eric balançou a cabeça.

– Ramsey perdeu o rumo. Acreditava numa certa coisa com toda a convicção, e quando ela não aconteceu... Bem, todo mundo sabe o que veio depois. Mas ele amava a mulher e a filha.

– Não amava, não. – Percebendo o tom pessoal que dera à sua afirmação, Melanie acrescentou: – Quem ama não mata, certo?

– Ramsey Miller lutou quanto pôde pra se transformar num homem bom. Mas perdeu a luta. E eu entendo perfeitamente. Nem sei quantas lutas eu mesmo perdi.

– Mas o senhor nunca matou ninguém.

Eric fitou-a direto nos olhos e ela interpretou isso como uma reprimenda pelo seu comentário.

– Encontrei Jesus e, antes que fosse tarde demais, depus nele a minha fé.

– O senhor está dizendo que a religião poderia ter impedido Ramsey Miller de fazer o que fez?

– Estou dizendo que ele insistiu em caminhar sozinho, e ninguém é capaz de fazer isso. É muito fácil chamar o cara de monstro, de maluco. Mas ele não era nem uma coisa nem outra.

– E o que era essa tal coisa em que ele acreditava com toda a convicção?

Eric se reacomodou na cadeira.

– Esqueça o que eu falei. Ramsey não foi a primeira pessoa no mundo a acreditar num falso profeta.

– Como assim?

Ele coçou o rosto de novo.

– Ramsey passava muito tempo sozinho. Por causa do trabalho na estrada. Mas isso não fazia bem pra ele. A cabeça dele começou a ficar cheia de caraminholas. Tentei ajudar, mas devia ter me esforçado mais.

– O que o senhor poderia ter feito?

– Essa é a pergunta que sempre me faço. Só o que eu sei é que deveria ter sido o protetor do meu irmão, como está escrito no Gênesis. Mas não fui. Passei tanto tempo na igreja e falhei na prova mais básica. Na noite em que meu amigo pediu ajuda, eu não ouvi.

– Eric mordeu o lábio inferior, emocionado. – Estava sentado lá, naquele maldito bar, enquanto ele... Bem, essa é minha cruz. – concluiu ele, deixando escapar um arquejo.

– De que bar o senhor está falando? – perguntou Melanie.

Seus olhos começavam a se acostumar à penumbra do depósito, mas o olfato ainda sofria com o cheiro de mofo e ferrugem. Não devia ser fácil trabalhar diariamente naquele lugar horrível.

– Isso não tem nenhuma importância.

– Pra mim tem. Por favor.

Eric a observou por um momento.

– Quando saí da casa do Ramsey naquela noite, fui beber com uns amigos num bar antigo chamado Jackrabbits. Estávamos eu, Paul e Wayne...

– Wayne?

– Wayne e Ramsey tocavam guitarra. Eu tocava baixo. Meu irmão, bateria.

Melanie já sabia que Wayne tocava guitarra e havia sido amigo do pai dela, portanto não deveria ter ficado surpresa. Mas ele jamais falava daquela noite fatídica, e ela, claro, sabia que não podia perguntar.

– Esse bar ficava a um quilômetro, um quilômetro e meio da casa do Ramsey – prosseguiu Eric. – Não era muito tarde, e nessa época eu já havia parado de beber. Não teria custado nada dar uma passadinha por lá só pra ver como estavam as coisas. A gente até chegou a pensar nisso. Mas Wayne e Paul já tinham enchido muito a cara, e eu estava exausto, e o Paul ficava dizendo que o melhor que a gente podia fazer era dar um tempo pra que o Ramsey e a Allie esfriassem a cabeça. Acabei me deixando convencer. Pagamos a

conta e fomos embora. Mas eu estava sóbrio, devia ter pensado melhor. Devia ter voltado pra ver como eles estavam.

– O senhor não tem culpa de nada, Sr. Pace.

Assim que as palavras saíram da sua boca, Melanie se deu conta de que uma repórter de verdade jamais diria algo assim.

Eric coçou o rosto mais uma vez.

– Você é muito gentil, mas a verdade é que o Ramsey estava passando por maus bocados e eu sabia disso. Era amigo dele, devia ter ido. Se tivesse voltado lá, acho que poderia ter evitado toda a tragédia.

Melanie subitamente se sentiu tonta. E se Eric – ou seu tio Wayne, ou Paul – *tivesse* passado na casa depois? Será que isso teria mudado tudo? Sua mãe poderia estar viva agora? Seu pai seria apenas alguém que havia passado por uma fase difícil, em vez de um assassino fugindo da polícia ou, pior, um assassino caçando a filha sobrevivente?

– Por um bom tempo depois disso – continuou Eric –, tive certeza absoluta de que só tinha me tornado um alcoólatra para anos depois, numa certa noite de setembro, conseguir parar de beber e ser o guardião do meu irmão e salvar duas vidas. – Ele suspirou. – Hoje em dia sou um servo mais humilde. Não tenho tantas certezas sobre o que o Senhor quer de mim, e também não estou tão convicto a respeito do desejo Dele de que eu espalhe Sua palavra para outras pessoas. Posso perguntar uma coisa? Você tem alguma religião?

– Sr. Pace, não creio que a minha fé seja relevante – respondeu Melanie.

Àquela altura ela já começava a cogitar se tinham sido mesmo os joelhos lesionados que haviam relegado o homem à solidão daquele depósito. Talvez ele viesse pregando um pouco fervorosamente demais para os novatos sob seu comando.

Eric sorriu.

– É, você tem razão. Mas estou convencido de uma coisa: se o Senhor é capaz de perdoar nossos pecados, então devemos ser capazes de perdoar a nós mesmos também. E é isso que tenho tentado fazer todos esses anos. Perdoar a mim mesmo.

Melanie assentiu. Como o expediente já chegava ao fim, os dois estavam sozinhos, mas ela se sentia completamente segura na companhia de Eric, e o entendia. Ela sabia o que era passar a vida inteira se perguntando como as coisas poderiam ter sido.

– Onde você acha que Ramsey Miller poderia estar agora? – perguntou.

Eric fechou os olhos e por alguns segundos Melanie observou a faixa de pele áspera no rosto dele, pensando se aquele pedaço de sua face era daquele jeito porque ele não parava de coçar, ou o contrário. Ele reabriu os olhos de repente e disse:

– Por muito tempo sonhei que um dia Ramsey acabaria me procurando, e então eu teria a oportunidade de convencê-lo a se entregar à polícia e aceitar a punição dos homens junto com os desígnios de Deus. – Deu de ombros e acrescentou: – Ele pode estar em qualquer lugar. Pode até estar morto.

– Você acha mesmo?

– Pensando melhor, não. Ramsey é um sobrevivente. – Eric deu um sorriso largo e Melanie notou que lhe faltava um dente. – Aquele cara é teimoso demais pra morrer.



Melanie retornou ao hotel com um sanduíche e uma Coca-Cola. Queria devorar a comida, assistir mais um pouco de TV e dormir cedo. Ter passado meia hora na penumbra daquele galpão a deixara exausta. Não era de admirar que Eric tivesse aceitado falar com ela tão prontamente. E, a menos que estivesse mentindo, o homem dera a entender que sabia por que Ramsey dera uma festa naquela

noite. Não era aniversário de ninguém, certo? Então qual era o motivo da comemoração? Na manhã seguinte ela perguntaria a Arthur se isso tinha alguma importância ou se não passava de mais um tiro n'água.

Em seu caminho para o saguão do hotel ela havia visto apenas de relance o Lincoln preto estacionado na vaga reservada aos bombeiros. E quando ouviu alguém chamar por Alice Adams através da janela do carro, demorou alguns segundos até lembrar que esse era seu nome naquela cidade.

Então o motorista desceu e correu a seu encontro.

– Seu nome é Alice Adams, não é?

Ele vestia uma calça jeans preta, um blazer cinza e sapatos reluzentes de tão bem engraxados. Era alto e tinha os cabelos estilosamente modelados à base de muito fixador.

– Sim, senhor.

O homem assentiu como se já soubesse quem era ela antes mesmo de perguntar.

– David Magruder está esperando a senhorita na casa dele.

14

Melanie precisou de toda a sua coragem para entrar naquele carro. Não fazia a menor ideia do que Magruder havia feito para descobrir onde ela estava hospedada, tampouco do que poderia querer após tê-la enxotado de sua sala. *Lembre-se do que veio fazer aqui*, ela repetia para si mesma, observando a paisagem através do vidro escuro das janelas enquanto o automóvel se afastava do hotel. *Você veio atrás de respostas. Veio para se fortalecer.*

Eles seguiram na direção do mar, passaram por alguns quilômetros de uma paisagem pantanosa e chegaram a uma estrada sinuosa ladeada por casas cada vez maiores. Depois de algum tempo, conseguiu avistar a baía através das árvores e deduziu que estavam chegando. Nunca tinha visto nada igual àquilo. As construções eram grandes o bastante para abrigar museus, com bosques particulares que pareciam esculpidos à mão. Algumas propriedades eram separadas da estrada por cercas vivas, muros ou árvores, de forma que só se viam relances de seu interior. No entanto, mais que o tamanho das propriedades, o que de fato espantava Melanie era que, para algumas pessoas, a privacidade não passava de uma opção estética.

A mansão de Magruder ficava quase inteiramente oculta, primeiro por uma fileira de arbustos e depois por uma cerca de ferro

fundido. Da estrada se via apenas o telhado, nos fundos do terreno. O motorista apertou um botão no aparelho de controle remoto preso ao quebra-sol do carro e o portão à sua frente se abriu devagar.

– Aqui estamos – disse ele, a primeira frase proferida durante toda a viagem, e depois seguiu pelo caminho de veículos.

A trilha de cascalho serpenteava entre as árvores de um pequeno bosque até chegar ao enorme jardim e, por fim, à casa de pedra. Quando o carro se aproximou da construção, Melanie teve uma visão clara, através de uma das salas, da doca do outro lado, inclusive do veleiro atracado ao píer e do amplo horizonte da baía.

Como num passe de mágica, o motorista surgiu do seu lado do carro e abriu a porta antes mesmo que Melanie pudesse pensar em fazê-lo. Esperou que ela descesse, depois chamou alguém pelo celular.

– Já estamos aqui na frente, David – avisou, e guardou o aparelho no bolso do paletó.

Melanie olhou para ele.

– Obrigada – falou, como se a viagem tivesse sido ideia sua.

– Sem problemas.

Antes que chegassem aos degraus da varanda, uma porta se abriu e David Magruder apareceu. Vestia uma calça preta e um suéter de caxemira marrom-claro com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Era só sorrisos, exatamente como na véspera, quando tinham se conhecido.

– Bem-vinda, bem-vinda! – exclamou, esfregando as mãos uma na outra. – Obrigado por trazê-la, Bill.

O homem assentiu.

– Foi um prazer – respondeu, então voltou para o carro.

Quando os dois entraram na casa, Magruder disse:

– Você está muito bonita.

Talvez ele quisesse apenas ser gentil para quebrar o gelo, mas, considerando seu comportamento no dia anterior em seu escritório, o elogio soou meio bizarro. E Magruder ou não tinha percebido nada

– o que fazia dele uma pessoa estúpida – ou tinha percebido – o que fazia dele algo muito pior. De qualquer forma, Melanie tinha plena consciência de que eles estavam absolutamente sozinhos ali.

– Sua casa é bem grande – observou.

Ele riu.

– Talvez grande demais para um solteirão como eu. – A sala em que eles estavam, a que ela vira ao chegar, poderia muito bem acomodar umas trinta pessoas. – Mas a vista é imbatível.

De fato. Para além da casa, para além do píer e do veleiro, as luzes de Silver Bay tremeluziam. Na margem oposta da enseada, a quase um quilômetro de distância, outras muitas mansões espelhavam as do lado de cá. Na direção norte, a baía se abria de tal modo que era impossível ver qualquer coisa do outro lado.

– Olha... – disse Magruder. – Eu queria muito me desculpar pelo que aconteceu ontem. Meu comportamento foi... bem, imperdoável. Eu estava com uns probleminhas no programa novo em que estamos trabalhando. Minha raiva não tinha nada a ver com você.

Quase certamente uma mentira, mas pelo menos eles estavam conversando.

– Tudo bem, Sr. Magruder – respondeu Melanie.

– Por favor, você está na minha casa. Será que vou precisar implorar pra que me chame de David?

Ela assentiu.

– Está bem, David.

– Ótimo. Assim é bem melhor.

O que está acontecendo?, ela queria perguntar. *O que estou fazendo aqui?* Mas já havia aprendido a lição sobre ir ao ponto depressa demais.

– Aquilo lá é o mar?

– É o porto de Nova York. Do terraço lá de cima dá pra ver Manhattan. – Magruder a pegou pela mão. Um gesto íntimo demais. Melanie quase se desvencilhou, mas acabou cedendo. – Venha comigo. Quero lhe mostrar meu escritório.

O escritório era do lado de fora, num quintal discreto e absolutamente sereno – o único barulho era o ronco distante de uma lancha. Eles contornaram a piscina, que tinha uma casa adjacente (“Na verdade é uma casa de hóspedes”, explicou Magruder. “Não fui eu que mandei fazer. Já estava aí quando comprei o imóvel”), passaram pela garagem (“Eu ia mandar Bill buscar você com a Ferrari, mas depois achei que você se sentiria mais à vontade no Lincoln”), por um laguinho em forma de trevo (“Você acredita que as águias estão comendo minhas carpas?”) e enfim chegaram ao escritório, uma estrutura não muito grande ao lado do píer. Melanie teve a impressão de que estava entrando num iate. Tudo ali era de madeira envernizada, com uma decoração mais despojada, mais clean. Havia uma saleta, o escritório em si e uma cozinha completa adjacente, assim como um bar aparentemente bem cheio. Nas paredes se viam diversas medalhas, placas e cartas emolduradas, algumas escritas à mão, outras datilografadas.

– As obras de arte ficam na casa principal – explicou Magruder. – George Rodrigue, William Baziotos... Há pouco tempo adquiri um Warhol, acredita? Mas aqui... – Ele apontou para as paredes ao redor. – *Aqui* é que fica o que realmente importa: presentes de soldados, estudantes, maridos, esposas... gente comum que ajudei de alguma forma ao longo dos anos. São muito mais importantes pra mim do que todos os Emmy que já ganhei.

Melanie via perfeitamente que Magruder estava se exibindo, mas só quando ele foi para o bar, abriu uma garrafa de uísque já pela metade e se serviu de uma dose bem generosa foi que lhe ocorreu que talvez ele estivesse bêbado, ou quase. Até então nunca tinha visto uma pessoa bêbada sem ser na TV. Wayne e Kendra quase nunca bebiam. A embriaguez era bem menos óbvia do que ela poderia ter imaginado. Ou talvez Magruder fosse um bêbado mais sutil que a maioria.

– E você, vai beber o quê? – perguntou ele, sorrindo.

– Nada, obrigada. Estou bem – disse Melanie.

– Sei que você está bem – retrucou Magruder –, mas quero que se sinta à vontade na minha casa.

O homem não parava quieto. Ora sacudia um dos pés, ora mordia o lábio, achando que não estava sendo observado. Ele lembrava Philip quando precisara juntar coragem para beijá-la pela primeira vez.

– Sabia que alguns presidentes costumavam passar as férias aqui? – perguntou ele. – Não aqui exatamente, mas em Silver Bay. Woodrow Wilson, Teddy Roosevelt... E alguns astros do cinema também: Jayne Mansfield, Buster Keaton. Na época havia um trem que vinha direto pra baía. Aquela passarela à beira-mar. Você viu?

Melanie disse que sim.

– Hoje em dia aquilo não é nada, mas houve um tempo em que os ricos e famosos lotavam o lugar. As pessoas não imaginam, mas tem muita história enterrada nestes 10 quilômetros quadrados. – Mais um gole no uísque. – Hoje em dia é bem mais tranquilo, e é assim que eu gosto. Silver Bay é o antídoto pra vida que eu levo em Nova York. Não sei se conseguiria enfrentar aquela loucura toda se não pudesse voltar pra esse santuário todos os dias. – Ele sorriu. – Aliás, essa é a resposta à pergunta que você me fez ontem: é por isso que ainda moro em Silver Bay. – Outro gole. – Quer sentar na minha mesa um pouquinho? – Sem nada em cima, a escrivanhinha ficava encostada numa janela que ia do chão ao teto e tinha vista para a baía. Melanie sentou-se diante dela e espalmou as mãos sobre o tampo frio e liso.

– Então, o que achou? – perguntou Magruder.

Sentada à mesa, ela não podia ver o píer, apenas a água à sua frente.

– É como estar num navio – disse, embora nunca tivesse pisado em navio nenhum.

– Pois é. Essa é a ideia. Está vendo aquela casa rosada ali? Do outro lado da enseada?

Era uma das maiores de todo o lugar.

– Estou.

– É a casa da minha ex-mulher. Eu sei, eu sei. É meio *O grande Gatsby*, não é? Mas ela a comprou depois do divórcio, e não seria *eu* que iria me mudar.

Melanie não fazia ideia do que ele estava falando. Antes que pudesse fazer qualquer coisa para se conter, pediu desculpas mentalmente a Arthur Goodale e perguntou:

– Por que eu estou aqui?

– Por quê? – Olhando para a água, ele respondeu: – Ora, porque ontem fui grosso com você e queria fazer algo pra me desculpar.

– É muita gentileza da sua parte – disse Melanie. – Mas você não precisa se...

– Além disso, eu tinha a esperança de que você me respondesse uma coisa.

Ah.

– Posso tentar.

– Fico feliz em ouvir isso – falou ele, e bebeu o resto do uísque. Deixou o copo vazio sobre a mesa e, novamente olhando para a água, perguntou de forma quase displicente: – Quem é você?

– Como assim? – Melanie procurou manter a respiração regular. – Você sabe quem eu sou. Alice Adams.

Magruder suspirou.

– Você é uma jovem adorável. Bonita. Mas deve ter notado que não a chamei de Alice em nenhum momento desde sua chegada aqui. Isso porque não existe nenhuma Alice Adams matriculada no Gaston College. O que faz todo o sentido, já que seu nome é Melanie Denison. – Ela sentiu um frio na espinha ao ouvir o próprio nome dito em voz alta. – Acontece que também não há nenhuma Melanie Denison matriculada no Gaston College. Então pensei que você poderia me dar alguma explicação.

– Não – disse Melanie, com todos os músculos tensos. – Não quero explicar nada.

Magruder respirou fundo e olhou para ela.

– Você precisa entender que é isso que eu faço para viver. Mesmo que o Hotel Sandpiper não tivesse nos informado seu nome verdadeiro, nós teríamos descoberto. Eu tenho uma equipe muito capacitada. Comparado ao tipo de investigação que fazemos todos os dias, isso não é nada. – Quando ela não respondeu, ele disse: – Olha, Melanie, se você trabalha pra um desses tabloides sensacionalistas, o problema é seu. Não vou contar para ninguém. – Melanie continuou olhando para a janela. – Não estou mais com raiva pelo que aconteceu ontem, juro. – Ele abriu um sorriso que sem dúvida tinha a intenção de acalmá-la. Melanie, no entanto, teve a nítida impressão de que quem realmente precisava ser acalmado era ele. – Aliás, acho que devíamos nos conhecer melhor – concluiu pegando a mão dela mais uma vez.

Se tivesse mais jeito, isto é, se fosse mais parecida com Nancy Drew, Melanie teria puxado a mão e continuado destemidamente a entrevista interrompida na véspera, arrancando do homem todas as informações de que precisava. Em vez disso, falou baixinho:

– Acho melhor eu ir embora. Isso não é uma boa ideia.

Magruder arregalou os olhos. De início Melanie pensou ter visto neles uma centelha de fúria. Mas não. O que estava ali era medo, ou algo parecido. O homem não conseguia tirar os olhos dela.

– Solte os cabelos – disse ele por fim.

– O quê?

– Solte os cabelos. Daqui a pouco vou chamar o Bill e ele vai levá-la de volta pra cidade. Prometo. Mas, antes, me faça esse favor.

Melanie se sentiu completamente desprotegida ali sozinha com aquele homem.

– Sr. Magruder, não sei por que o senhor acha que concordei em vir até aqui, mas...

– Não estou dando em cima de você. Por favor. – A voz dele soava desesperada. – Solte os cabelos e depois responderei a todas as perguntas que a trouxeram de Nova York até aqui.

Diante dessa promessa, Melanie se viu tirando o grampo com que havia prendido os cabelos. Fazia tempo que não os cortava, e talvez eles nunca tivessem sido tão compridos. Prendera-os cedo naquele dia e sabia que estavam meio desgrenhados, então os ajeitou rapidamente com os dedos antes de levantar o rosto e encarar Magruder.

Ele estreitou os olhos para ver melhor à luz da tarde que chegava ao fim, e o modo como a fitou foi ao mesmo tempo analítico e carinhoso. Nesse momento, Melanie compreendeu por que ele tinha pedido aquilo e por que agora a encarava tão intensamente, com os olhos marejados.

– Meu Deus – disse Magruder.

Abriu a boca como se fosse falar algo mais, porém foi até o bar e se serviu de mais uma dose de uísque, maior dessa vez.

Deixou-se desabar numa das poltronas de couro, deu um gole na bebida e apoiou o copo na mesa à sua frente.

– Jamais poderia ter imaginado que... Quero dizer, até me passou pela cabeça, mas... – Fechou os olhos e reabriu-os pouco depois. Ao confirmar que Melanie não era nenhuma miragem, e sim uma jovem de carne e osso parada em seu escritório, sorriu e disse: – Você não chega a ser uma cópia fiel da sua mãe, mas é quase isso.

15

Sentados lado a lado no sofá, eles viam o sol baixar do outro lado da enseada. Melanie bebia seu copo d'água enquanto David Magruder esvaziava sozinho uma garrafa de champanhe.

– Tem certeza de que não quer um pouco? – insistiu ele. – Não é todo dia que se descobre uma coisa dessas, que Meg Miller está viva.

O homem conseguia consumir uma quantidade de álcool impressionante. Sem dúvida tinha muitos anos de prática.

– Prefiro água – respondeu Melanie, o gelo tilintando dentro do copo, denunciando o tremor da mão.

Magruder agora sabia de tudo. Logo ele, um jornalista. Um jornalista pouco confiável, temperamental, rico e poderoso. O cenário não poderia ser pior.

– Não quer comer nada também? Não está com fome? Posso fazer alguma coisa rapidinho.

Ela estava faminta. Sabia que, pelo bebê, precisava se alimentar em horários mais regrados. Mas como comer com aqueles enjoos que nunca davam trégua?

– Se você tiver um biscoitinho ou algo do tipo...

– Biscoitinho? – repetiu Magruder, rindo. – Claro, acho que posso providenciar. – Mas ele não se levantou. Ainda parecia perplexo. –

Olha só pra você. Meg Miller, vivinha da silva.

– Meu nome agora é Melanie.

– Claro, desculpe. Melanie. – Ele sorriu. Agora que sabia do segredo dela, não conseguia parar de sorrir. – Por onde você andou esse tempo todo?

Ela deu de ombros.

– Escondida.

– Não entendi.

– Escondida do meu pai. Ele não pode me encontrar.

O sorriso de Magruder desapareceu.

– Você vem se escondendo desde 1991?

– Exatamente.

– Caramba.

– E eu sei que seu trabalho é divulgar as coisas, mas dessa vez você vai ter que manter segredo. Por favor. Só estou viva até hoje porque todo mundo pensa que não estou.

– Esse seu sotaque... Você mora mesmo na Carolina do Norte?

Melanie fez que não com a cabeça.

– Por favor. Não vou dizer onde moro, e imploro que você não tente descobrir. Preciso da sua ajuda. – Ela havia procurado Magruder na remota esperança de que ele tivesse algo importante a dizer sobre a noite do crime. Mas agora, diante da facilidade com que ele havia descoberto sua real identidade, uma nova ideia começava a se formar. – Preciso que você me ajude a encontrar meu pai.

– Meu bem, seu pai está com uma dianteira de quinze anos. A polícia não chegou a lugar nenhum. Não sei o que posso fazer por você.

– Você disse que é isso que você faz para viver.

– Sou um jornalista de TV, não um caçador.

– Mas pode tentar, não pode?

O quintal já estava mais escuro. Espiando através da janela como se Ramsey Miller pudesse estar escondido por ali em algum lugar,

ele disse:

– Tentar, eu posso.

◆◆◆

Magruder insistiu em levar Melanie de volta para o hotel, mas ela fincou o pé, dizendo que ele não estava em condições de dirigir.

– Já bebo há bastante tempo pra saber se posso ou não dirigir – argumentou ele.

– Ou você me deixa dirigir ou vou chamar um táxi.

Ele deu de ombros.

– A noite está tão linda... Podemos ir num dos conversíveis.

– Quantos carros você tem? – quis saber ela.

– Seis. Aliás, sete. Esqueci do novo. Você sabe dirigir um carro de transmissão mecânica?

– Não.

– Então podemos esquecer o Alfa Romeo. – Ele riu e disse: – Venha, vamos pegar o Corvette.

Eles foram para a garagem imensa, onde havia sete carros brilhantes posicionados lado a lado. O Corvette amarelo estava no centro. Magruder baixou a capota, eles entraram e Melanie dirigiu para fora da garagem. Estava morrendo de medo de bater em alguma coisa. Percorreu todo o caminho de veículos e chegou à rua.

Virou à esquerda e acelerou, o motor roncando lindamente, e seguiu em direção à cidade. Depois das mansões, a estrada fazia uma curva e começava a correr ao longo da margem da baía, que parecia lisa como vidro sob um céu cujos tons de roxo se tornavam negros. Melanie nunca havia entrado num carro conversível, muito menos dirigido um, e agora tinha certeza de que, entre todas as coisas boas que perdera até o momento, essa estava no topo da lista.

– Ainda sabe se orientar pela cidade? – perguntou Magruder.

– A pouca noção que tenho é a que adquiri nos últimos dias. Não lembro de quase nada da minha infância. É uma pena. Adoraria ter alguma recordação da minha mãe.

No primeiro sinal, ela tomou a direção contrária à da baía e seguiu para oeste pela Main Street.

– Realmente é uma pena – disse Magruder. – Sua mãe não merece ser esquecida.

– Então vocês se conheciam?

– Claro. Nós éramos próximos. Eu amava sua mãe.

– Amava? Como assim?

– Como assim? Éramos bons amigos. Sua mãe era uma pessoa maravilhosa. Acho que estou mesmo bêbado.

– Nunca chegaram a ser mais do que isso? Mais que amigos? – perguntou Melanie.

Por sorte estava escuro e ela podia olhar para Magruder sem nenhum constrangimento.

– Não, nunca – disse ele. – Vire aqui à direita.

– Pra quê?

– Faça o que estou falando. Quero lhe mostrar uma coisa.

Ao dobrar a esquina seguinte, Melanie percebeu que estavam indo na direção da casa de seus pais. Ela já tinha visto o suficiente para um dia. Mas então ele a mandou virar de novo, e de novo, até chegarem a uma rua que ela não conhecia.

– Pare naquele estacionamento ali – disse Magruder. Não havia nenhum outro carro por perto. – Pode parar lá no fundo. Você precisa ver isso.

Ele desceu e Melanie foi atrás. Apesar da escuridão, estava claro que era um parque, um lugar bonito com árvores muito antigas, alguns brinquedos mais à frente e um lagozinho à esquerda. Em torno dos brinquedos havia mesas de piquenique. Magruder se sentou em uma delas e perguntou:

– E aí, reconheceu?

– Não. Deveria reconhecer?

- Era aqui que você costumava brincar.
- É mesmo?

Melanie sentou-se ao lado de Magruder na mesa, depois tentou imaginar-se como uma criança descendo naqueles mesmos escorregadores, brincando naqueles mesmos balanços.

– Costumava ter um escorregador bem mais alto aqui, cheio de curvas. Era o seu favorito. E naquela época os escorregadores eram de madeira, não de plástico como esses. Os balanços, acho que são os mesmos até hoje. Mas tinha dias em que, em vez de ficar nos brinquedos, você preferia correr atrás dos passarinhos.

– Como você sabe disso tudo? – perguntou Melanie.

– Eu costumava encontrar sua mãe aqui quando ela trazia você – respondeu Magruder. – Seu pai vivia viajando, então acho que sua mãe gostava da companhia de outro adulto. – Melanie sabia, pelos artigos que tinha lido, que o pai era caminhoneiro. – A gente ficava conversando.

– Sobre o que vocês falavam?

– Ah, não lembro direito. Sobre a vida, o trabalho, o clima, a política... Qualquer coisa que viesse à cabeça, eu acho. Você também gostava de jogar pedaços de pão para as tartarugas naquele lago. – Ele sorriu. – Era o único jeito de tirar você dos brinquedos e levar de volta pro carro: a promessa de parar no lago pra alimentar as tartarugas.

Eu brincava aqui. Dava comida para as tartarugas. Aqui é a minha casa.

Ela desceu da mesa e foi na direção dos balanços. Alguns tinham bancos especiais para bebês e outros eram abertos, para as crianças mais velhas. Melanie se sentou num dos maiores, deu impulso com as pernas e ficou balançando por alguns minutos antes de frear o brinquedo com os pés. Então voltou para perto de Magruder.

– Obrigada por me trazer aqui. Às vezes tenho a impressão de que não tenho um passado. Então... obrigada mesmo.

– Não precisa agradecer – disse ele, pousando a mão no ombro dela e depois afastando-a.

O gesto trouxe lágrimas inesperadas aos olhos de Melanie. Ela virou o rosto na direção do lago.

Os dois ficaram assim por um tempo – ele sentado na mesa, ela em pé ao lado dele –, os olhos ajustando-se à escuridão. Uma brisa suave agitava as folhas das árvores próximas.

– Lá na sua casa... – começou Melanie a certa altura, novamente olhando para Magruder. – Você disse que eu podia perguntar o que quisesse.

– É, posso ter falado.

– Falou, sim.

Ele assentiu.

– Tudo bem, pode perguntar.

– Depois do assassinato, por que a polícia quis falar com você tantas vezes?

– Quem te disse isso?

Melanie insistiu:

– Você prometeu que ia responder às minhas perguntas.

Um sapo coaxou no lago.

– Você é durona – comentou Magruder. – Os bons jornalistas são assim. Um dia eu já fui durão também. Um jornalista de verdade. Ainda sei ser durão. Mas gosto de ganhar dinheiro também, então às vezes preciso fazer concessões. Caramba, já ganhei *muito* dinheiro. – Ele balançou a cabeça. – Puxa, como é bom saber que você está viva! Você nem imagina como isso é bom.

Melanie voltou a sorrir.

– A polícia...

– Certo, vamos lá. A polícia. Meu erro foi ser honesto e dizer a eles que era amigo da sua mãe. Além disso... – Ele deu de ombros. – Meu álibi era uma porcaria.

– Qual era?

– Eu não tinha nenhum.

– Então eles acharam que você...

– Não, eles não acharam nada. Aquilo não era um romance policial, entende? Mas a polícia gosta de tudo certinho, de verificar as histórias de todo mundo. E aí de quem está sozinho no momento de um crime. Na época eu era casado. Péssima ideia, aliás. Não recomendo a ninguém. Mas eu era casado e minha mulher estava em Nova York naquela noite. Enfim, os caipiras da polícia local procuravam o mesmo que você agora: alguma pista que os ajudasse a localizar seu pai. Acontece que eu não sabia de nada. Mal conhecia o sujeito. Mas você sabe como são as coisas. Sou uma pessoa pública, e tem muita gente por aí que ganha rios de dinheiro inventando e publicando histórias falsas sobre as pessoas públicas. Aliás, é por isso que nunca falo dessa época da minha vida, nem sobre ter conhecido sua mãe. Eu gostava muito dela e o que aconteceu foi um horror. Detesto que fiquem me lembrando disso a toda hora.

– Agora há pouco você não disse que “gostava muito dela”. Disse que a amava.

Os sapos agora estavam bem mais barulhentos, fazendo coro com os grilos. Melanie lembrou-se dos bosques da Virgínia Ocidental e de todos os bichos que havia lá.

– Sua mãe era uma mulher bonita. Complicada – comentou Magruder.

– E você a amava.

– Amava. Muito.



David Magruder era uma celebridade que já havia entrevistado astros de cinema, astronautas e presidentes. No entanto, dirigir um conversível com um famoso alcoolizado no banco a seu lado era menos estranho do que Melanie poderia ter imaginado.

– Eu devia ter trazido umas cervejas – comentou ele com os olhos fechados.

Apesar da pouca distância entre o parque e o hotel, já dormia profundamente quando eles enfim chegaram.

Melanie estacionou o Corvette, desligou o motor e deu um cutucão no braço de Magruder para acordá-lo.

– Você precisa ligar pro seu motorista.

– Ele não fica o dia todo a meu dispor, Melanie.

– Então chame um táxi.

– Não sou mais um adolescente – resmungou Magruder, e bocejou.

– Bem, não existe a menor possibilidade de você ir para casa nesse estado.

– É claro que eu vou para casa – disse ele, aparentemente ofendido. – Eu sei me dirigir desde que... – Ele parou por um instante e tentou de novo: – Eu sei dirigir desde que os dinossauros ainda estavam vivos.

Havia duas camas no quarto de Melanie, mas... Não, de jeito nenhum.

– Tem um sofá na recepção do hotel – comentou ela. – Você pode entrar e descansar por algumas horas.

Magruder olhou para ela e sorriu.

– Essa sua preocupação comigo me deixa até emocionado. Mas fique tranquila, posso dormir aqui mesmo no carro. Esses bancos reclinam até embaixo. Daqui a pouco já estou novo em folha.

– Espero que sim.

– Ela espera que sim! – Quando Melanie lhe devolveu as chaves do carro, ele se inclinou para ela e lhe deu um beijo na bochecha. – Absolutamente sensacional – falou, então baixou o banco e fechou os olhos.

– É melhor fechar a capota, não acha? – sugeriu Melanie, baixinho. Quando ele não respondeu, ela disse: – Boa noite, David.

Então saiu do carro e fechou a porta, deixando-o ali no estacionamento do Hotel Sandpiper. Mas fez isso a contragosto. Desconfiava que, assim que pisasse no saguão do hotel, ouviria o Corvette roncar e disparar pela rua, sumindo de vista.

E foi exatamente o que aconteceu.

16

22 de setembro de 1991

Por um minuto de total serenidade, Ramsey simplesmente ficou olhando para a mulher que dormia, depois saiu do quarto e desceu. O corpo precisava se mexer, então ele vestiu o casaco e as luvas de lona, seguiu para a garagem e levou para o quintal as folhas de compensado e os paletes. Ainda estava escuro e frio do lado de fora, mas a atividade já o fazia suar. Quando terminou, voltou para dentro de casa e esperou Eric.

Depois de alguns minutos, o amigo bateu à porta. Os dois trocaram um aperto de mão. Ramsey teria lhe oferecido um café se Eric já não estivesse com um copo descartável na mão. Então eles atravessaram a casa e foram direto para o quintal.

– Obrigado pela ajuda, cara – disse Ramsey. – Sei que está frio pra caramba aqui.

– Que frio que nada – retrucou Eric. – A gente é uma banda, não é? Então, sem palco não tem banda.

O lado bom do frio era que todos os vizinhos estavam com as janelas de casa completamente fechadas. Ramsey não queria ouvir ninguém reclamando do barulho das marteladas numa manhã de domingo. Não que ele pretendesse demorar muito fazendo aquilo. As instruções eram bastante simples e ele mal precisou explicar

qualquer coisa a Eric: seis paletes deviam sustentar as folhas de compensado que a loja já tinha cortado sob medida no dia anterior. Em pouquíssimo tempo Eric estaria liberado para a missa.

Ramsey ofereceu ao amigo suas luvas de lona, mas ele não aceitou, preferindo soprar um bafo quente nas mãos arqueadas diante da boca. A grama estava molhada, então eles precisaram se ajoelhar numa folha de compensado antes de começar a martelar as demais em seus devidos paletes. Trabalharam em silêncio, o som regular das marteladas marcando o compasso de uma canção vagamente discernível. Como Ramsey esperava, era de um projeto assim que ele estava precisando. Era ótimo construir algo. Após alguns minutos, Eric fez uma pausa no trabalho e disse:

– Então... O Wayne contou que você deu uma pirada.

Ramsey ergueu o rosto.

– Que foi dessa vez?

– O fim do mundo, Ramsey? – questionou Eric, nitidamente desapontado, sem nem precisar balançar a cabeça.

O pai de Ramsey costumava usar o mesmo tom a cada nova cagada dele quando era adolescente: “Roubo de loja, Ramsey?”; “Vandalismo, Ramsey?”

Até aquele momento não tivera a intenção de dizer nada a Eric. Conhecia muito bem sua mente bitolada de religioso. De qualquer maneira, agora ele já sabia. Aliás, devia ter sido por isso que aceitara tão prontamente o convite para madrugar e ajudar na montagem do palco. Estava ali para fazer sua intervenção pessoal.

– Sei que é verdade – disse Ramsey, dando de ombros. – É verdade e pronto, cara.

– Ramsey...

– Eu *sei* que é – insistiu Ramsey, dando o assunto por encerrado e voltando a martelar o compensado a sua frente.

O dia começava a clarear.

– Então você sabe que o mundo vai acabar e não se dá o trabalho de me contar nada?

- Não vi razão para isso.
- Você contou pro Wayne.
- É, contei, mas não foi o que tinha planejado fazer.

Na tarde anterior, depois de combinar o empréstimo dos amplificadores com o patrão, Wayne estava fumando um cigarro na calçada diante da loja quando comentou que quase não tinha surfado naquele verão. Então Ramsey aconselhara que ele fizesse isso na manhã seguinte, porque depois não seria mais possível. Explicara por quê, mas não dera muitos detalhes, apenas a versão resumida.

- Por que você contou pra ele e pra mim, não?

Ramsey parou de novo de martelar.

– Aposto que você não sabe que o Wayne viveu na porcaria de um orfanato até os 10 anos. Que aos 11 o próprio pai adotivo quebrou o braço dele por causa de uma briga na escola. Fraturou o braço do garoto na mesa da cozinha.

Eric permaneceu calado por alguns segundos, depois disse:

- Sinto muito. Mas o que uma coisa tem a ver com a outra?

– A questão é que o Wayne comeu o pão que o diabo amassou e nunca teve ninguém para servir de modelo pra ele, e por algum motivo me escolheu como uma espécie de irmão mais velho. Ele confia em mim. Então foi a minha vez de retribuir a gentileza.

- Bem, você devia ter confiado em mim também.

– Ah, cara, pelo amor de Deus, não precisa ficar magoadinho. Eu sabia que você ia pensar que eu tinha ficado maluco. Ou pior: de repente ia acreditar na minha história e depois ia surtar por causa desse seu lance aí com Jesus.

- Estranho. Não lembro de ter lido nada sobre isso no jornal.

– Pode rir à vontade – falou Ramsey. – Mas não é nenhuma piada.

- E qual é sua fonte?

Ramsey se lembrava de cada detalhe daquele fim de tarde: as mesas interditadas, o outro caminhoneiro, o modo como o tempo

parecia haver parado.

– Li num livro há alguns meses. Um livro científico – Vendo que Eric ainda o encarava com um olhar paternal, acrescentou: – Li tudo, da primeira à última palavra. Pode confiar em mim. Tudo faz sentido.

– Você não é cientista – argumentou Eric.

Numa árvore junto à cerca, um casal de esquilos discutia entre si como se tivesse anos de casamento. Quando eles se aquietaram, Ramsey perguntou:

– Me responde uma coisa: você acredita em Deus?

– O quê?

– Anda, diz. Acredita ou não acredita?

– Você sabe que acredito.

– Mas não é nenhum padre ou profeta, é?

– Não é a mesma coisa. – Eric largou o martelo e deu um gole no café. – Minha crença se baseia na confiança em Jesus. Na fé no Espírito Santo.

Ramsey tentou imaginar como Eric devia ser antes da conversão, quando não passava de mais um pinguço no mundo, mais um porralouca sem eira nem beira.

– Então, numa escala de um a dez, até que ponto você acredita em Jesus, em Deus e tal?

– Não me faça uma pergunta dessas – disse Eric. – É muito grosseiro medir sua fé numa escala.

– Então não vai responder, é isso?

Eric suspirou.

– Como você quiser, Ramsey. Dez. Satisfeito agora? Minha fé em Deus vale um dez.

– Pode baixar uns dois pontos, se quiser – disse Ramsey num tom de voz mais baixo, e sorriu. – Não tem ninguém ouvindo. Só eu e os esquilos, e a gente não vai contar pra ninguém.

– Não preciso baixar nada – retrucou Eric, depois olhou para o céu. – E tem sempre alguém ouvindo.

– Ah, então é isso. Você deu dez pra sua fé porque estava com medo. Aí não vale.

– Você entendeu tudo errado.

– Agora você está desconversando porque, se Jesus realmente existir, você não vai querer provocar o cara.

– Ramsey, minha fé é dez, está bem? Você perguntou e eu respondi. Acredito piamente em Deus e em Jesus Cristo.

– Está bem, está bem – aceitou Ramsey, levantando as mãos na defensiva. – Não precisa ficar todo nervosinho. Sua fé é dez. Assim como a minha. Pra você é difícil acreditar em mim, porque eu sempre falei que essa coisa de Deus não passava de um monte de...

– Vendo a careta de censura no rosto do amigo, ele suavizou o que ia dizer: – Nunca fui religioso, você sabe.

– É, nisso eu acredito.

Eles voltaram ao trabalho, mas Ramsey sabia muito bem o que estava por vir. Era uma questão de tempo. Perdoava o amigo, pois sabia que ele era dependente da religião do mesmo modo que um dia havia sido de álcool.

– Talvez seja um bom momento pra você reconsiderar sua relação com Jesus – sugeriu Eric depois de um momento de silêncio.

Como Ramsey previra, ele simplesmente não tinha conseguido se conter, assim como não dá para ignorar uma coceira.

Ramsey sorriu. Conhecia as pessoas.

– Não, já é tarde demais para mim. – Sua intenção era aliviar um pouco o clima, mas quando se tratava de Eric e Deus, qualquer brincadeira era impossível. – O que estou querendo dizer é o seguinte: sei tudo o que há pra saber a respeito da fé. Tenho mais fé no meu dedo mindinho do que a maioria das pessoas tem no corpo inteiro, até o carola mais convicto.

– Ei!

– Só estou dizendo que, se não tivesse fé, já estaria morto há muito tempo.

– Sempre admirei o modo como você conseguiu se reerguer. Graças a Deus.

– Graças a Deus nada, meu amigo. Graças a *você*. A você e a Allie. É disso que estou falando: até os meus 27 anos eu nunca tinha acreditado em absolutamente nada, e de uma hora pra outra resolvi depositar minha fé num desconhecido completo pendurado no alto de um poste. Olhei pra ele e pensei: esse aí vai mudar minha vida. E mudou mesmo! Você mudou a porra da minha vida!

Eric estremeceu ao ouvir o elogio junto com o palavrão, mas Ramsey não conseguiria se expressar de outra forma.

– E quando eu me vi em maus lençóis de novo – prosseguiu Ramsey –, uma universitária apareceu do nada no corredor do hospital onde eu estava internado, e bastou olhar pra ela uma vez pra ter certeza que era possível, sim, uma pessoa ser atingida duas vezes por um raio, e que aquela moça estava ali pra me salvar. E foi isso que ela fez e ainda faz todos os dias, sem descanso. Exatamente como eu tinha imaginado.

– Por acaso essas coisas todas têm a ver com... – Eric respirou fundo. – Com o que eu *vi* há alguns meses?

Desde a conversa que haviam tido por telefone em junho, Ramsey e Eric nunca tinham falado sobre o beijo de Allie e Magruder.

– Não era nem pra gente se conhecer – retrucou Ramsey. – As flores não eram pra mim. Mas tudo bem. A gente se conheceu e eu disse a mim mesmo: *Tenha fé nessa moça*. E pode acreditar: na vida de um caminhoneiro, tempo pra pensar é o que não falta. Já analisei a situação por todos os ângulos possíveis. Sei que o fim está chegando.

– É o que você acha.

– Escute o que estou dizendo. Até hoje eu só tive duas certezas na vida: a de que precisava ter fé em você e a de que precisava ter fé em Allie. Quase todas as outras decisões que tomei foram uma merda, mas essas duas, não. Porque nem foram decisões, mas

pressentimentos. Eu sabia que precisava ser assim e pronto. E agora tem essa terceira coisa em que acredito, e com uma força muito maior. Dez vezes maior. – Ele balançou a cabeça. – Não sei como explicar, mas também não tenho que explicar nada.

– Ainda acho que a gente teria lido alguma coisa sobre isso nos jornais.

– Não se o governo quiser manter a população no escuro pra evitar o pânico. Além do mais, não tem nada que eles possam fazer. É como se milhares de mísseis nucleares estivessem prestes a chover no país. Eles manteriam a informação em segredo. Aliás, ninguém nunca diz a porra da verdade.

– Ramsey...

– Não, eu sei. Você acha que estou enganado. Mas a questão é que minha fé é muito melhor que a sua, porque tem o respaldo da ciência.

– E o tal livro que você leu, cadê ele? Vai guardar só pra você ou posso dar uma olhada?

– Não está mais comigo.

De novo o olhar paternal no rosto de Eric.

– Uma coisa você não pode negar – disse Ramsey. – Nunca perguntei o que faz você ter tanta certeza assim com relação ao seu Jesus, à sua Maria e a todo o resto.

– Quer ver o meu livro?

– Não.

Eric olhou para as folhas de compensado espalhadas na grama.

– Aposto mil pratas que você está errado.

Ramsey sorriu.

– Uma excelente aposta. Se eu estiver certo, você não vai ter como pagar.

– Eu só faço apostas inteligentes.

– Menos quando apostou em mim, é claro – comentou Ramsey.

– Pois é. Você sempre foi um tiro no escuro. – Eric tentou rir da própria piada, mas a risada não durou. – Olha só, cara, presta

atenção: logo mais a gente vai fazer esse show, depois todo mundo vai pra casa dormir, e amanhã a gente vai acordar de novo, e vai ser uma segunda-feira como outra qualquer. Quando isso acontecer, você não vai ficar... *desapontado*, vai?

Para Ramsey essa hipótese nem existia, portanto não havia uma resposta para a pergunta de Eric. E, mesmo que houvesse, não seria da conta dele.

– Claro que não vou ficar desapontado – disse simplesmente.

E esse foi o fim do assunto. Eles voltaram a alinhar e pregar folhas de compensado enquanto o dia clareava. Quando terminaram, Eric foi à missa e Ramsey foi buscar a pá na garagem. Já que estava com a mão na massa, era melhor fazer tudo de uma vez.

Escolheu um lugar mais afastado do palco – e das árvores maiores também, pois não queria que as raízes o atrapalhassem – e começou a cavar na grama um buraco circular de mais ou menos 1,5 metro de diâmetro e 30 centímetros de profundidade. Em seguida, recolheu toda a terra escavada e a depositou no mato que crescia do outro lado da cerca. Levou apenas meia hora para terminar o trabalho, mas não era tão difícil fazer uma fogueira de chão, que na realidade não passava de uma cova rasa. Uma muretinha de tijolos empilhados era o arremate que faltava, e mais tarde ele passaria numa loja de materiais de construção para comprá-los. Como lenha, usaria os galhos ressecados de corniso que margeavam a cerca e já deviam ter sido arrancados dali muito tempo antes.

– Panquecas do papai!

Era Meg, gritando à porta da sala. Ainda vestia o macacãozinho amarelo que usava para dormir.

– Bom dia, meu amor! – exclamou Ramsey. – Quer panquecas do papai no café da manhã?

Allie surgiu por trás da filha.

– Ela está dizendo que *já comeu* panquecas do papai.

As tais panquecas tinham o formato da cabeça do Mickey. Por algum motivo insondável, Meg geralmente se recusava a comê-las a

menos que visse o pai manuseando a espátula.

– Pensei que só o papai pudesse fazer panquecas do papai – disse ele a Allie.

Ela deu de ombros.

– Os tempos estão mudando.

A resposta doeu mais do que devia.

– Daqui a pouco eu entro, prometo. Ainda estou arrumando algumas coisas por aqui.

– Tudo bem – retrucou Allie.

Pegou a filha no colo, voltou com ela para dentro e fechou a porta de correr.

Ramsey retornou à garagem e trocou a pá pelo machado com que pretendia cortar os cornisos. Seria bem mais prático usar uma serra elétrica, mas aí de quem ousasse ligar uma em Sandy Oaks numa manhã de domingo.

Certamente algum serviço de paisagismo cuidava do jardim da casa de David Magruder. O gramado era incrível, sem nenhuma daquelas falhas amarronzadas. Os arbustos que se alinhavam à frente da casa eram esferas perfeitas plantadas em um tapete de húmus de cipreste. Apesar de ser outono, verdejavam e exalavam seu perfume fresco.

A casa em si era branca com janelas verdes e parecia recém-pintada. No telhado e nas calhas não se via uma única folha caída. Sempre que passava por ali, Ramsey notava que o imóvel parecia pronto para ser vendido a qualquer momento. Gostava de ordem e de capricho, mas a propriedade era tão imaculada que sugeria alguma falha no caráter de Magruder – nem tanto arrogância, mas certa dissimulação.

Naquela manhã de domingo, o único sinal de desordem era o jornal que ainda esperava para ser recolhido no início do caminho para a garagem. Ramsey se adiantou para pegá-lo e, enquanto se dirigia à porta da casa de Magruder, retirou o elástico que o prendia, desdobrou-o e correu os olhos pela primeira página.

Sequelas do desastre nuclear de Chernobyl podem ser de longo prazo

Leu o primeiro parágrafo. Além dos casos de câncer e intoxicação radioativa registrados nos últimos cinco anos, os geneticistas agora previam a incidência de outras sequelas que talvez não se manifestassem em menos de cinquenta anos.

Ramsey fechou o jornal e recolocou o elástico no lugar. Sabia que era cedo para bater à porta de alguém, mas ainda tinha muito o que fazer e preferia não correr o risco de não encontrar o sujeito em casa.

Enfim tocou a campainha, mas precisou esperar um minuto inteiro até ser atendido. Magruder estava descalço e vestia calça jeans e uma camiseta branca. Pessoalmente era bem diferente do que se via na TV. Parecia mais baixo, mais pálido. Um cara magrelo de queixo mal-definido e um tórax fundo.

– Oi, meu nome é Ramsey Miller.

– Eu sei.

– Vou dar uma festa mais tarde.

– Ouvi dizer.

– Ah, é? Ouviu de quem?

– Vi o convite que você deixou na minha caixa de correspondência. Uma festa para a vizinhança, certo?

Ramsey forçou um sorriso.

– Pois é. Por isso estou aqui. Queria convidá-lo pessoalmente.

– Está convidando todo mundo?

– Essa é a ideia de uma festa para a vizinhança. Todo mundo é bem-vindo.

– Não, o que eu quis dizer foi se você está convidando todo mundo pessoalmente.

De todas as coisas da lista de tarefas de Ramsey, essa era, de longe, a pior. Mas se ele estava mesmo disposto a ser magnânimo, não lhe restava outra escolha a não ser engolir o sapo – ou “oferecer a outra face”, como diriam Eric e Jesus – e convidar Magruder para sua festa.

– Só queria deixar claro que você é bem-vindo na minha casa.

– E por que não seria?

Ramsey sustentou o olhar do outro, evidenciando que a farpa havia sido notada mas sem chegar a intimidá-lo.

– Por nada – respondeu afinal, e entregou o jornal ao dono. – Pra falar a verdade, será uma honra se você vier. Era só isso que eu queria vir aqui dizer.

Magruder desdobrou o jornal e correu os olhos pela primeira página.

– Chernobyl de novo nas manchetes, hein? Que merda.

– Então, você vai ou não vai?

Magruder jogou o jornal no saguão e, vendo-se de repente sem ter o que fazer com as mãos, cruzou-as de um modo meio forçado.

– Ramsey, até este momento a gente mal tinha trocado uma palavra. O que está acontecendo aqui? Por que esse interesse todo em mim?

Filho da puta.

No passado, Ramsey talvez tivesse mordido a isca e se envolvido num quebra-pau. No entanto, o prazer que ele costumava ter com insolências desse tipo, aquela explosão de raiva, já tinha desaparecido havia muito tempo, e ele se obrigou a sorrir.

– Relaxa, Magruder. – Ele lhe deu um tapinha no ombro. – É só uma festa. Minha banda vai tocar. – E para mostrar que tinha feito as pazes com o mundo e com todas as pessoas, acrescentou: – Aposto que a Allie vai adorar ver você por lá.

Magruder encarou-o por um momento e Ramsey esperou para ver se ele diria que não conhecia Allie. Mas ele só contemplou o lindo dia de outono que se revelava – ou talvez estivesse olhando para a casa da amante – e disse:

– A que horas a festa começa?

– Às cinco – respondeu Ramsey, e olhou para o céu claro. – Depois da chuva que você previu pra hoje.

– Talvez ainda chova.

– Não sei, não. Pelo visto vai ser um dia lindo.

Magruder deu de ombros.

– A previsão do tempo é assim mesmo. Às vezes dá errado.



Depois disso foi fácil. Após mais algumas tarefas – buscar os barris de chope, comprar gelo, tijolos para a fogueira e um isopor grande o bastante para manter toda a carne junto da churrasqueira –, Ramsey voltou para casa e esperou que os outros chegassem para assumir as próprias funções: o cara do som, a mulher do minizoológico, o cara da piscina de bolinhas. Não demorou para que o quintal, antes tão grande, ficasse pequeno para tanta gente querendo um lugar para trabalhar.

Mais tarde veio a espera pelos convidados. Para o alívio de Ramsey, pouco depois das cinco eles começaram a chegar. Com a churrasqueira já acesa e as chopeiras no lugar, ele foi cumprimentando um a um com calorosos apertos de mão, convidando-os a comer e beber, falando para se sentirem em casa.

Um pouco antes das seis, com seu copo de cerveja na mão, Ramsey olhou para o alto e mais uma vez não viu nenhum sinal de chuva, apenas o céu claro do entardecer, sem nuvens mas cheio de segredos.

– Som, som... – disse Eric, testando o microfone.

A banda já estava no palco, que não era lá grande coisa, mas pelo menos os deixava mais altos e dava um mínimo de legitimidade à apresentação.

Eric testou o microfone mais algumas vezes, e nada. O cara do som pediu um minuto para descobrir por que as caixas permaneciam em silêncio. Na realidade “o cara do som” era John Tisdale, o subgerente da Main Street Music. Um grosso feixe de cabos ligava o palco a uma mesa de som a cerca de 10 metros de distância. Agachado no chão e coçando a cabeça, John foi girando e apertando

botões na esperança de resolver o problema. Não era nenhum profissional da área, mas alegava ter um conhecimento razoável do equipamento, o bastante para instalá-lo e operá-lo sempre que necessário. Além disso, havia o estímulo dos 300 dólares que Ramsey tinha pago antecipadamente para que ele fizesse um estudo rápido.

Sentado à bateria, Paul cruzava e descruzava os braços sem parar, os ombros curvados como se o dia tivesse esfriado de uma hora para outra. Nunca tinha subido num palco antes.

– Você precisa relaxar, cara – disse Ramsey. – Hoje é dia de rock’n’roll.

– Estou relaxado, porra.

Era mentira. Quando não estava nervoso, Paul já tinha dificuldade para acertar os andamentos, e Ramsey ficou imaginando os crimes musicais que o baterista cometeria se não se acalmasse logo.

– Vá beber uma cerveja – sugeriu.

Era isso que Wayne estava fazendo, e era isso que ele desejava que Eric também fizesse naquele exato momento, em vez de estar dedilhando sua guitarra, que estava plugada a um amplificador independente e, portanto, imune à incompetência de John Tisdale. Eric estava tocando o riff principal de “Ramble On”, do Led Zeppelin, estragando um dos maiores números da noite, o que não era nada profissional.

– Você está estragando a surpresa, cara – reclamou Ramsey.

– Só estou fazendo um aquecimento.

– Então aquece com outra coisa, ué.

Eric deu de ombros e começou a tocar outro riff mais agitado, dando vários tapinhas na guitarra e nas cordas. O problema era que ele não tinha técnica suficiente para fazer isso, e parecia que queria matar algum bicho preso no instrumento. Estava nervoso, inquieto.

Ramsey precisava admitir que também estava nervoso. Lembrou-se da ansiedade que havia sentido no dia do seu casamento com

Allie em Las Vegas: o terno e a gravata, os sapatos bacanas, o medo de cometer alguma gafe na hora da cerimônia, de dizer algo errado. Felizmente o padre da capela Xanadu havia simplificado bastante as coisas e não fora preciso falar mais nada além daquele “sim” visto tantas vezes no cinema e na TV.

Procurou Allie. Ela estava sentada com Meg numa toalha esticada sobre a grama, cercada de livros e brinquedos. Ramsey teve vontade de mandar todo mundo embora e se juntar às duas, mas o ímpeto logo passou. O motivo daquela festa ia além de provar sua própria magnanimidade; também dizia respeito à sua recém-adquirida compreensão sobre a conexão entre todas as pessoas, entre todos os organismos vivos. No esquema geral das coisas, nossa individualidade era irrelevante, mas merecia ser celebrada porque era nossa, mesmo que temporária.

Ainda assim, aquela não era a festa dos seus sonhos. O número de vizinhos presentes era bem menor do que ele imaginara – só umas trinta pessoas –, pouco para gerar aquela algazarra que sinalizava o real sucesso de uma festa. Mas ele havia feito tudo o que estava a seu alcance, portanto essa era a festa possível, a festa com a qual ele teria que se contentar.

De qualquer modo, seus esforços não haviam sido todos em vão. Uma meia dúzia de crianças se esbaldava na piscina de bolinhas. Um casal, mais jovem do que ele e Allie, acrescentava fatias de tomate e cebola a seus hambúrgueres. O passeio no pônei era bastante concorrido: uma pequena fila se formara com mães e crianças sorridentes ao ver o animal circular pelo terreno, puxado por um dogue alemão e acompanhado de perto por uma moça de vestido amarelo.

Ninguém estava jogando bola ou arremessando ferraduras, mas um casal de meia-idade dava início a uma partida de bocha. Três homens mais velhos conversavam perto da cerca, dois deles com pratos cheios de comida, o outro com um copo de cerveja na mão. Este último, vendo que o anfitrião olhava para eles, ergueu seu copo

para um brinde a distância. Ramsey deu um gole na sua própria cerveja, a terceira do dia, e, mesmo com todos os motivos que tinha para estar ansioso, sentiu a bebida descer como um bálsamo pela sua garganta. O importante agora era conter o impulso de pegar a quarta garrafa quando essa onda deliciosa começasse a passar.

Claro, ele estava quebrando a regra autoimposta de não beber mais que uma cerveja por dia. Mas depois daquele dia específico ele não beberia mais nada, nem tocaria com sua banda, nem faria o que quer que fosse. Então não precisava se preocupar em ser moderado, ainda que a consciência lhe dissesse que a moderação se fazia mais necessária justamente quando era permitido chutar o balde. Tudo bem, então. O fato, porém, era que no seu quintal havia dois barris de chope e, pelo visto, um número insuficiente de pessoas para dar cabo deles.

Um ruído repentino nas caixas de som assustou os convidados. Ou elas haviam funcionado ou pifado de vez. Pouco depois um retorno ensurdecido fez com que todos tapassem os ouvidos por alguns segundos.

– Muito bem – disse John Tisdale, escondido atrás do equipamento e mostrando apenas a cabeça, feito uma tartaruga. – Acho que podemos tentar outra vez.

Os microfones agora funcionavam perfeitamente, e foi nesse instante que David Magruder atravessou o portão e entrou no quintal. Àquela altura, depois de três garrafas de cerveja, Ramsey já se sentia bem mais relaxado. Além disso, estava no palco com três amigos. Observou quando Magruder correu os olhos pelo quintal procurando algum rosto conhecido, acenou para o casal que jogava bocha e foi falar com Allie e Meg. Agachou-se para ficar da altura delas.

– Som, som... – testou Eric, e sua voz enfim foi reproduzida com total clareza pela caixas de som.

Ramsey se dirigiu ao próprio microfone, a boca prestes a cuspir aquelas tantas coisas que ele gostaria de dizer a David Magruder em

alto e bom som para que todos ouvissem, coisas que dificilmente conseguiria guardar para si mesmo se estivesse na quarta cerveja e não na terceira.

– Som... Som... Som... – disse ele, observando a mulher e a filha: Meg falando “toca aqui” para Magruder com a mãozinha espalmada, Allie abrindo um sorriso largo que ele não via fazia muito tempo e que parecia encerrar uma promessa. – Um, dois, três, som.

18

De onde estava, na toalha com a filha, Allison Miller observava o que se passava no palco e fazia o possível para não deixar transparecer seu constrangimento com tudo aquilo, tampouco seus sentimentos confusos. Fingia ser uma mulher cuja vida não era uma grande farsa.

Depois daquela checagem ridícula dos microfones (“Som... Som...”), Ramsey agradeceu a todos por terem ido – chegou a dizer “do fundo do meu coração” –, como se aquele grupo aleatório de pais e mães, motivados apenas pelo desejo de ter o que fazer com os filhos numa tarde de domingo, fossem amigos de infância.

Então ele fez um agradecimento especial a Allie:

– Este show é dedicado à mulher que sempre esteve a meu lado quando precisei. À minha linda e fiel esposa, Allie. Eu te amo, meu amor.

Ela retribuiu o sorriso e, sem se levantar da toalha, disse:

– Também te amo.

Não foi tão difícil, como alguém que diz uma senha já sem saber ao certo para o que ela serve. Então ela não teve nenhum problema em atestar seu amor pelo marido diante daquelas pessoas. Com uma notável exceção, não havia entre elas ninguém que pudesse ser considerado um amigo ou uma amiga. Desde que conhecera

Ramsey, ela havia sistematicamente perdido o contato com todo mundo: pais, amigos e todo mundo que os livros de autoajuda costumavam agrupar sob o termo "rede de segurança". Não tinha sido culpa de ninguém. Se você é casada, fica ao lado de seu marido. Se tem uma carreira, suas energias vão para ela também. E depois você se torna mãe, outro trabalho de tempo integral, e é natural que as pessoas fora do seu ciclo imediato acabem se afastando.

Aí vinha o dia em que seu marido dava uma festa para comemorar o fim do mundo.

Sempre que pensava no assunto (o que vinha fazendo muitas vezes naqueles últimos três meses), ela ficava aliviada por Ramsey ter lhe contado sobre sua teoria maluca a respeito do apocalipse. Não havia como ignorar algo assim. Não havia como continuar fingindo que estava tudo bem, que os Millers eram apenas mais uma família de classe média razoavelmente feliz. Não havia como continuar dizendo a si mesma que, para que as coisas voltassem à perfeição de antes, bastava se esforçar um pouquinho mais: fazer uma cara mais feliz ao longo do dia, preparar refeições mais saudáveis, caprichar mais na arrumação da casa ou parar de reclamar das ausências do marido quando ele estava apenas trabalhando.

Até o dia em que ouvira a teoria de Ramsey, ela racionalizava sua infelicidade a partir de diversos pontos de vista. Todos os dias Allie os repassava, e o denominador comum era a convicção de que cabia a ela fazer algo para melhorar a situação. Bastava ser um pouco mais confiante, um pouco mais divertida, um pouco mais grata, um pouco *mais qualquer coisa*, para que tudo voltasse aos trilhos.

Durante muito tempo, por anos, ela dissera a si mesma que, fazendo o esforço necessário, poderia voltar a amar o marido do mesmo modo que antes. *Puxa, como eu o amava*, falava consigo mesma. Aos olhos de uma estudante de apenas 21 anos que tinha brigado feio com os pais, Ramsey era uma mistura de Tom Cruise,

Matt Dillon e Bruce Springsteen. Era lindo, muito mais inteligente do que as pessoas pensavam e o mais importante de tudo: a *entendia*. Tinha uma cicatriz na perna e outra na alma, e esta ele só mostrava para ela. E aquele apartamento com móveis de segunda mão, com a torradeira prateada da qual ele tanto se orgulhava... havia dias em que ela colocava uma fatia de pão para torrar, girava o botão do timer, depois se ajoelhava entre as pernas de Ramsey e tentava fazê-lo gozar antes que a torrada ficasse pronta. Ideia dela. Eles eram criativos naquele lugar. Ramsey geralmente tinha suas ideias à noite. Beijava-a sem parar no pescoço, roçava a barba no interior de suas coxas, deixava-a toda arrepiada. Acendia velas. Nada mais sensual do que um cara acendendo velas, prova de que sua masculinidade não chegava a anular as sutilezas do espírito.

Ah, se pudéssemos ter para sempre aquela idade..., ela dizia a si mesma quando se via sozinha à noite, melancólica, olhando para o próprio rosto no espelho. Ah, se pudesse ter 21 anos para sempre e ele, 28... Era a idade que tinham ao se conhecerem, ambos precisando encontrar alguém capaz de enxergar seu potencial, mal acreditando que haviam esbarrado um no outro. Viveriam felizes e apaixonados para sempre, os dois contra o mundo, sim, sim, mil vezes sim, até que a morte os separasse.

Desde junho ela vinha repensando todas essas coisas, e agora as via apenas como sonhos bobos de uma alma romântica, sobretudo por saber que não tinha sido totalmente sincera com Ramsey. Para início de conversa, seus pais haviam se oferecido para pagar a passagem dela para a Flórida. E se, chegando lá, ela se recusasse a confessar seus pecados diante dos fiéis, o que eles poderiam ter feito? No fim das contas, nada. Eles de fato eram muito devotos e fervorosos, mas não chegavam a ser a encarnação do mal como ela havia feito Ramsey acreditar. Mas agora muitos anos já haviam se passado, a história da sua relação com os pais já fora oficializada, e tudo por um único motivo: tornar-se uma mulher mais interessante aos olhos de um cara gostoso.

Na verdade, sempre que decidia ser honesta consigo mesma – agora, por exemplo, vendo Ramsey e seus amigos pulando de guitarra em punho num palco improvisado como adolescentes tentando impressionar as mocinhas do bairro –, ela se perguntava se o laço entre eles realmente havia sido tão forte assim. Talvez eles tivessem apenas juntado suas feridas individuais e depois confundido essa junção com o amor em si, deixando-se levar por ela através do namoro, do casamento, da gravidez.

Por isso a confiança de Ramsey em junho havia sido tão útil quanto alarmante. Se ele não tivesse se revelado um verdadeiro lunático, o casamento deles poderia ser empurrado com a barriga para sempre – Allie se olhando no espelho toda noite e se convencendo de que não havia problema nenhum e que, se houvesse, então era culpa dela. Antes da confissão de Ramsey, a possibilidade de uma separação nem tinha passado por sua cabeça. Desde que eles não começassem a gritar um com o outro e a se agredir fisicamente o tempo inteiro, sempre haveria mais motivos para que continuassem juntos do que para que terminassem: pela filha, porque não queriam que os pais achassem que estavam certos desde o início, por causa da inércia ou da negação.

Mas agora não havia negação possível.

Enquanto a banda tocava a primeira canção – uma versão acelerada demais de “Honkytonk Woman”, dos Rolling Stones –, ela fazia Meg bater as mãozinhas uma na outra, apresentando aos vizinhos a imagem da esposa exemplar que brinca com a filha ao mesmo tempo que aproveita o som do marido. Ela não estava em negação. Estava apenas fingindo. E vendo as coisas exatamente como elas eram: a merda daquela música, a merda daquela festa, a merda do seu casamento.

– David – chamou. Ele não a ouviu por causa do barulho. – David!

Magruder virou o rosto para ela. Estava sozinho, não muito longe delas duas. Vestindo calças jeans e uma camiseta de futebol

americano grande demais, segurava um copo de cerveja e parecia tão pouco à vontade quanto um calouro na sua primeira festa na universidade. Allie esperou que ele se agachasse a seu lado e disse:

– Você não precisava ter vindo.

– E perder uma festa dessas? Nunca. Além do mais, adoro esses caras. – Quando ela levantou uma sobrancelha para ele, David sorriu. – Tenho todos os discos.

Allie também sorriu.

– Bem, obrigada.

David se reergueu, afastou-se um pouco da toalha e, visivelmente constrangido, começou a bater o pé ao ritmo da música com os olhos fixos no palco. Um homem bom.

Ela nunca tinha falado dele para Ramsey, porque era isso que as mulheres faziam pelo marido: procuravam tornar a vida deles mais fácil. Além disso, sempre soubera que, no fundo, Ramsey era ciumento e jamais aceitaria que ela tivesse um amigo homem. Muito menos um que aparecia na TV, que sem dúvida tinha uma vida glamorosa. De qualquer modo, nunca fora sua intenção enganar o marido. No início ela e David eram apenas vizinhos. Mas Allie precisava dar uma volta no quarteirão com Meg todos os dias após o jantar, no horário em que David saía para correr, e quando eles se cruzavam, sorriam um para o outro, às vezes trocavam umas palavras (“Você não pode dar um jeito neste vento?” “Não faço o vento. Só faço a previsão”). Em dado momento eles começaram a conversar, e aos poucos essas conversas foram ficando mais substanciais. Quando eles enfim se tornaram amigos, já era tarde demais para contar qualquer coisa a Ramsey. Ele certamente pensaria que ela vinha escondendo algo desde o início.

No entanto, ao longo do último ano e meio, ela e David haviam ficado ainda mais próximos. Ela nunca tivera uma amizade tão maravilhosa assim com alguém, ainda que por vezes se perguntasse: *E se...?*

Na primeira vez em que eles combinaram de tomar um café da manhã juntos, em vez de sempre se encontrarem meio por acaso, Allie sentiu o rosto queimar enquanto dizia:

– Preciso deixar bem claro que não é um encontro romântico.

David achou graça na formalidade, mas sua voz estava bem séria quando ele respondeu:

– Em primeiro lugar, você sabe que também sou casado. Em segundo lugar, as pessoas da televisão são terríveis. Não tenho nenhum amigo no trabalho porque simplesmente não dá. Sinto muita falta disso, sabe? De ter amigos. Acho que nós dois podemos ser amigos. Aliás, acho até que *já somos*.

– Também acho.

– De qualquer modo, você nem é tão bonita assim.

David fez essa gracinha apenas porque Allie era indiscutivelmente linda, e ele indiscutivelmente não era. Ainda assim, ficou morrendo de nervosismo até ver que ela tinha achado engraçado.

Allie só percebeu o quanto precisava de um amigo quando enfim o encontrou. Ao contrário do vácuo de antes, ela agora tinha alguém com quem podia, por exemplo, conversar sobre o trabalho. Uma coisa simples. Para Ramsey, no entanto, o trabalho dela na indústria farmacêutica consistia apenas em se arrumar toda de manhã e depois sair rebolando por aí feito uma garçonete de botequim. Sempre que ela tentava dar mais detalhes da sua rotina, ele abria um sorriso irônico como se soubesse que a verdade era outra. Mas David sabia como era trabalhar num mercado competitivo, como era importante cuidar da aparência e agir profissionalmente o tempo todo. Mais que isso, ele se interessava pelas complexidades do trabalho dela, pelo talento camaleônico que ela precisava ter para lidar com diferentes médicos, enfermeiras e gerentes administrativos, ora uma especialista na arte da persuasão, ora uma especialista nos sintomas da fibromialgia.

Com o passar do tempo, Allie foi baixando a guarda e se abrindo com David de um modo que jamais poderia fazer com Ramsey,

falando sobre como era difícil e frustrante a rotina de quem tinha um trabalho de tempo integral e uma filha pequena para criar mais ou menos sozinha. Ou sobre o desespero que sentia ao pensar que passaria o resto da vida casada com um caminhoneiro, morando naquele lugar em que nada mudava.

E ele dizia a ela que, sim, a vida de mãe às vezes podia ser frustrante, mas que ela estava fazendo um excelente trabalho, que Meg era uma menina linda e saudável. E quando David não tinha nenhuma palavra sábia a oferecer, não havia problema. Ter alguém com quem falar era o suficiente.

David também tinha seus dias de desabafo, quando contava como sofrera na infância por ser um menino franzino, e como ainda sofria por conta de sua aparência, com a calvície incipiente, o queixo pequeno demais. Falava de como a mulher, uma produtora de jornalismo em Nova York com um MBA em Wharton, ainda o intimidava mesmo depois de dois anos de casamento.

David e Allie não se viam o tempo todo. Às vezes se encontravam três vezes por semana, às vezes passavam duas ou três semanas inteiras sem contato. Mas agora, quando o telejornal da noite ia ao ar, ouvir uma simples previsão do tempo era como ter um amigo falando diretamente para ela. "Qualquer vestígio restante de chuva se deslocará na direção do mar durante a noite. E amanhã? Bem, acho que amanhã teremos uma grata surpresa."

Perdida em seus pensamentos, Allie nem notou que a banda havia parado de tocar e que Ramsey voltara a falar ao microfone. Só voltou a si quando ouviu a palavra "meteorologia".

– ... nosso famoso vizinho ali – dizia ele, apontando para David – falou que ia chover hoje. Uma chuva intermitente, segundo ele. Mas olhem só pra isso! – Ele ergueu o rosto para o céu. – Nem uma nuvenzinha. Nem um ventinho. Um dia perfeito pra uma festa como esta. – Ele deu uma risada forçada. – Acho que a meteorologia é o único trabalho no mundo em que a pessoa é paga pra errar na metade das vezes. É ou não é, Magruder? – Mais uma risada, dessa

vez com uma ponta de agressividade, o rosto vermelho. – Mas você ter vindo é uma honra para mim. Seja muito bem-vindo. Fico feliz que tenha arrumado um tempinho pra se misturar com a ralé.

Então Ramsey fez um brinde a ele com a cerveja que tinha na mão. Não era a quarta nem a quinta.

Nesse momento, Allie percebeu: ele estava bêbado.

Desde que o conheceu, jamais o tinha visto beber mais que uma dose do que quer que fosse.

Olhou para David, que a encarava.

– Acho que está na minha hora – disse ele.

– Isso é... Espera aqui um pouquinho, Meg. – Ela acomodou a filha a seu lado na toalha e ficou de pé. – Isso é um absurdo. – As pessoas olhavam para ela, para os dois. – David, você não precisa...

– Não se preocupe – garantiu ele. – Está tudo bem. Mas preciso mesmo ir.

Largou o copo de cerveja pela metade na grama, despediu-se rapidamente de todos com um sorriso e um aceno, depois foi embora.

Ramsey e os outros acompanhavam a cena do palco. Ao olhar para o marido, Allie se espantou ao ver a mudança em sua expressão, como se ele tivesse vestido uma máscara, ou talvez tirado uma. Ramsey agora a encarava com uma fúria que ela jamais tinha visto nele. Não havia outra palavra para descrever aquilo a não ser ódio, e Allie chegou a ficar sem fôlego.

Enquanto ele sustentava o olhar dela por dois ou três segundos intermináveis, Allie se deu conta de que, em algum nível, Ramsey era um impostor. Todo aquele papo sobre o fim do mundo não passava de um subterfúgio para chamar atenção, talvez uma crise de meia-idade ou um jeito mais viril de ficar deprimido do que deitar no quarto em posição fetal. Até aquele momento ela ainda não sabia até que ponto estava enganada ao pensar, naqueles últimos três meses, que o comportamento estranho de Ramsey se devia apenas à sua imaturidade, e não a algo muito mais grave.

Ele enfim desviou o olhar, relaxou os músculos do rosto novamente e, sorrindo, se virou para os integrantes da banda.

– Vamos lá, pessoal. Som na caixa.

Paul bateu com as baquetas uma na outra quatro vezes e eles deram início a uma versão de “I Wanna Be Sedated”, dos Ramones.

Sedar-se. A ideia até que não era ruim. Allie se serviu de um copo de cerveja, pegou comida para ela e Meg, depois voltou com a filha para a toalha. Mais cedo ela tinha se sentido mal por não dar atenção aos convidados, por não fazer o papel de boa anfitriã, ou ao menos o de mulher do anfitrião. Mas agora... Que todos fossem se foder. Ela não devia nada a ninguém. Faria seu piquenique com a filha tranquilamente naquela toalha, a ilha que as separava do resto do mundo. Agora Allie sabia. Antes havia achado que não estava mais em negação, mas não era verdade. Agora, sim, não estava mais. Aquilo tudo era real. A festa? Real. O marido dando vexame no palco? Real. Ainda não sabia o que fazer a respeito, mas *alguma coisa* ela teria que fazer.

Meg não quisera comer o hambúrguer, mas tinha adorado a salada de batata, principalmente os picles – ela fazia uma careta toda vez que mordida um deles.

– Que cara mais engraçada – comentou Allie.

– Então ri, mamãe.



Não seria fácil convencer Meg a sair da festa para ir dormir, e Allie não estava em condições emocionais nem para enfrentar um ataque de birra da filha nem para reunir a energia necessária para prevenir um. Por algum tempo ela havia recorrido a uma estratégia que aprendera num livro que ela e Ramsey compraram quando as malcriações de Meg andavam insuportáveis e eles já não sabiam mais o que fazer a não ser buscar o conselho de especialistas. A

ideia era que os pais deviam ensinar aos filhos as palavras que descrevessem suas emoções, fazendo-os dizê-las nos momentos em que estivessem com raiva, tristes, o que fosse. As crianças deviam ser capazes de dar nome a seus sentimentos, diziam os autores.

Por iniciativa própria, Meg havia transformado a estratégia num jogo. Certa manhã, à mesa da cozinha, ela havia sorrido para Allie, que perguntara:

– Está feliz?

– Um pouco feliz – respondeu a menina. Depois alargou o sorriso e disse: – Muito feliz!

Enquanto comiam as panquecas do café da manhã, Allie, Ramsey e Meg deram continuidade à brincadeira, fazendo caras e bocas para as diferentes emoções e pedindo que a filha as repetisse. A certa altura Ramsey perguntou a Meg como seria a cara de “um pouco brava” e ela franziu as sobrancelhas. Depois, sem que ninguém pedisse, bateu com as duas mãos na mesa e gritou: “Muito brava!”

Desse dia em diante eles adquiriram o hábito de repetir o jogo em diferentes momentos do dia, e, como previsto, aos poucos as birras de Meg foram ficando menos frequentes e menos violentas. Assim que ela ameaçava uma crise, Allie ou Ramsey perguntavam se ela estava brava, e, mesmo que a resposta fosse “Muito brava!”, o simples fato de nomear a emoção quase sempre tinha o efeito de acalmá-la.

Ramsey parecia especialmente orgulhoso dessa sua façanha como pai, mas, como tudo na vida, a solução fora apenas temporária e o temperamento de Meg nos últimos dias andava mais imprevisível do que nunca. Por sorte, depois de levantar a mãozinha espalmada para um monte de desconhecidos dizendo “Toca aqui!”, de subir ao palco durante um intervalo entre as músicas e exigir três abraços do pai, e de uma infrutífera busca pela lua, ela enfim ergueu o rosto para a mãe e fez a pergunta mágica:

– Cadê as historinhas?

A resposta precisava ser a mesma de sempre:

– Na estante do seu quarto.

Pronto. Sem encontrar nenhuma resistência, Allie pegou a filha no colo e entrou em casa pela porta dos fundos.

Para ela foi um alívio poder sair da festa para cuidar da menina. Poupou-a do banho, porque já passava das sete e meia, mas limpou o rosto dela com uma toalha molhada, ajudou-a a escovar os dentes e trocou sua fralda. Sentiu uma pontada de culpa. Àquela altura ela já deveria ter ensinado a filha a usar o vaso sanitário. Na rua deles morava uma menina mais ou menos da mesma idade que... Mas esse era um projeto para o qual ela precisava se preparar. *Tudo bem. Da semana que vem não passa*, prometeu a si mesma.

Depois que colocou o pijama em Meg, arrumou os bichinhos de pelúcia no berço (ela já não deveria estar dormindo numa cama normal? Mais uma pontada de culpa) e ligou o ventilador para que o zumbido do aparelho abafasse minimamente o barulho da festa. Torcendo para que a agitação do dia tivesse cansado a menina e que ela não demorasse muito a dormir, deu a ela um último gole d'água (num copo normal; pelo menos Meg já estava livre dos copinhos de canudo), depois foi com ela no colo para a cadeira de balanço e leu dois livros inteiros. E mais um.

Esse terceiro ainda não havia terminado quando Meg deitou a cabeça no peito da mãe, com os olhos semicerrados. Allie rapidamente concluiu a história, se levantou com a filha e, como sempre fazia, começou a narrar tudo o que tinham feito durante o dia.

– Primeiro a gente montou um quebra-cabeça... – falou baixinho.
– Depois vimos um pedacinho da *Pequena sereia*, comemos um sanduíche de queijo no almoço, brincamos no parque, passeamos na rua, brincamos de novo no quintal, fizemos um piquenique, ouvimos o papai tocar com a banda dele... Foi um dia muito legal. Mas agora é hora de o meu anjinho dormir, está bem? – Apagou a luz do quarto e deu um último beijo na filha antes de acomodá-la no berço.
– Sonhe com os anjos...

Meg imediatamente rolou para o lado e não fez mais nenhum som, o que era um ótimo sinal. Pé ante pé, Allie saiu do quarto e encostou a porta com o máximo de cuidado.



Muitas vezes ela se sentava diante da porta de Meg e ficava ali, ouvindo-a conversar consigo mesma por cinco ou dez minutos até adormecer. Esse era o ápice do seu dia, escutar as intrincadas histórias reais e imaginadas da filha, por vezes entremeadas de pequenas canções.

Mas naquela noite o único ruído era o ronronar suave do ventilador, então ela foi para o próprio quarto e se jogou na cama com a roupa do corpo. Imediatamente sentiu os músculos relaxarem, as pálpebras pesarem. De repente percebeu que à sua volta havia apenas o silêncio. Por um instante achou que tivesse dormido por muitas horas e que a festa já houvesse terminado. Conferindo as horas no relógio da mesinha de cabeceira, viu que ainda eram 20h20. Não havia dormido mais que alguns minutos. A banda devia ter parado para um intervalo.

Allie permaneceu deitada por mais um tempo, depois se levantou, foi ao banheiro, jogou um pouco de água no rosto e voltou ao quintal. Havia menos de vinte pessoas lá. Algumas delas estavam sentadas na grama com um copo de cerveja na mão, em torno da fogueira que agora ardia em chamas altas, espalhando fumaça por toda parte. O cheiro fez Allie se lembrar de quando era criança e acampava com os pais e os membros da igreja. Adorava estar no meio do mato, assando salsichas e marshmallows na fogueira, mesmo sabendo que dali a pouco a farrá daria lugar a uma interminável ladainha sobre as tentações do diabo, seguida por horas de orações e penitência. Mas, naquele momento em especial, até disso ela teve saudades.

Começou a recolher os copos jogados na grama, alguns pratos e guardanapos, e jogou tudo no lixo perto da churrasqueira. Ninguém parecia notar sua presença. Ramsey conversava com Eric nas imediações do palco, volta e meia olhando para o alto. O sol já havia baixado e o horizonte escurecia rapidamente.

Ela precisava se separar de Ramsey. O como e o quando poderiam ser decididos depois. A única certeza era que não havia nenhum futuro possível para aquele casamento. Bastara aquela rápida soneca no quarto para que ela tivesse uma nítida visão do que estava por vir: Ramsey acordaria na manhã seguinte perplexo ao constatar que aquela história de superconjunção não passava de uma grande balela, depois inventaria uma desculpa qualquer para cair na estrada o mais rápido possível. Na ausência dele, Allie tomaria todas as providências de ordem prática: contrataria um advogado, encontraria um lugar para onde ir com Meg caso Ramsey se recusasse a sair de casa, enfim, cuidaria de todos os detalhes necessários. Não seria fácil, mas com um marido que passava boa parte do tempo fora, seu casamento já não valia grande coisa. Como era possível não se afastarem se, para Ramsey, a casa deles não passava de um endereço de correspondência? Se ele não sabia o nome de nenhum dos colegas de trabalho da própria mulher, nem as comidas que a filha tinha experimentado pela primeira vez ou as palavras novas que havia aprendido? Se não fazia ideia do que era trabalhar um dia inteiro para depois passar a noite em claro com uma criança no colo, dia após dia? Se nem sabia que ela havia sido promovida a vice-diretora de vendas, um cargo importante na empresa, simplesmente porque não se dera o trabalho de perguntar? Se não compreendia que nem sempre ela queria fazer sexo assim que ele voltava de viagem, pois estava exausta por ter cuidado da filha sozinha a semana inteira e precisava de um tempinho para se reconectar com ele, para lembrar a si mesma que ele era seu marido e não apenas um conhecido que tinha a chave da casa?

Não que o sexo tivesse sido um problema recentemente. Desde junho, naquele relacionamento em que os laços emocionais e intelectuais haviam acabado muito tempo antes, o último vestígio de que ainda eram casados – a trepada ocasional tarde da noite – também tinha desaparecido. Mas isso não era um motivo para ficar. Era um motivo para ir embora.

Superconjunção. Pelo amor de Deus...

Então era isso: assim que ele partisse para a próxima viagem, ela daria fim àquela farsa.

E, aproveitando o embalo, daria fim a outra farsa também.

19

Se Allie ainda precisava de alguma confirmação de que havia tomado a decisão certa, não foi necessário esperar muito para obtê-la. Poucos minutos depois, a banda voltou ao palco e Ramsey foi para o microfone.

– Quero agradecer a todos mais uma vez pela presença nesta noite ao mesmo tempo bonita e importante. – Novamente ele olhou para o céu. – Acho que a parte do “bonita” não precisa de explicação. “Mas por que importante?”, vocês devem estar se perguntando.

Meu Deus..., pensou Allie. Sabia o que estava por vir, porque tinha ouvido a mesma ladainha em junho.

– Não, Ramsey. – Ela se adiantou até a frente do palco e interrompeu o marido, que agora a olhava. Baixando a voz para que só ele a escutasse, falou: – Ninguém quer ouvir isso. As pessoas estão aqui pra se divertir, pra ouvir uma boa música. Foi pra isso que vieram.

Morder e assoprar: era isso que ela costumava fazer com Meg. Mas Ramsey não era mais nenhuma criança e no dia seguinte teria que tocar a vida depois de constatar que o mundo não havia acabado. Mesmo que Allie se separasse dele, Ramsey continuaria tendo uma filha para criar, um emprego para manter. Não poderia

pirar, ou pelo menos precisaria manter as aparências. Pelo seu próprio bem, e também pelo dela. Ela não precisava que a família Miller se tornasse o principal alvo de fofocas do bairro.

Ramsey pareceu pesar as palavras dela.

– Allie, essas pessoas têm o direito de saber...

– Não – interrompeu ela. Na posição em que estava, ela no chão e o marido no palco, o único gesto que pôde fazer foi pousar a mão no sapato dele. – Além do mais, que diferença faz? Você resolveu dar esta festa pra que todo mundo ficasse feliz, não foi? Então. É isso que você tem que fazer. – Praticamente sussurrando, suplicou: – Toca a sua música. Anima a festa. Não vá aterrorizar as pessoas.

Ele olhou para o céu de novo, dessa vez por um tempo maior, mas não porque estivesse buscando um efeito dramático qualquer. Estava preocupado, Allie podia ver. O que ela não sabia ao certo era o real motivo dessa preocupação: a iminência da tragédia ou o atraso da tragédia.

Ele voltou ao microfone.

– Resumindo bastante a coisa – disse, novamente erguendo o rosto –, o verdadeiro show desta noite não virá deste palco.

Allie correu para o portão, rumo à liberdade que a aguardava do outro lado, a visão embotada por causa das lágrimas.

– Não há nada que a gente possa fazer pra evitar o que vem por aí, mas tudo bem – ouviu Ramsey dizer enquanto o portão batia às suas costas.



Diante da porta de David Magruder, ela lamentou não ter um espelho para ver seu estado lamentável. Mas talvez fosse melhor não saber. Os olhos ardiam por conta das lágrimas e da fumaça da fogueira.

A música já havia recomeçado no palco antes que Allie tivesse chegado ali, então Ramsey não havia se alongado muito no discurso. De qualquer forma, o discurso estava feito. Merda. Ela tocou a campainha e esperou. Uma lâmpada externa se acendeu, a porta se abriu pouco depois e, ao ver David à sua frente com uma expressão clara de preocupação, ela não aguentou e caiu no choro de novo. Deu um passo à frente, se jogou nos braços deles e precisou se conter para não berrar a plenos pulmões. Apertando-o com todas as forças, inalando seu cheiro, sentiu-se grata por ele ficar em silêncio, apenas esperando que ela se acalmasse enquanto pernilongos, mariposas e o ar úmido da noite invadiam a casa pela porta aberta. Assim que Allie o soltou, David recuou meio passo e, fitando-a nos olhos, perguntou:

– Dia complicado?

A resposta dela foi uma mistura de riso, soluço e uma súbita decisão de terminar a segunda farsa antes da primeira. Adiantou-se novamente e dessa vez beijou David na boca. Ao contrário do beijinho que haviam trocado três meses antes, esse foi um beijo de verdade, demorado e ávido. Quando eles enfim se separaram, a expressão de surpresa nos olhos de David foi ao mesmo tempo cômica e adorável.

– Acho melhor você entrar – disse ele, ainda meio zozzo.

Em seguida fechou a porta e acendeu a luz do saguão. Por mais próximos que eles tivessem ficado, Allie nunca tinha colocado os pés na casa de David. A mulher dele não estava, ela já sabia disso. Ou pelo menos havia contado com isso. Mesmo depois de ter se casado com David, Jessica tinha mantido seu apartamento em Nova York e era lá que passava a noite sempre que precisava trabalhar até mais tarde na emissora. Também dormia lá nos domingos, de modo que pudesse começar mais cedo o trabalho da semana.

Allie sabia disso e de tantas outras coisas sobre a vida pessoal de David porque eles haviam se tornado amigos e confidentes. Na verdade, haviam se tornado tudo, menos amantes. Ela sabia, por

exemplo, que as dúvidas que ele tinha com relação a seu casamento tinham surgido logo no início da vida em comum. “Ela não é uma pessoa calorosa”, dissera certa vez. “Não como você.”

David estava meio embriagado na manhã em que fizera essa confidência, mas as pessoas não mentiam só porque tinham bebido. Na realidade, quando bebiam tinham até mais coragem para falar o que sentiam.

Eles costumavam tomar o café da manhã juntos sempre que Allie tinha uma brecha entre a creche de Meg e o primeiro compromisso do dia. Jessica geralmente saía bem cedo de casa para chegar a tempo a Manhattan, e Allie podia jurar que ela sabia tanto quanto Ramsey sobre esses cafés da manhã. De qualquer modo, isso era problema de David, não dela. Além do mais, não estavam fazendo nada de errado.

Naquela manhã, Allie havia discutido com Ramsey sobre a turma em que Meg deveria ficar na creche. Ele queria, sem nenhuma motivação concreta, que ela ficasse na turma das Joaninhas, e isso havia irritado Allie – até um pouco demais. Ramsey mal parava em casa e não tinha direito de dar palpite em certas coisas. Ele lidava de forma abstrata com aquilo que julgava “ser melhor”, enquanto ela lidava de maneira concreta com a filha todos os dias.

Assim, a certa altura ela deixara escapar um “Ah, vá se foder, Ramsey”, algo que nunca fizera. Ela sabia que havia coisas piores a serem ditas por um casal, mas ambos tinham pais agressivos, por isso prometeram sempre ser gentis um com o outro. Ela se arrependera imediatamente, mas a reação dele – levantar-se da mesa e sair para a estrada sem nem se despedir – havia bastado para reacender sua fúria e apagar de vez qualquer sentimento de culpa. No estado em que se encontrava, seria impossível ir à reunião que tinha às nove com um grupo de dermatologistas em Wall Township. Não conseguiria vestir um terninho apertado e depois ficar sorrindo de orelha a orelha enquanto destacava o benefício A em contraposição ao efeito colateral B do mais novo lançamento do

laboratório, o Derma-D, uma fórmula “quase milagrosa” contra a psoríase. Já estavam no porta-malas do carro as canecas, as canetas e os mousepads com a propaganda do medicamento. Em nenhum dos objetos estava escrito que em alguns casos a pomada podia acarretar problemas hepáticos.

Não, os dermatologistas podiam esperar. Ela cancelou a reunião, telefonou para David e pediu que ele a encontrasse no mesmo lugar de sempre para o café da manhã.

Algo na sua voz (até ela própria havia notado) fez com que ele dissesse:

– Passo aí pra pegar você.

Até então eles sempre iam separados, embora fossem vizinhos.

A caminho da lanchonete ela lhe contou sobre a briga com Ramsey e, assim que eles se sentaram à mesa, David pediu dois Bloody Mary. Quando o pedido deles chegou, Allie recusou uma segunda dose, pois a primeira havia sido forte o suficiente e ela ainda precisava de alguma lucidez para os compromissos da tarde. Mas David pediu outra.

– Na verdade este café é uma comemoração – explicou ele.

– Ah, é?

– Sim.

Em seguida ele contou a boa notícia: tinha sido promovido. Agora, além de informar sobre o tempo, apresentaria algumas matérias de jornalismo.

– David! – exclamou Allie, sorrindo, instintivamente pegando a mão dele. – Isso é maravilhoso!

Embora fosse formado em meteorologia, David sempre tivera a ambição de fazer mais do que isso. Imaginava-se um dia como âncora ou produtor de um noticiário da emissora em Nova York.

– Eu não diria *maravilhoso*... – retrucou ele, rindo.

– Você sabe que é – insistiu Allie, e aceitou uma segunda dose do drinque.

Depois do café, David a levou para casa e ela não achou nada de mais quando ele disse que a acompanharia até a porta.

Os dois estavam meio altinhos, e em dado momento, sabe-se lá como, a conversa desviou para Jessica. Foi nesse momento que David disse algo sobre Allie ser uma pessoa calorosa. Ela sorriu ao ouvir isso, porque com a chegada do verão evidente nas árvores frondosas, no rosa das azaleias, no amarelo das margaridas, no multicolorido das petúnias que ladeavam a porta da casa, era exatamente assim que ela se sentia: calorosa. De repente ele pousou as mãos nos ombros dela como se tivesse perdido o equilíbrio.

Ele vai me beijar, ela pensou.

Soube disso no mesmo instante. No entanto, quando aconteceu, foi um beijo conflituoso que só veio depois de David passar uma eternidade apenas com a testa encostada na dela. Na verdade, esse gesto foi mais íntimo do que o beijo em si. Ele colou os lábios aos dela e reposicionou os braços às suas costas, talvez um tanto baixo demais. Tudo isso não durou mais do que alguns segundos.

Um beijo motivado pelo álcool. Allie já tinha dado e recebido outros assim, então não viu necessidade de recuar. Nem se sentiu ofendida. David a beijara porque a achava calorosa. Porque os dois tinham bebido. Porque estava se sentindo invencível por causa da promoção. Porque ambos haviam bebido. Porque tinham ficado próximos nos últimos meses.

A beleza não era o ponto forte de David. Além disso, ele era casado. Ela também. Aquilo não iria adiante. Então Allie se permitiu um momento de diversão e decidiu que a transgressão de David era absolutamente perdoável. E assim como sabia que ia acontecer, quando o beijo terminou ele se afastou constrangido, ruborizado, os olhos pedindo perdão. Com um ligeiro afago no rosto dele e uma única frase – “É melhor pararmos por aqui” –, ela eliminou qualquer possibilidade de que aquilo fosse mais longe. Foi uma rejeição com

um toque de flerte, e Allie fez isso com total naturalidade, como se tivesse jogado um pozinho mágico a sua volta.

Como considerava importante a amizade com David, fez questão de ligar no dia seguinte e convidá-lo para um passeio em torno do quarteirão. Essa foi a oportunidade para ele se desculpar e ela dizer que não tinha sido nada de mais, águas passadas e tal. Com isso a questão foi encerrada antes mesmo de poder se tornar uma questão.

Mas ela sabia. David a desejava.

Agora, ele a conduzia sala adentro. A casa, assim como o jardim, era limpa e muito bem arrumada, os sofás todos de couro, as mesas com quinas afiadas – uma casa sem crianças. Um ambiente tranquilo que ela tornava menos tranquilo com sua simples presença. Na mesa de centro havia dois jornais de domingo, meticulosamente alinhados, e diversos livros.

– Você tem alguma coisa pra beber? – perguntou Allie. – Estou realmente precisando de...

David ergueu a mão para silenciá-la, em seguida foi ao bar, que ficava num canto da sala (com pia e tudo, algo que até então Allie só tinha visto na TV), serviu uma dose de uísque sem gelo e lhe entregou. O primeiro gole teve o efeito de uma massagem de corpo inteiro, e ela afundou no sofá.

David também se serviu de uma dose e, para tristeza de Allie, foi se sentar do outro lado da mesa de centro. Mas seu sorriso era caloroso.

– Pelo visto você também quis fugir da festa do século – falou ele.

Mesmo ali era possível ouvir a música que vinha do quintal de Allie. No silêncio de Sandy Oaks, qualquer barulho mais alto se espalhava com facilidade.

– Eu não aguento mais – disse ela. – Meu casamento acabou. Aliás, acabou faz tempo. – Sempre que se via sozinha de noite, Allie recorria a diversas metáforas para explicar a si mesma o que estava

acontecendo com sua relação, geralmente com alguma alusão de movimento: um navio à deriva, dois pássaros voando em direções opostas, um pássaro voando e outro parado no chão, qualquer coisa que, com o tempo, gerava um abismo. Mas com David ela preferiu deixar as metáforas de lado. – Ramsey e eu... não sobrou nada entre a gente. Nada. – Batendo a mão ao seu lado no sofá, ela disse: – Senta aqui. Por favor. Preciso de você aqui.

David se levantou, contornou a mesa e se acomodou ao lado dela. Allie pousou a mão no joelho dele.

– Nós dois fazemos bem um pro outro, não fazemos?

– Fazemos. – Ao ouvir isso, Allie soltou o ar que nem sabia que estava prendendo. – Fico feliz pelo que a gente tem – completou ele.

– Fica, é? – disse ela, olhando de lado para ele.

Allie sabia o que estava fazendo. Sentia o rosto ruborizar não só como efeito do uísque, mas também pelo flerte. Fazia tempo que não agia assim, e estava sentindo falta. David não era particularmente bonito, mas era um homem bom e inteligente, com uma vida interessante. E a atração que ela sentia por ele não era nenhuma invenção romântica. Era real e estava acontecendo agora, na vida adulta de Allie, uma vida com suas complicações e incertezas. O que sentia por David era uma atração adulta. Que poderia ser amor.

Lentamente, ela foi subindo a mão pela perna dele.

– Allie...

Ela subiu a mão mais um pouquinho.

David colocou a mão por cima da dela, interrompendo seu movimento.

– Allie... escuta. Isto não pode acontecer.

Mas, para ela, David estava enganado. Aquilo não só podia, como devia, acontecer. O último ano era a prova disso. O beijo dele era a prova disso. A conversa fácil, a sinceridade e a óbvia atração dele por ela provavam isso. Allie queria lhe explicar tudo isso, mas

quando enfim conseguiu dizer algo, ficou horrorizada ao ouvir a própria voz soar alcoolizada, suplicante e estridente:

– *Por que não?*

– É complicado.

– Não, não é. Aliás, é muito simples – insistiu ela, agora falando mais rápido. – Vou pedir o divórcio. E sei que você não ama a Jessica, então pode pedir o divórcio também. Vocês não têm nem filhos. Não há nada de complicado nisso!

– Alice, não posso me separar da Jess.

Não se deixando intimidar pelo apelido carinhoso, Allie disse:

– Você merece ser feliz. Eu também. Por acaso você sabe o que é uma superconjunção?

David franziu a testa.

– Superconjunção? Essa história de alinhamento dos planetas?

– Ramsey acha que o mundo vai acabar hoje.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Que bobagem.

– Pois é. Ele ficou maluco de vez. Não consigo mais lidar com isso.

– Nem deve. Você merece coisa muito melhor.

– Você também tem que terminar com a Jessica.

David suspirou.

– Você não entende.

– Então me explica.

Ele soltou a mão de Allie, se levantou e foi buscar outro uísque, abandonando-a à tortura da música incessante que vinha do quintal dela. Ficou em silêncio até se sentar de novo ao lado dela, agora não tão perto quanto antes.

– Vai abrir uma vaga no noticiário da ABC, a emissora em que a *Jessica* trabalha. Eles estão entre mim e mais um cara. – Pausa. – Foi ela que abriu essa porta pra mim, e estou a um passo de... – Ele deve ter visto as lágrimas nos olhos de Allie, porque sua voz ficou mais aguda, meio desesperada: – Allie, essa é a oportunidade que

esperei a vida inteira! Deus sabe que já comi o pão que o diabo amassou, e agora a Jessica arranjou essa oportunidade que... Bem, uma chance dessas não aparece duas vezes na vida. É tudo o que eu sempre quis.

Allie refletiu por um instante.

– Você a ama?

David virou o rosto para outro lado.

– É complicado.

– Seu covarde de merda.

– Allie...

– Você me ama?

Ele não respondeu.

– Covarde.

Ela enfiou os dedos nos cabelos.

– Não sou covarde, Allie.

– Claro que é! Uma pessoa que usa outra pra chegar aonde quer e abre mão de ficar com a sua alma gêmea... O que você acha que essa pessoa é?

– Não somos almas gêmeas, Allie. Você só está dizendo isso porque... – Ele balançou a cabeça. – Olha, somos duas pessoas que saem juntas algumas vezes por mês pra tomar café da manhã. Gosto de fazer companhia a você quando fica sozinha com a Meg, porque...

– Porque sou uma pobre coitada, é isso?

– Não. Mas realmente acho que é muito solitária.

Não quero ouvir nada disso, pensou Allie. Ele estava distorcendo o que eles tinham, para se sentir melhor. Estava sendo frio porque isso era mais fácil do que lidar com a verdade.

– Somos vizinhos – concluiu David, e as palavras foram como uma facada.

– Somos muito mais do que vizinhos, e você sabe disso.

Mas será que eram mesmo? Pensou, horrorizada, que talvez tivesse entendido tudo errado. Que o que via como amizade, como

intimidade, talvez ele visse apenas como um gesto de caridade. E agora ela estava ali na sala dele enquanto a filha dormia sozinha em casa, sem nenhum adulto por perto caso começasse a chorar.

Allie achou que nada que ele dissesse poderia ser pior do que ela já tinha ouvido.

– Escuta, Al, não vou deixar minha mulher. Simplesmente não posso. – Ele respirou fundo. – Mas caso você precise... Como posso dizer isso da melhor forma? Caso você precise... satisfazer certas necessidades... – Ele desviou o olhar. – Vamos ter que ser muito discretos.

Allie demorou alguns segundos para entender. Quando enfim a ficha caiu, ela deu um pulo do sofá e correu para a porta aos prantos.

– Tudo bem, esquece o que eu disse. Me desculpa. Poxa, Allie, volta...

Mas, a essa altura ela já havia saído.



Sandy Oaks era uma região da cidade quase inteiramente residencial, mas a alguns quarteirões de distância havia um bar chamado Jackrabbits, que já devia existir antes mesmo do próprio bairro. O lugar tinha um jukebox decente e, quando Allie e Ramsey se mudaram para aquela casa, costumavam ir lá para tomar uma cerveja ou jogar sinuca.

Ela considerou ir até lá agora, a pé. Mas depois se deu conta de que já tinha misturado cerveja e uísque, estava tonta e, ainda por cima não queria que ninguém a visse naquele estado, nem mesmo na penumbra de um bar. Então, sem nenhum outro destino possível, voltou para casa sob a luz forte dos muitos postes. Todos só pensavam em segurança, segurança... Que tal um pouquinho de

escuridão à noite? Por que essa necessidade constante de expor as pessoas?

Pelo menos a música havia parado, embora ela não soubesse direito por quê. Mas bastou despontar na rua em que morava para ver dois carros de polícia parados à sua porta. Apertou o passo e já ofegava quando finalmente atravessou o portão lateral que dava acesso ao quintal.

Cerca de uma dúzia de convidados ainda estava por lá. A fogueira cuspiu fumaça e as mesas estavam atulhadas de pratos e copos sujos. Junto do palco, Ramsey e os caras da banda falavam com dois policiais. Ao vê-la se aproximar, ele fitou-a por uma fração de segundo e voltou à conversa:

– Do que adianta a lei fixar o horário das dez horas se a gente não pode continuar tocando até as dez? Pode me explicar isso?

Allie pôde ver que o papo já durava algum tempo.

– Não posso permitir – disse o policial. – Foram muitas reclamações.

– Reclamações *de quem*, se todo mundo estava aqui?

– Só mais duas músicas – sugeriu Eric. – Antes das nove e meia a gente já vai ter terminado.

– Nada de só mais duas – retrucou Ramsey. – Conheço a lei. A gente pode tocar até as dez.

– Não posso permitir – repetiu o policial. – É uma vizinhança silenciosa e...

– Sim, eu entendo isso – interrompeu Ramsey. – Mas isso não muda a porcaria da lei, muda?

– *Senhor...*

– “Senhor” é o cacete.

– *Ramsey* – interveio Allie, antes que um dos policiais tivesse a oportunidade de dizer algo, antes que a situação degradingolasse de vez.

– Ora, ora, vejam quem voltou.... – falou Ramsey, irônico, alto o bastante para que todos ouvissem. – Quer dizer então que a minha

querida esposa resolveu aparecer depois de uma última rapidinha com o grande meteorologista só pra nos oferecer uma palavra de sabedoria?

– *O quê?* – Ela olhou à sua volta. – Como você ousa... Não era isso que...

Ramsey se aproximou dela e, num falso sussurro, disse:

– E aí? O *tempo* estava bom para você lá na casa dele?

Allie o fulminou com o olhar.

– Seu filho da...

– Relaxa, Ramsey! – interveio Paul, rapidamente se colocando entre eles. – Seja lá o que estiver acontecendo, você precisa esfriar a cabeça.

Allie mal conseguia respirar. Sentia a cabeça rodar, achava que ia vomitar.

– Seu amigo tem razão – falou o policial. – O senhor vai ter que se acalmar se não quiser ser preso por embriaguez e perturbação da ordem. Pra mim será um prazer. Então trate de respirar fundo e contar até dez. Porque esta festa já acabou. Ou o senhor se conforma com isso ou vai ter que nos acompanhar. Estou a um passo de tirar essa decisão das suas mãos. Fui claro?

– Senhor policial... – começou a dizer Eric, mas seu irmão caçula colocou a mão em seu ombro para silenciá-lo.

– Sim – retrucou Ramsey entre dentes. – Foi claro.

– Acho bom. – O policial era bem mais alto que Ramsey e ficou olhando para baixo, encarando-o, por vários segundos. – Sei que já faz tempo que o senhor não faz uma visitinha à delegacia por embriaguez, mas a cela continua lá, do jeitinho que o senhor deixou.

Ramsey fez cara de ofendido.

– Cara, também não precisa tripudiar.

A expressão do policial continuou rígida.

– Não estou tripudiando. É que já sou da corporação há tempo suficiente pra saber que certas coisas nunca mudam.

– Não é verdade – resmungou Ramsey mais para si mesmo, parecendo uma criança sendo levada à sala do diretor.

– Não vamos precisar voltar aqui, vamos? – indagou o policial.

Ramsey balançou a cabeça, ainda parecendo abalado.

– Não... O senhor mesmo disse: a festa acabou.

A meio caminho do portão, o outro policial, mais jovem e mais baixo que o primeiro, se virou.

– Já que o senhor se interessa tanto pela lei, fique sabendo que essa fogueira está grande demais, e perto demais das árvores. Poderíamos multá-lo por isso – avisou a Ramsey.

Então eles saíram e bateram o portão às suas costas.

– Quero todo mundo fora daqui! – exclamou Allie, alto o suficiente para ser ouvida por todos. – Todo mundo, fora!

– Mas tem esse equipamento todo pra... – começou a dizer Paul, em um tom de desculpas.

– Tudo bem, recolham tudo e sumam daqui.

– Allie – falou Eric, parado ao lado de Ramsey. – Talvez nós três devêssemos...

– Não quero saber de mais nada, Eric. Só quero que vocês saiam daqui. – Allie foi na direção da casa. – Você também, Ramsey – acrescentou, sem se dar o trabalho de virar para trás.

20

28 de setembro de 2006

Enquanto vasculhava a bolsa à procura de moedas no saguão do Hotel Sandpiper, Melanie refletiu sobre David Magruder e concluiu que ele era uma estranha mistura de assertividade e nervosismo. Um charme falso mascarando o charme verdadeiro. E aquela casa enorme... Quanta solidão. Ou talvez ela estivesse apenas detectando a própria solidão, agora que a agitação do dia havia terminado.

Examinando as poucas opções oferecidas pela máquina de venda automática, ela pensou se poderia pedir uma pizza no quarto.

Estava com saudade da torrada de queijo e alho de sua tia Kendra, e também das omeletes do tio Wayne, que quase sempre acabavam virando ovos mexidos quando ele as virava na frigideira e elas rachavam. Também estava com saudade de Phillip. Como havia sido boa aquela última noite na cama dele... Sozinha no quarto do hotel com uma cama enorme e o cheiro forte dos desinfetantes usados na limpeza, era fácil sentir-se perdida e desesperançosa.

Ela estava exausta, e uma pizza demoraria muito, então resolveu se contentar com um saco de batatas fritas e um chocolate.

Quando voltou ao quarto, constatou que as batatas estavam murchas e tomou isso como uma ofensa pessoal. Jogou o saco no lixo e, antes que pudesse mudar de ideia, pegou o telefone na

mesinha de cabeceira e ligou para o celular de Phillip. Pensou que ele não fosse atender ao ver o número desconhecido no identificador de chamadas, mas se enganou.

– Oi, é a Melanie – disse, nervosa.

Só então se deu conta de que talvez ele não quisesse conversar depois que ela lhe dera as costas na última vez em que estiveram juntos.

– Melanie... Cadê você? Você está bem?

– Estou, estou – respondeu ela, porque agora realmente estava bem.

Em seguida contou a ele a verdade: tinha voltado a Silver Bay para procurar o pai. Recusava-se a continuar vivendo escondida e se recusava a criar um filho assim.

Falou também algumas meias-verdades: estava juntando pistas, fazendo progresso.

Por fim, disse uma deslavada mentira: não queria que ele fosse ao seu encontro. Precisava fazer aquilo sozinha.

Eles conversaram por meia hora. Ela não fazia a menor ideia do que tinham falado. O importante era ouvir a voz dele, restabelecer o contato. Antes de desligar, exigiu que ele não contasse a ninguém sobre seu paradeiro e, após uma rápida discussão (“Seus tios, Melanie... eles devem estar morrendo de preocupação”), Phillip acabou cedendo.

Melanie havia mentido para o namorado, mas não poderia mentir para si mesma. Ao desligar o telefone – ambos haviam dito que estavam com saudades, mas não tiveram coragem de ir além –, se sentiu mais solitária ainda do que antes, perguntando-se o que realmente estava fazendo ali. David se dispusera a ajudá-la na procura do pai, mas o que isso significava na prática? O que ele poderia fazer em termos concretos? E até que ponto estava mesmo disposto, já que detestava tanto relembrar o passado?

Mas todos esses problemas poderiam ficar para o dia seguinte. Ela ainda não havia comido. Arrependida por não ter pedido a

maldita pizza, comeu o chocolate, escovou os dentes e se deitou para dormir.



Melanie se esquecera de fechar as pesadas cortinas do quarto antes de ir dormir, então acordou no dia seguinte às seis e meia da manhã com a luz do sol entrando no quarto e logo constatou que sua ansiedade havia se abrandado durante a noite. Phillip ficara aliviado, feliz até, ao receber notícias dela. E até o fato de David agora saber seu segredo também era bom. Na verdade, era *muito* bom. Ela se sentiu mais leve e mais viva só por alguém saber que não estava morta. E não era qualquer pessoa, mas um homem importante, bem relacionado. Um homem capaz de mover montanhas se realmente quisesse.

De qualquer modo, agora não tinha escolha a não ser confiar nele.

Seus planos para a parte da manhã incluíam fazer mais uma visita a Arthur Goodale e tentar desencavar algo sobre a afirmação de Eric de que sabia o motivo da festa que seu pai dera no dia do crime. Talvez investigar também por que Eric agora trabalhava no depósito da companhia elétrica e não mais ao ar livre, subindo em postes na rua. Problemas de saúde? Pregação religiosa? Ou outra coisa? Além disso, queria descobrir o que exatamente Arthur sabia sobre o estacionamento de caminhões em Monmouth, o local onde, dois dias antes do assassinato, seu pai havia vendido o caminhão.

Esse fato era especialmente curioso. Ninguém tinha conseguido estabelecer uma relação entre a venda do caminhão na sexta-feira e o crime no domingo, mas uma coisa era certa: ele sabia que não voltaria para o trabalho. Melanie queria checar se na empresa ainda havia algum funcionário da época, alguém que tivesse alguma

lembrança de Ramsey Miller. Após uma boa noite de sono, ela estava se sentindo mais otimista. Mais detetivesca. Mais Nancy Drew.

Mas antes de tudo, precisava comer algo de verdade. De preferência, ovos com bacon. (Por que aquela súbita necessidade de bacon? A gravidez era mesmo uma coisa estranha.) Queria um copo grande de suco de laranja também. Estava disposta até a enfrentar o cheiro de café.

Era nisso que ela estava pensando quando saiu do quarto um pouco depois das sete horas e puxou a porta para fechá-la. Mal teve tempo para batê-la. Aproximando-se por trás, alguém a imobilizou pelo braço e a empurrou contra a porta, forte o bastante para que ela ouvisse o baque da própria cabeça e perdesse o ar.

– Não quero ouvir nem um pio – disse a voz masculina às suas costas, grave e ofegante.

De repente os pulsos dela estavam presos e o corpo do homem – sim, era definitivamente um homem – a espremia contra a maçaneta. Melanie não podia se mover, e nem ousaria tentar. Só conseguia ver a superfície branca da porta à sua frente.

Tentou recuperar o fôlego, mas não fez mais que ofegar.

– Esqueça essa história. – A voz dele era tão suave, os lábios roçando na orelha dela. – Vá embora e não volte nunca mais, se não quiser morrer. – Espremeu-a com ainda mais força, e ela grunhiu. – Agora conte até cinquenta antes de se virar. *Sem pressa*, ouviu bem?

Melanie respirou um pouco mais aliviada quando sentiu o homem largar seus pulsos e se afastar. As pernas tremiam e ela precisou fazer um esforço consciente para não desabar no chão. Ainda podia ouvir o sujeito correndo para o fim do corredor, na direção da saída.

Sua barriga doía por causa da pressão da maçaneta. Devia estar roxa.

Ela não estava contando até cinquenta. Estava pensando: *Meu bebê*. Enquanto o homem se aproximava da saída, ela virou a cabeça. Precisava fazer isso. Talvez nunca mais tivesse outra oportunidade de ver o pai.

Não havia muito o que ver. Um casaco cinzento e comprido com a gola virada para cima, um boné de beisebol. De costas ele poderia ser um homem qualquer, alto e com sapatos que brilhavam de tão bem engraxados.



Ao se olhar no espelho do banheiro do seu quarto, Melanie ficou horrorizada ao ver o hematoma deixado pela maçaneta. Tocou em diversos pontos do flanco e da barriga, encolhendo-se de dor.

Logo depois já estava no carro, pisando fundo no acelerador.

Em seguida, corria na direção do quarto de Arthur Goodale com uma enfermeira que ela não conhecia no seu encalço, dizendo:

– Ei... ei... você não pode simplesmente... Desculpe, mas você precisa...

A porta do quarto estava aberta e ela entrou direto. Não havia ninguém. Virando-se, deu de cara com a enfermeira.

– Cadê ele? – Melanie ouviu o pânico na própria voz. Já sabia a resposta. – Cadê o Arthur?

– Moça, você está bem? – perguntou a enfermeira.

Ela se adiantou para segurar o braço de Melanie, mas a jovem se desvencilhou com um gesto brusco.

– Me diz onde ele está!

– Primeiro tente se acalmar. Respire fundo e me diga quem você é.

– Sou amiga do Arthur – retrucou Melanie – e quero saber onde ele está.

A enfermeira suspirou, depois contraiu os lábios finos como se o problema fosse a rispidez de Melanie.

– Vamos lá embaixo – falou finalmente.

– Não. Não vou a lugar nenhum até...

– O que eu quis dizer é que o Sr. Goodale foi transferido lá para baixo. Teve alta da UTI. Na recepção você pode perguntar qual é o número do quarto dele. Mas sua testa está machucada... O que aconteceu?

– Quer dizer então que ele está bem?

– O Sr. Goodale? Sim, ele está bem.

A enfermeira ainda disse algo sobre a testa precisar de cuidados, mas Melanie não lhe deu ouvidos e correu de volta para o elevador, que não chegava nunca.

Na recepção, precisou lidar com outra enfermeira preocupada, mas ela enfim lhe deu o número do quarto de Arthur e lhe explicou como chegar lá. Melanie saiu em disparada pelo corredor, e por pouco não escorregou no caminho. A porta do quarto estava entreaberta e ela entrou sem bater. Ficou tão aliviada ao ver Arthur que quis abraçá-lo.

– Alice! – Ele ergueu os olhos da revista e deu um sorriso como se Melanie fosse uma grande amiga que ele não via desde muito tempo. – Meu Deus, o que aconteceu?

Ao ver a preocupação no rosto e na voz dele, Melanie começou a chorar. O quarto era bem maior do que o da UTI, ou talvez apenas parecesse maior por não ter um monte de aparelhos. Pela janela se via o azul do céu, não a parede de antes, mas a claridade que invadia o quarto chegava a ser ofuscante. Ao ver a cadeira junto da cama, Melanie desabou nela.

– Alice, sua cabeça... – começou Arthur.

Por que diabo todo mundo estava tão preocupado com a cabeça dela? No espelho do hotel ela havia examinado apenas a barriga. Por que examinaria outra parte do corpo que não fosse a barriga? Então levou a mão à testa e se encolheu de dor e de susto pelo tamanho do galo. O quarto começou a girar à sua volta e ela agarrou os braços da cadeira em busca de apoio.

– Alice?

O coração batia em disparada. O quarto agora parecia girar ainda mais rápido: a janela, as paredes, o teto, a cama. Ela procurou os olhos azuis de Arthur e focou neles.

– Alice, fala...

A sensação na barriga a assustou. Não tinha nada a ver com os enjoos matinais da gravidez, tinha certeza. Continuou concentrada nos olhos de Arthur e despejou:

– O motorista de David Magruder me atacou no hotel e eu posso ter perdido meu bebê, e meu namorado ainda não sabe de nada, e eu estou morrendo de saudade do meu tio e da minha tia, e eu quero voltar pra casa, e o meu nome não é Alice. É Meg Miller.



Fazia tempo que ela não gostava tanto de um sanduíche quanto daquele do hospital, que tinha sido entregue numa bandeja verde e deixado sobre a mesa de cabeceira. Salpicão de frango, folhas frescas de alface, tomate, maionese na quantidade certa num pão de batata supermacio.

– Você precisa se alimentar melhor – disse a médica depois que todos os exames ficaram prontos e Melanie fez um breve relato sobre suas refeições na última semana.

A médica, uma mulher de meia-idade vestindo um jaleco verde com um estetoscópio no pescoço, estava sentada num banco alto junto da cama de Melanie enquanto ela comia. A jovem estava ligeiramente irritada com aquele bombardeio de perguntas justo quando tinha nas mãos um sanduíche tão gostoso.

– Estou falando de refeições de verdade, não dessas porcarias vendidas em máquinas. Levando em conta sua alimentação, poderia muito bem parar numa cama de hospital mesmo se não tivesse sido atacada.

– Sim, senhora – disse Melanie antes de dar outra mordida.

– Antes de lhe dar alta, vou pegar uns panfletos sobre nutrição de gestantes para você.

– Mas o bebê está bem, não está?

– Está. Mas você precisa se cuidar. Só porque é jovem, não significa que seja invencível. – Ela permaneceu calada por alguns instantes, esperando que suas palavras fossem absorvidas. – Falando nisso, um policial vem falar com você daqui a pouco.

Melanie ficou imaginando como seria seu depoimento: “Fui empurrada contra a porta por um homem que talvez seja o motorista de David Magruder.” Isso não levaria a nada, apenas chamaria mais atenção ainda para sua presença na cidade. Além disso, a polícia nunca havia ajudado em nada, ela lembrou a si mesma.

– Não quero falar com policial nenhum.

A médica suspirou.

– Por que você não pensa por mais alguns minutos antes de se decidir? O que acha?

– Não preciso pensar.

A médica balançou a cabeça.

– Isso é muito triste. Acontece toda hora.

– Isso o quê?

– Mulheres que são atacadas e acham que têm que proteger o agressor. Principalmente quando é o namorado ou um...

– Não foi meu namorado.

– Tem certeza?

– Meu namorado é um cavalheiro.

A médica assentiu.

– Se você não quer falar com a polícia, tudo bem, mas eu gostaria que pelo menos conversasse com uma assistente social antes de ir embora.

– Por quê?

– Ela pode lhe dar informações importantes sobre os recursos à sua disposição: aconselhamento psicológico, orientação pré-natal...

– Baixando a voz, ela acrescentou: – Abrigos para mulheres...
– Abrigos para mulheres? O que é isso?
– Lugares para onde as mulheres podem ir por um tempo pra se proteger... de quem quer que as esteja ameaçando. – A médica olhou para Melanie como se perguntasse se ela entendia o que estava sendo dito nas entrelinhas. – Nesses lugares as mulheres podem se sentir seguras, porque não serão encontradas. Tudo é muito sigiloso.

A mulher sorriu, talvez pensando que sumir por uns tempos seria um grande alívio para Melanie, uma oportunidade maravilhosa.

Por que a solução é sempre a mulher se esconder?, Melanie se perguntou.

– Pensando bem, acho que vou mesmo falar com esse policial – concluiu.



Antes de sair, a médica lhe disse para não ter medo, mas Melanie estava apavorada e fez questão de receber o policial no quarto de Arthur.

Pobre Arthur. “Meu nome não é Alice. É Meg Miller”, ela dissera, jogando por terra uma certeza que ele tinha havia quinze anos. E só o que ele pudera fazer naquele momento fora chamar uma enfermeira para levá-la à emergência. Foram duas horas de exames para ver se o trauma na barriga havia causado algum dano ao feto (pouco provável) e se ela tinha sofrido alguma concussão (tinha, mas nada grave). Depois disso ainda fora necessário colher sangue para os outros exames que a médica havia pedido, e durante todo esse tempo Arthur ficara só esperando, porque não tinha escolha.

Então agora ela falaria com o policial, mas Arthur estaria presente para ouvir tudo.

O homem que apareceu era uma montanha, com braços enormes e ombros tão altos que quase escondiam o pescoço. Melanie imaginou que ele podia ser violento se precisasse. Os três formavam um triângulo: ela e o policial Bauer nas cadeiras e Arthur na cama, praticamente sentado. Em algum momento nas duas horas anteriores ele tinha vestido uma camisa polo azul e penteado os cabelos brancos.

– Preciso ter certeza de que entendi direito – disse o oficial após ouvir o extraordinário relato de Melanie sobre os últimos quinze anos da sua vida. – Você está afirmando que é Meg Miller, filha de Ramsey e Allison Miller.

O policial a princípio a deixara nervosa, mas o que a médica havia dito sobre “abrigos para mulheres” fora ainda mais assustador. Ela estava farta de se esconder.

– Isso mesmo – respondeu.

– E que desde 1991 você vive com seus tios na Virgínia Ocidental.

– Isso.

– Dentro do programa de proteção a testemunhas.

– Correto.

– Caramba... – murmurou Arthur, e logo viu que o policial não havia gostado nem um pouco da interrupção. – Desculpe.

– E agora veio a Silver Bay à procura do seu pai – continuou o homem.

– Isso.

O oficial Bauer anotou algo no seu caderninho.

– Por quê? – perguntou.

– Estou grávida – falou Melanie –, e não quero que meu filho viva num ambiente de medo.

O policial olhou rapidamente para a barriga dela, depois para o rosto.

– Me fale sobre o que aconteceu hoje de manhã.

Melanie, então, contou que um homem a imprensara contra a parede, contou o que ele havia sussurrado na sua orelha e disse que ele tinha fugido pela escada do hotel.

– Sabe quem ele era? – perguntou o tenente.

– Primeiro achei que fosse meu pai. Mas agora tenho certeza que era o motorista de David Magruder.

– Espere... David Magruder?

– Isso.

– Como vocês se conheceram?

– Só estivemos juntos duas vezes. Pensei que ele pudesse saber alguma coisa sobre o assassinato da minha mãe.

O policial franziu a testa

– O que faz você pensar que foi o motorista dele que a atacou?

– O homem ordenou que eu não virasse o rosto antes que ele sumisse, mas quando ele estava fugindo eu olhei mesmo assim. Reparei nos sapatos brilhantes dele e acho que são os mesmos que ele estava usando ontem quando me levou até a casa do David.

– Sabe o nome dele?

– Não.

– Lembra que tipo de carro ele estava dirigindo?

– Um Lincoln preto. Mas acho que o carro é do David.

– Como você pode ter tanta certeza da marca?

– Eu sempre reparo nisso. Meu tio trabalha como mecânico, e eu gosto de carros.

– Por acaso lembra da placa?

– Não, mas... acho que nome dele é Bob. Não... é *Bill*. Isso. Foi assim que o David o chamou.

– Você ouviu o sobrenome dele?

– Não.

– Você viu o Lincoln preto em algum momento hoje?

– Não. Só ontem.

– E você acha que era o motorista de David Magruder só por causa dos sapatos?

– Também porque ele era alto.

– Que altura ele tinha?

– Acho que 1,90 metro, por aí.

– E, além dos sapatos pretos, o que mais ele estava usando?

Melanie falou do casaco, do boné e da gola levantada que a impedira de ver seu rosto.

– Por que você acha que esse homem a agrediu?

– Acho que foi o David que mandou.

– Mas por que...? – Ele balançou a cabeça. – Vamos voltar um pouquinho. Você disse que foi à casa do Sr. Magruder ontem.

– Fui.

– Por quê?

– Bem... tentei entrevistá-lo na quarta-feira...

– Entrevistá-lo? Para quê?

– Pensei que ele pudesse... – Ela olhou fixamente para Arthur. – Pensei que ele pudesse dizer alguma coisa relevante sobre o dia em que minha mãe foi assassinada. Alguma coisa que me ajudasse a esclarecer a morte dela e a encontrar meu pai.

– Por que você acha que David Magruder saberia alguma coisa sobre a morte de Allison Miller?

Melanie não queria colocar Arthur em apuros.

– Só achei que saberia.

– Foi uma sugestão minha – interveio Arthur. – Contei a ela sobre os inúmeros depoimentos que Magruder deu à polícia depois dos assassinatos. Quer dizer, do assassinato.

O policial ficou olhando para ele por alguns segundos.

– Então – disse, voltando a olhar para Melanie –, você conseguiu o que queria nessa entrevista de quarta-feira?

– Não. Na verdade ele foi grosso comigo e me expulsou do escritório.

– Por quê?

– Não queria falar do seu passado.

– Mas se ele foi tão grosso, por que você entrou no carro com o motorista dele no dia seguinte?

Boa pergunta. Ela tentou se lembrar. Sentia a cabeça latejar, sabia que não estava raciocinando direito.

– Foi o David que me convocou à casa dele.

– Convocou? Por que ele faria uma coisa dessas?

Talvez fosse algo no tom do homem, ou talvez a falta de confiança arraigada dela na polícia em geral, mas Melanie achou que ele estava duvidando de sua palavra, e não gostou nem um pouco. Ele não era tão jovem. Talvez tivesse esquecido que a farda fazia as pessoas se sentirem culpadas e com medo. Tentou responder com clareza:

– Acho que ele se sentiu mal pelo jeito como me tratou na véspera.

– Então não foi grosso com você na casa dele?

– Não. Foi muito gentil. Até prometeu me ajudar a encontrar meu pai.

– Isso significa que ele sabia quem você realmente era?

– Ele meio que deduziu. Mas então deve ter mudado de ideia sobre me ajudar e mandou o motorista... fazer o que fez.

Nesse momento ela se lembrou do que David dissera sobre o motorista na noite anterior: “Ele não fica o dia todo a meu dispor, Melanie.”

– Esse homem que a atacou... ele também mandou você sair da cidade?

– Mandou.

– E você acredita que isso tenha sido um recado... uma *ameaça* de David Magruder?

– Acredito.

– Que motivo ele teria pra querer você fora da cidade?

– Ele falou que não tinha nenhum álibi no dia em que minha mãe foi assassinada.

– O próprio David disse que não tinha um álibi? – perguntou o policial, erguendo uma sobrancelha.

– Oficial Bauer? – interveio Arthur novamente. – Por favor, não se esqueça que o senhor está falando com uma jovem que, apesar de ter passado por maus bocados, vem tentando responder às suas perguntas da melhor maneira possível.

Bauer encarou-o por um instante um pouco longo demais, mas quando voltou a falar com Melanie sua voz estava mais gentil:

– Srta. Denison, por que acha que o Sr. Magruder lhe contaria uma coisa dessas?

– Acho que ele ficou tão surpreso ao descobrir que eu estava viva que começou a falar sem pensar. E tenho certeza que estava muito bêbado.

– Por que você tem certeza?

– Ele bebeu quase uma garrafa inteira de champanhe enquanto eu estava lá. E um pouco de uísque também, eu acho.

– Então você está sugerindo que ele mandou alguém para intimidá-la porque se arrependeu de ter contado que não tinha um álibi na noite do crime?

– Acho que sim. E ele também falou que conhecia minha mãe muito bem, ao contrário do que disse à polícia na época.

Bauer fez uma careta como se um inseto tivesse acabado de entrar em seu olho.

– Isto é... surpreendente. Acho que vamos ter que reabrir o caso. Tem certeza que você entendeu direito? O Sr. Magruder realmente disse que mentiu para a polícia sobre sua relação com Allison Miller?

– Tenho. Absoluta.

O oficial interrompeu a gravação.

– Sei que você passou por muita coisa nos últimos dias, mas preciso que fale com um investigador.

– *Por quê?* – A voz dela soou apavorada até aos próprios ouvidos. Primeiro um policial, agora um investigador. Ela nem deveria estar naquela cidade. *Nunca*. Essa era a regra. O que estava

fazendo a si mesma? E aos tios? – Não quero falar com mais ninguém.

– Srta. Miller...

– Srta. Denison, por favor.

– Srta. Denison, alguém está claramente insatisfeito com sua presença na cidade para revirar o passado. O bastante para machucá-la ou fazer coisa pior. Seja lá quem for, David Magruder ou qualquer outro, só um investigador poderá agir com a rapidez necessária para ajudá-la. Minha participação termina aqui: registro a ocorrência e o investigador leva o caso adiante. A investigadora, na verdade. Então acho muito importante que você fale com ela.

Talvez porque se tratasse de uma mulher, ou talvez porque Arthur não tivesse dado nenhuma indicação em contrário, Melanie acabou cedendo. Falaria, sim, com a investigadora.

O policial mal havia saído do quarto quando Arthur Goodale, finalmente a sós com Melanie, começou a chorar em silêncio.

21

Numa cidade com índices tão baixos de criminalidade, a lei agia rápido quando preciso. Uma enfermeira conduziu Melanie para o andar de baixo, para novos exames e mais uma bateria de apalpadelas e cutucadas, depois levou-a para um quarto do hospital onde uma mulher já a esperava. Ela se apresentou como detetive Isaacson e ficou aguardando enquanto a enfermeira acomodava Melanie na cama e saía do quarto.

A detetive era uma mulher pequena e em forma. Dava a impressão de poder correr uma maratona hoje e outra amanhã. Não fossem as mãos, que denunciavam sua idade, poderia perfeitamente se passar por uma universitária. A pele era perfeita, o que contribuía em certa medida para ser impossível ler o seu rosto.

– Srta. Denison – disse ela depois de fechar a porta –, segundo o agente Bauer, você é, na verdade, Meg Miller. É isso mesmo?

– Sim, senhora.

A detetive a avaliou por alguns segundos.

– É uma revelação surpreendente. Esse caso é do meu primeiro ano na polícia. Lembro muito bem dele. Portanto, se você estiver falando a verdade... Se Meg Miller realmente estiver viva...

– Ela está. Eu estou.

– Mas agora seu nome é Melanie?

– Isso.

A mulher assentiu.

– Então, Melanie, onde você estava até agora?

Melanie fez um resumo da sua vida até o momento, contou que tinha quase 18 anos e estava grávida, depois explicou que tinha ido a Nova Jersey porque já não aguentava mais viver escondida e com medo. Relatou os acontecimentos daquela manhã, mas parecia uma grande perda de tempo repetir a história que já havia contado ao policial.

A detetive Isaacson passou alguns minutos fazendo anotações num pequeno caderno em espiral.

– Posso me sentar? – perguntou depois que terminou.

– Claro.

A mulher puxou a cadeira para junto da cama e se acomodou.

– Me conte um pouco sobre esse programa de proteção a testemunhas. Como foi que tudo aconteceu?

Os instintos de Melanie ainda diziam *Não conte nada. Nem uma palavra*. Mas ela já tinha falado demais e não podia voltar atrás.

– Na noite em que a minha mãe foi assassinada, todo mundo ficou com medo que meu pai me matasse também, então o pessoal do programa de proteção me escondeu. Meu tio Wayne e minha tia Kendra resolveram ir comigo e me criar.

– Na Virgínia Ocidental?

– Isso.

– Em que cidade?

Melanie hesitou um segundo antes de responder:

– Fredonia.

– Por que Fredonia?

– Meus tios são de lá. Não exatamente de Fredonia, mas daquela parte do estado.

A detetive anotou mais alguma coisa.

– E vocês ainda moram lá? – perguntou.

– Moramos.

- Quem foi que providenciou tudo?
- A Polícia Federal. E um juiz local.
- Sabe o nome desse juiz?
- Não, senhora.
- Mas foi um juiz daqui de Silver Bay?
- Acho que sim. O que sei com certeza é que foi um juiz junto com a Polícia Federal. Fizeram tudo no meio da noite, sem que ninguém visse.

A detetive Isaacson pousou a caneta e permaneceu calada por alguns instantes, concentrada nos próprios pensamentos. Em seguida, disse:

- Estou achando tudo isso um pouco improvável.

Nesse instante Melanie teve a impressão de que o quarto havia se transformado numa arapuca.

- Improvável por quê?
- Por acaso você já se envolveu em algum tipo de atividade criminosa? Qualquer uma.
- Não, claro que não.
- E os seus tios?
- Também não.
- Porque é assim que funciona o programa de proteção a testemunhas. É para as pessoas que se envolveram em alguma atividade criminosa. Para que elas possam depor em segurança.
- Então abriram uma exceção pra mim.

Isaacson balançou a cabeça.

- E eles nunca realocam as pessoas em um lugar onde já moraram. Tem certeza que foi mesmo o programa de proteção a testemunhas?
- Tenho certeza.
- Não foi o FBI? Ou outra instituição?

Melanie começava a se irritar com a desconfiança da mulher.

- Tenho certeza absoluta – disse com firmeza.

Por que de repente *ela* estava na berlinda? O que teria feito de errado?

– Me conte mais sobre seus tios. Eles são seus tios de verdade?

– O quê?

Cada pergunta soava como uma armadilha. Até a estrutura diminuta da mulher parecia um estratagema para conquistar a confiança de Melanie.

– De que lado da família eles são? Do seu pai ou da sua mãe?

– Tio Wayne era amigo do meu pai. Tia Kendra... Sei lá, faz tempo que eles são casados.

– Então eles não são seus parentes de sangue?

– Não.

A detetive a encarou com um semblante sério.

– Me informaram que você ainda precisa ficar aqui mais um tempinho, até que esteja bem e possa voltar pra casa. Enquanto isso, vou entrar em contato com a Polícia Federal. Me diga uma coisa: por acaso há alguma lacuna no seu passado ou no dos seus tios, algo de que eles nunca falam com você?

Regra número um: jamais falar sobre o passado.

Melanie não respondeu.

– Certo – disse Isaacson. – Vou investigar. Ah, vou ver se consigo trocar uma palavrinha com o tal motorista de David Magruder. Logo, logo entro em contato com você de novo. – Ela sorriu. – O oficial Bauer deu o cartão dele a você?

– Deu.

– Bem, pode jogar fora. Se precisar de algo, fale comigo.

Isaacson lhe deu um cartão de visita com seu nome e telefone e saiu em seguida.

Pouco depois uma enfermeira entrou no quarto para medir a pressão de Melanie. Em seguida, falou:

– Você ainda precisa ficar algumas horas em observação. Pode dormir, a menos que esteja enjoada. Está sentindo enjoo?

– Um pouquinho – respondeu Melanie.

Só não sabia qual era a causa exata: o bebê, a agressão sofrida no hotel ou o interrogatório da detetive.

– Então procure ficar acordada – disse a enfermeira.

Na mesinha ao lado da cama, havia um telefone.

– Esse aparelho faz chamadas interurbanas? – perguntou Melanie.

– É só discar o 9 antes.

A enfermeira ligou a televisão e saiu.

Melanie fez uma chamada para o celular de Phillip. Ele provavelmente estava na faculdade, no horário do almoço.

– Me desculpe. Pensei que poderia fazer isso sozinha, mas não posso – comentou ela assim que ele atendeu, no segundo toque. – Contou a ele que estava no hospital e como fora parar ali. Depois disse que precisava dele a seu lado. – Acha que pode vir rápido?

– Posso ir agora.

– Puxa, me desculpe...

– Desculpar por quê?

Por eu ser tão infantil, ela pensou. Mas o que disse foi:

– Estou morrendo de saudade.

– Eu também te amo, Melanie.

Antes ela havia achado que não queria ver televisão, mas estava errada. Leonardo DiCaprio e Kate Winslet estavam tão lindos ali na tela, à luz do sol, que ela se permitiu o descanso que merecia, procurando não pensar em nada que não fosse aquele navio em princípio inaufragável.



Três horas depois a detetive Isaacson voltou e a acompanhou rumo à saída. Melanie fora aconselhada pelos médicos a não dirigir pelo menos até o dia seguinte, então a investigadora a levaria de volta ao hotel. Ainda no saguão do hospital, Melanie parou.

– Se incomoda se eu der uma passadinha num lugar antes de irmos?

A floricultura junto à entrada principal do hospital estava praticamente vazia. No ambiente fresco e perfumado, Melanie escolheu um vaso de flores e pediu que o entregassem no quarto de Arthur. “De sua amiga Melanie”, escreveu no cartão.

– Está com fome? – perguntou a detetive assim que ela saiu da loja.

– Faminta.

– Eu também. Vamos comer alguma coisa.

Enquanto dirigia, a detetive foi falando de si mesma, contando que era a mais nova de seis irmãos e que fora a primeira a ingressar na polícia. As histórias pareciam feitas para conquistar a simpatia ou a confiança das pessoas, mas Melanie ficou grata por não precisar responder a mais perguntas.

Elas foram à lanchonete próxima ao hotel. Àquela altura Melanie já se sentia habituê do lugar e dessa vez, obedecendo à recomendação da médica, pediu uma refeição de verdade: um cheeseburger (sem bacon; agora não podia mais nem pensar em bacon que ficava enjoada), uma porção de batatas fritas e uma salada. Enquanto esperava a comida, aos poucos foi ficando preocupada com a conversa fiada de Isaacson. Deu-se conta de que a detetive não gastaria aquele tempo todo com ela se não tivesse algo muito importante para dizer.

– Consegui o endereço do motorista de David Magruder e, se tudo der certo, vou conversar com ele ainda esta tarde – falou Isaacson. Mas essa informação não garantia aquele tipo de serviço pessoal, certo? – Magruder está em Nova York, trabalhando, mas, dependendo do que o motorista disser, vou fazer uma visitinha a ele à noite.

– Está bem – retrucou Melanie, intuindo que aquilo não era tudo.

A detetive esperou até que a comida viesse e que Melanie praticamente terminasse seu cheeseburger para dizer:

– Preciso lhe contar uma coisa.

Melanie soube no mesmo instante que não voltaria a tocar no prato.

– Meu chefe falou por telefone com a Polícia Federal de Newark e depois fez mais algumas ligações. – Eram três e meia da tarde, a lanchonete estava quase vazia. Ainda assim ela baixou a voz para continuar: – Depois que falei com você no hospital, fiquei com a pulga atrás da orelha, achando que seus tios tinham omitido algo sobre o seu esquema de proteção. Talvez pensando no seu bem, ou no próprio bem. Porque, como eu disse, o programa de proteção a testemunhas é só para... para *testemunhas* envolvidas num crime, que fazem um acordo em troca de seu depoimento. O programa não... Bem, a questão é que eu estava enganada, mas estava no caminho certo. – Nesse ponto ela baixou a voz ainda mais. – Nós achamos que seus tios mentiram para você, Melanie. A Polícia Federal não tem nenhum conhecimento da sua existência, nem da existência dos seus tios.

– Não estou mentindo pra você – retrucou Melanie.

Isaacson assentiu.

– Eu sei. Você contou o que acreditava ser a verdade, o que seus tios lhe disseram que era a verdade. Só que nós achamos que eles inventaram essa história toda. – Para não dar margem a dúvidas, ela emendou: – Ainda não sei exatamente por quê, mas acho que, naquela noite de 22 de setembro de 1991, você foi sequestrada.

22

22 de setembro de 1991

Todos os convidados já tinham ido embora.

Ramsey agora ajudava o cara do som a recolher os cabos. Os movimentos repetitivos lhe faziam bem. Volta e meia ele olhava de relance para Allie, sentada nos degraus da varanda dos fundos. Podia ver a raiva fluindo por ela como sangue nas veias. Esperaria para falar com ela até que ambos estivessem com a cabeça mais fria. Quando a viu ficar de pé e entrar de novo na casa, não foi atrás dela. Depois. Agora não.

Os caras da banda mal falavam enquanto guardavam o equipamento. De vez em quando faziam um comentário sobre as músicas que tinham sido as melhores, ou sobre os acordes e as letras em que haviam tropeçado. Em pouco tempo todos os cabos já tinham sido recolhidos, os pedestais desmontados e os amplificadores guardados. Todos ajudaram no transporte das caixas de som para a van. Despediram-se ali mesmo, no quintal. Ninguém olhou diretamente nos olhos de Ramsey.

Por que as coisas têm sempre que acabar assim?, pensou Ramsey. Aqueles policiais o haviam tratado como se ele ainda fosse um delinquente juvenil. Tantos anos de bom comportamento para nada.

“Certas coisas nunca mudam”, dissera o policial mais alto.

– Estamos indo beber alguma coisa no Jackrabbits – avisou Eric.
– Você devia vir com a gente.

Ir com eles para ver Eric bebericando club soda e todos evitarem olhá-lo? Sem falar na porcaria da música do jukebox, aquele popzinho vagabundo e estridente que tanto detestava: The Cure, Depeche Mode...

– Não – disse Ramsey. – Vou ficar por aqui.

Paul franziu a testa.

– Acho que você devia fazer o que sua mulher falou e vazar por um tempo.

– Ela não estava falando sério.

– Acho que estava, sim – observou Wayne.

Porra, agora até o *Wayne* estava botando banca?

– Acontece que a casa também é minha – devolveu Ramsey. Percebendo no mesmo instante a própria arrogância, tentou de novo: – Só quero conversar com ela – explicou para os três. – Depois, se ela realmente quiser que eu vá embora, eu vou. – Um estalo alto soou quando as toras da fogueira se acomodaram. – De repente até me encontro com vocês mais tarde, apesar daquela música de merda.

Allie sem dúvida acompanhava a cena de longe, na escuridão da sala, pois assim que viu os outros irem embora, saiu novamente para a varanda. Estava encolhida, parecendo menor, como se tivesse perdido muito peso em razão de uma doença qualquer. Sentou-se no degrau mais alto da escada e abraçou os joelhos. Ramsey olhou para o alto, depois foi se sentar perto dela, um pouco mais abaixo. Olhou mais uma vez para o céu. Quando criança ele conhecia as constelações, mas já naquela época as luzes de Nova Jersey eram fortes o bastante para ofuscar boa parte delas. Com o passar dos anos foi esquecendo o nome daqueles tantos seres mitológicos, homens e bestas, que governavam a Terra. Lembrou-se da Ursa Maior, que naquela noite era ocultada pelas árvores. Cassiopeia

estava lá, bem no alto. As demais eram apenas pontinhos sem nome em um grande mapa astronômico. Após o fim do mundo, essas estrelas continuariam no céu, impassíveis.

Allie não disse nada. Apenas ficou sentada ali, respirando pesadamente.

– A festa até que foi boa – arriscou Ramsey, com um sorriso fraco.

Ela se inclinou à frente.

– O que foi que deu em você, hein? Quero dizer, não acredito que você vai continuar insistindo nessa história.

– Que história?

Não se contendo, ela deu um grito de frustração. Demorado, intenso, agudo.

– Ei! – disse ele.

– Que foi? Está preocupado com os vizinhos? Tarde demais, não acha? – Ela balançou a cabeça. – Não é *comigo* que você precisa se preocupar, Ramsey. Você tem uma filha. Se pensasse nela ao menos um pouquinho, não enfrentaria a polícia daquele jeito, praticamente implorando pra ser preso.

– *Claro* que eu penso na...

– Não, Ramsey. Você só pensa nessa história de superconjunção. Não é possível que você não veja que isso não é real, que não é nada, que não passa de uma piada.

Ele olhou para o alto.

– Al...

– Não. Agora é você que vai me ouvir. Você passa tempo demais naquele caminhão, sempre sozinho na estrada. Bota essas ideias malucas na cabeça, e não tem ninguém do lado pra dizer que você está errado. Pois sou eu quem vai dizer agora, Ramsey: você está errado. Errado pra caralho, em absolutamente tudo. – Ela estava chorando. – Quero o divórcio.

– Como você foi capaz de dormir com aquele homem?

– Ah, meu Deus... Você não ouviu o que eu acabei de dizer? Quero me separar, Ramsey.

Ele tinha ouvido tudo com toda a clareza, claro, mas as palavras não correspondiam aos fatos. Eles eram casados.

– Você é minha mulher.

– Não. Eu não te amo mais.

Ele sentiria menos dor se levasse uma machadada.

– Talvez tenha amado um dia, mas acabou.

Ramsey olhou para ela.

– Você não tem o direito de falar nada disso. Não quando está tendo um caso.

– *Não estou tendo caso nenhum!* Pelo amor de Deus, Ramsey, meta isso na sua cabeça... Você é tão... David e eu... Nós somos apenas... nada. Nós não somos *nada*. Aliás, somos *menos* que nada.

Nesse instante Ramsey ouviu as palavras de Eric de novo, tão claras quanto no dia em que ele as dissera pela primeira vez: “Eles ainda estavam se beijando quando passei por eles.” “Um beijo de verdade?” “Você não vai querer ouvir.”

– Não acredito em você – retrucou ele. Não conseguia apagar a imagem daquele maldito beijo, uma imagem que criara e que continuava clara três meses depois. – Você está mentindo pra mim.

Allie o encarou.

– Bem, então vá à merda – disparou, em seguida correu de volta para dentro de casa e bateu a porta.

Ramsey ficou onde estava por um minuto.

– Você é uma mentirosa, Allie – falou em direção à bagunça do quintal à sua frente.

Sua vontade naquele momento era entrar também. Sua raiva de marido traído era tanta que ele queria dar continuidade àquilo, jogar mais lenha na fogueira. Queria perder o controle, chutar o balde.

Você não é mais assim, ele alertou a si mesmo, mas com pouca ou nenhuma convicção. Duas ou três vezes repetiu a mesma coisa mentalmente, mas não se convenceu. *Eu poderia te machucar*.

Nessas palavras, sim, Ramsey conseguiu acreditar.

Ele saiu pelo portão lateral do quintal, pegou na garagem um galão de 20 litros vazio, entrou com ele no carro e saiu de ré para a rua. Tinha bebido naquele dia mais do que em muitos anos, mas não o bastante para perder o juízo. Ainda estava lúcido. Podia dirigir. Podia pensar. Era por isso que precisava sair dali o mais depressa possível, antes que os pensamentos fossem longe demais e ele resolvesse transformá-los em realidade. Passou na frente do Jackrabbits e seguiu na direção do mar. Mais à frente, parou num posto que tinha um mercadinho ao lado. Encheu o galão todo de gasolina, deixou-o no porta-malas, comprou uma garrafa de uísque e só então continuou seu caminho rumo à baía.

Aquela cidade... Trinta e quatro anos haviam se passado e ela continuava praticamente a mesma, uma loja sendo substituída por outra, lanchonetes fechando as portas para reabrirem um mês depois com um nome diferente, enchentes se repetindo sempre que os ventos que sopravam do nordeste castigavam o continente com as tempestades que traziam do alto-mar – casas destruídas, casas reerguidas. Os mesmos ônibus escolares amarelos, as mesmas escolas. A mesma estação do corpo de bombeiros. Depois de três décadas tudo estava um pouco mais encardido, um pouco mais desbotado, mas fundamentalmente igual.

Certas coisas nunca mudavam.

Depois de muitos quilômetros de pântano, ele enfim alcançou a baía, que à noite ficava sempre assim, um breu emoldurado pelas luzes da orla. Passou por duas marinas e seguiu até uma região mais afastada, de casas maiores com vista para o mar. Quando jovem, ele quase nunca tinha ido àquela parte da cidade: a parte rica. A noite estava escura o suficiente para que alguém mais distraído passasse direto pela entrada do terreno estreito que levava às docas, mas Ramsey virou a tempo – um pouco depressa demais – e entrou com o carro no chão de cascalho. Alguns barcos já estavam fora d'água para o inverno iminente, mas a maioria ainda se encontrava

atracada aos ancoradouros. Atrás das árvores e das cercas vivas, havia casas dos dois lados.

Ramsey não colocava sua lancha na água mais do que três ou quatro vezes durante o verão. Mas ao comprá-la, cinco anos antes, das mãos do gerente-geral da marina, combinara com ele uma ninharia como taxa de ancoragem (a *Ninfa do Mar* não tinha mais do que 12 pés), e desde então ela nunca havia sido reajustada.

A lancha era bastante simples: casco de alumínio, fundo plano, ideal para um passeio numa manhã qualquer de verão para pescar. Quando saía com ela, Ramsey a deixava deslizar ao sabor das correntes por uma ou duas horas, durante as quais aproveitava o ar fresco da manhã enquanto tentava fregar algum peixe. Se conseguisse, levava-o para casa. Se não, não havia problema.

Naquela noite não se via nenhum movimento na baía. A maré alta invadia quase toda a rampa que levava aos ancoradouros, tornando mais fácil a tarefa de Ramsey, que precisava descer por ela com um galão pesado. Ele sabia que não estava sóbrio, portanto redobrou a atenção ao pular para dentro da lancha. Deixou o galão a seus pés, destampou o tanque de combustível e colocou lá dentro uma quantidade de gasolina que lhe pareceu suficiente. Tampou o galão e o tanque, depois deu partida no motor, que surpreendentemente funcionou logo na primeira tentativa. Era como se o barco estivesse à sua espera. Em seguida desamarrou as cordas que prendiam a lancha, jogou-as para cima do ancoradouro e foi singrando lentamente baía afora. A lancha era tão pequena que nem chegava a deixar rastro na água. A 20 ou 30 metros de distância ele enfim acelerou, fazendo com que o motor roncasse baixinho, um miado quase cômico se comparado ao rugido do seu ex-caminhão. Aos poucos se afastou da orla iluminada para sumir na escuridão da baía.

Embora não fosse talhada para o mar, naquela noite de calmaria a pequena lancha foi cortando a superfície da água com a precisão de uma lâmina, mas com tantas casas e condomínios à vista mesmo

do meio da baía, Ramsey não encontrou a solidão que queria, então navegou na direção da península de Coral Hook, onde a correnteza forte – resultado do encontro do mar aberto com a baía – não foi capaz de deter o pequeno barco. Com a maré a seu favor, Ramsey não demorou muito (trinta minutos? quarenta e cinco?) para dobrar o braço de terra firme. Ao norte se via o contorno urbano de Nova York e a ponte Verrazano; ao leste e ao sul, apenas mar. Ele pegou a direção sudeste, onde só havia água à sua frente, o glorioso camarote de onde veria o fim de tudo. No compartimento sob o banco havia uma lanterna, ele tinha quase certeza, mas o objetivo da viagem era justamente fugir da luz. Se outro barco surgisse do nada para colidir contra a lancha, paciência. A probabilidade era pequena.

Ele abriu a garrafa de uísque e bebeu um gole. A noite ainda estava quente e úmida, sem nenhum vestígio de brisa, o que era raro em setembro. Ramsey olhou para o céu por algum tempo, mas depois finalmente desistiu e apenas guiou o barco, procurando afastar da cabeça qualquer coisa que não fosse o zumbido constante do motor. A costa estava sempre à vista, porém cada vez mais distante. As luzes de Nova York já não passavam de um borrão avermelhado no horizonte ao norte.

Ele seguiu à frente por mais ou menos uma hora. Em dado momento, com os olhos já totalmente acostumados à escuridão, deu mais um gole no uísque, recostou-se no banco e mal acreditou no que viu.

Estrelas por toda parte. Muito mais do que imaginara existir na infância, ao subir na sua árvore predileta para ver o céu. Mesmo quando se imaginava no alto de uma montanha, nunca esperara ver aquilo: tantas estrelas que mal conseguia identificar as constelações. Sua luminosidade chegava a ser ofuscante. Ele não estava a mais do que 10 quilômetros da costa. Difícil acreditar que durante a vida toda não aproveitara aquele espetáculo tão perto de casa. Desligou

o motor. Agora só ouvia a própria respiração e o bater da água no casco da lancha.

Finalmente a brisa começou a soprar, morna e reconfortante. Ramsey deitou-se no chão da lancha, recostou a cabeça no banco, bebeu mais um gole de uísque, depois apertou a garrafa sob o braço e olhou para a amplidão do céu. Sem levar em conta o momento em que vira Allie saindo do elevador no hospital, jamais tinha presenciado algo mais belo do que aquilo.

– Meu casamento está acabando – disse a si mesmo.

A gigantesca mancha cinzenta que riscava o céu era a Via Láctea. De sua pequena lancha ele podia ver a galáxia inteira.

– Meu casamento está chegando ao fim, mas o mundo, não.

A seus ouvidos a frase soou como um paradoxo. Então ele falou de outra forma:

– Meu casamento, e não o mundo, está chegando ao fim.

A lancha flutuava à deriva. Havia mais gasolina no galão. Ele poderia usá-la para incendiar o barco e se despedir do mundo com um último gesto grandioso. Mas naquele momento gestos grandiosos não faziam o menor sentido. Ramsey pensou no caminhão que vendera por uma ninharia e deu uma risada amarga. Um dos muitos problemas que o aguardavam no dia seguinte.

Porque haveria o dia seguinte. Ele acreditara na superconjunção dos astros do mesmo modo que um dia acreditara não ser nada sem Allie, que salvara sua vida. Talvez ele tivesse acreditado um pouco demais em tudo.

Certas coisas nunca mudavam.

Mas eu mudei, pensou Ramsey.

Sabia que o policial na festa estava errado. No entanto, compreendia como era fácil cometer esse tipo de equívoco, como era tentador agarrar-se às certezas mais imediatas e chamá-las de “verdades”.

Ele nunca devia ter dado aquela festa. Nunca devia ter saído de casa sem falar com Allie depois daquela briga boba em junho. Nunca

devia ter passado tantos dias fora, longe dela e da filha. Meg não era mais nenhum bebê. Aliás, ela parecia ser uma pessoa diferente – uma desconhecida – cada vez que ele voltava de uma viagem mais demorada, e isso era terrível. Puxa, como ele queria conhecer melhor aquela menina. A lista de tudo o que nunca deveria ter feito era longa, mas Ramsey, já dominado pelo efeito do uísque, não estava nem um pouco disposto a repassá-la item por item. Mas uma coisa era certa: mesmo que Allie o abandonasse, mesmo que ela não o amasse mais, haveria um dia seguinte.

– Nunca vou te machucar, Allie...

Ramsey acrescentou esse voto aos que fizera sete anos antes, promessas que pretendia manter mesmo que houvesse um divórcio: ele honraria e obedeceria Allie, seria fiel a ela e a amaria até que a morte os separasse.

Imaginou a mulher beijando David Magruder, a mão dele na bunda dela.

– Mas eu ainda sou louco por você, Allie! – Tossiu uma risada patética e repetiu: – Sou louco, louco, louco por você!

As palavras foram seguidas pelo clarão distante de um relâmpago no continente.

Ainda deitado no chão, Ramsey bebeu mais um pouco do uísque e ergueu os olhos para o céu estrelado. Chorou em silêncio pelo fim daquela parte da sua vida enquanto a lancha seguia ao sabor da corrente.

29 de setembro de 2006

A detetive Isaacson recebeu uma ligação no seu celular. Não disse do que se tratava.

– Já estou indo – falou.

Ela se ofereceu para deixar Melanie de volta no hotel, que ficava a alguns quarteirões da lanchonete.

– Não, obrigada – retrucou Melanie, que não queria ficar nem mais um minuto na companhia da detetive. – Prefiro ir a pé.

Depois que a mulher foi embora, ela ficou onde estava, mordiscando as batatas fritas distraidamente. Fazia quase dez horas que havia sido atacada. Desde então tinha sido examinada, apalpada e espetada por um batalhão de médicos e enfermeiras, além de interrogada pela polícia. Seus machucados haviam sido fotografados como prova. E agora aquela detetive acabara de lhe dizer que sua vida inteira era uma mentira.

De repente ela se viu com raiva da detetive Isaacson. Raiva, não. Ódio. Melanie a conhecera apenas algumas horas antes, e conhecia Kendra e Wayne havia quinze anos.

O que tinha ouvido fora demais para ela.

Ela ainda permaneceu na lanchonete por mais algum tempo, depois foi caminhando feito um zumbi de volta para o hotel. Estava

cansada, mas não queria ficar sozinha naquele quarto, então pegou a direção da praia. Não era longe – no outro dia tinha chegado lá em apenas alguns minutos de carro –, mas ela vinha perdendo a energia ultimamente, então foi andando devagar.

Não falamos do passado, diziam os tios.

Melanie convencera a si mesma que a razão era simples: a dor e a lembrança da perda, a tristeza que sempre ameaçava embotar tudo. Não falar sobre o passado era a forma dos tios de lidar com ele. E com o presente também.

Mas o que dizer da ausência de curiosidade de Melanie ao longo dos anos? Como explicar sua aceitação passiva de todas as explicações de Wayne e Kendra? Às vezes ela pensava na mãe, mas nunca em si mesma. Será que, inconscientemente, já suspeitava de alguma coisa? Será que receava perceber alguma incongruência na história dos tios caso os pressionasse e exigisse mais detalhes sobre como tinham ido parar naquele buraco na Virgínia Ocidental? E se ela já soubesse que não tinha capacidade para lidar com a verdade? Talvez tivesse compactuado com a mentira dos tios durante todos aqueles anos ao optar pela ignorância. Ramsey Miller, o bicho-papão, sempre à espreita para pegá-la. Era um modo terrível de viver, mas muito melhor que a possibilidade de ter sido criada pelos próprios sequestradores.

Mas e as cartas da Polícia Federal? Forjadas, imaginou. No entanto, se a detetive estivesse certa, outra pergunta era ainda mais fundamental: por que Wayne e Kendra teriam feito aquilo?

Quando chegou ao quarteirão da praia, o ritmo da caminhada de Melanie era forte. Não havia notado o estado decrépito das casas da primeira vez em que estivera ali. Tampouco tinha prestado atenção no lixo espalhado tanto na areia quanto no calçadão. Mesmo assim, ver o mar a fez desejar tê-lo visto a vida inteira, ter sido criada naquele lugar. Como Wayne e Kendra se atreveram a lhe dizer que Silver Bay era um local a ser temido? Ela se sentou no banco mais próximo e ficou admirando o vaivém das ondas, adiando o máximo

possível seu retorno ao hotel. A certa altura, no entanto, o vento mudou, trazendo consigo o frio, e ela se levantou para ir embora.

O trajeto de volta foi ainda mais cansativo. Ela suava e ofegava. Quando enfim atravessou o estacionamento do hotel, pouco antes de entrar na recepção, ouviu alguém dizer:

– Nós sacrificamos *tudo* pra proteger você, e é assim que você nos agradece?

Melanie se virou na direção da voz e precisou se esforçar para compreender o que viu: seu tio Wayne recostado à fachada do prédio, logo ao lado da porta.

– Como você...?

– Você sabe muito bem que não deveria estar aqui – interrompeu ele. Baixando a voz, continuou: – Por Deus, Melanie, este é o último lugar em que você deveria estar. – Só então notou o estado da sobrinha. – O que é isso na sua cabeça?

– Fui atacada, mas isso não importa. Como foi que você me encontrou?

Mas já sabia a resposta.

– Claro que importa! Você está com um...

– Como você me encontrou?

– Esse rapaz que você está namorando teve a decência de...

– Ele não tinha o direito de fazer isso. – Melanie já estava se afastando. – E eu não tenho nada pra te dizer.

Então ela correu para dentro do saguão.

Antes que as portas automáticas se fechassem, Wayne entrou também e a seguiu até a área de banhistas, onde não havia ninguém. Diversas espreguiçadeiras encardidas cercavam a piscina pequena e turva. Melanie sentou-se numa delas e enterrou o rosto nas mãos. Wayne se acomodou perto dela.

– Quem machucou você?

– Não sei. Fui assaltada, só isso.

– Claro. Esta cidade é um inferno – disse Wayne baixinho, mas com firmeza. – Ficamos apavorados com seu sumiço. Estou muito

bravo com você.

– Deixei um bilhete falando para vocês não se preocuparem.

– Bem, nós ficamos preocupados. E muito. Achamos que *ele* tinha encontrado você.

– Ah, para com isso! – exclamou Melanie, fulminando o tio com o olhar.

– Com o quê?

A maldita detetive. Melanie não queria acreditar nela.

– Para de mentir pra mim.

– Meu anjo, eu nunca...

– Você me sequestrou, tio Wayne.

– O quê? Não! Fala baixo... O que você quer dizer com isso?

– O programa de proteção a testemunhas... Sei que você inventou tudo.

– Não é verdade. Quem foi que...?

– A polícia daqui investigou tudo. Falaram com a Polícia Federal. Vocês inventaram a história toda.

– A polícia? Você procurou a...? – Wayne balançou a cabeça. – Meu amor... eles são uns idiotas completos, você sabe disso. *Claro* que eles cometeram algum engano. Já faz muito tempo, e os arquivos acabam... – Ele respirou fundo. – Você não devia ter procurado a polícia. Não devia ter vindo pra cá. É muito arriscado. A gente nem tem permissão pra estar aqui! É como eu sempre disse... É como eu digo... A gente tem que...

Melanie permaneceu em silêncio, observando a boca do tio formar palavras cada vez mais sem sentido. Quanto mais o via gaguejar, mais tinha certeza: aquele homem a havia sequestrado e enganado, inventando um monte de histórias para amedrontá-la e mantê-la sempre por perto, debaixo das suas asas.

– Por quê? – perguntou ela, afinal. – Por que você fez isso?

Wayne olhou para a piscina por alguns segundos. Folhas grandes boiavam na água.

– Crescer sem os pais, Melanie... Ser mandada para lares adotivos... Você nem imagina como é. As surras, as humilhações diárias, mesmo quando você se comporta bem. – Ele parecia estar vendo o próprio passado naquelas folhas. – A barulheira que não parava nunca... gente chorando, gente gritando, gente gemendo de dor... De noite as crianças mais velhas machucavam as mais novas com pedras, com facas improvisadas. O cheiro de doença no ar. O fedor. Bosta, mijô, vômito... – Ele olhou para Melanie. – De noite eu ia pra cama e rezava pra morrer durante o sono. Então um dia fecharam o lugar, o casal que ficou comigo... Ia ser melhor, só poderia ser melhor. Mas não. A mulher me trancava num armário escuro... Apagava o cigarro no meu braço... E *e/e*. Ele era ainda pior. – Melanie nunca o vira chorar. – Eu não ia deixar que você tivesse esse tipo de destino.

– Que loucura – disse ela baixinho. – Não quero ouvir nada disso.

– Você veio pra cá em busca de respostas, Melanie. Então agora vai tê-las. – Ele respirou fundo. – Na noite do crime a gente foi para um bar que tinha perto da casa do seu pai. Eu, o Eric e o Paul. Mas a gente estava muito preocupado com a sua mãe. Nenhum de nós teve a vida segura que você teve, Melanie. Nós já tínhamos visto o que uma pessoa é capaz de fazer com outra. E o Ramsey, seu pai, estava agindo de um modo bem estranho naquele dia. O jeito de olhar... Todos nós já tínhamos visto aquele olhar em outras pessoas. Então, quando fomos embora do bar, passei lá para ver como estavam as coisas.

– Eric Pace me disse que vocês estavam bêbados e que voltaram direto pra casa.

– Você procurou o Eric? – perguntou Wayne com os olhos arregalados. – Isso foi o que eu disse para ele, Mel. Não podia contar a verdade pra *ninguém*, nem pros meus amigos. Precisava proteger você. Que droga, Melanie, você sabe que eu não gosto de falar sobre essas coisas... – Ele respirou fundo. – Então a gente saiu do bar, cada um foi pro seu carro, mas em vez de ir embora, voltei

pra beber mais alguma coisa. Estava com medo, sabe? Não queria ir lá, não queria enfrentar o Ramsey. Mas eu sabia que precisava fazer isso. Então tomei mais uma cerveja, depois peguei o carro e fui à casa de vocês. E aí a coisa tinha sido bem pior do que eu poderia ter imaginado. – Ele engoliu em seco. – Vi sua mãe no fogo, Mel. Sabia que o Ramsey ia pra cadeia, talvez para sempre, e que você ia para algum lar adotivo. Tudo aconteceu muito rápido. Eu era praticamente uma criança, e não tive tempo pra pensar em nada, pra raciocinar. Agi por instinto, entende? – Ele parecia sofrer ao lembrar disso. – Eu sabia que precisava levar você comigo. Cuidar de você. Criar você em um lar. Depois, quando fiquei sabendo que o Ramsey tinha conseguido fugir, não tive mais dúvida de que tinha feito a coisa certa. Vi que era essa a minha missão na vida.

– E a tia Kendra? Ela sabia de tudo?

– Sabia que a gente podia viver como uma família – disse Wayne. – Que a gente podia ter nossa casa e viver em paz, uns cuidando dos outros. Isso era tudo o que ela queria da vida.

– Não foi isso que perguntei.

– Não, ela não sabia de nada. E ainda não sabe. Pensa que foi tudo feito dentro da lei. Foi uma espécie de favor que fiz a ela, não contar nada.

Claro: as cartas. Tinham sido forjadas não para enganar Melanie, mas para enganar Kendra.

Melanie pensou em todas as refeições que tinham feito como uma família. Em cada noite em que fora dormir acreditando que sabia tudo sobre a própria vida.

– Você mentiu pra mim a vida inteira. Tudo é uma grande mentira.

– Não, isso não é verdade. – Os olhos de Wayne estavam suplicantes. – Sua tia ama você. E eu também. Somos uma família.

– Não diga isso.

– Você sabe que somos.

Naquele momento Melanie queria pular na piscina e limpar da alma tudo aquilo que tinha acabado de ouvir. Mas até a água estava suja.

A cabeça dela latejava.

– Estou morrendo de dor de cabeça. Preciso tomar um analgésico.

Então ela levantou e se afastou. Deixou que Wayne a seguisse. No quarto, tomou dois comprimidos de Tylenol e se deitou na cama sem tirar as cobertas. Wayne agora andava de um lado para outro no pouco espaço de que dispunha no carpete.

– Esquece o que eu disse sobre você ir trabalhar comigo na oficina – falou. – Pode voltar pra universidade se quiser. Estudar o que bem entender. E se quiser trabalhar no jornal da faculdade... Acho que tudo bem.

Trabalhar no jornal? Será que ele não tinha entendido nada do que ela dissera?

Wayne pegou um sachê de café e imediatamente Melanie sentiu o estômago revirar.

– Por favor, não faça café. – Quando ele franziu a testa, ela mentiu: – Estou com o olfato muito sensível por causa da dor de cabeça.

Ele deu de ombros e jogou o sachê aberto no lixo.

– Você já tem quase 18 anos – continuou, sentando-se à mesa perto da janela. – Sei que a gente precisa começar a tratar você como adulta. Eu entendo, juro que entendo. Mas podemos dar um jeito nisso. Todas as cartas estão na mesa.

Nada daquilo era simples. Wayne havia mentido sobre muitas coisas, mas não sobre os sacrifícios que fizera para protegê-la. Apesar de tudo, ela ainda se sentia segura na companhia dele, mesmo agora. Era um sentimento familiar e tentador. Poderia facilmente pensar naquela viagem como um impulso infantil de querer bancar a detetive dos livros de Nancy Drew e voltar com o tio para sua casa em Fredonia. Por outro lado, sabia muito bem por que

isso era tão sedutor: se permanecesse com os tios, não teria de se responsabilizar por si mesma nem por ninguém.

– Não. Não vou voltar com você.

– Meu amor...

– Não posso mais viver desse jeito. Não quero. Vou encontrar meu pai.

– Você não vai conseguir. A polícia não conseguiu. O FBI não conseguiu.

– Mas vou tentar de qualquer jeito. Você pode voltar pra casa agora mesmo se quiser. O Phillip já está a caminho. Ele vai cuidar de mim.

– O Phillip? Acho difícil acreditar – retrucou Wayne.

Nesse momento, os dois olharam pela janela e viram um carro da polícia entrar no estacionamento do hotel.

– Deve ser pra mim – disse Melanie. – Por causa disto aqui. – Ela apontou para a testa machucada.

– Melanie, este lugar não presta.

– Pode ser. Mas agora preciso ir lá, ver o que eles querem. Acho que nenhum de nós quer que um policial venha bater na porta deste quarto.

Quando Melanie se levantou da cama, Wayne tocou o braço dela.

– Você nunca devia ter vindo a Silver Bay.

Melanie pensou se aquela seria a última vez que ele a tocaria.

– Vá para casa, tio Wayne. Só para deixar claro, acrescentou: – Não se preocupe, não vou denunciar você.

Quem estava lá era o oficial Bauer, que a levaria à delegacia.

– Por que vocês vieram me buscar? – perguntou ela.

– A detetive Isaacson pediu.

– Por quê?

– Imagino que ela queira falar com você.

– Posso dar um telefonema antes?

– Não dá pra ser na delegacia?

– Não, não dá.

Ela pegou o celular do policial e ligou para Phillip, que atendeu imediatamente.

– Estou em Trenton! – exclamou ele, empolgado como se tivesse acabado de pisar na Cidade das Esmeraldas do Mágico de Oz.

Melanie estava furiosa com ele por ter contado a Wayne sobre seu paradeiro, mas não podia dizer nada com o policial a seu lado. Então pediu apenas que ele a encontrasse na delegacia de Silver Bay, não no hotel. Devolveu o celular ao agente Bauer e ele abriu a porta do carro para que ela entrasse.

– Cuidado com a cabeça – falou.



Por quase uma hora Melanie ficou esperando no banco duro da minúscula recepção. Sua dor de cabeça piorou em razão da luz forte das lâmpadas fluorescentes. Pessoas passavam para todos os lados sem nem perceber que ela estava ali. Melanie ouviu a chuva começar a bater no telhado. Então a detetive Isaacson enfim emergiu das profundezas da delegacia.

– Desculpe fazê-la esperar, mas se não a buscássemos no hotel não haveria jeito de falar com você. – Ela apertou a mão de Melanie.

– Você deveria pensar em comprar um celular. Obrigada por ter vindo. Quer um café?

– Não.

– Tudo bem. Então vamos para um lugar em que possamos conversar melhor.

Melanie ficou tensa. Sempre que falava com a mulher, acabava descobrindo algo que não queria saber. Estava quase preferindo a ignorância ao conhecimento. Mesmo assim, seguiu a detetive por um corredor estreito em que fotos de policiais veteranos se enfileiravam na parede. Todos pareciam orgulhosos, acompanhando-a com um olhar acusatório.

Elas entraram numa sala pequena que continha uma mesa com cadeiras de modelos diferentes em volta. Isaacson fechou a porta e sinalizou para que Melanie se sentasse. Depois se acomodou ao lado dela e abriu à sua frente uma pasta de arquivo.

– Pedi que transcrevessem o depoimento que você deu mais cedo e queria que lesse o que está escrito. Se achar que está tudo certo, é só assinar. Se quiser fazer alguma alteração, me fale.

Melanie examinou os papéis. Achou estranho ver suas palavras impressas.

– Aliás, você estava certa quanto ao homem que a atacou. Bill Suddoth já tinha passagem pela polícia. Nada grave: embriaguez, perturbação da ordem, coisas assim. Prontificou-se a colaborar quando fui ao apartamento dele hoje à tarde e falei que estava investigando uma agressão cometida por um homem do tamanho dele, usando o mesmo tipo de sapato que ele estava calçando. Você estava certa quanto aos calçados: eram tão brilhantes que eu queria que ele engraxasse os meus. Pois bem, na mesma hora ele colocou a culpa em Magruder, dizendo que o patrão havia ameaçado demiti-lo se ele não desse um jeito em você.

Melanie ergueu os olhos do documento. Apesar dos hematomas e das dores que ainda sentia, teve dificuldade para acreditar no que acabara de ouvir.

– David Magruder queria me matar?

– Foi isso que Bill Suddoth alegou. Disse também que decidiu convencer você a deixar a cidade. Você sabe, falar em vez de fazer coisa pior. Garantiu que nunca teve a intenção de machucá-la. – Fitando Melanie diretamente nos olhos, Isaacson disse: – Acho que é uma grande mentira.

– Que parte?

– A história toda. Magruder, com todo o dinheiro e os contatos que tem, jamais confiaria em alguém como Bill Suddoth pra matar uma pessoa cumprindo suas ordens. Em vez disso, pagaria uma fortuna a um matador profissional. Minha tese é a seguinte: dirigir

os carrões de Magruder provavelmente é o melhor emprego que Bill já teve na vida, e acho que ele faria quase tudo pra mantê-lo. Assassinato não, mas quase tudo. Agora, de acordo com o que você disse, se *num dia* Magruder ficou “feliz” ao saber que você estava viva, então duvido muito que *no dia seguinte* ele quisesse vê-la morta. Mas depois de recobrar a lucidez, é bem provável que ele tenha se afligido com alguma coisa a ponto de decidir que o melhor a fazer era convencê-la a sair desta cidade e nunca mais voltar.

– Se afligido com o quê?

– Bem, ainda não sabemos direito. Mas vou fazer o possível pra descobrir quando for interrogá-lo. Por isso preciso ter certeza de que esta transcrição está correta.

– Quando você vai falar com ele?

– Agora.

– Quer dizer que ele está *aqui*?

– Está. Mas não sabe que é um suspeito. Dissemos que Bill Suddoth tinha sido detido por conta de uma agressão, dando a entender que o depoimento dele seria apenas uma formalidade, que o caso já estava praticamente encerrado. Assim que ele se sentir acuado, vai exigir a presença do advogado. Então acho que temos uma boa chance de pegá-lo desprevenido.

Melanie correu os olhos pela transcrição. Todos os fatos estavam ali, mas algo não se encaixava.

– Vocês estão fazendo isso... estão armando uma arapuca pra uma pessoa famosa... só porque o motorista dele me ameaçou?

Isaacson suspirou.

– David Magruder cometeu um crime sério ao orquestrar essa agressão contra você, e ainda fez a burrice de envolver alguém como Bill Suddoth. Por que você acha que ele correria um risco desses?

– Acho que ele ficou apavorado com alguma coisa.

– Exatamente. Mas o que o deixou tão apavorado? – perguntou a detetive, e ela mesma respondeu: – Você. – Em seguida fez algo

surpreendente: tomou a mão de Melanie entre as suas. – Meu bem, acho que é possível... aliás, mais do que possível... que David Magruder seja o responsável pela morte da sua mãe.

– Foi meu pai que matou minha mãe – disse Melanie automaticamente, recolhendo a mão e ficando de pé.

Essa era a verdade porque tinha que ser. Era única certeza que ainda lhe restava.

– Melanie, eu reli todos os documentos de 1991. Você estava certa. Magruder não tinha mesmo nenhum álibi. E mentiu numa gravação para a polícia sobre seu relacionamento com a vítima.

– E daí?

– E daí que, para mim, a polícia foi muito complacente com ele na época. Cheguei a conhecer Danny Esposito, o responsável pela investigação. Trabalhamos juntos por um tempo. Era um cara bacana, ótimo pra organizar uma festinha de Natal. Mas como detetive... – Ela balançou a cabeça. – O fato de ele ter interrogado Magruder mais de uma vez já é espantoso. Mas em nenhum momento o incluiu na lista de suspeitos. Jamais faria uma coisa dessas, a menos que uma prova concreta fosse esfregada em seu nariz. Não quando se tratava de uma celebridade local que negava conhecer a vítima, e muito menos quando havia outro suspeito bem mais óbvio, seu pai, que segundo várias testemunhas vinha agindo de um modo estranho naquele dia, falando coisas sem pé nem cabeça.

– Meu pai era o suspeito mais óbvio porque realmente era o criminoso – disse Melanie. Precisava que isso fosse verdade, então repetiu feito um mantra: – Meu pai matou minha mãe.

– Meu bem...

– Por favor, não me chame assim. – Após um dia inteiro sendo jogada de um lado para outro por médicos e policiais condescendentes, Melanie recebeu como um alívio, quase como um prazer, a possibilidade de enfrentar a detetive. – Não sou uma criança. E não me interessa o que David fez ou deixou de fazer,

muito menos os motivos dele. Meu pai matou minha mãe e pronto. Eu sei.

– Melanie, concordo com o fato de que o desaparecimento do seu pai é mesmo um mistério, mas nem todo mundo que desaparece é um assassino. Além disso, acho bastante plausível que David Magruder tenha matado sua mãe e fugido, e que depois, em algum momento da mesma noite ou da madrugada, Wayne Denison tenha voltado à cena do crime e, apavorado com o que viu, tenha levado você embora para algum lugar mais seguro.

– Não é nada disso.

– Seu tio fez o que qualquer outra pessoa teria feito no lugar dele. Pelo menos num primeiro momento. Ele precisava protegê-la do seu pai. Nada mais compreensível. Mas ter retido você esses anos todos... – Isaacson suspirou. – Aí já é bem mais difícil de entender.

Desde aquela tarde Melanie vinha fazendo o possível para odiar Wayne. *Ele não é nem seu tio de verdade!*, lembrou a si mesma diversas vezes. Simplesmente não conseguia.

– Ele não estava me “retendo”. Estava me criando. Fez o que achou que precisava fazer.

– O problema é que ele *não* precisava. Seu tio nunca deveria ter tomado aquela decisão para si. – A detetive suavizou a voz: – Estamos nos coordenando com a polícia da Virgínia Ocidental para que o Sr. e Sra. Denison sejam detidos como medida cautelar. Espero que você entenda que não temos outra opção.

Melanie sentiu uma súbita fraqueza nas pernas. Sentou-se de novo e tentou se concentrar em uma nova frase: *David Magruder matou minha mãe.*

– Diante de tudo isso – prosseguiu a detetive –, eu gostaria que você permanecesse na delegacia enquanto interrogo o Sr. Magruder. Como eu disse, preciso agir com rapidez antes que ele perceba o que estamos fazendo e comece a usar sua fortuna para contratar uma equipe de advogados. Depois disso será muito mais difícil

extrair alguma coisa dele. Então preciso de você por perto caso ele diga algo que eu precise verificar, ou que contradiga algo que você me contou. Ele jamais saberá que você está aqui.

Meu pai não matou minha mãe.

– Não temos provas suficientes para indiciá-lo por homicídio – continuou Isaacson. – Minha esperança é conseguir nessa conversa alguma coisa que nos possibilite começar a fundamentar um caso.

Provas. Fundamentar um caso. Palavras sem nenhum sentido. *Meu pai matou minha mãe. Meu pai não matou minha mãe.* A visão de Melanie começava a ficar turva. Ela não ouvia mais a detetive. Estava pensando nos inúmeros ruídos misteriosos que ouvira ao longo dos anos, em todas as vezes que receara estar sendo seguida ou observada por alguém, em todas as horas temendo que um simples erro significasse sua morte, no pânico de que o pai estivesse escondido atrás de uma árvore qualquer, esperando a oportunidade de atacar. Nada daquilo tinha sido real.

– Melanie?

Finalmente sua atenção retornou à delegacia, àquela mulher que num único dia conseguira jogar por terra cada uma de suas convicções. A detetive Isaacson não tinha culpa de nada, mas Melanie sabia que jamais seria capaz de perdoá-la.

– Quero ouvir tudo – disse ela.

– Tudo o quê? O depoimento de Magruder? Não, não dá para fazer isso.

Porém Melanie não estava mais disposta a aturar explicações, justificativas e teses de ninguém. Estava cansada de ser informada das coisas por último. Se Magruder era ou não culpado, ela queria saber em primeira mão, queria ouvir isso da boca dele.

– Claro que dá – retrucou Melanie. – Você pode me colocar atrás de um daqueles espelhos que a gente vê do outro lado ou...

– Não temos nada do tipo aqui.

– Então um microfone. Uma câmera de vídeo, sei lá. Vocês devem ter algum...

– Nós usamos uma webcam. Mas, Melanie, infelizmente isso não vai ser possível. Existe todo um protocolo a ser seguido de modo que a integridade das provas e dos depoimentos seja preservada.

– Ah, é? – Melanie ficou furiosa ao constatar que estava com os pés e as mãos atados. Precisou refrear um impulso infantil de jogar alguma coisa no chão. – Então vou embora.

– Melanie...

– Vou voltar atrás na história toda. Não vou assinar nada. – Ela fechou a pasta de arquivo e a largou sobre a mesa. – Meu pai matou minha mãe. Você não pode mudar isso. E meu namorado já deve estar chegando. Assim que ele aparecer, quero ir embora.

– Não posso fazer o que você está pedindo... – disse Isaacson, tentando, sem grande sucesso, mascarar a própria frustração. – Eu até queria, mas...

– Queria, é?

– É claro que queria.

Melanie olhou bem dentro dos olhos da detetive e falou:

– Caí na escada. Bati a cabeça e machuquei a barriga.

– Melanie, não faça isso.

– Um acidente idiota, mas foi isso que aconteceu. Caí na escada e ponto final. Não vou assinar transcrição nenhuma. Não sei por que falei essas mentiras todas. Talvez por causa da pancada na cabeça. Mas você pode me acusar do que quiser: de ter feito você perder seu tempo, de ter mentido para a polícia... Mas quero fazer um depoimento novo, dizendo que caí na escada. Esse eu assino. Até juro se for preciso.

Seguiu-se um momento de silêncio em que a detetive ficou olhando fixamente para a pasta fechada. Melanie podia ver que ela estava pesando os riscos.

– Vou deixar você acompanhar a entrevista de um dos terminais de computador – concordou Isaacson, por fim. Estava visivelmente contrariada, mas para Melanie isso não tinha a menor importância. – O agente Bauer vai ficar a seu lado o tempo todo. Mas preste muita

atenção, Melanie: você não pode dizer nada, a quem quer que seja, sobre o que ouvir aqui. Caso contrário, vai prejudicar o seu próprio caso. Ou o da sua mãe. Fui clara?

Melanie ficou tão perplexa por ter sucesso que a única coisa que conseguiu fazer foi assentir.

24

Se David Magruder tivesse sido levado à sala de interrogatório oficial – um cubículo tão aconchegante quanto uma cela de presídio, deliberadamente concebido para intimidar –, perceberia no mesmo instante que estava sob suspeita e que o pedido da detetive Isaacson (“ajudar discretamente na investigação de uma situação delicada envolvendo um dos seus funcionários”) era uma meia verdade. Foi por isso que, como o agente Bauer explicou a Melanie, a detetive havia preferido falar com ele na “sala de descanso” da delegacia, um espaço reservado para cafezinhos e bate-papos rápidos.

Em uma das paredes havia uma máquina de refrigerantes e uma de salgadinhos. No meio da sala, uma mesa redonda com um vaso de flores artificiais era cercada por quatro cadeiras. Num quadro de cortiça estavam pregadas diversas tirinhas de jornal com charges retratando policiais. Também havia uma câmera pequena, quase imperceptível, acima da porta, gravando tudo o que acontecia ali dentro.

Vestindo um terno escuro com o nó da gravata afrouxado, Magruder batia papo com um policial sem uniforme. A certa altura, o homem pousou a mão no braço dele e ambos riram. Ou a armadilha estava tendo o efeito desejado ou Magruder fingia perfeitamente

uma tranquilidade pouco plausível para alguém que havia trabalhado o dia todo depois de ter bebido todas na noite anterior.

– Isso não vai funcionar – disse Melanie ao oficial Bauer, com uma súbita convicção. Bauer sentava-se diante do monitor numa cadeira bamba que rangia a cada movimento. Melanie estava ao lado dele. Ver Magruder na tela de um computador não era muito diferente de vê-lo na televisão, onde ele sempre tinha controle absoluto sobre a situação. – Ele trabalha entrevistando os outros – explicou Melanie. – Conhece todos os truques.

Bauer aumentou o volume do computador.

– A detetive Isaacson também.

Nesse momento, os dois viram pela tela a detetive entrar na sala e apertar a mão de Magruder. Ela estava intencionalmente esbaforida e distraída. Sentou-se rapidamente e começou a folhear os papéis de uma pasta de arquivo.

– Mais uma vez, muito obrigada por ter vindo, Sr. Magruder.

– Me chame de David.

Ela sorriu.

– Tudo bem, David. – Virou-se para o outro policial: – Você já pode ir. Obrigada por ter feito companhia ao nosso visitante.

Sorrindo também, o policial apertou a mão de Magruder.

– Foi um prazer. Sério. Gosto muito do seu programa.

Magruder assentiu.

Ao sair da sala o policial puxou a porta displicentemente às suas costas, deixando-a entreaberta, e se afastou, deixando claro que ninguém estava sendo mantido ali contra sua vontade.

Isaacson se sentou ao lado de Magruder.

– Como eu disse no carro, você não faz ideia de como sua ajuda é importante pra fecharmos esse caso o mais rápido possível. Receio que Bill Suddoth... – Ela franziu a testa. – Quer um café? Um refrigerante? Alguma outra bebida? Esqueci de oferecer antes.

– Não, obrigado – respondeu ele, e cruzou as pernas.

– Tudo bem. – Outro sorriso amigável. – Se mudar de ideia... Voltando a Bill Suddoth: ele agrediu uma moça hoje de manhã. Hum, eu também já tinha dito isso no carro, não é? Me desculpe. Enfim, ela ficou bastante machucada. Hematomas, contusões, uma concussão na cabeça...

– Sinto muito em ouvir isso.

– Pois é. Bem, felizmente a moça... Alice Adams é o nome dela... felizmente ela foi capaz de identificar o Sr. Suddoth pouco depois da agressão. Conversamos mais cedo, e ela disse que a única possibilidade é que o Sr. Suddoth tenha ficado obcecado com ela enquanto a levava de carro pela cidade, ontem. Falou que o tinha achado meio estranho. Acho que “esquisitão” foi a palavra que ela usou. E hoje de manhã... bem, como eu disse, ela foi agredida. Não acreditamos que se trata de uma agressão sexual, mas ainda não descartamos por completo essa hipótese.

– Isso é horrível.

– O senhor já sabia dessa instabilidade do Sr. Suddoth?

– Não contrataria uma pessoa se soubesse...

– Não, claro que não. Não estou sugerindo que o senhor já suspeitasse que ele fosse capaz de uma coisa dessas. Mas ele possui antecedentes criminais.

– Possui?

– Nada muito grave, mas ele também não é nenhum anjo. Imagino que o senhor não soubesse disso quando o contratou.

– Não, é claro que não.

– No futuro, procure a gente antes. – A detetive tirou da carteira um cartão de visita e o deslizou pela mesa na direção de Magruder.

– Fale comigo. Posso fazer a busca pessoalmente. – Sorrindo, ela acrescentou: – Essa é uma das vantagens de se morar numa cidade pequena.

– Obrigado. – Magruder deu uma olhada rápida no cartão e guardou-o no bolso da camisa.

– Ah, não precisa agradecer. Vivemos tempos muito violentos. Todo cuidado é pouco.

Magruder assentiu.

– Sabe, eu não havia parado pra pensar nisso antes, mas o Bill... ele realmente vem agindo de um modo estranho nos últimos tempos. Na verdade...

– Só para confirmar: Bill Suddoth conduziu a Srta. Adams até a sua casa ontem à noite a que horas exatamente?

David Magruder pareceu irritado. Não estava acostumado a ser interrompido.

– Por volta das seis.

Isaacson rabiscou a informação entre suas anotações.

– Muito bem. A Srta. Adams falou que havia procurado o senhor para fazer uma entrevista. Um trabalho para a faculdade. Vocês conversaram por um tempo, depois o senhor mesmo a deixou no hotel. Então foi apenas quando a levou à sua casa que o Sr. Suddoth pôde ficar obcecado por ela, correto? O senhor diria que essa foi a única vez que ele esteve com ela? Estou perguntando apenas porque preciso estabelecer a cronologia exata dos fatos.

– Parece que foi isso mesmo – disse Magruder. Inclinando-se para a frente, perguntou: – Só por curiosidade, qual foi a explicação que o Bill deu pra tudo isso? Ou será que essa informação é confidencial?

Isaacson deu uma risada.

– Bill Suddoth sabe que corre o risco de ser condenado e preso, então não dá pra levar muito a sério o que ele diz. – Ela tossiu na mão fechada. – Me desculpe por perguntar, mas, na sua opinião, que outro motivo poderia haver para o comportamento dele, fora um interesse sexual? Será que a Srta. Adams disse algo que o deixou com raiva?

– Não faço ideia. Mas acho difícil. Ele é apenas um motorista.

A detetive assentiu.

– Acho que não há dúvidas: é realmente um caso de uma mocinha bonita que estava no lugar errado, na hora errada – disse, depois riu.

– O que foi? – quis saber Magruder.

– Nada. É só que... Bem, o senhor perguntou qual foi a explicação que o Sr. Suddoth deu. Acredita que ele falou que estava cumprindo ordens *suas*?

– O quê? – Magruder descruzou as pernas e se empertigou. – Por que diabo ele diria que...

– Porque Bill Suddoth é basicamente um criminoso bem-vestido. Meteu os pés pelas mãos e agora quer colocar a culpa no peixe grande porque tem antecedentes criminais e está com medo da cadeia. – Ela deu de ombros. – Como eu disse, não dá pra levar a sério o que ele diz. Enfim, o senhor não precisa se preocupar. Isso é o que esses caras sempre fazem. Acredita que ele disse que o senhor mandou matar a moça e que ele resolveu por conta própria apenas dar um susto nela e mandá-la sair da cidade?

– Meu Deus!

– Pois é. Bem-vindo à polícia. Volta e meia temos que lidar com alguém assim. “Foi o presidente que mandou”, “Foi o papa que mandou”.

Com alguma hesitação, Magruder riu.

– “Jesus e Buda conspiraram para...”

– Exatamente! – exclamou Isaacson, rindo também. – Mas me diga uma coisa: sobre o que o senhor e a Srta. Adams conversaram na sua casa?

Magruder retesou os músculos do rosto de forma quase imperceptível.

– Bem, como você mesma disse, ela me entrevistou. Falei do meu trabalho, da minha vida em geral.

– Eu nunca falei que ela o entrevistou.

Magruder inclinou a cabeça para o lado.

– Falou, sim.

– O que eu disse foi que a Srta. Adams esteve na sua casa com a intenção de entrevistá-lo. Segundo ela mesma nos contou, o senhor logo a reconheceu como Meg Miller, até então dada como morta. Diante disso, quem iria querer saber de uma entrevista para o jornal da faculdade?

No monitor à sua frente, Melanie viu o jornalista se enrijecer. Por cerca de dez segundos – uma eternidade –, ele e Isaacson ficaram em silêncio. Magruder correu os olhos à sua volta, como se pela primeira vez se desse conta de onde estava.

– Não estou entendendo.

– Tudo bem – falou Isaacson. – Sei que ela lhe pediu que mantivesse sua identidade em segredo. É por isso que estou lhe dizendo que sei. Ela nos contou também. É impressionante que ela estivesse viva todos esses anos, não é?

Ele assentiu.

– Realmente. Muito impressionante.

– E também uma grande coincidência, não acha?

Melanie imaginou que ele não morderia a isca. Mas não havia como não mordê-la.

– Coincidência? Como assim?

– Bem, veja só: uma mulher é assassinada e a filha dela desaparece. Quinze anos mais tarde a filha volta à cidade e em menos de dois dias também sofre uma agressão. Quero dizer... Que família mais azarada.

– Eu ainda não havia pensado nisso.

– Porque dificilmente pode haver alguma conexão entre uma coisa e outra, certo?

Magruder encarou a detetive por alguns segundos. Depois abriu um sorriso largo, deixando à mostra os dentes perfeitos.

– Detetive Isaacson, o que está acontecendo aqui?

– Como assim?

Ele balançou a cabeça.

– Você está me interrogando, não está? Tudo isto... – Ele apontou para as máquinas da sala, para a porta entreaberta. – Tudo isto não passa de uma encenação.

– Claro que não. Tenho certeza absoluta de que o Sr. Suddoth é culpado. Por isso é *ele* que está detido, e não o senhor. Mas o sujeito insiste que estava cumprindo ordens suas.

– O que é mentira.

– Claro, é mentira. Mas a Melanie... É assim que Meg Miller prefere ser chamada hoje em dia, mas acho que o senhor já sabe. Pois bem, a Melanie disse que Bill Suddoth, ao atacá-la hoje de manhã, exigiu que ela “sumisse da cidade”. Palavras dela.

– E...

– Bem, acho estranho que ele tenha tirado isso da própria cabeça, concorda? Quer dizer, se ele estava tão obcecado assim por ela, que motivo teria pra mandá-la sair da cidade?

Magruder suspirou fundo.

– Não faço a menor ideia. Está mais do que evidente que ele não bate bem da cabeça. Eu nunca deveria tê-lo contratado.

A detetive descartou a última frase dele com um aceno da mão.

– Ora, todos nós cometemos erros. Vivendo e aprendendo, certo? Mas enfim, não tenho dúvidas de que, no fim das contas, Bill Suddoth será indiciado por agressão e, confessando ou não, será condenado. Mas e se... e isso é apenas uma hipótese... se você realmente quisesse ver Melanie longe da cidade, que motivo teria pra isso?

– Detetive Isaacson, eu não quero ver Melanie long...

– Eu sei. Por isso eu disse que era apenas uma hipótese. Por favor, me deixe terminar. Fiquei me perguntando: por que David Magruder iria querer Melanie Denison longe da cidade? Aí eu lembrei... quer dizer, lembrei, não, pesquisei os arquivos. Vi que o senhor não tinha um álibi para a noite em que Allison Miller foi assassinada.

– Já chega! – exclamou David Magruder, com a mão espalmada no ar como se fosse um guarda de trânsito. – Esta conversa acabou.

– Por favor, Sr. Magruder, não estou fazendo uma acusação. Quero apenas ajudá-lo.

– Ora, detetive, nós dois sabemos que isso é uma grande...

– Realmente estou! Por favor, me escute. Já falei que não acredito numa palavra do que Bill Suddoth disse, mas estou tentando ver a coisa pelos olhos dos jornais e noticiários de TV. Se esta história vazar, nós dois sabemos muito bem o que vai acontecer, não é? Pois é isso que estou tentando evitar. Não quero que o senhor caia nas garras imundas desses... bem, desses jornalistas. O senhor é do ramo, sabe do que eles são capazes. – Quando Magruder não respondeu, ela prosseguiu: – Só estou achando estranho que a versão que o Sr. Suddoth contou bate exatamente com a história dela. – Ela fez uma pausa. – Seria possível o senhor ter mandado o seu motorista *conversar* com a Srta. Denison? Ter dito para ele *não* machucá-la, mas apenas sugerir que seria melhor ela ir embora de Silver Bay?

– Tudo isso que você está dizendo é ridículo, detetive. Mesmo assim, exijo a presença do meu advogado, antes que esse absurdo vá mais longe.

– Sr. Magruder, se quiser chamar seu advogado, não vou impedi-lo. É claro que sabe que tudo o que disser aqui poderá ser usado contra o senhor num tribunal. Mas o senhor não está sendo preso nem é suspeito de nada. O que quero é apenas tentar encerrar este caso o mais rápido possível e liberá-lo antes que algum repórter descubra que o senhor está aqui. Porque... se o senhor tiver orientado seu motorista a solicitar educadamente à Srta. Denison que deixasse a cidade, seja lá por que motivo for, e se ele tiver feito o que fez *por iniciativa própria*, então é só isso que eu precisaria saber. Isso explicaria por que o Sr. Suddoth pediu à Srta. Denison pra ir embora daqui. E os exames de corpo de delito sem dúvida nenhuma provam que ele foi longe demais. Nós poderíamos encerrar

este caso num piscar de olhos e ninguém jamais vai precisar saber que o senhor esteve aqui. Porque com certeza não é crime o senhor ter pedido a seu funcionário para *conversar* com a Srta. Denison. Então? Foi isso mesmo que aconteceu? – Na ausência de uma resposta, ela acrescentou: – Porque, se não foi, serei obrigada a investigar essa alegação absurda de que o senhor mandou matar a moça, e eu detesto investigar alegações absurdas de criminosos. Sobretudo quando há o risco de colocar pessoas como o senhor na mira da mídia: jornais, noticiários, internet... Um escândalo desses certamente prejudicaria sua carreira, e não acho isso certo.

– E eu não gostaria nem um pouco de começar a investigar a incompetência e a corrupção no departamento de polícia de certa cidadezinha de Nova Jersey. Mas é isso que vou fazer se for preciso. E tenho muito mais recursos do que vocês.

– O senhor não tem nenhuma prova disso, Sr. Magruder.

– Você também não.

– Tenho os depoimentos juramentados da vítima e do acusado – disse ela, com a voz suave. – Além do cartão de visita de todos os repórteres que me cumprimentaram nos últimos dezessete anos. Nós dois sabemos que eles vão adorar essa história, Sr. Magruder. A decisão é sua.

David Magruder ficou olhando para a detetive por uns bons cinco segundos, tempo suficiente para que fizesse todos os cálculos de custo-benefício que precisava fazer, bem como para se dar conta de que sua invencibilidade não era eterna. Baixou os olhos para a mesa e procurou se recompor tanto quanto possível.

– Fiz com que ele promettesse que seria gentil com a garota. Falei *especificamente* que não tocasse nela, que não fizesse ameaças. Mandei apenas que conversasse com a Srta. Denison. Eu mesmo teria feito isso, mas precisava estar em Nova York hoje de manhã.

– Está vendo? Foi isso mesmo que imaginei. – Isaacson pareceu quase feliz enquanto fazia algumas anotações rápidas em seu

caderno. – Só tem mais uma coisa que eu gostaria que o senhor me ajudasse a entender.

– Posso tentar – disse Magruder, cauteloso.

Ainda não sabia exatamente onde estava pisando, e sabia que a detetive tinha plena consciência disso.

– O senhor gostou de saber que a Srta. Denison, que o senhor conheceu como Meg Miller, estava viva, não gostou?

– Claro. Fiquei muito feliz em saber que o pai poupou a vida dela.

– Foi o que imaginei. Então por que queria que ela fosse embora daqui tão rápido?

– Por que eu...? – Magruder mordeu o lábio. – Bem, eu não queria exatamente que...

– Queria, sim. O senhor acabou de dizer.

– *Detetive.*

Magruder encheu os pulmões de ar como se precisasse de fôlego para despejar sobre a detetive todos os xingamentos que tinha em mente. Isaacson até lhe deu algum tempo para encontrar as palavras, mas quando elas não vieram, ela continuou:

– Sr. Magruder, foi o senhor que matou Allison Miller em 1991, não foi?

– *O quê?* – despejou ele, levantando-se de um pulo.

– Porque é isso que eu acho – prosseguiu Isaacson. – Allison Miller era uma mulher bonita, e o senhor estava apaixonado por ela.

– O que você está...?

– E, na noite de 22 de setembro de 1991, quando todos já tinham ido embora da casa dos Miller, o senhor a procurou, foi rejeitado e a matou.

– Isso é mentira!

– O senhor a estrangulou com as próprias mãos, depois jogou o corpo na fogueira e deixou que a culpa recaísse sobre Ramsey Miller. Mas foi o senhor.

– Quero meu advogado aqui imediatamente!

– Tudo bem. Vou buscar o telefone – disse Isaacson. – Mas saiba que estou prestes a buscar também aqueles cartões de visita de que falei. Estão todos na mesma gaveta. Dezenas de repórteres sem muito escrúpulo mas com muita sede de uma boa manchete. Não é difícil imaginar o que acontecerá com a sua carreira quando o mundo souber que David Magruder é suspeito de ter matado Allison Miller e agora, quinze anos depois, de ter tentado matar a filha dela também.

– Eu não...

– E essa história vai render por um bom tempo. Vou cuidar pessoalmente disso, começando hoje mesmo, com um mandado de busca para sua casa. Uma dúzia de viaturas vão aparecer por lá com as luzes piscando. Não vai demorar para que os helicópteros de reportagem comecem a circular. Vou levar o tempo que for necessário pra fundamentar meu caso. Finalmente vou acabar reunindo provas suficientes para indiciá-lo por homicídio e, quando isso acontecer, a marca David Magruder já estará enterrada há muito tempo.

– Por que você está fazendo isso? – perguntou Magruder, um colegial inconformado com o castigo dado pela professora.

– Porque você matou uma mulher. E agora que a filha dela voltou, a história também retornou à sua mente: o senhor sente o pescoço da vítima entre os dedos, o cheiro de carne humana queimada.

– Pare com isso.

– Você matou Allison Miller, Sr. Magruder. Admita.

– Não matei ninguém! Juro!

– O senhor jura? – Isaacson baixou o tom de voz: – O senhor mandou Bill Suddoth agredir e ameaçar Melanie Denison, não mandou? – Quando ele não respondeu, ela prosseguiu: – Ou o senhor me conta toda a verdade sobre o que aconteceu hoje de manhã ou em menos de uma hora o mundo inteiro vai saber que é o principal suspeito do assassinato de Allison Miller. É assim que vai

ser: se o senhor confessar que orquestrou o ataque contra Melanie Denison, provavelmente pagará uma multa e cumprirá sua pena em regime de liberdade condicional. Se não foi o senhor que matou Allison Miller, então conte logo de uma vez tudo sobre o ataque. Prove que é capaz de dizer a verdade pelo menos uma vez na vida. Agora. Já.

– A única coisa que fiz foi pedir ao Bill que convencesse a moça a ir embora da cidade.

– O que o senhor o mandou fazer, especificamente?

– Não especifiquei nada. Não falei “Bata nela”, nem mandei ameaçá-la. Falei em termos vagos.

Isaacson assentiu.

– Mas sabia que seu motorista não seria muito diplomático.

– Sim. Acho que sabia.

– Porque sabia que ele tinha antecedentes criminais.

Magruder apenas olhou para a detetive e deu de ombros quase imperceptivelmente.

– Então o senhor também estava mentindo quando disse que não sabia de nada.

Nenhuma resposta.

– Por que queria tanto que Melanie saísse da cidade?

Silêncio.

– Por que tanta preocupação, a ponto de colocar em risco sua preciosa carreira profissional? E por que resolveu colocar o próprio destino nas mãos de alguém como Bill Suddoth?

Mais silêncio.

– O senhor entrou em pânico, eu entendo. Mas por quê?

Isaacson esperou um bom tempo antes de chegar a seu limite e perder a paciência com o irritante silêncio dele.

– O senhor tem dez segundos para responder. Depois vou sair por aquela porta, chamar seu advogado e garantir pessoalmente que seu rosto esteja estampado no noticiário das dez de todas as emissoras de TV do país.

Então a detetive o encarou em silêncio e Melanie podia jurar que mais de dez segundos já haviam se passado quando Magruder, agora com a voz bem mais humilde, enfim se manifestou.

– Posso lhe dizer uma coisa extraoficialmente? – perguntou, quase sussurrando.

– *Extraoficialmente?* – Isaacson balançou a cabeça como se estivesse com pena do seu interrogado. Ela se levantou. – Sou uma policial, amigo, não uma jornalista.

Já estava quase na porta quando Magruder disse:

– E se eu tiver testemunhado um crime e não tiver avisado à polícia? Qual é o nível de gravidade disso?

Isaacson fechou completamente a porta que estava entreaberta e voltou a se sentar.

– Que tal você contar tudo o que sabe e deixar a promotoria decidir?

25

Mal conseguindo respirar, com os olhos pregados na tela pequena do computador, Melanie ouviu David Magruder contar à detetive Isaacson sobre a noite de 22 de setembro de 1991. Num estado de total desequilíbrio emocional, Allison Miller batera à porta dele, sugerindo que ambos terminassem seus respectivos casamentos e dessem à amizade que tinham a chance de se tornar algo maior. Ele a havia rejeitado de um modo ríspido e cruel, porque não queria arruinar a grande oportunidade profissional que a esposa estava prestes a lhe dar. Magruder falava devagar, em tom monocórdio, e Melanie interpretou suas pausas como tentativas de controlar a emoção e, provavelmente, o enjoo.

Allison Miller saiu da casa dele e Magruder a chamou de volta, mas ela continuou andando de volta para a própria casa. Mais ou menos uma hora depois, sentado à soleira da sua porta, ele ainda pensava em tudo o que tinha acontecido quando viu o carro de Ramsey Miller se afastar. Foi aí que ele resolveu ir ao encontro de Allison.

– Ela estava tão furiosa... – contava ele agora, olhando para a parede à sua frente. – Até então eu nunca a tinha visto naquele estado. Eu não havia mudado de ideia, mas queria me desculpar por ter sido tão rude com ela.

Ele deu a volta até os fundos – até onde sabia, a festa ainda não tinha terminado –, mas encontrou o quintal vazio e escuro, iluminado apenas pelas labaredas da fogueira. Pelo portão escancarado, notou uma movimentação nos fundos do terreno e, assim que seus olhos se acostumaram ao breu, Magruder constatou que era Allie quem estava ali, beijando alguém.

– A princípio pensei que ela e o marido tinham se acertado e que eu tivesse me enganado quanto ao carro de Ramsey. Mas... não. Aquilo não estava certo.

– O que não estava certo? – quis saber a detetive.

Sempre que precisava de alguma informação mais precisa, Isaacson interrompia o relato com uma pergunta, mas na maior parte do tempo deixava Magruder falar livremente.

– O jeito como eles se moviam... – Magruder olhava para o nada, falando do próprio passado como se visse um filme. – Aquilo não era um beijo. Era outra coisa bem diferente.

– O senhor testemunhou o assassinato de Allison Miller, Sr. Magruder? – perguntou a detetive. Mas ele não estava ouvindo. – Sr. Magruder?

– Testemunhei.

– E não fez nada pra impedir?

– Cheguei tarde demais pra fazer o que quer que fosse.

– Tem certeza? Allison já estava morta quando o senhor chegou?

– Não, é que... era tarde demais. Eu sabia que não poderia...

– Tudo bem. Mas o senhor também não fez nada depois. Poderia ter chamado a polícia a qualquer momento.

– Fiquei com medo.

– Medo do quê? – Na ausência de uma resposta, ela questionou:
– De um embate físico, é isso?

– Sim – disse ele. E depois: – Não.

– Sim ou não?

– Sei como são as pessoas. Se ficassem sabendo que eu estava presente na cena do crime, não deixariam barato.

– Como assim, “não deixariam barato”? Não entendi.

Ainda olhando para a parede, ele falou:

– Elas teriam escolhido o outro cara.

– Que outro cara?

– Estavam entre dois candidatos, eu e esse outro sujeito, um ex-atleta da Califórnia. Um de nós ia ficar com a vaga. Era o mercado de Nova York. Eu precisava desse emprego. Era tudo o que eu queria na vida. Jamais apareceria outra oportunidade igual.

– E foi nisso que o senhor pensou enquanto via sua amiga ser assassinada? No mercado de trabalho de Nova York? – Ele ficou em silêncio, e ela perguntou: – E depois, o que o senhor fez?

– Voltei pra casa.

– E o que fez quando chegou em casa?

– Liguei a TV. Estava passando *O Planeta dos Macacos* e eu assisti.

– Sr. Magruder, quem matou Allison Miller?

Ele fechou os olhos com força, como se precisasse disso para reviver a cena mentalmente. Ao reabri-los, disse:

– Estava escuro naquele quintal, difícil de enxergar... Aliás, minha visão noturna nunca foi grande coisa. Mas Ramsey Miller não era um homem alto. E o sujeito que estava com Allie no quintal... era um cara grande.

– Grande como? Obeso?

Só podia ser Eric, pensou Melanie. Eric saiu do bar, voltou à casa e...

– Não – respondeu Magruder. – Não era exatamente gordo, mas alto e largo. Você sabe... grande.

– Quem o senhor acha que era?

Os dentes de Melanie batiam. Suas mãos tremiam.

– Não tenho certeza, mas acho que era um dos músicos que estava no palco. O mais novo. O guitarrista.

22 de setembro de 1991

Allison perambulava pela casa, resmungando consigo mesma, oscilando entre a humilhação e a raiva.

Caso você precise satisfazer certas necessidades...

Quanta arrogância. Um sujeitinho que não fazia nada mais importante que informar a previsão do tempo numa emissora pequena. Bem, ela estava muito errada a respeito dele. Por Deus, teria feito qualquer coisa por ele – teria arrancado as próprias roupas naquela sala, trepado com ele no sofá de couro, no carpete... Estava nas mãos dele. Tudo o que ele precisava fazer era admitir o que sentia. Admitir a conexão especial que havia entre os dois. Que tudo aquilo significava alguma coisa. Então, ou ela havia se enganado quanto à existência dessa ligação ou o sujeito era um grande covarde.

Mas agora aquilo era coisa do passado, e agora ali estava ela, presa a um casamento que também não existia mais. Só de pensar nisso seu corpo todo doía. Era melhor não pensar.

Foi à cozinha buscar sacos de lixo, saiu para o quintal e começou a recolher coisas da grama, das mesas, do chão, dos canteiros e do parapeito da varanda: pratos de papel, talheres de plástico e

guardanapos sujos. As pessoas eram tão porcas... Esvaziou copos de cerveja e latas de refrigerante na grama antes de jogá-los fora.

Ela fazia tudo sem pressa nenhuma. A certa altura, foi para a chopeira mais próxima, serviu-se de um copo e o bebeu de uma vez, talvez um tanto rápido demais. Jogou o copo no lixo. Finalmente o quintal estava em silêncio. Em paz. O ar estava morno e soprava uma brisa agradável. A única iluminação vinha das janelas da cozinha. Allie continuou limpando. Por duas vezes quase pisou em cocô de pônei, mas ainda assim era bom ficar ali fora. Ela estava esgotada, mas sabia que não conseguiria dormir e a faxina lhe dava o que fazer.

As últimas toras de lenha ardiam em brasa na fogueira. Ela teria que jogar terra por cima delas antes de entrar de vez.

Estava levando um saco de lixo cheio para a garagem quando ouviu alguém dizer:

– E aí?

Passado o susto, virou-se na direção do portão lateral.

Wayne era alto, devia ter mais de 1,80 metro, mas naquele momento parecia mais baixo, com os ombros caídos e as mãos nos bolsos. Também estava meio sem graça, como se tivesse flagrado Allie fazendo algo vergonhoso.

– Esqueceu o quê? – perguntou ela, mais ríspida do que pretendia.

Não era culpa dele ser o único músico decente daquela banda.

– Hein? – disse Wayne, e olhou à sua volta como se ela soubesse de algo que ele não sabia. – Não... voltei só pra... só pra ver como estavam as coisas – gaguejou, visivelmente constrangido.

– *As coisas?* As coisas não poderiam estar melhores.

– Ah, que bom. E cadê o Ramsey?

Wayne correu os olhos pelo quintal, como se o amigo pudesse estar escondido atrás de uma árvore.

– Sei tanto quanto você – devolveu Allison.

– Ah. – Ele pegou do chão um copo que ela não tinha visto. Allie abriu o saco de lixo e ele o jogou lá dentro. – Posso ajudar em alguma coisa?

– Na verdade, sim. Preciso guardar essas cadeiras todas.

Antes da festa, Ramsey havia espalhado no quintal as diversas cadeiras dobráveis que alugara, mais outras tantas que trouxera da casa. Juntos, Wayne e Allie as levaram para a garagem, Wayne carregando quatro de cada vez. Quando terminaram, já de volta ao quintal, Allie olhou a seu redor.

– Pode me fazer mais um favor? – perguntou.

– Claro, Sra. Miller.

– Que tal parar com essa palhaçada de Sra. Miller e me chamar de Allie?

Wayne ficou em silêncio. Estava escuro demais para que ela o visse corar.

– Essa lenha toda que sobrou... – disse Allison, apontando com o queixo na direção da fogueira. – Você me ajuda a levar pra perto daquelas árvores lá do fundo? Se não fizer isso agora, sei que não vou fazer tão cedo.

– Está bem, Allie.

Foram várias viagens entre a fogueira e as árvores altas do fundo do quintal. Na quinta ou sexta, Allison perguntou:

– Você não é muito de conversa, é?

Wayne deu de ombros.

– É que eu nunca sei direito o que dizer.

– E desde quando isso foi motivo para as pessoas ficarem caladas?

Wayne sorriu. É, definitivamente não era muito de conversa.

Era muita gentileza dele ter passado para ver como estavam as coisas, mas a iniciativa sem dúvida não havia sido ideia sua.

– Então, por que o Eric não veio pessoalmente? – perguntou Allison.

Wayne ajeitou a pilha de lenha para que ela ficasse com um aspecto mais arrumado.

– Eu, ele e o Paul estávamos lá no Jackrabbits, e eu me ofereci pra vir. Sei lá. Acho que estou tentando ser melhor.

– Melhor em quê?

Wayne pareceu refletir por um instante, depois respondeu:

– Uma pessoa melhor, só isso. Que nem o Ramsey.

– Como assim? Do que você está falando?

– Pelo que me contou, ele não era flor que se cheirasse, mas depois tomou jeito na vida. Conseguiu formar uma família, comprar uma casa bacana. Casou-se com uma mulher como você. – Ele deu de ombros. – Quero tudo isso que ele tem.

No escuro, Allison não conseguia ver para onde ele estava olhando.

– Bem, foi um gesto bacana, o seu. Vir aqui. E você pode dizer a todas as partes interessadas que estou bem. – Então ela decidiu deixar o mau humor de lado. Forçou um sorriso e disse: – É verdade, Wayne. Estou bem.

Ele pegou mais uma braçada de lenha e deixou sobre a pilha no fundo do quintal.

– Sabe... Sexta-feira não vim ao ensaio por sua causa.

– Como assim, por minha causa?

– Fico nervoso quando estou aqui. Fico pensando em você e... – Ele se calou de repente, como se estivesse procurando as palavras certas. – Eu me amarro em você, Allie. – Tossiu. – Puxa, que coisa mais idiota pra se dizer... Posso perguntar uma coisa?

Eu me amarro em você. A vida toda ela tinha ouvido frases semelhantes por parte dos homens. E Wayne tinha toda a razão: *realmente* era algo idiota pra se dizer. Mas tinha sido ela que o encorajara a conversar. E sem dúvida o dia havia sido bastante estranho para ele também: Ramsey tagarelando sobre o apocalipse, a polícia aparecendo para interromper a festa, ele precisando passar

por lá de novo para ver se Ramsey não havia espancado a mulher ou bebido até entrar em coma alcoólico.

– Tudo bem, Wayne. O que você quer saber?

Wayne deu uma fungada, depois apontou com o queixo para o palco.

– Qual das músicas você acha que a gente tocou melhor?

Allison riu.

– Acho que todas foram bem boas.

– Sério mesmo? Jura?

Típico dos homens. Por que se contentar com um elogio quando é possível pedir para repeti-lo?

– Acho que você tem um belo futuro como guitarrista – falou, e desviou o olhar, envergonhada. – Muita coisa boa ainda vai acontecer na sua vida – acrescentou, dando um passo lento à frente.

Agora tinha toda a atenção do rapaz. Wayne era jovem e bonito. *Está esperando o quê, Allie? Vá em frente de uma vez*, disse a si mesma, e, não se contendo mais, envolveu-o com os braços.

A sensação quase lhe tirou o fôlego. Wayne não só era alto, como também surpreendentemente musculoso nos ombros e nas costas. Seu físico era o de um surfista, e abraçá-lo era uma experiência deliciosa. Wayne cheirava a liberdade, tinha uma masculinidade jovem e, sim, fazia Allie se lembrar de Ramsey e ela muito mais novos, quando a vida era repleta de possibilidades. Ela o abraçou com mais força e não teve dúvida de que estava fazendo a coisa certa.

Também seria certo beijá-lo.

Tateando no escuro, ela encontrou uma boca jovem e bem desenhada. Logo constatou que Wayne podia ser ingênuo, mas não era exatamente um santo, pois retribuiu o beijo com intensidade e sem nenhuma vergonha. Segurou-a pelo rosto, então pelo pescoço, depois colocou os braços em torno das costas, uma das mãos descendo para a bunda. Allie pressionou o corpo contra o dele, e

Wayne a agarrou com força suficiente para que de repente ela se visse imprensada contra o tronco do carvalho às suas costas, buscando nele o suporte para suas pernas trêmulas. Ele abaixou a cabeça e mordiscou o pescoço dela, que deixou escapar um gemido baixo.

Mas de repente ele parou.

– Isto não está certo.

– O quê? Não... – Allison sentia o rosto queimar. O corpo inteiro.

– Não para – pediu, dando um passo à frente para beijá-lo de novo.

Wayne recuou.

– Wayne, escuta... – disse ela, ofegante. Seus olhos agora já estavam acostumados à escuridão, e ela o encarou. – O dia hoje foi uma tragédia pra mim. Não vou conseguir lidar com mais uma rejeição agora. Será que você consegue entender?

Convenientemente, ele voltou à mudez habitual.

– Escuta. Posso garantir que preciso mais de você do que ele.

Wayne recuou ainda mais.

– Sinto muito, Sra. Miller.

Ao ouvir isso, ela o empurrou com toda a força. Ele nem se mexeu.

– *Sra. Miller!* – exclamou Wayne.

As palavras eram as mesmas, mas o tom mudara. Que abuso. O moleque era inocente só quando lhe convinha.

– Já disse pra não me chamar assim! – berrou Allie.

Empurrou-o novamente, mas dessa vez ele já estava preparado e bloqueou as mãos dela. Wayne deu uma risadinha afetada e, mesmo sabendo que se tratava de um gesto de nervosismo, Allie quis matá-lo. Tentou acertar um murro nele – em qualquer lugar: no rosto, no flanco, na barriga –, mas o garoto era muito mais forte e mal precisou imobilizá-la. Dando-se conta de que não havia nada que pudesse fazer, Allie começou a chorar de vergonha e sua fúria se renovou.

Quanto mais o esmurrava, mais envergonhada ficava, até que Wayne finalmente reagiu, empurrando-a para trás. Fez isso com a facilidade e a despreocupação de quem espanta um inseto, alheio à própria força. Seu empurrão fez Allie perder o equilíbrio e bater com a cabeça no tronco do carvalho.

Por um momento ela ficou zozza. Precisou fazer um esforço para recuperar o equilíbrio e entender o que acabara de acontecer.

– Sra. Miller, eu não queria...

Passando a mão pela nuca, Allison sentiu o galo grande que já havia se formado.

– Seu filho da put... – Ela piscou. Havia algo de errado com sua visão. As coisas estavam fora de foco. De repente ela ficou com medo, não de Wayne, mas do que Ramsey poderia fazer se descobrisse que o guitarrista a tinha machucado. – Ramsey vai matar você.

– Não vai, não. Não diga uma coisa dessas, Sra. Miller.

– Ah, mas ele vai – insistiu Allie, mais uma constatação do que uma ameaça. Apesar de tudo o que havia acontecido naquela noite, tinha certeza absoluta de que Ramsey tomaria seu partido e faria qualquer coisa para defendê-la, provavelmente com a mesma falta de sutileza de sempre. Ela não havia conseguido inspirar nenhum medo em Wayne com seus murros, mas com suas palavras... – Ele vai fazer você pagar.

– Cale a boca, Sra. Miller. Estou falando sério.

Apesar da visão embotada, Allison pôde ver a mudança na expressão dele, o pavor que aos poucos ia dando lugar a algo mais sério, mais tenso.

– Vai embora, Wayne, antes que...

O segundo empurrão veio do nada. Segundos antes eles estavam relativamente longe um do outro, mas agora ela se encontrava de joelhos perto da árvore, atônita. Tentou levar a mão à nuca outra vez, mas por algum motivo não conseguiu. O único som que ouvia era um zumbido constante e grave, como se placas tectônicas

estivessem se acomodando debaixo dela. Algo estava muito errado ali. Destroçado. Ela tentou ficar de pé, mas não conseguiu. Tentou gritar por ajuda, mas não encontrou a própria voz.

Wayne avançou e se agachou diante de Allison. Como antes, levou as mãos ao rosto dela. Como antes, levou-as ao pescoço. E, como antes, os dois corpos se pressionaram um contra o outro como se estivessem dançando, ou fazendo amor.

29 de setembro de 2006

Melanie implorou ao oficial Bauer que fosse chamar a detetive Isaacson. Precisou recuperar o fôlego quando ele enfim saiu para buscar a mulher. Assim que a viu entrar na sala, disparou:

– Ele está falando do meu tio Wayne. Ele esteve lá no hotel.

– Seu tio Wayne está em Silver Bay?

– Eu devia ter dito alguma coisa – falou Melanie, tremendo da cabeça aos pés. – Mas eu não sabia que... – “O mais novo. O guitarrista.” As palavras de David Magruder anulavam todas as outras. – Pensei que...

– Tudo bem. Procure se acalmar – interrompeu a detetive, pousando a mão no braço de Melanie. – Qual é o carro dele?

– Um Escort preto.

– Sabe a placa?

– Não.

– Ele subiu até o seu quarto?

Ela assentiu.

– Ele ficou lá enquanto eu vim pra cá.

– Qual é o quarto?

Melanie informou o número, depois entregou a chave à detetive, que saiu imediatamente. Mas Melanie sabia que ela não precisava

correr. Àquela altura Wayne já devia estar longe. Fazia quase três horas que ela o havia deixado no hotel, quase lhe implorando que fugisse. Para alguém que passara a vida inteira se escondendo, uma frente de três horas era uma eternidade. O suficiente para que já estivesse a meio caminho da Pensilvânia. Ou em Maryland. Ou em Connecticut. Ou em Nova York. Ou em Delaware.

Na tela do computador, David Magruder permanecia imóvel, debruçado sobre a mesa, o rosto enterrado nas mãos.

Talvez sentindo-se obrigado a preencher o silêncio, o oficial Bauer começou a falar sobre os procedimentos de praxe:

– Um carro da polícia irá até o hotel. Com sorte o suspeito vai se entregar sem oferecer resistência. É o que as pessoas geralmente fazem. Quer dizer, se ele ainda estiver lá. Se não estiver, vamos emitir um boletim de alerta com os dados do carro dele. O mais provável é que a polícia rodoviária o detenha no caminho de volta para a Virgínia Ocidental. Sobretudo se ele não souber que está sendo...

– Preciso ir ao banheiro – interrompeu Melanie. Não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a imagem que David Magruder descrevera da sua mãe sendo estrangulada pelo seu tio Wayne. – Quero vomitar.

Rapidamente o policial a conduziu ao sanitário mais próximo e aguardou do lado de fora. Ela mal teve tempo de alcançar o vaso. Colocou todo o conteúdo do estômago para fora, depois sentou-se no chão e ficou esperando a náusea passar. A garganta queimava e a dor de cabeça havia voltado com força total. Assim que recuperou a firmeza nas pernas, foi até a pia e molhou o rosto com água fria. Chorou e jogou mais água no rosto. Quando saiu do banheiro, o policial a estava esperando, e ela ouviu alguém chamar seu nome do saguão.

Phillip parecia ao mesmo tempo cansado e ansioso.

– O que está acontecendo? Você está bem?

Não, ela não estava nada bem. Na realidade estava tão mal que por um minuto inteiro não conseguiu fazer mais do que abraçá-lo em silêncio, incapaz de encontrar a própria voz. Quando enfim se recompôs, ignorou a instrução da detetive Isaacson para que não contasse nada a ninguém e relatou tudo ao namorado.

Ninguém pareceu se importar. Uma jovem policial até se aproximou, ofereceu-lhe uma garrafa de água mineral e se juntou ao coro dos que tentavam consolá-la. A verdade enfim tinha vindo à tona, era o que todos agora diziam – pelo visto as novidades se espalhavam bem rápido naquela delegacia –, e ela podia respirar aliviada por saber que finalmente estava segura, livre, e que o culpado logo seria levado à justiça.

Tão bem intencionados, todos eles, e tão ingênuos...

Wayne havia assassinado sua mãe e deixado que seu pai levasse a culpa. Numa versão distorcida de redenção, decidira sequestrar e criar a filha da morta. Tudo bem, a verdade finalmente tinha vindo à tona, mas que consolo poderia haver numa verdade dessas? E o pior de tudo, ela agora se dava conta, sentada ao lado de Phillip no banco duro da recepção, olhando pelas janelas para a rua escura, era que o estratagema de Wayne havia tido o efeito desejado: ela crescera sentindo-se em dívida com aquele homem. Durante todos aqueles anos, Melanie o amara.

– Onde será que meu pai está? – perguntou ela ao namorado.

– Não sei...

– Se não foi ele que... – Melanie engoliu um soluço. – Por onde ele andou *esse tempo todo*?

Phillip passou um braço em torno dos ombros dela.

– Não sei.

Os dois ficaram sentados assim por mais um tempo, praticamente sem falar, enquanto do outro lado da cidade uma equipe de policiais cercava o hotel à procura de Wayne. Quando enfim teve notícias deles pelo rádio, o oficial Bauer se agachou diante de Melanie e contou o que ela já sabia.

– Mas fique tranquila, vamos encontrá-lo.

As palavras soaram tão protocolares que Melanie não pôde fazer nada além de balançar a cabeça.

Foi informada também de que não poderia voltar ao hotel. Tudo o que havia em seu quarto poderia ser uma pista para acharem Wayne.

– Podemos transferir você pra outro lugar – disse Bauer. – Provavelmente não vamos ter que esperar muito, mas você deve estar precisando descansar um pouco.

Se não estivesse tão exausta e ferida em todos os sentidos, Melanie teria rido do otimismo do oficial.



Bauer imediatamente reservou um quarto para Melanie e Phillip no Atlantic Hotel, que ficava na beira da praia. Deu-lhes o endereço junto com instruções de como chegar lá, depois anotou o número do celular de Phillip, prometendo ligar assim que tivesse alguma novidade.

– Vocês também podem ligar para cá quando quiserem.

– Certo – disse Melanie.

– E entrem em contato comigo ou com a detetive Isaacson amanhã de manhã.

Para quê?, perguntou-se Melanie. Apesar de tudo o que havia acontecido, de tudo o que ela descobrira, o assassino da sua mãe continuava tão à solta quanto antes. Nada tinha mudado. Isto é, agora era muito pior. Ramsey Miller pelo menos havia feito a gentileza de permanecer na imaterialidade de um bicho-papão. Wayne, não. Wayne era uma criatura de carne e osso. Tinha um longo passado com ela. No seu aniversário de 6 anos, dera-lhe de presente um teatrinho de marionetes que ele mesmo havia feito, com cortinas de tecido dourado que abriam e fechavam sob o

comando de uma cordinha. Fizera os bonecos também, um porco e um sapo, ambos de espuma, feltro e lã. Nunca se recusara a aplaudir as inúmeras apresentações que vieram em seguida e, sempre que Melanie pedia, fazia o papel do sapo ou do porco. Sua voz de porco era hilária. Por algum motivo tinha um sotaque britânico. Outros bichos, também feitos por ele, tinham sido acrescentados ao elenco de espuma nos aniversários seguintes. Um cavalinho. Um lobo.

- Melanie? Você ouviu o que eu disse? – perguntou Bauer.
- O quê?
- Promete ligar pra gente amanhã de manhã?
- Ah, sim, claro.



A delegacia ficava numa ruazinha tranquila, entre uma loja de pneus e um centro de doação de sangue. Todas as lojas já estavam fechadas àquela hora e havia apenas alguns carros estacionados nas vagas.

Melanie foi andando com Phillip para o carro dele, com os braços cruzados para se aquecer. Já havia parado de chover, mas o tempo continuava horrível. Eles já haviam passado pela loja de pneus quando Melanie percebeu uma movimentação perto de um dos carros estacionados: alguém estava vindo na direção deles. Não demorou para que Wayne surgisse a seu lado e a agarrasse pelo braço.

- Venha comigo, vamos sair daqui.
- Ela se desvencilhou.
- Fique longe de mim!
- Sr. Denison – disse Phillip, aproximando-se. – Deixe a Melanie em paz.

– Você, aqui? – falou Wayne, balançando a cabeça para ignorar a presença dele. – Melanie, fiquei esperando você, mas agora não temos mais tempo. Por favor, você precisa confiar em mim.

Novamente ele a segurou pelo braço, porém com mais força, para impedir que escapasse. Foi Phillip quem conseguiu soltá-la, puxando-a pela cintura e afastando-a de Wayne. Depois se interpôs entre os dois, fazendo do próprio corpo um escudo para Melanie.

– Escute aqui. Não dê mais nem um passo à frente, senão...

Wayne não deixou que ele terminasse. Com a rapidez de um relâmpago, surpreendeu-o com um murro certeiro no rosto, fazendo com que cambaleasse alguns passos para trás, para cima de Melanie.

Depois atingiu-o com um segundo soco, dessa vez na boca do estômago, fazendo-o se esborrachar no chão com um baque surdo e se encolher de dor.

– Merda, a gente não está com tempo pra isso – disse Wayne a Melanie, e em seguida apontou para seu carro. – Agora vem comigo, meu amor. *Por favor.* A gente precisa sair desta cidade.

Agachada ao lado de Phillip, com a mão em seu rosto, Melanie fazia o possível para ver como ele estava sem tirar os olhos de Wayne, cujo rosto era a própria expressão da angústia. Ele já deveria estar bem longe àquela altura, e ela não entendeu por que não tinha fugido. Como poderia pensar que aceitaria ir com ele? Ah, é claro: Wayne ainda não sabia que Melanie havia descoberto toda a verdade. E onde diabo estaria a polícia? A delegacia ficava *logo ali*, caramba.

– Se você gritar – disse Wayne, lendo os pensamentos dela –, juro por Deus que abro um buraco na cabeça desse garoto.

– Não precisa jurar – devolveu ela, ao mesmo tempo furiosa e apavorada. Porque era isto que Wayne fazia: matava as pessoas que ela amava. – *Assassino!*

– O quê? – retrucou ele, depois balançou a cabeça. – Não, não... não diga isso. Não é o que...

– Uma pessoa viu você.

Wayne ficou paralisado por um instante.

– Você não sabe de nada. Quem? Quem foi que...?

– David Magruder. Ele viu você no quintal, estrangulando minha mãe. Viu você matando minha mãe.

– E você vai acreditar *naquele sujeito*? – A sirene de um carro de polícia uivou ao longe, sinalizando mais uma tragédia. – Não. Sua cabeça foi envenenada, meu bem. É esta maldita cidade!

– Não. Foi você. Você matou minha mãe.

Melanie não estava tentando convencê-lo de nada. Dizia aquilo porque era a verdade. Mesmo assim, queria ouvi-lo negando tudo mais uma vez. Quanto mais ele negasse, mais uma pequena parte dela mesma poderia continuar negando também.

– Eu... eu era só um garoto... – gaguejou Wayne, desviando o olhar. Melanie teve a impressão de que ele não estava mais vendo-a ali na rua. – Eu nunca tive a intenção de fazer aquilo.

Ao ouvir a confissão de Wayne, Melanie perdeu o fôlego, como se também tivesse sido esmurrada na boca do estômago.

– Você matou minha mãe... – balbuciou ela, tentando formar as palavras.

Isso pareceu trazer Wayne de volta ao presente, àquela noite chuvosa.

– Eu te dei um lar. Uma boa criação.

– Não deu, não.

– Claro que dei! – rebateu ele, profundamente magoado. Sem dúvida vinha repetindo esse refrão havia anos: *Estou dando a ela um lar, uma boa criação*. Talvez só assim conseguisse dormir à noite.

– Sempre amei você como se fosse...

– Não se atreva a usar essa palavra! – interrompeu Melanie.

– É verdade. Olhe para você agora. Tão linda, tão inteligente...

– Eu odeio você, seu desgraçado!

– Não odeia, não. Não diga isso.

Phillip deixou escapar mais um gemido e Melanie baixou os olhos para ele.

– Acho que estou bem – resmungou o rapaz.

Mas não estava. Uma poça de sangue já havia se formado na calçada.

– Venha comigo – pediu Wayne. – Você sabe que não vou deixá-la aqui com esse cara.

Wayne poderia ter fugido assim que a vira entrar no carro da polícia, no estacionamento do hotel. Sem dúvida sabia que, quanto mais permanecesse na cidade, maior era o risco que corria. Àquela altura já poderia estar a muitos quilômetros de distância. No entanto, tinha ficado por ela. Realmente acreditava que conseguiria levá-la de volta para Fredonia? Para viver sob o mesmo teto que ele? Ou achava que eles continuariam fugindo na calada da noite até encontrarem outro buraco onde pudessem sumir de novo? Era pavoroso pensar que ele pudesse ser tão delirante assim. Por outro lado, mais pavorosa ainda era a possibilidade de que ele ainda não soubesse o que fazer com ela, de que apenas pensasse ter o direito de levar consigo o que sempre julgara ser seu.

– Vou ficar aqui com Phillip.

Wayne balançou a cabeça tristemente.

– Ah, Mel... Essa não era bem a despedida que eu queria. – Por um instante, Melanie teve certeza de que o tio faria com ela o mesmo que fizera com Allie quinze anos antes. Em vez disso, ele recuou na direção do próprio carro. – Você vai me deixar fugir, e depois que eu tiver ido embora, vai ajudar seu namorado a pegar o carro dele e vocês vão sair juntos desta cidade pra nunca mais voltar. Nunca mais, ouviu bem? Você vai fazer isto por mim, Melanie.

– Não vou fazer nada por você.

Melanie olhou rapidamente na direção da delegacia, onde não havia uma porra de um policial à vista.

– Não seja malcriada, Melanie – disse Wayne, ríspido. Em seguida, com a voz mais calma, continuou: – Se você contar pra

polícia que ainda estou na cidade, vou conseguir fugir de qualquer jeito. Você sabe disso. Sabe que sei me esconder. Mas depois voltarei pra acertar as contas com vocês dois.

– Você diz que me ama, e ainda assim seria capaz de...

Melanie se calou assim que viu nos olhos de Wayne a resposta à pergunta que tinha em mente: sim, ele seria capaz de qualquer coisa. Não pensaria duas vezes. Ela sentiu um frio na espinha.

– Não estou pedindo nada difícil – prosseguiu ele. – Se um dia me amou um pouquinho que seja, vai me deixar ir embora. Me deixe ir e terá a liberdade que sempre quis. – Mais três passos na direção do carro. – Prometa.

Ela o encarou por mais alguns longos segundos. Por fim, disse:

– Vai. Pode ir.

– *Melanie!* – exclamou Phillip.

– Muito bem – falou Wayne. Mais cinco passos. Já estava quase no carro. – Só mais uma coisa, Melanie.

– O quê?

– Diz que me ama.

Ela quase berrou o mais alto que pôde, mas em vez disso mordeu o lábio inferior para conter o grito e, assim, provavelmente salvou a vida do namorado. Remoendo-se por dentro, ainda olhando para o tio, ela se obrigou a dizer:

– Eu te amo.

Por um instante a expressão dele se suavizou.

Então ele entrou no carro, deu a partida e o motor funcionou logo de primeira..

Melanie esperou-o dobrar a esquina, depois se viu sozinha com Phillip na calçada molhada.

– Espera aqui só um pouquinho, está bem?

– Melanie, como você pôde deixar que ele...

– Volto em um minuto. Você me espera?

– Pra onde você acha que eu poderia ir? – sussurrou Phillip com a voz rouca de dor.

Na delegacia, Melanie passou correndo pelo atendente e gritou por ajuda. Assim que viu o oficial Bauer, avisou:

– Wayne estava me esperando lá fora. Fugiu num Honda Accord bronze, com placa de Nova Jersey: BZM-18A. Virou pra esquerda naquela esquina onde tem um bar. E Phillip está lá fora, muito machucado. Precisa de ajuda. Alguma coisa pra estancar o sangue: um pedaço de pano, uma toalha de papel... Estarei lá fora com ele.

Ela falou tudo com a calma e a eficiência de uma profissional. Depois saiu da delegacia.



Quando Melanie acordou, o quarto estava escuro, apesar da luz que passava por uma fresta na porta. Então lembrou onde estava: no hospital, deitada numa cama de armar ao lado do leito de Phillip. Metade do rosto dele estava enfaixada e o olho à mostra encontrava-se fechado. Tentou ouvir a respiração dele e, quando conseguiu, aproximou-se e pegou sua mão sob o lençol. Apertou-a de leve, mas ele não reagiu. Devia estar dormindo, ou havia sido sedado pelos médicos. Eles haviam informado que os dois murros tinham feito um belo estrago. Fratura de órbita. Ruptura do baço.

A polícia só levara alguns minutos para localizar e prender Wayne. Portanto, pelo menos nisto ele tinha razão: ela agora estava livre. Mesmo assim, deitada ali na penumbra, já sem a força que demonstrara na delegacia, sem a adrenalina correndo nas veias, Melanie se sentia triste, culpada e esgotada. Estava com saudades de casa, ainda que não se sentisse conectada a casa nenhuma. Continuou apertando a mão de Phillip. Isso lhe trazia algum alívio, mas não era o suficiente. Talvez um dia fosse. Mas agora tinha 17 anos e queria sua mãe. E, pela primeira vez na vida, queria o pai também.

23 de setembro de 1991

Ramsey Miller despertou em pânico, o coração disparado, pensando ter dormido ao volante.

Mas não. A explosão que ouvira – sentira – não tinha sido uma colisão, mas um trovão. O abalo não fora de seu caminhão capotando em alta velocidade, mas de sua lancha que balançava ao sabor das ondas. Barcos eram feitos para isso mesmo.

Ele ainda avaliava sua situação – *minha lancha, alto-mar* – quando mais uma onda quebrou contra o casco, fazendo a embarcação sacolejar de novo. Clarões pontilhavam o céu feito estilhaços de um gigantesco para-brisa, dando a Ramsey alguns segundos para enxergar a violência das águas e para notar a ausência de estrelas. Não demorou para que tivesse uma boa medida da tempestade que se formara enquanto ele dormia. Logo depois a chuva começou a cair – quase como se seu entendimento tivesse sido a causa.

Maldito homem do tempo. Embora ainda meio sonolento, Ramsey logo se deu conta da ironia da situação: no fim das contas, o filho da puta realmente havia acertado a previsão.

Uma faixa estreita de luzes urbanas – terra firme – era visível a leste, mas não havia como saber até que ponto ele tinha se afastado

da costa. Não sabia nem por quanto tempo havia dormido, mas as dores no pescoço sugeriam um cochilo de muitas horas, não de minutos. Não era nada animador estar a bordo de um casco metálico durante uma tempestade com tantos raios, mas não havia o que fazer. Então, procurando afastar da cabeça a possibilidade de morrer eletrocutado, enfim se levantou para dar partida no motor. Os balanços da lancha dificultavam bastante as coisas, mas, por sorte, na terceira tentativa ele conseguiu fazê-lo pegar.

A chuva caía torrencialmente, fustigada pela força dos ventos. Raios e trovões ficavam cada vez mais ruidosos e frequentes, transformando tudo numa tempestade que amedrontava até mesmo quem tinha um teto sobre a cabeça. Mas a preocupação maior eram as ondas. Uma lancha de casco plano não poderia ser menos adequada para as circunstâncias. Ele embicaria contra as ondas se soubesse de onde elas vinham, mas tinha a impressão de que brotavam por todo lado. Então seguiu na direção leste, rumo à costa. Estava longe demais para identificar qualquer ponto de referência no horizonte, mas poderia se orientar melhor quando estivesse mais próximo. O importante naquele momento era sair dali.

A onda que o jogou na água veio do nada, uma avalanche forte o suficiente para emborcar a lancha. Ramsey submergiu e procurou voltar à tona o mais rápido possível para não perder de vista o casco escuro na água também escura. Num primeiro momento não conseguiu localizá-lo, mas assim que foi erguido por outra onda, avistou-o balançando a uns 5 metros de distância. A oeste, pensou, mas não podia ter certeza. A queda havia lhe roubado o senso de direção e agora, apenas com a cabeça para fora, ele não enxergava mais a costa. Não via nada à sua volta que não fosse água.

Começou a nadar na direção da lancha, mas quando parou para se reorientar, ficou desesperado ao ver que ela havia mudado de posição. O que fazer agora? Devia nadar para leste, onde ficava a costa. Mas para que lado era o leste? De repente lhe ocorreu uma

ideia. Ainda havia uma chance, por mais remota que fosse, de recuperar a lancha: abandonada à deriva, ela parecia se mover em um amplo arco. Se ele continuasse nadando na direção do ponto onde o barco devia...

Nesse momento, outra onda o atingiu e, quando ele enfim ressurgiu das profundezas, não viu mais a lancha. Correu os olhos à sua volta. Onde era o leste? Suas roupas encharcadas o puxavam para baixo. Tentou se livrar dos sapatos, mas acabou engolindo um monte de água e precisou lutar freneticamente para voltar à superfície. Tinha que descobrir onde era o leste. A lancha continuaria mudando de lugar, mas a costa não. Nadar para a costa. Para que lado ela ficava?

Ramsey era um nadador resistente. A água não estava fria. Cedo ou tarde a chuva daria uma trégua.

Outra onda o fez submergir. Para onde ficava a superfície?

Conseguiu voltar à tona, mas quando foi respirar, engasgou com a chuva e tossiu até vomitar um líquido azedo e afundar de novo. Ao chegar à superfície mais uma vez, engoliu um longo gole de água salgada, e com ele veio seu primeiro momento de compreensão do que estava por vir.

E embora estivesse se afogando e não houvesse ninguém que pudesse vir em seu socorro, por um instante ele se orgulhou de ser quem era: aquele Ramsey que jamais desistia, que lutava até o fim.

Vivos e equivocados

26 de dezembro de 2006 ♦ por Arthur Goodale ♦ em Não categorizado

“É assim que nos sabemos vivos: estamos equivocados.”

Assim escreveu o romancista Philip Roth em *Pastoral americana*, livro vencedor do prêmio Pulitzer, publicado há cerca de dez anos. Embora o tenha lido logo depois do lançamento, nunca mais esqueci essa frase surpreendente e provocadora. No entanto, faz pouco tempo que pude ter a exata medida do seu significado. Consumimos uma vida inteira procurando entender o coração e as ações das pessoas à nossa volta, mas o resultado é um só: equívoco, equívoco, equívoco.

Deixe-me dizer-lhes uma coisa agora: eu me enganei do início ao fim.

Eu sabia – *sabia* com toda a certeza – que Ramsey Miller tinha matado a mulher.

Sabia que Meg Miller estava morta.

Sabia que o caso Miller, minha autodeclarada baleia branca, permaneceria em aberto, ao menos enquanto eu estivesse vivo.

Agora uma nota mais pessoal: eu sabia, há três meses, que meus dias estavam contados, que a genética finalmente se renderia a uma vida inteira de hábitos pouco saudáveis.

De cabo a rabo, um grande equívoco.

Como vocês já devem ter notado, esta é a primeira postagem depois daquelas linhas macabras de 22 de setembro. A princípio pensei que os acontecimentos recentes me levariam a publicar uma enxurrada de postagens sobre o caso Miller ou sobre minha volta do mundo dos mortos. Mas não. (Mais um equívoco, Sr. Goodale!) Na realidade, não tive vontade de escrever absolutamente nada. Meu plano, aliás, é dar este blog por encerrado assim que terminar este texto. Se um dia mudar de ideia, tudo bem. Por ora, no entanto, acho que o objetivo do blog já foi alcançado.

Por treze anos acreditei que estava apenas lançando pensamentos e ideias a esmo na blogosfera, quando na verdade lançava um chamado para Meg Miller.

Eu simplesmente não sabia disso.

Mesmo assim, este blog atraiu 75 bravos seguidores ao longo dos anos, por isso me sinto na obrigação de esclarecer os seguintes fatos:

1. Eu não morri. :)

(Pela primeira vez na vida estou usando um emoticon e isso, meus caros, é um atestado definitivo dos infortúnios da idade.)

Mais precisamente, se eu estava morrendo naquele fim de semana de setembro, agora não estou mais. Atendendo à súplica dos médicos, mudei meus hábitos por completo. Agora como aveia. E peixe. Uma beleza de se ver. Além disso, em outubro, após 65 anos, enfim consegui parar de fumar. Assim, de uma hora pra outra. Por sorte vocês não estão por perto pra ver. Eu me transformei num ogro ranzinza e explosivo, mas um ogro que faz caminhadas à beira-mar cinco vezes por semana e que não perde mais o fôlego toda vez que precisa subir uma escada.

2. Wayne Denison confessou ter matado Allison Miller e sequestrado Meg Miller.

Detalhes do caso podem ser encontrados na maioria dos jornais, mas uma conhecida na polícia de Silver Bay, cujo nome não revelarei, fez o favor de me mostrar os autos. Após o assassinato, Wayne Denison sequestrou a filha da vítima, levou-a de carro para a casa da namorada, na Virgínia Ocidental, convenceu a moça a ficar com a menina e voltou na mesma noite para Nova Jersey, a tempo de se misturar aos curiosos e fingir surpresa quando o corpo de Allison Miller foi encontrado, na manhã seguinte.

É uma história bem diferente da que ele contou à polícia há quinze anos, segundo a qual havia saído do bar Jackrabbits às 22h45 e ido direto para seu apartamento. Um vizinho fornecera o álibi necessário, afirmando tê-lo visto no corredor do prédio. Hoje se sabe que o cara se vendeu pela bagatela de três cigarros de maconha.

Nos dias seguintes ao enterro de Allison Miller, Wayne começou a preparar o terreno para seu sumiço, dizendo

no trabalho que andava muito desiludido com a vida e o mundo – afinal, Ramsey Miller, um homem que ele tanto admirava, havia matado a própria família a sangue-frio. Quando enfim pediu as contas e saiu da cidade, ninguém achou estranho. Ele voltou para a Virgínia Ocidental, pegou Kendra e Meg e os três sumiram juntos, formando uma nova família que permaneceria escondida pelos quinze anos seguintes.

Em troca de sua confissão, Wayne Denison foi poupado de uma condenação por homicídio qualificado e agora cumprirá pena de quarenta anos, sem direito a redução, na penitenciária de Allenwood, Pensilvânia. Kendra Denison alegou ter sido enganada durante todo esse tempo pelo marido, que a fez acreditar que estavam protegendo Meg (que cresceu sob o nome de Melanie). Não chegou exatamente a convencer a Justiça, mas ainda assim, em troca de um depoimento contra o próprio marido, foi condenada apenas por cumplicidade no sequestro e agora cumpre sua pena de dez anos num reformatório em Cumberland, Maryland. Em cinco anos poderá dar entrada no pedido de liberdade condicional.

3. Quanto às inúmeras matérias que vêm sendo veiculadas na imprensa, aplaudindo o faro jornalístico de David Magruder, fundamental não apenas para a solução deste caso em aberto há tanto tempo, mas também para a prisão do suspeito, tenho apenas uma coisa a dizer: não acreditem em tudo o que leem por aí.
4. O paradeiro de Ramsey Miller permanece uma incógnita.
Minha ceia de Natal, ontem, foi na companhia de Melanie e Phillip Connor. Como sempre acontece quando

sou convidado à casa deles, fiquei me sentindo meio constrangido, invasivo, mas só até o momento em que eles abriram a porta e eu me dei conta de que não queria estar em nenhum outro lugar no mundo. Dessa vez havia outro convidado, Eric Pace, que não reconheci de imediato, apesar das conversas de anos antes. Fisicamente ele parecia maior do que eu lembrava, mas, de algum modo, menor também. Não tínhamos muito em comum além do afeto pelos nossos anfitriões, mas foi o que bastou.

Eric ainda não tinha visto a cicatriz de Phillip, mas o jovem logo se prontificou a interromper a ceia para levantar a camisa e contar tudo o que havia acontecido na noite de 29 de setembro, na calçada da delegacia. Disse coisas como "Usei meu corpo como um escudo pra ela", "Em circunstâncias mais justas, eu teria...". Tendo ouvido a mesma história um milhão de vezes, posso afirmar que o heroísmo do personagem e o drama da narrativa vão aumentando ligeiramente a cada vez que ela é contada.

"Pois é, seu rosto foi bastante eficaz contra o punho dele", comentou Melanie.

Ao ouvir isso, pensei: *Que bom que eles são capazes de olhar com humor para um momento tão trágico. Assim fica mais fácil seguir com a vida.*

Seria impossível enumerar todas as qualidades do jovem casal, tampouco explicar por que fico tão emocionado sempre que me encontro com eles. Sobretudo agora que a gravidez de Melanie já está bem mais aparente. Basta dizer que comi muito mais do que deveria ontem à noite, saí muito mais tarde do que deveria e fui dormir me sentindo um homem imensamente sortudo e grato.

Ao acordar hoje de manhã, bem depois do horário em que agora costumo me levantar, lembrei-me mais uma vez da frase do romance de Roth. Procurei o livro na prateleira e descobri que na verdade ela faz parte de um trecho bem mais longo:

É assim que nos sabemos vivos: estamos equivocados. Talvez o melhor a fazer seja ignorar se estamos certos ou errados quanto às pessoas e simplesmente deixar as coisas seguirem seu curso. Mas se você consegue fazer isso... bem, sorte a sua.

Gostaria de informar que de agora em diante pretendo viver assim: deixando as coisas seguirem seu curso. O problema é que tenho uma vida inteira de prática em estar equivocado. Não sei se a esta altura do campeonato ainda há tempo para mudar. Portanto, vou encerrar este post, e este blog, dizendo o seguinte:

Melanie Connor (ex-Melanie Denison, ex-Meg Miller) renasceu dos mortos, veio me procurar e se tornou uma grande amiga. Essa sempre será uma das maiores alegrias da minha vida.

E quanto a isso tenho certeza: não há equívoco nenhum.

*Postado por Velho da Máquina de Escrever
em 26/12/2006 às 17h42 | Comentários habilitados.*

17 de junho de 2009

Oito da manhã e o dia já quente desse jeito. Daqui a pouco vai ser impossível brincar nos escorregadores.

Sentada num dos bancos do parque, Melanie observa a filha subindo e escorregando, subindo e escorregando, ao mesmo tempo que desfia um rosário interminável de histórias e canções que só ela mesma entende.

As duas estão sozinhas. Ou as outras crianças da cidade gostam de dormir até mais tarde ou as mães estão menos desesperadas para fazê-las gastar o excesso de energia.

Phillip está no trabalho, aplicando a prova final para uma animadíssima turma de último ano. Se o dia continuar bonito assim, talvez os três peguem uma praia no final da tarde.

– Só mais uma vez! – grita Melanie para Brianna, que fez 3 anos em abril.

Escolheu esse nome para a filha – Brianna Allison Connor – porque essa era a moda na época e muitas meninas estavam sendo registradas assim. Quer que ela tenha muitas coisas em comum com as outras crianças.

– Mais duas! – Brianna berra de volta.

Em breve ela ganhará uma irmãzinha ou um irmãozinho. Melanie fez o teste de farmácia assim que acordou e pretende dar a notícia a Phillip à noite, depois que Brianna dormir. A menos que não consiga guardar o segredo por tanto tempo. Não tem mais o hábito de guardar segredos.

– Tudo bem, só mais duas. Depois a gente vai jogar pão pras tartarugas no lago.

Há outros parques na cidade, mais novos e melhores, mas este tem o lago das tartarugas. Melanie adora levar a filha ali, porque sabe que frequentava o mesmo lugar com a mãe. E com o pai, que nunca apareceu.

Depois que Wayne e Kendra foram presos e protagonizaram as manchetes nacionais por um breve tempo, Melanie esperou que Ramsey se manifestasse. Sempre que saía à rua, ficava olhando para os homens mais velhos na esperança de ver neles algum traço familiar, por mais discreto que fosse. À noite sonhava que ainda vivia com Wayne e Kendra em Fredonia, aprisionada no trailer deles, e Ramsey surgia do nada para libertá-la.

Seu número e endereço estavam e ainda estão na lista telefônica, assim como suas informações pessoais. Se quisesse, ele já a teria encontrado. Mas à medida que o tempo foi passando e outras histórias ocupavam as manchetes, Melanie acabou aceitando o fato de que o pai havia optado por permanecer escondido. Por quinze anos ele tinha vivido como um foragido, e saber que era inocente enquanto o resto do mundo o considerava culpado devia ser um pesadelo. O mais provável era que a essa altura ele já tivesse começado uma vida nova em algum lugar e concluído que o mais sensato era mesmo ficar onde estava.

Mesmo assim, Melanie ainda quer que ele apareça. Sempre deixará uma porta aberta para ele. Mas a decisão é de Ramsey.

Ela também tem decisões a tomar. Está inscrita em algumas matérias na faculdade de jornalismo, mas ainda precisa de muitos créditos para se formar. A cada dia fica mais convencida de que o

jornalismo está a caminho da extinção, ou no mínimo sofrendo transformações tão rápidas que as disciplinas não conseguem acompanhar. Nos últimos tempos ela vem pensando em algo completamente diferente: matricular-se na academia de polícia. A princípio foi só uma ideia passageira, mas quanto mais considera essa possibilidade, mais gosta dela. Há alguns meses, ao tocar no assunto com Phillip, ele disse: “Bem, coragem é o que não lhe falta.”

Ela concorda. É mesmo corajosa, mas não a ponto de entrar para a polícia com uma criança de 3 anos para criar e outra na barriga. Seria melhor esperar alguns anos.

- Pronto, meu amor – fala a Brianna. – Agora a gente precisa ir.
- Dar comida pras tartarugas?
- Isso!

Silver Bay agora lhe pertence. Ela nunca mais voltou a Fredonia, e sabe que jamais voltará. Visitou Kendra uma vez na prisão em Maryland, logo no início da pena dela. Tinha algumas perguntas a fazer.

– Eu era muito nova – disse Kendra pelo fone, do outro lado da divisória de vidro. – E era louca por ele. No lar adotivo, Wayne estava sempre por perto pra me proteger e fazia de tudo pra que eu não sofresse tanto. Quando ele foi embora pra Nova Jersey, quase morri. Passei dois meses chorando. E, nos três anos seguintes, a gente só se viu algumas vezes. Ele parecia mais velho, mais calejado. Então um dia ele apareceu do nada, afirmando que precisava muito da minha ajuda.

Kendra chorava e soluçava sem parar enquanto falava.

– Mas durante todos esses anos... – disse Melanie. – Durante a minha vida toda... Você nunca desconfiou de nada?

– Ele tinha aquelas cartas da Polícia Federal. E por que eu duvidaria dele? Por que correria o risco de destruir minha própria família?

Quase no mesmo instante, Melanie percebeu que havia sido inútil fazer aquela viagem de três horas com a esperança de que Kendra

lhe contasse uma versão honesta dos fatos. A mulher não conseguia ser honesta nem consigo mesma. Um minuto inteiro se passou sem que nenhuma das duas dissesse nada.

Melanie tentou novamente:

– Mas como você pode não ter suspeitado de nada?

A raiva brilhou nos olhos de Kendra.

– Acho que posso fazer a mesma pergunta pra você, não é?

A duração máxima da visita era meia hora, mas depois de vinte minutos de constrangimento, Melanie se levantou para ir embora.

– Quando você vem me ver de novo? Você tem que me dizer quando vem – falou Kendra, quase suplicando, com os olhos vermelhos.

Melanie saiu do presídio sem saber muito mais do que antes, e também sem fazer ideia se sentia pena ou raiva da mulher que a tinha criado.

Naquele dia, disse a si mesma que não tinha importância, e era isso que vinha repetindo desde então.

Agora está em casa. Sua casa.

A praia, a baía, as ruas, os bairros, as lojas, os restaurantes. As escolas e os cemitérios. Em algum momento desta semana ela pretende ir ao cemitério de Cedar Lane, onde sua mãe está enterrada e onde Melanie consegue raciocinar melhor. Será que deve se candidatar à academia de polícia? Fará essa pergunta à mãe e depois a Arthur Goodale, que também está sepultado lá. Deixará flores nos dois túmulos. Melanie faz o possível para não ficar muito tempo sem ir ao cemitério, mas os cuidados com a filha pequena consomem boa parte dos seus dias.

Como deve ter sido difícil a vida da mãe, com o marido sempre longe de casa... Melanie pensa nisso com bastante frequência. Phillip se ausenta dois dias por ano, no outono, para ir a um congresso de professores em Atlantic City, e ela sempre detesta.

Mas para Ramsey também não deve ter sido fácil passar tanto tempo na estrada, sabendo que perdia todos os pequenos

momentos tão marcantes na vida de uma criança. Melanie adoraria que o pai conhecesse a neta, mas agora não tem mais dúvida de que, se ele tivesse a intenção de se reaproximar, já o haveria feito. Claro, também existe a possibilidade de que esteja morto. Mesmo assim, prefere acreditar na suposição de Eric. Desde que voltou a Silver Bay, Melanie vem descobrindo através dele um lado de Ramsey que os jornais nunca mencionaram, uma faceta que deixa bem claro por que um dia mereceu o amor de amigos, de uma mulher e de uma filha. Portanto, prefere acreditar, como Eric, que Ramsey Miller é teimoso demais para morrer.

Entre as muitas hipóteses que imagina para o pai – ele tem uma nova família que o ama; trabalha como mecânico nas montanhas, talvez no Colorado; continua dirigindo um caminhão, mas agora tem outro nome –, esta é a mais recorrente: em algum lugar fora do país, talvez no Panamá ou na Costa Rica, ele é um sujeito tranquilo, que manca ligeiramente de uma perna e vive do pequeno pesqueiro que aluga para turistas. Tem um semblante gentil e é a pessoa mais pacata do mundo, e embora ainda tenha 50 e poucos anos, parece ser bem mais velho. Nunca falta ao trabalho, a menos que o mar esteja muito agitado. Toda noite volta para seu chalezinho no meio do mato, longe de tudo e de todos, e se serve de uma dose de uísque ou conhaque. Depois sai para a varanda e fica olhando para as estrelas enquanto pensa na mulher e na filha com saudades e carinho.

Para surpresa de Melanie, após uma última descida pelo escorregador, Brianna vem correndo a seu encontro, puxa sua mão e diz:

– Você não esqueceu o pão, esqueceu?

Três semanas antes Melanie fez justamente isso, esqueceu o pão, e Brianna fez uma pirraça daquelas.

– Não, meu amor, está bem aqui – diz ela, tirando da bolsa um saquinho de plástico com as fatias de pão de fôrma.

Brianna larga a mão da mãe e dispara para a pequena ponte de madeira sobre o lago. Melanie corre no encalço dela e ambas param no meio da ponte, debruçando-se no guarda-corpo.

– Ali tem uma! – exclama a menina.

Uma tartaruginha está tomando banho de sol, empoleirada num dos galhos que escapam das águas rasas do lago. Dali a pouco outra vem nadando na direção delas. As tartarugas sabem muito bem o que estão fazendo: há anos, ou décadas, são alimentadas do alto daquela mesma ponte. Agora, basta que alguém pise na madeira para que se agrupem rapidamente por perto. Melanie tira uma fatia da embalagem e entrega à filha.

– Pedacinhos pequenos, está bem?

Brianna arranca uma pontinha do pão e a joga na água.

A segunda tartaruga vem nadando com a cabeça empinada até abocanhar sua migalha. Brianna arremessa mais outros pedacinhos e mais tartarugas surgem do nada, quinze, vinte, trinta, de todos os tamanhos. A maior deve pesar uns 20 quilos e provavelmente já habita aquele lago muito antes de Melanie nascer.

O bando inteiro agita a água a poucos metros de distância. É um tanto aflitivo ver aquelas criaturas pré-históricas lutando por uma reles migalha de pão velho. Mas Brianna não tem medo. Continua jogando o pão, um pedaço de cada vez. A fatia já está quase no fim quando a cabeçorra de uma das tartarugas maiores e mais velhas rompe a superfície da água.

– Brianna! – exclama Melanie, apontando para a água. – Olha ali, olha ali!

Só deve haver duas ou três tartarugas daquele tamanho nesse lago. São tão pesadas que apenas a cabeça delas vem à tona. Mas a manhã está tão luminosa que agora é possível ver, através da água turva, boa parte da tartaruga anciã, que deve pesar uns 30 quilos. Tufos de lodo se prendem ao casco verde.

– Olha! – exclama a pequena Brianna.

Sabe que se trata de uma rara aparição. Todos da cidade sabem.

- Que tal a gente dar uma fatia inteira pra ela? – sugere Melanie.
- Uma fatia *inteirinha*?

Melanie faz que sim com a cabeça e a menina, meio hesitante, mas com os olhinhos brilhando de alegria, inclina-se sobre o guarda-corpo e joga na água a fatia de pão, que num golpe de sorte cai a poucos centímetros do alvo. A tartaruga estica a cabeça para abocanhar o presente e a recolhe num piscar de olhos, ágil feito uma serpente no momento do bote. O velho animal engole o pão e some outra vez sob a superfície.

Agradecimentos

Eu não poderia desejar uma equipe melhor do que a minha agente, Jody Klein, e meu editor, Otto Penzler. Sou profundamente grata a eles, que não se cansam de me impressionar. Meus sinceros agradecimentos também a todos os que leram o manuscrito e ajudaram a melhorá-lo: Catherine Pierce (também conhecida como Katie), Felice Kardos, Michael Piafsky, Christopher Coake e Sarah Reeder. Obrigado ao capitão reformado Ron Albence e à sargento Laura Hines pela ajuda com os procedimentos policiais; a Julie Kardos, Stephen Kardos e Tracey McKinnon pela orientação a respeito da logística hospitalar.

Todos os erros que porventura haja neste livro são de minha inteira responsabilidade, mas serão refutados com meu sorriso plácido e uma rápida alusão às licenças poéticas que a ficção nos permite.

Agradeço ainda ao apoio maravilhoso e à amizade de professores, alunos e funcionários da Universidade Estadual do Mississippi.

Obrigado a John e Judy Rioux, pela mesa cativa no Gallery Espresso de Reboroth, Delaware, onde boa parte deste livro foi escrita.

Por fim, mais um agradecimento a Katie, sem a qual eu não teria feito nada disto, tampouco teria desejado.

Sobre o autor

© Megan Bean



MICHAEL KARDOS é escritor de romances e contos, que já foram publicados em revistas especializadas e lhe renderam diversos prêmios literários. Cresceu em Nova Jersey, formou-se em música na Universidade de Princeton e foi baterista profissional por muitos anos. Depois que terminou o doutorado, tornou-se um dos diretores do programa de escrita criativa da Universidade Estadual do Mississippi.

www.michaelkardos.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

PARTE I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

PARTE II

10

11

12

PARTE III

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Agradecimentos

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro